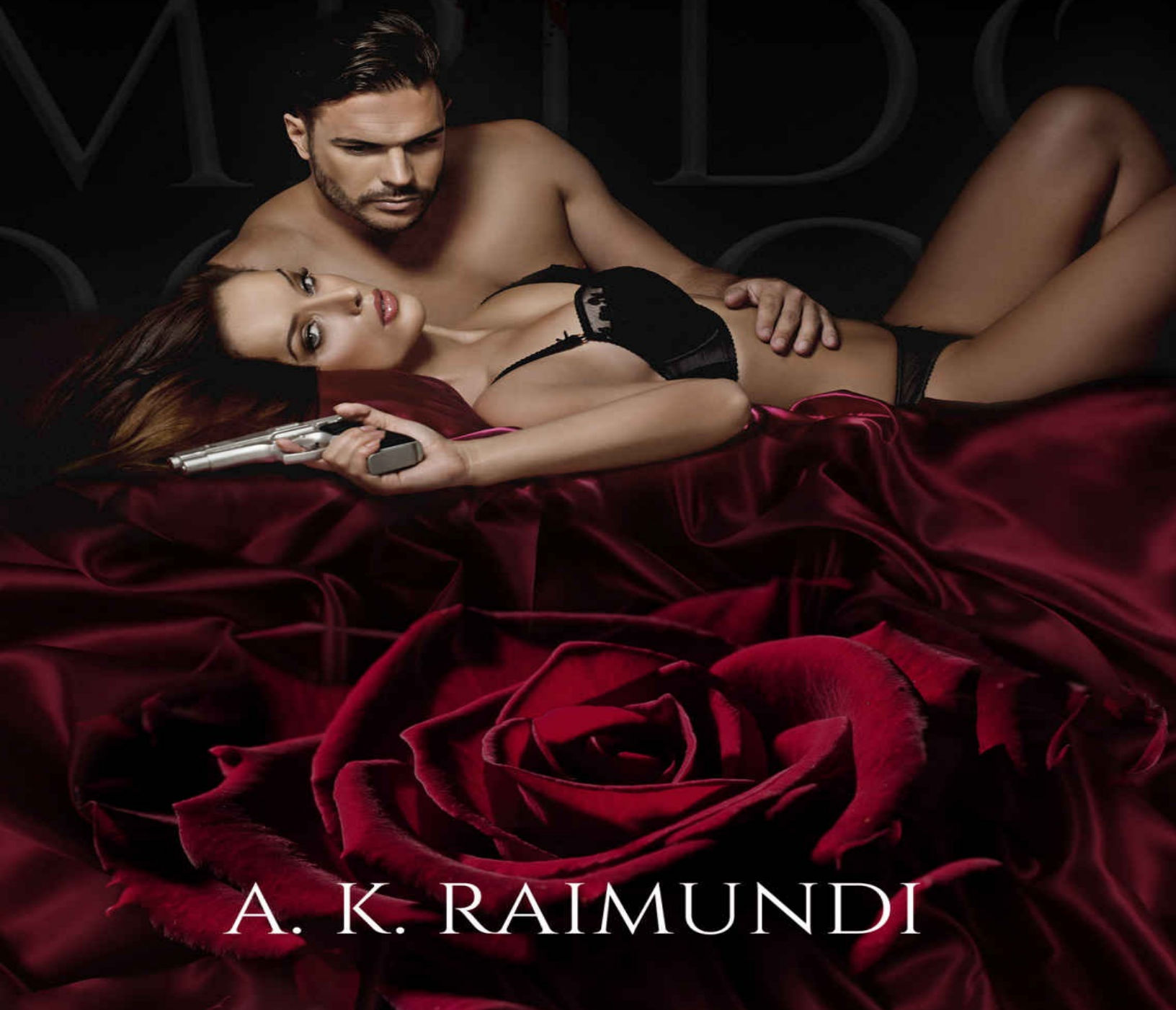


ENCONTROS AO ACASO E UMA ATRAÇÃO INEVITÁVEL.
ELA SÓ NÃO CONTAVA QUE ELE SERIA SEU MAIOR INIMIGO.

CORROMPIDOS



A. K. RAIMUNDI



Copyright © 2019 A. K. RAIMUNDI

Capa: A. K. Raimundi

Diagramação: A. K. Raimundi

Revisora: Cris Custodio

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esse livro contém assuntos polêmicos como linguagem imprópria, conteúdo sexual, violência e abuso sexual - não romantizado -. Esta é uma obra de ficção destinada a maiores de 18 anos. A autora não apoia e nem tolera esse tipo de comportamento.

CORROMPIDOS

A. K. RAIMUNDI

1ª Edição

2019

Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

INDÍCE

NOTA DA AUTORA

AGRADECIMENTO

PRÓLOGO

1

2

3

4

5

6

7

KIRAN

9

KIRAN

11

12

KIRAN

14

KIRAN

16

KIRAN

18

KIRAN

20

KIRAN

22

KIRAN

24

BAKER

26

KIRAN

28

KIRAN

30

KIRAN

BAKER

KIRAN

34

KIRAN

BAKER

37

KIRAN

39

KIRAN

41

KIRAN

43

CORROM PIDOS

• A . K . R A I M U N D I •



Encontros ao acaso e uma atração inevitável.

Ela só não contava que ele seria seu maior inimigo.



NOTA DA AUTORA

Escrever esse livro foi... sem palavras. Uma simples ideia que surgiu em 2017, mas por conta de outros projetos foi engavetado, junto com todas as mil ideias para escrevê-lo. Eu sempre gostei de sair da caixinha, sempre vi em meus livros uma maneira de mostrar mais.

Poderia dizer que já tinha tido um pequeno vislumbre desse meu lado ao escrever “Na doçura do pecado”, mas algo tão intenso que me fazia lutar com os personagens em sonho? Não.

Corrompidos é um marco, meu marco de 2019, mesmo amando escrever romances incuráveis, repletos de bons clichês eu tinha necessidade disso, de provar, de me colocar em prova. Escrever algo tão fora do romance “romântico” que levasse meus leitores ao susto.

Se você ao terminar de ler tomou esse susto, minha missão foi concluída, senão saiba que amei escrever cada linha desse desafio e espero que goste.

Um beijo enorme,

A. K. RAIMUNDI



AGRADECIMENTO

Primeiramente a Daisy, por numa fila de autógrafos de um evento literário ter aceitado a missão maluca de ser minha beta. Olha não é para qualquer um aguentar meus áudios infinitos e as milhares de ideias e mudanças que faço no meio do caminho. Depois, não poderia deixar de agradecer a Hellen, outra amiga que o mundo literário me deu e que me atura. Ainda pergunto como elas conseguem. Mas sou extremamente grata a isso, obrigada por ser mais que uma beta/amiga, por ser literalmente minha coautora nas maldades desse livro.

E não poderia deixar de agradecer ao meu marido, que mesmo roubando as horas de seu sono me ouviu pacientemente todas as vezes que contei o enredo inteiro do livro. E olha que não foram poucas rs. Por cada cobrança, mesmo que isso não tenha sido legal, mas que me ajudou a entrar novamente no foco. Mesmo sabendo que no próximo livro estarei xingando-o novamente por isso.

E é claro, a todas as leitoras que me acompanham nesses anos, que leem tudo que posto, surtam e me encham tanto de carinho.

Vamos para o que importa? Espero que se apaixonem por Kiran e Adria.



PRÓLOGO

Sempre pensei que a vida iria recompensar os mais dignos. Ingênua. A vida não recompensa ninguém, ela não tem um esquema de pontuação para os mais justos ou para aqueles que dão suas vidas pelo que todos julgam ser certo ou errado.

Eu fiquei cara a cara com a maldade mais crua do ser humano, eu vi de perto o inferno. Nós conhecemos em um enorme pesadelo, no meio de um mundo onde esperança é a última coisa que aquelas mulheres tinham, não tínhamos nomes, diferenças, nada... Éramos apenas peças no tabuleiro de milhões de dólares para eles.

Não houve distorção do mundo exterior, fui eu que abri meus olhos e vi por trás da cortina expeça entre o certo e o errado, eu que decidi ficar na área cinzenta. E por alguns instantes eu acreditei nele, eu me vi nele. Esse pesadelo se tornou nossa casa, se tornou um lugar nosso, entrelaçando nossas realidades *fodidamente* instáveis.

Nós nos apaixonamos. No mais improvável dos momentos, nos amamos em meio ao caos. Mas, tudo desmoronou.

Como eu disse, a vida não tem uma planilha de bom ou mal comportamento, ela não passará a mão em nossa cabeça elogiando sobre nossos feitos.

E as lembranças poderiam machucar, latejar mais que as próprias feridas.

Minha cabeça latejava, a parte de trás do meu crânio estava ferida por ser

nocauteada diversas vezes. Meus pulsos ainda tinham as marcas arroxeadas das correntes, minha boca ainda tinha o gosto metálico da faca e do meu próprio sangue. Não sabia dizer ao certo quantas costelas tinham sido quebradas, levando em consideração que eu ainda estava um pouco desorientada. Olho para minha imagem no espelho, meu queixo tinha um corte irregular coberto de sangue, sangue também escorria do corte no meu lábio inferior e por minha regata branca. Outro corte considerável marcava meu supercílio, todo o lado direito do meu rosto estava inchado. Mas algo me fazia respirar tranquila, nenhuma lágrima escorria por meu rosto, nem mesmo quando esses ferimentos foram feitos.

— Você é minha. — Ele tinha dito. — Ninguém encostará em você. — Foi o que sussurrou.

Mas isso não foi verdade. A imagem refletida me encarando com dor nos olhos mostrava isso.

Caímos em uma emboscada, ainda tinha na mente a imagem dele tão acorrentado como eu, sendo verdadeiramente surrado por seus capangas. E nem por um único suspiro ele reclamou, nem mesmo quando acertaram seu corpo diversas vezes, nem mesmo quando seu rosto já estava vermelho e banhado em sangue. Ele nada disse, nem desviou os olhos de mim.

Ergo a regata surrada vendo o profundo corte abaixo do seio esquerdo. Aqueles filhos da puta! Passo o dedo ao redor sentindo a dor aguda embrulhar meu estômago.

Desde que abri os olhos nesse casebre, eu evitei me perder na névoa que me cercava. Sabia que se fechasse os olhos eu sentiria o cheiro de medo, o medo daquelas garotas era como o feromônio mais precioso deles. E o medo, fedia.

Se deixasse que a névoa me envolvesse poderia escutar os sons: o grito do freio, o rangido do veículo parando bruscamente, os homens conversando alto, os gritos e choramingo das garotas ao serem puxadas para fora. O desespero era uma maldição e eu não estava disposta a sucumbir naquele instante. Por que eu tinha que estar preparada, tinha que me manter alerta e pronta, para qualquer oportunidade de sair dali.

Eu também poderia sentir as fungadas que aquele homem nojento dava sobre meu corpo, sobre sua boca encostando em mim e suas mãos imundas invadindo partes que eu nem quero me lembrar. E eu ainda podia escutar nitidamente em meus ouvidos...

— *Eu vou adorar destroçar cada pedacinho do seu corpo, sua vadia.* — Disse o cara das fungadas, dando o primeiro golpe em minhas costelas, me fazendo cair de joelhos mordendo os lábios para não gemer de dor.

Ver Kiran ali tinha sido como uma pequena fresta de esperança em meu peito. Mas como disse, fomos emboscados.

E para aquele grupo nojento de homens, eu era a principal diversão.

— Sabe menina, — A voz falha de Madeleine surgiu primeiro que sua própria figura no quarto, arrancando-me do vórtice de sensações que eu estava me afundando. — Eu já disse que não me importo de acolher você em minha casa, mas eu ainda acredito que deveríamos pelo menos chamar um médico.

Madeleine surgiu atrás de mim, seus olhos azuis repletos de rugas pela idade eram questionadores, varriam meu rosto e corpo vendo cada um dos meus ferimentos.

Abaixo a camisa, ignorando as dores que esses movimentos me causavam. E tentando apagar a imagem da primeira vez que encarei o espelho depois de tudo. Tudo em um emaranhado confuso de lembranças, de todos os momentos que vivi no inferno.

— Agradeço muito por ter permitido que eu me recuperasse aqui.

— Não sei quem fez isso com você, respeito que não queria contar. — Ela faz uma pequena pausa caminhando lentamente até mim. Eu sabia muito bem que ela estava vendo, sabia o horror que ela deveria estar tentando não demonstrar. — Que eles queimem no mais profundo inferno. — Retrucou quando seus olhos se encontraram com os meus no espelho.



1

Sempre havia sonhado em ser agente do FBI, por horas eu imaginava se tornando uma famosa agente especial de inteligência do FBI. Sonhado em dismantelar conchavos políticos ou sendo a responsável por ver cartéis de drogas sendo destruídos, até mesmo sendo responsável por colocar o maior terrorista atrás das grades.

Acredita em minhas habilidades.

Mas foi cinco anos após a morte do meu pai que finalmente entrei no quântico. Era como se fosse um marco em minha vida, a vida que eu tinha antes e a vida que eu teria depois. Eu fui a quinta mulher conseguir se formar em quântico, ou seja, isso era uma probabilidade grande quando sua turma tinha quinze homens.

“Sucker for pain” soava alto pelos fones de ouvido enquanto meus pés batiam com força na borracha da esteira, descarregando toda minha frustração do dia. O suor escorria do meu pescoço para minha barriga e meus pulmões queimavam, mas essa era parte favorita do meu treino, uma delas na verdade.

Nessa parte da manhã a academia fica tranquila, não tinha os famosinhos dos espelhos – aqueles caras que passam mais tempo tirando foto de seus músculos do que os malhando —, nem a multidão que vem depois de um dia de trabalho.

Diminuo o ritmo de minha corrida para uma caminhada rápida, tomo um gole de minha água observando as patricinhas chamando atenção dos treinadores do outro lado do salão em uma disputa de quem veste a lycra mais colada no

corpo. Dou uma olhada para o relógio vendo que ainda tinha tempo para ir até a sala de boxe.

Meus olhos pairam em um conjunto de pernas definidas, o abdômen estava amostra revelando uma tatuagem enorme de um lobo nas costas. Era extremamente realista, o lobo olhava com os dentes arreganhados como se fosse saltar da pele pronto para atacar alguém. Metade de seu rosto era como uma pintura geométrica bem detalhada.

Eu já tinha visto o bonitão de cabelo escuro durante meus treinos, mas era a primeira vez que eu podia apreciar seu abdômen amostra, os músculos de seu peito trabalhando enquanto ele puxava uma carga pesada em sua direção.

Saio da esteira pegando minhas coisas, ficar admirando esse excelente par de músculos só consumiria meu tempo. E justo quando me pego pensando nisso ele para seu exercício olhando em minha direção.

— Adria, já está indo?

Viro sorrindo para Hubert. — Não, estava indo para a sala de boxe.

Ele sorri abertamente. — Vai lá garota, pode judiar do meu Bob.

Caminho para a sala sem olhar novamente para o bonitão, deixo minhas coisas no banco de madeira no canto da sala. Retiro meu tênis indo para o meio do tatame. Dou play na nova playlist, deixando os berros de “*In The Moment*” me ensurdecem enquanto aplico socos e chutes no saco de pancada.

Um gancho, seguido de um cruzado e *jab*. Cada vez aumentando mais o ritmo, mudo um pouco dando alguns chutes certos no saco. Troco a guarda, ameaço dar um chute com a perna de apoio, mas concluo o golpe com o outro pé.

Meu fone é arrancado de meu ouvido, me pegando de guarda baixa giro dando um chute alto no meu oponente. Meu pé é detido, enquanto encaro o bonitão segurando meu calcanhar no ar, puxo minha perna com violência tirando o outro fone do ouvido.

— Nunca te ensinaram a não surpreender uma pessoa? Eu poderia ter te machucado. — Digo com a respiração entrecortada pelo esforço.

Ele dá um sorriso encarando-me.

— Você está chutando errado, o máximo que conseguiria é quebrar o osso cuboide¹.

— Médico? — Questiono tentando controlar a respiração que está acelerada devido ao esforço físico.

Ele esboça mais um sorriso. — Não, mas confie em mim. Tem que arrumar a finalização do seu chute.

Passo a mão na testa contendo o suor que escorre, volto para o banco pegando minha toalha de rosto e minha garrafa d'água. — Vou anotar seu conselho.

— Se importa? — pergunta olhando para o boneco no meio do tatame.

— Todo seu.

Ele continua me encarando no meio do tatame, seco minha mão estendendo para ele. — Adria.

— Kiran. — Retribui pegando minha mão.

Ele tem um sotaque pesado, mas não reconheço de onde pode ser. — Prazer, Kiran.

Meu telefone toca, fazendo-me desviar os olhos de Kiran. Pegando vendo que é do escritório, olho novamente pedindo um minuto e Kiran faz um gesto concordando.

— Sim.

— *Adria, pode falar?*

— Sim, estou na academia. O que você tem para mim?

— *Por um momento achei que você estava transando.*

— Não seja ridículo, Baker.

— *Respiração ofegante em plena nove horas da manhã e sua voz saindo mais para um gemido. Óbvio que a última coisa que pensaria é que você está novamente na academia.* — Caça. — *Cuidado, garota. Daqui a pouco vão convidar você para ser a zeladora do prédio.*

— Podemos voltar ao assunto que te fez me ligar?

A risada de Baker ressoa do outro lado da linha. — *O chefe vai fazer uma reunião, chegou novas informações sobre o caso. Acredito que logo teremos uma ação de verdade.* — Ouço o barulho do teclado trabalhando.

— Ótimo, logo estarei aí.

Desligo voltando meus olhos para o bonitão que está me analisando.

— Trabalho.

— Sei como é.

Esse sotaque de novo.

— Gostei da *tatto*.

Ele esboça um pequeno sorriso. Não deixo de notar seu olhar examinando meu corpo e meu rosto. Pego minhas coisas, seco o rosto na toalha e bebo mais um gole de minha água.

— Você já vai?

— Como disse, trabalho me chama.

Ele concorda mais uma vez. Isso está ficando incomodo, estou pronta para virar e ir embora quando ele dá mais um passo, ficando bem perto de mim. — Talvez nos vemos por aí, Adria.

— Sim, talvez.

Vejo de novo aquele sorriso surgir em sua boca quando passo por ele saindo da sala, entro no vestiário, tomo uma ducha rápida somente para retirar o suor. Visto a lingerie, colocando o coldre com a *Black Sable* no tornozelo e a calça de

linho preta. Repito o mesmo com a blusa, colocando o coldre com a arma e por cima meu blazer.

Hora de trabalhar.



2

— Bom dia, Stone.

— Bom dia, Adria. O pessoal já está na sala de reuniões e você faltou a terapia, com sua sorte ele vai te atender depois da reunião.

— Sério? Quando esse terapeuta maluco vai entender que eu estou bem? — Tiro o blazer jogando em minha mesa.

— A operação foi pesada, eles só querem saber se você está realmente apta para o novo trabalho.

Stone me encara sério, um vinco enorme se formando no meio da testa. — Você esteve em uma operação de risco, sacrificou um colega e ainda tomou um golpe de faca.

— Stone estou bem. Já fiz o curso preparatório, fiz as sessões necessárias para estar de volta à ativa. — Digo deixando Stone para trás, passo pelas salas dos meus supervisores entrando na sala de reuniões.

— Adria, o que tem para nós?

— Os Rootns vão se encontrar no Penlin, meu informante está colado neles para **nos** dizer o dia.

— Ótimo, teremos uma chance de estourar o cu desses filhos da puta.

Pelo canto do olho encaro Luigi. — Ninguém vai encostar em meu

informante, precisamos dele vivo e dentro da organização.

Luigi ergue as mãos em modo de rendição.

— Fique tranquila Adria, seu informante tem sido muito valioso para nós.

— Soubemos que mais três garotas foram raptadas no centro de Barcelona, temos que agir. Temos que descobrir quem está por trás dos raptos e das operações. — Diz meu chefe. — Não quero peixes pequenos, eu quero os tubarões.

— Depois do tráfico de drogas, o de pessoas é o crime mais rentável. Como já descartamos que esses sumiços estão relacionados com um perverso qualquer ou um serial killer, estamos levando a sério as informações que seu informante tem nos passado, Adria. E na maioria das vezes tudo está relacionado à escravidão, abuso sexual e trabalhos forçados.

— Já deixamos a questão de trabalho forçado de lado. — Luigi afirma.

— Sim, porém isso não indica que não é isso que as pobres garotas andam passando.

— Na maioria das vezes, as garotas são atraídas por oportunidade de carreiras que mudarão suas vidas ou por qualquer outra oferta tentadora para garotas entre vinte e trinta anos.

— Rapto está mesmo fora de questão? — um dos agentes questiona.

— Eles trabalham muito bem, são discretos, pouquíssimas informações temos sobre eles. Apenas que são homens, nenhuma mulher lida com as garotas. — Digo. — Eles examinam suas presas, é algo perfeitamente calculado, eles não pegam qualquer uma. Tudo é perfeitamente analisado antes que a garota suma. Por isso, a questão de ser um simples rapto está fora.

— Então é aí que temos que trabalhar. Pois quando a garota some, não temos mais nenhum fio para seguir. — Diz meu chefe.

Pego a pasta que ele estende para mim, as fotos são de uma verdadeira carnificina, eles não matavam somente, eles torturavam por simples prazer. Pelo poder que tinham sobre aquelas mulheres, uma delas tinha marcas de facadas

nos braços e pela clavícula, os braços atados atrás das costas. A outra estava enrolada em uma bola de si própria, seus joelhos dobrados de forma estranha, completamente nua.

Era mórbido e angustiante ver essa cena, três adolescentes, praticamente crianças naquela forma. O destino daquelas mulheres podiam ser os mais diversos: exploração sexual, prostituição ou para realizar a fantasia de algum milionário com uma adolescente ou uma virgem, saciar o apetite de um doente mental. Não podíamos dizer o que aquelas mulheres e garotas sofriam, algumas poderiam até sobreviver e passar a fazer parte do grupo de criminosos, mas outras, como essas três garotas, morriam à mercê dos maus tratos aos quais eram submetidas. Era uma realidade triste e assustadora. Mas uma realidade, no fim das contas.

Concordo com um aceno, tirando meus olhos daquelas fotos, focando nos homens naquela sala. Ser mulher e trabalhar como agente disfarçada provavelmente está no topo do ranking das coisas mais assustadoras e perigosas que você pode fazer da vida. Você é jogado no submundo para se infiltrar nas organizações mais violentas e paranoicas do planeta e sofrendo muita pressão para extrair informações sem ser brutalmente assassinada. Uma coisa que aprendi nesses anos como agente? Você está sempre andando por um terreno ético lamacento: A linha tênue entre fazer criminosos revelarem seus planos mais sórdidos ou acabar levando alguém a cometer um crime, até si mesmo.

— Precisamos de provas incontestáveis do que eles fazem. Como conduzem o negócio? Como realmente conseguem as garotas?

— Fernandes, você vai realizar a primeira ronda, leve dois homens com você. Tente absorver os movimentos, eles não ficam muito tempo na mesma rotina, não podemos permitir mais furos ou todos termos sangues nas mãos.

— Sim, senhor.

— Adria, eu quero você e Luigi nessa operação.

— Sim, senhor.

— Vamos seguir com o plano, se não conseguirmos pegar os mandantes dos Rootns, vocês estão autorizados a dar início. Quero vocês infiltrados.

— Perfeitamente, senhor. — Digo. — O informante está disposto a colaborar, ele vai nos apresentar as pessoas certas.

— Senhor? — Luigi chama atenção de todos inclusive a minha, sei que alguma merda sairá daquela boca. — Senhor não seria melhor um homem comigo, sabe, se os caras traficam mulheres ela será um alvo fácil no meio deles.

— Sua ideia é equivocada. — Reajo.

Os homens da sala se viraram para mim.

— Eles precisam de mulheres para ganhar seu dinheiro sujo, acredito que o alvo fácil aqui será você. Afinal um pênis a mais ou a menos não fará diferença.

Luigi me encara, seu olhar de raiva seria capaz de me incendiar se ele tivesse esse poder.

— Irão os dois. Já está decidido. — Meu chefe fecha à pasta da operação, dando fim a reunião.

— Seu café. Luigi não está feliz de entrar nessa operação com você.

Pego o café que Baker me entrega, tomando um bom gole. — Ele teve a audácia de falar que eu vou ser um elo fraco na operação.

— Ele ainda se pega pela operação Dragon. Não admite que foi por causa das merdas dele que perdemos um dos criminosos mais procurado no mundo.

Dou uma olhada em direção a mesa de Luigi, ele olha de forma carrancuda para o computador.

— Se depender de mim, eu dou um tiro nele, mas não perco esses caras.

— Ouvi que sumiram mais algumas meninas.

— Esses filhos da mãe estão sendo cautelosos, dessa vez pegaram meninas de dezoito anos.

Baker comprimiu o bigode. Ele sendo pai de uma menina, me dava indícios

do que estava pensando.

— Você está preparada? – Pergunta.

Estico as costas, chegando mais perto da mesa. – Sim, eles não vão perceber nem o que os atingiu. Venho estudando há muito tempo, quero vê-los se borrando quando finalmente seu império sujo ruir.

— Eles sentem cheiro de ódio, cuidado com seu gênio. Não tome atitudes precipitadas, Adria.

Concordo com um aceno.

— Mas ainda assim, acredito que seria bom você passar no terapeuta.

Reviro os olhos.

— Adria, você foi colocada totalmente em risco naquela operação, teve seu pescoço na mira de bandidos que mataram as próprias mães...

— E estou aqui e eles na prisão. — Afirmo. — Estou bem, Baker. Sim, foi assustador, foi horrível matar um homem inocente e a imagem dele implorando me corroeu por longos meses, mas está na hora de voltar, está na hora de sentir os batimentos cardíacos soando em meus ouvidos. — Brinco.

— Seu pai ficaria orgulho de você.

Sorrio, olhando a foto de meu pai em minha mesa. O largo sorriso nos lábios, seu braço na cintura de minha mãe e eu no outro com seu colete do FBI.

Antônio Hamer era um grande agente, passou vinte e seis anos fazendo trabalho disfarçado para o FBI, expondo traficantes, assassinos de aluguel, pedófilos, traficantes internacionais de armas. Faltavam poucos meses para ele se aposentar, então em uma das operações seu informante o delatou, expondo meu pai no meio dos criminosos. Meu pai morreu com dez tiros no peito e na cabeça, minha mãe faleceu dois anos depois. Consumida pela tristeza que foi perder meu pai.

— É por ele que faço isso, quero acabar com todos esses criminosos que acham que estão acima de tudo.

— Vá com cautela, o mundo é bem mais cinzento que você pensa.

Respiro fundo, concordo com um pequeno gesto vendo o velho amigo de meu pai ali, a mandíbula comprida e o cabelo escuro desgrenhado sendo tingidos pelos fios platinados de sua idade. O nariz reto com os óculos de tartarugas apoiados de maneira torta, deixavam Baker parecendo um operário de TI, em vez de um agente forte e inteligente do FBI. Um cara com várias honras ao mérito.

— Você me conhece, vou garantir que pelo menos os paus sujos deles sejam arrancados na prisão.



3

Jogo meu corpo no banco subindo minha calcinha. Eu tinha que parar com isso, mas o que fazer se o carinha era realmente bonitinho?

— Passa o número do seu telefone, e—mail, nome. Quem sabe?

Sorriso fechando a calça jeans. — Isso não vai rolar.

— Por que?

— Você não é meu tipo, desculpa.

— Você acabou de transar comigo no banco detrás do meu carro.

Poderia rir se ele não tivesse mostrado o quanto ficou incomodado com isso.

— Convenhamos, você queria isso, senão porque pagou duas das bebidas mais caras do bar? — Ajeito o cabelo. — Agora sobre você não ser meu tipo, não é. Desculpa, querido. Se houvesse qualquer chance de você ser, eu não iria logo transando com você no banco de trás de um sedan. Eu iria te conhecer.

— Apenas seu nome? — Insisti.

— Vamos fazer assim, eu vou te dar quatro motivos do porque isso não daria certo, se eu errar algum, conto o que você quiser.

— Fechado!

Ele estava crente que eu erraria alguma coisa, mas o que ele não sabia era que eu não era uma mulher qualquer, não era a doce mulher bebendo com suas amigas em um bar qualquer da cidade que ele avistou assim que entrou. Ser agente do FBI, era principalmente sobre saber ler bem as situações e principalmente as pessoas. E ele, Deus, fedia problemas emocionais.

— Primeiro: Você tem bons modos, deve ter crescido em uma família grande e até com certo tipo de posses. Porém, com pouca influência de um homem, corro o risco até de afirmar que seu pai deve ter abandonado você e sua mãe quando ainda era pequeno.

— Como? — Perguntou sem entender.

— Sua barba, cresce errado. Não tem definição. O que indica que você não teve uma figura masculina que te ensinasse certos tipos de coisa. Ou, se eu tivesse errado minha observação você tem que parar de ir no barbeiro com tanta frequência. — Dou uma piscadinha passando a mão sobre seu pau meio mastro. Deixando claro que a barba não era o único probleminha ali.

— Segundo: Você foi casado e isso é recente. Você tem a marca no dedo e, mesmo um leve pequeno calo. O que me leva acreditar que foi um relacionamento longo. E você ainda não superou totalmente o pé na bunda que ela te deu.

Ele engole em seco, seu pomo-de-adão descendo e subindo por algumas vezes enquanto ele absorvia o que eu tinha dito.

— Desculpa, mas é até fácil entender o porquê o relacionamento de vocês não deu certo. Você é do tipo meloso demais, mulheres gostam disso, mas no sexo campeão queremos homens que nos pegue, que prove que é mais homem que nós. Entende? — Coloco os dedos sobre seus lábios evitando que ele retrucasse. — Querido, foi ótimo o que tivemos aqui.

Minha primeira mentira nessa noite. O sexo não foi dos melhores, bastante razoável na verdade. Mas eu também não precisava ser tão sincera assim com ele e fazê-lo cometer um suicídio por não saber que o clitóris não era um inimigo que precisava ser maltratado.

— Terceiro: Você não é confiável, desvia os olhos com frequência. Sua pupila dilata sempre que tem que responder alguma coisa. Você hesita.

— Eu...Hã...Meu deus o que você faz da vida?

— Olha, foi bom. E embora eu ache excitante todo esse seu charme o suficiente, para entrar no seu carro e transar com você atrás do bar, no geral, com certeza você não é meu tipo.

Sorrio pegando minha bolsa no banco da frente, coloco minha jaqueta e saio do carro.

— Ei, apenas seu nome?

— Trato é trato, fofinho.

— Onde você estava? — Asha questiona assim que atravesso todo o mar de gente aglomerado perto do bar.

— Fui dar uma volta. — Pego sua bebida tomando um grande gole.

— E os treinamentos como vão?

— Aqueles pirralhos estão me tirando do sério.

Solto uma gargalhada terminando a bebida. — Lembre-se nós já passamos por isso.

Ela revira os olhos. — Você acredita que um *trainee* foi capaz de destruir todo um conjunto de provas? Não fazem mais... Pessoas como nós. — Asha olhou em volta, certificando-se que ninguém estava realmente prestando atenção em nossa conversa.

Asha é diretora assistente do FBI, seus dias são dedicados para fazer os melhores Agentes do país. Ou como ela docemente dizia, tentar se salvar das idiotices e imprudências que os novatos cometiam.

A luz naquela parte no bar não era boa, mas mesmo assim eu reconheço aquele maxilar forte e a boca sensual.

Asha debruça sobre o balcão tampando minha visão e sussurra:

— Tem um bonitão te encarando desde que chegou.

Eu conheço aquele olhar enigmático e por mais que eu tenha visto aquele corpo sem camisa na academia, Kiran ficava ainda mais bonito vestido todo de preto.

— E ele está vindo até aqui. — Sussurra.

Deixo que ele se aproxime, ele tem as sobrancelhas contraídas e por um segundo vejo o esboço de um sorriso por seus lábios. O que torna difícil decidir se eu prefiro com a expressão compenetrada, séria ou um pouco sorridente.

— Adria, você não tem aparecido na academia.

— E você por acaso anda me espionando? – Brinco.

Ele comprimiu os lábios, como se fizesse um biquinho. — Sou bom de observar as pessoas.

Olho para minha amiga. — Essa é Asha.

— Prazer Asha, Kiran.

Ele aperta a mão dela.

— O prazer é todo meu, Kiran. Irlandês?

— Por parte de pai. Posso pagar uma bebida para vocês?

Asha abre a boca, mas eu interrompo. — Na verdade já estávamos de saída.

— Estamos? — Ela me olha surpresa.

— Sim, temos que trabalhar amanhã.

— Sábado?

— Sim, sabe como é. Assistentes de senadores nunca descansam.

— Posso pelo menos convidá-la para jantar qualquer dia?

— Sim, por que não?

Kiran me estende um telefone moderno, anoto meu número achando espirituoso colocar meu nome como “Adria academia”, ele quando viu sorriu e colocou de volta o celular no bolso.

— Vou acompanhar vocês até o carro.

Passamos pelo bar, um homem para ao nosso lado, cumprimenta Kiran, trocando algumas palavras aos sussurros e ele volta a nos seguir. Caminhamos até a BMW de Asha, ela se despede entrando no carro, nos dando privacidade.

— Foi bom ver você.

Paro ao lado de Kiran. — Digo o mesmo.

— Eu vou te ligar.

— Quem sabe eu atendo. — Dou uma piscada e entro no carro.

Não eram nem cinco da madrugada quando entrei em meu carro a caminho do treinamento. Todos os Agentes que iriam participar da operação foram convocados para um final de semana de treinamento. Ser Agente do FBI não era sentar em uma van, comer rosquinhas enquanto você escuta ou observa alguém, é literalmente colocar o corpo e a mente em risco.

— Você está em boa forma, Agente Hamer.

Enxugo o rosto com a toalha.

— Obrigada, Sr. Meyer.

— Eu estou a ponto de quebrar o braço daquele insolente. — Asha diz marchando até nós.

Sorri olhando para os recrutas.

— O que aconteceu?

— Ele não tem postura, não tem respeito pelos colegas. — Asha estava realmente revoltada.

— Me lembra muito certo Agente. — Digo de olhos em Luigi se vangloriando com um grupo de Agentes do outro lado do campo.

— Agente Hamer, não fale assim do seu parceiro de operação.

— Desculpe, Sr. Meyer.

— Espero que ele não estrague todo o planejamento.

— Acredito que mesmo com toda a arrogância o Agente Wenth não irá colocar um ano de investigação e todos os planejamentos em risco.

— Agente Hamer, Diretora Asha, Sr. Meyer.

— Agente Barker. — Dissemos ao mesmo tempo.

— Agente Hamer, o diretor está esperando por você.

— Sr. Stone, com licença. — Disse entrando na sala.

— Agente Hamer, entre.

A parede da sala de reuniões de frente para porta estava repleta de telas, algumas mostravam os investigados, a outra tinha uma lousa enorme com o nosso plano de ação e as fotos das últimas mulheres que estão desaparecidas.

— Quero que você se reúna com seu informante e tire as últimas informações dele. Confirme o dia, hora e local.

— Sim, senhor.

— Agente Wenth, você vai para a boate La Nostra. Se infiltre, você tem que ser visto por eles, assim quando vocês realmente forem se infiltrar não será uma surpresa total.

— Sim, senhor.

— Os Rootns são especialistas nisso, eles fazem com que as provas nos confundam. Vocês não são os primeiros Agentes a tentarem finalmente acabar com essa organização.

— Todos apostam que Joe Taranto é o principal líder dessa organização. Segundo o que os Agentes Turin e Calin, Joe Taranto têm um braço direito, mas ele é um verdadeiro enigma. Um fantasma.

— Não temos nenhuma foto? Evidência?

— Não, Agente Wenth.

Baker passa umas fotos pelas telas e alguns vídeos. Taranto entrava e saía dos cassinos e das boates, ele era cauteloso, nunca trocava pagamentos com seus capangas na rua, sempre estava esperto ao seu redor, além de estar sempre cercado de sombras, aqueles homens não desgrudavam dele. Por vezes um homem de capuz parecia do lado de Joe Taranto, eles trocavam algumas palavras e ele sumia. Nunca mostrava o rosto, era como se soubessem os pontos exatos onde as câmeras de ruas estavam instaladas.

Stone conduzia a reunião nos mostrando tudo que reunimos até ali, estava chegando o dia. Logo colocaríamos esses lunáticos na cadeia.

— Baker, Calin e a Agente Joselin estarão com vocês no dia. As duas equipes vão esperar o seu sinal Agente Hamer, você é a Agente mais bem treinada do FBI.

— Agente Clayton como estão as últimas informações?

— As três adolescentes foram vistas entrando na boate Penlin, mas nenhuma delas foram vistas saindo. O que nos leva a acreditar, senhor, que o cativeiro das meninas é no Penlin. – Agente Clayton se formou comigo na academia, ela era esperta, tinha raciocínio rápido e sabia executar bem a missão.

— Nossa intenção primeiramente não é invadir a Penlin, afinal queremos ter mais provas do que meia dúzia de mulheres fugindo e os verdadeiros criminosos ganhando tempo e saindo da cidade. Se invadirmos onde eles mantêm as moças estaremos dando um tiro no pé.

— Concordo com Stone. – disse Meyer. – Vamos prosseguir com a invasão

dos cassinos, sabemos que muitas das mulheres que viram suas garotas de programas eles infiltram nos hotéis como diversão para os hóspedes.

— Desculpe chefe, mas você não acha que essa invasão vai deixá-los em alerta? Ou pelo menos levantar uma grande suspeita para o que o FBI planeja? — pergunto.

Meu chefe encostou-se à cadeira. — Isso pode ser realmente arriscado. Vamos fazer assim, fale com seu infiltrado. Ele ainda anda com os Rootns?

— Sim, senhor. Ele é o que chamam de contador. — Digo.

— Ele conta o quê? O número de putas que entram e sai? — Luigi riu.

Reviro os olhos, mas não consigo controlar minha língua. – Agente Wenth, elas são mulheres, foram enganadas, usadas e abusadas. Elas não são um brinquedinho.

Luigi levanta as mãos de modo sarcástico.

— Agente Hamer, Agente Wenth. Controlem-se.

— Vamos manter as coisas por enquanto assim, Agente Hamer converse com seu informante e a partir disso retomamos essa reunião.

— Sim, senhor.



4

Estaciono ainda tentando me livrar dos calafrios que tomavam minha pele, da noite mal dormida e dos olhos. Engulo em seco, ficando alguns segundos com os olhos fechados, tentando esquecer de como foi estar bem de frente com aqueles olhos.

O prédio na minha frente não era chique ou nada perto de luxuoso, estava mais para um conjunto habitacional de estudantes.

— Você está com uma cara péssima. — Baker diz entregando um café.

— A vítima mora aqui?

— Você está mudando de assunto, aposto que não falou com o terapeuta.

— Deixe isso de lado, por favor. Se o chefe escutar isso vai me tirar da operação. — Reclamo, tomando um longo gole do café expresso.

— Pois devia, você não está pronta. — Acusa, sussurrando.

Dois agentes passam por nós, nos cumprimentando e entram no prédio.

— Olha estou pronta... — digo baixinho. — Vamos ao que realmente interessa?

Baker suspira. — O legista acredita que ela esteja morta pelo menos doze horas, atribuíram sua morte às marcas que ela tinha ao redor do pescoço, punhos e até mesmo costelas. Foi uma bela surra.

— Isso foge do padrão. As garotas não são deixadas em suas residências, são jogadas no meio do deserto ou qualquer outro lugar.

— Algo me indica que eles tiveram um problema.

Subimos a escada, parando na porta do apartamento, o legista fazia os primeiros exames no corpo, enquanto os agentes anotavam o que os policiais diziam.

— Quem encontrou o corpo? — pergunto.

— A colega de apartamento. Ela disse que ficou dois dias fora, quando voltou encontrou tudo revirado e Maria morta. Segundo as anotações ela veio em busca de uma bolsa de estudos, trabalhava no centro. Uma vida bem pacata.

— Algum indício que foram eles e não um latrocínio comum?

— Você está desconfiada?

— Não tem o padrão deles, seja como for, a garota não foi surrada como geralmente eles dispensam suas vítimas, nenhum corte, sinal de abuso?

— Nada, realmente é uma mudança de cenário.

Acompanho a movimentação em minha frente, tentando juntar as pequenas peças desse crime. As marcas no pescoço davam uma certeza: ela foi estrangulada, tinha pequenos cortes perto da marca, mas isso não era o tipo de marcas por punição ou por desejo de fazê-la sofrer... era como se tivessem pego a vítima desprevenida. A marca roxeadas nos braços poderia indicar luta corporal, até mesmo ela se defendendo do agressor, ela resistiu.

— Sinto sua cabeça ferver.

— Essa era de alguma forma importante.

Baker me olha, tentando buscar em minha expressão algo que desse uma pista de onde estava vindo meus pensamentos.

— Ela foi seguida e não atraída como as outras.

— E porque foi deixada? Morta?

— A questão é, não temos misturas de padrões, como na última garota encontrada, ali tínhamos brutalidade, mas também havia gentileza, pelo modo como a garota tinha sido colocada no chão. Aqui tem a mesma sutileza, ele não a deixou nua como as outras vítimas em Nova York.

— Estou entendendo sua linha de pensamento.

— Olhe a cena como um todo. — Digo.

Baker segue meus olhos, encarando a sala desarrumada, até chegar ao corpo da vítima.

— Ela está com o uniforme do trabalho. — Conclui.

— Exato, ele seguiu a vítima. Mas você percebe onde a bagunça fica mais caótica? — pergunto apontando ao lado da mesa de jantar. — Ele rendeu naquele ponto e até chegarmos onde o corpo está vemos a mudança de planos, ele literalmente abandonou, decidiu matar em vez de levá-la.

— Criatura, sua mente voou. — Baker diz surpreso.

— Nesse caso estamos lidando com um profissional, Baker, não mais com um simples capanga nojento. Ele sabe bem onde e como fazer um serviço limpo.

Quando assumimos as investigações sobre essa organização outros agentes tentaram se infiltrar, um chegou perto o bastante para ser considerado por Joe Taranto, chefe de tudo, segundo acreditamos. O problema é que quando nos envolvemos demais, deixamos a linha tão fina entre o que sempre fomos ensinados a acreditar e a executar, com o que vivenciamos durante nosso período infiltrado que uma hora ela se quebra. Foi o caso do agente Vincent, ele chegou tão perto, se envolveu demais. E teve um resultado catastrófico tanto para nós como para ele, perdemos os rastros por anos, eles realmente sumiram do mapa por um bom tempo, ninguém mais sabia onde tinha parado os Rootns.

E Vincent por consequência, quando um agente decide seguir por esse caminho, decide dedicar sua vida como um dos agentes infiltrados ele

desaparece do sistema, é como se nunca tivesse existido, cada passo, cada pequeno registro ou feito que o agente tenha feito some, é apagado e esquecido. Por consequência, quando um agente é capturado, entregue ou no caso do meu pai denunciado por seu colega ou descoberto pela organização. O FBI não faz nada, ele não tenta resgatar, ele não se preocupa com o agente em si. Mesmo que muito diriam que isso é mentira, eu vi de perto. Vincent sumiu e nunca mais foi citado dentro do FBI, para nós Vincent foi relatado como um simples civil que estava no lugar errado e na hora errada.

Como eu disse, a linha é muito tênue...

Enfim eles retornaram, seus rastros foram notados, pequenos erros para eles e pistas valiosas para nós estavam sendo deixadas cada vítima encontrada.

De forma suave para a população, mas para nós era o que estávamos esperando. A mídia andava colaborando conosco, no início o fato de uma ou três garotas aparecerem mortas ou seus pais denunciarem seu desaparecimento nos levou para uma linha completamente diferente de tráfico de pessoas, por muito tempo meus superiores estudaram esses casos como obras de um *serial killer* ou de um maníaco qualquer querendo atenção.

Porém os detalhes estavam lá, o mesmo jeito de descarte de vítimas, as agressões, o jeito sádico como as pobres garotas eram tratadas e como eram capturadas. Analisando tudo nos levou a eles, mesmo tendo seu método aperfeiçoado, eram eles. Bastou um pequeno caso no interior do país para ficarmos os dedos sobre eles novamente.

A rua estava deserta, pouca movimentação em frente do bar. Ajeito o coldre da arma por debaixo do casaco e verifico mais uma vez a mensagem em meu celular descartável.

“Denegan, 370”

Olho novamente para o número pendurado na fachada do bar: 370. Era aqui.

O bar era fétido, mal iluminado e com vários rostos nada amigáveis.

Sigo para o balcão como havia combinado com Netlen.

— O que a boneca deseja?

— Manda duas doses, Sherman.

Olho minha informante jogar uma mexa do cabelo para trás, fazendo charme para o barman.

— Preciso de informações.

Ela sorri aceitando um dos copos que o barman deposita em nossa frente.
— Obrigada, Sherman.

— De nada, Net.

Esperamos que ele se afastasse novamente.

— Encontramos uma garota, — dou uma pequena olhada em volta para saber se estamos seguras. — Ela não tinha os mesmos padrões que as outras, estava mais limpo, mas profissional.

— As coisas ficaram quentes essa semana, parece que o chefe descobriu que alguns de seus homens estavam pisando muito fora da linha com a captura.

— Isso chega ser hilário. — Retruco.

— A questão é que mercadoria danificada não vende. — Netlen diz de forma fria. — Desculpe, é...

— Eu entendo, lados opostos, você vive nesse meio eu tento derrubá-lo.

— Eu não quero nada disso, nunca quis. Mas é meio difícil quando tem uma arma sempre apontada para sua cabeça. E vocês tiveram grandes oportunidades de acabar com tudo, porque ainda estamos aqui?

Encaro seu rosto, sim, tivemos grandes oportunidades, então porque as garotas continuavam morrendo? Não sabia a resposta.

Netlen faz uma pausa, sorrindo e bebendo sua bebida como se tivesse curtindo esse nosso encontro casual.

— Eles estão esperando umas mercadorias, estão se revezando pelas boates.

— Algum padrão? — pergunto.

— Não esperem que eles levem as garotas para a casa, isso nunca acontece. Geralmente gostam de testar as garotas que tem nas mãos antes de arriscar toda a operação.

— Você não será incluída em nossos planos, não podemos permitir que descubram sobre você. Mas no momento certo você será usada. — Sussurro tomando um gole do que quer que tinha em meu copo.

Netlen concorda.

— Temos uma data? — pergunto.

— Esse final de semana.

— Tem algo relevante sobre essas garotas? — Minha boca azeda ao dizer isso.

— Nada muito decidido, eles tiveram problemas com algumas delas. O que acabou atrasando os planos, tudo que sei é que precisam preencher o lugar que elas deixaram.

— Como assim?

— Tentativa de fuga, quer mesmo todos os detalhes? — pergunta.

— Foram as últimas que encontramos. — Deduzo.

Ela vira sua bebida. — Ele colocou um cara eficaz e de total confiança. Ninguém do meu círculo viu o rosto ainda, o cara é um perfeito fantasma e duvido que muitas pessoas da organização o conheçam.

Respiro fundo dando uma olhada ao redor, me mantinha em alerta, minha mão mesmo que apoiada no balcão sujo do bar estava pronta para pegar minha arma se precisasse.

— Pode parecer errado, mas ele projete as mulheres no cativeiro, as garotas

se sentem confortável quando ele está por perto. Ele tem uma grande posição dentro da organização, o que dá muito respeito e certo medo no meio dos outros, o que evita que os capangas façam... você sabe.

— Nome?

— Lobo, é assim que eles o chamam.

DATA: 06/09/2015

FONTE: FBI

CLASSIFICAÇÃO: CONFIDENCIAL

CONFIDENTIAL WASHINGTON 000456

CASO: ROOTNS

CATEGORIAS: Tráfico de pessoas, prostituição e possível escravidão.

ASSUNTO: Reabertura do caso Rootns

REF: WASHINGTON 868

Aprovado por: FBI, Eleonora Myers.

Durante doze meses, os agentes Vincent Parker, Lucas Mitchell e Jones Scott haviam se infiltrado na organização criminosa Rootns, para investigar e solucionar os casos de homicídio de Karolyn, Emma, e Andrea, tentando de fato encontrar todos os envolvidos e as vítimas desaparecidas. Vincent Parker, foi um dos agentes que tiveram a par dos métodos de captura e descarte das vítimas, por outro lado nada pudemos concluir sobre nomes e locais. Sendo que todos possuem um codinome e os locais são passados apenas para um criminoso conhecido como “Lobo”

— Como você disse que chamava o tal fantasma? — questiono saindo de

meu devaneio.

Netlen me encara. — Lobo, mas por Deus, fale baixo. Quer sentenciar nossa morte?

— Eu já ouvi esse nome ser citado, em um dos relatórios... Pode ser a chave que estamos procurando, porque algo no *modus operandi* mudou.

— Uma coisa posso dizer, não estão mais pegando meninas aleatórias. Eles estão esperando para pegá-las, estão se revezando pelas boates. Não posso dizer muito pelo modo como agem, pois, se meter meu nariz nisso acabo ficando sem ele. Os caras são espertos, engenhosos e não tem medo ou receio nenhum de matar.

— Você conseguiu observar algum padrão? Sabe pelo menos o nome desse tal de lobo?

— Não sei quem as recruta, não sei como agem. As garotas que são capturadas de forma aleatória são garotas de programa ou que os aliciadores entregam para eles. É óbvio que não sei nada sobre nomes, eles utilizam sempre apelidos. — Ela termina sua bebida. — Sobre o tal Lobo, só posso dizer que é alto, cabelo castanho ou preto. Não sei ao certo, avistei ele nos arredores pelo menos duas vezes por onde eu fico, sempre de costas, nunca o rosto em si. Como disse, ele não se mistura muito com os outros, dizem que ele é o responsável pelo envio das mercadorias.

— Você consegue alguma informação a mais sobre ele?

Netlen dá de ombros, — Farei o possível.

Tratar essas garotas como mera mercadoria, até mesmo eu trata-las assim era revoltante. Elas tinham família, mães e pais preocupados com o paradeiro delas e nenhuma, nem mesmo uma garota de programa merecia o fim que algumas tinham.

Netlen cumprimenta dois homens que passam por nós, seus olhares se perdem em nossos corpos como se tivéssemos a venda.

— Eu valho tanto quanto qualquer uma das garotas que está ali, eles não se importam se você realiza um bom trabalho, se tiverem que matar, matarão. Só

quero no final assumir todos os meus erros e só para saber a prisão não parece um lugar tão ruim de onde eu venho. — Ela dá de ombros.

— Mantenha esse telefone. Logo enviarei outro para você.

— Tudo bem.

Saio do bar entrando direto no carro. A sensação de estar suja, contaminada era inevitável, mas eu não pularia fora como Luigi esperava ansioso para que fizesse, iria até o final com isso e teria o prazer de ver toda essa organização imunda presa.

Amanhã seria um longo dia na agência.

— A cada dia que passa as maneiras desses criminosos agirem tem ficado mais eficazes. — O diretor interino estava mais uma vez participando da reunião. — Podemos muitas vezes deter um criminoso com uma arma, por vezes basta apenas verificar as falhas que eles cometem, mas essa organização não, eles mudam seus métodos fazendo as pistas esfriarem.

— Precisamos descobrir como é o primeiro contato com a vítima, é por meio da internet? Já que as vidas são tão expostas, estamos precisando fechar as arestas.

— Agente Hamer, o que você conseguiu com seu informante?

— Eles estão esperando um carregamento novo de mulheres, segundo meu informante eles tiveram problemas com algumas mulheres e alguns capangas, tenho procurando um em específico. Segundo meu informante, ele tem cuidado dessa questão, estão evitando aliciarem mulheres ou capturarem de forma aleatória. O que acaba riscando da lista crime por escravidão.

— Você acredita que seu informante não tenha comprometido as informações?

— Não, confio no testemunho. Pelo que pude observar eles têm um tipo específico de mulheres, não vem sendo apenas prostitutas, se olharem até mesmo as últimas vítimas de desaparecimento ou as descartadas, tem um verdadeiro

catálogo.

— Vamos continuar mantendo o cerco fechado nas fronteiras. Eu tenho um verdadeiro mapa vermelho diante de mim e pessoas me cobrando uma posição.

— Segundo meu informante, apesar das agressões e abusos constantes que sofrem, elas tem uma espécie de protetor dentro do cativeiro.

— Protetor? É como estar no inferno e ainda pedir um abraço pro capeta.
— Luigi retruca.

— Conseguiu algo útil sobre esse protetor? — O diretor questiona, ignorando o comentário do meu parceiro.

— Poucas e vagas características físicas e o apelido: Lobo.

— Baker, anote essas informações.

— Sim, senhor.

— Senhor, segundo o informante ele tem grande posição dentro da organização, segundo as informações que colhi ele coloca certos receios nos outros capangas. Esse homem foi visto poucas vezes nas outras casas, sempre visto na Penlin.

— Temos algum dia?

— Final de semana.

— Perfeito, Agentes fiquem atentos. Teremos um final de semana animado.

Os agentes fecham suas pastas saindo aos poucos da sala de reuniões, assim como eu.

— Hamer, tem um minuto?

Encaro o diretor, concordando um gesto.

— Quero ter certeza que está preparada para isso, tenho os relatórios, sei que esteve envolvida em uma de nossas operações poucos meses atrás.

— Sim, senhor. Estou pronta.

— Esta operação é preciosa para nós, agente. Poucas pessoas sabem dos detalhes e como avisamos regularmente, não queremos vazamentos.

— Eu entendo, senhor.

— Um espião na unidade de investigações seria um tiro em nosso pé. Todos sofreriam.

Ele suspira.

— Baker informou que não fez mais o acompanhamento com o terapeuta indicado... não podemos cometer erros nessa operação, durante todos esses anos investigando e tentando colocar as mãos neles, só tem nos causado grandes problemas, é como perseguir um grande nada.

Maldito Baker!

— Você nunca saberá a identidade de pessoas infiltradas, não saberá quem é seu amigo ou não. Mesmo o agente Wenth sendo seu parceiro em missão nunca saberá se ele está completamente limpo de escutas ou foi corrompido pela organização.

— Eu compreendo, senhor.

Ele me analisa por um momento, tentando absorver qualquer tipo de incerteza ou fraqueza que possa transparecer.

— Estou pronta para me infiltrar, senhor. E não tenho nenhum resquício da última operação que possa atrapalhar.

— Tudo bem, era só isso. — diz.

— Com licença. — Digo juntando minhas coisas e saindo da sala.



5

— Você não deveria participar dessa operação.

— Mas eu vou. — Digo ajeitando o ponto de escuta.

— Você logo estará infiltrando-se na organização deles. Pode destruir todo o processo.

Encaro Clain. — Sei o que faço, eu serei pega assim como as outras meninas.

— Você não vai dar uma de agente? Duvido. — Carla diz rindo.

— Não.

Clain me encara ainda mais desconfiado, porém respira fundo mesmo que contrariado e retorna ao serviço. — Vocês estarão em contato o tempo todo conosco.

Subo o vestido colocando o coldre da faca no alto da coxa. Carla Clayton também se arrumava, ajeitando a escuta e a arma.

— Uau, se eu soubesse que vocês fossem ficar nuas eu tinha aparecido antes.

— Vê se cala essa boca, Luigi.

Luigi gargalha não se importando nem um pouco. Olho a câmera vendo o

interior do cassino e o corredor da suíte presidencial.

— A movimentação está intensa hoje. — Baker comenta.

— Quantos homens?

— Por enquanto sete.

— Vocês estão com uma câmera escondida no broche.

— Ótimo, quando você estiver pronta. — Digo me virando para Carla.

Ela concorda revendo alguns pontos com Clain.

— Entrem, façam seus trabalhos e quando eles mostrarem o que estamos procurando dê o sinal.

— Sim, senhor. – Carla e eu falamos juntas.

— Agente Hamer, mantenha seu papel. — Clain diz numa ameaça velada.

Sei o quanto estou colocando em risco indo até uma operação dessas, mas não ficaria sentado olhando os agentes pegarem quem eu estou salivando para pegar. Essa é minha operação, sendo eu uma agente infiltrada ou não.

— Tudo limpo Agentes, podem ir.

Assim que a porta do cassino abre os barulhos das máquinas e o cheiro de cigarro dominam meu olfato. Os vestidos curtos estavam fazendo seu trabalho, os homens nas mesas de pôquer nos encaravam com malícia.

Luigi vai na frente, com a postura de sempre, o que naquele momento é ótimo já que ele está realmente parecendo um cafetão barato. Não a outra maneira de participar sem que eles desconfiem, por tanto como não havia maneira de ser capturada pelos capangas eu tinha que entrar como uma garota de programa. Por isso a operação de hoje era importante, Luigi faria o primeiro contato real com aqueles homens e eu sorriria de maneira mais atrevida e mostraria bem mais do meu corpo que necessário.

Luigi faz um sinal seguindo para o lado oposto.

— Oi querido. — Digo chamando atenção do atendente, percebo seus olhos varrendo meu corpo e o da Agente Clayton.

— Em que posso ajudá-las?

Chego mais perto, sussurrando. — Queria muito participar da verdadeira festa.

Ele me encara.

— Eu sei que você pode me indicar o caminho... — passo a ponta dos dedos por seu peitoral, enganchando-os em seu crachá. — Will.

Ele olha para o corredor. — Eu não sei, vocês são lindas, mas se eles souberem que eu deixei duas garotas além do que eles autorizaram, eu perco meu esquema, gatinha.

— Continue com o jogo Agente. — Escuto através da escuta.

— Sabe, podemos fazer uma festinha particular para você depois...

— Agente Clayton, foco. — Diretor torna a falar.

— Olha, eu vou deixar vocês subirem.

Dei um sorriso deslumbrante para o atendente.

Ele dá a volta na recepção pegando um cartão de acesso preto.

— Suíte presidencial, por favor, sejam discretas. A senha é MLN.

— Ok, muito obrigada bonitinho. — Digo dando um beijo na bochecha dele.

Sigo para o elevador com Carla nas minhas costas, era visível que ela estava incomodada, só esperava não atrapalhasse a operação.

Assim que a porta do elevador se fecha ouço o suspiro dela.

— Mantenha a calma.

— É minha primeira missão, tô tentando ser fria como você.

Viro olhando para ela. — Você vai aprender. — Afasto a alça do vestido mostrando a cicatriz em meu peito.

— Como aconteceu?

— Primeira operação infiltrada, eu estava a um mês num cartel de drogas. — Olho para o visor do elevador. — Eu hesitei quando eles me mandaram atirar num traidor, eu nunca tinha usado minha arma contra alguém.

— Você atirou?

— Sim, no ombro. — Coloco um sorriso no rosto. — Era para ser fatal e esse pequeno desvio me levou a isso, o chefe da organização estava com uma faca, bom, você já sabe o que aconteceu.

O pequeno anúncio que havíamos chegado a cobertura, fez com que nossa conversa acabasse. Assim que a porta do elevador se abre seguimos para a suíte presidencial. Mas antes de chegar, puxo Carla pelo braço, olhando no fundo de seus olhos.

— Se for o caso, não hesite. Mesmo que seja para manter a operação ativa, mesmo que o tiro seja em minha direção. O diretor está na escuta e não vai deixar nada acontecer, mantenha o plano, evite contato visual se você não sustentar o olhar desses cães. Eles farejam medo como ratos de esgoto.

Carla concorda várias vezes.

A música estava alta dentro da suíte, os homens praticamente nus, vestidos apenas com suas regatas brancas e suas samba-canção. As garotas de programas já tinham deixado festa deles bastante animada.

— Quem são vocês?

Viro dando de cara com um homem alto, sua camisa branca transparente mostrava seu corpo repleto de tatuagem.

— Estamos buscando o reconhecimento facial. — Baker diz pela escuta.

— Viemos para a festa.

— Sei, todas vem. — diz encarando meu rosto. — Pode me dizer o código?
— Pergunta desconfiado.

— MLN.

— Vocês são novatas, né?

Carla sorri concordando.

— Porra, eu falei para o Joe que eu tinha tudo sobre controle. Ele não devia mandar as novatas.

— Esse é Rowsend. Ele está na nossa lista, detenham essa ligação Agentes.

— Poxa... porque temos que ficar trancadas enquanto elas se divertem? — murmuro apontando para as garotas dentro da suíte, chegando mais perto dele, travando seu olhar no meu enquanto cancelo a ligação que ele faria.

— Ei, cara. Eu só queria pegar o jeito, não queria acabar como a outra. — Carla atíça.

— Vocês vão me trazer problemas, melhor eu levá-las de volta.

— A gente dá conta. — Digo.

Ele nos encara. — Uma pisada na bola e entrego vocês para Deany.

— Agente Hamer, tente descobrir mais informações dele. Agente Clayton, faça seu trabalho. — A voz de Stone chega aos nossos ouvidos.

Rowsend nos leva para outra sala onde realmente a ação acontecia, percebo que os homens de mais poder estavam sentados nesse reservado. Aquilo não passava de um círculo fétido de corruptos.

Faço sinal para que Carla fosse até os homens, se juntando com as garotas de programa e desejando que ela não fizesse nada de errado que chamasse atenção, porque ali éramos uma equipe. Se ela caísse eu cairia junto e no auge da minha carreira eu não queria prejudicar esse último ano treinando e estudando

para me infiltrar.

Rowsend estava do outro lado da sala, tomando um copo de uísque perto do pequeno bar.

— Posso tomar um pouco disso aí?

— Você não devia estar alegrando algum cliente?

Dou uma olhada para os homens na sala, disfarçando. — Acredito que eles estão se divertindo bastante e eu preciso de algo para me sentir aquecida pro jogo.

Rowsend dá um sorriso ou acredito que seja um sorriso. É gélido, a crueldade é aparente em seu rosto. — Pelo visto você é aquela que todos estão comentando.

Apoio meus braços no bar, fazendo que meus seios saltem pelo decote extravagante.

— O que estão dizendo sobre mim?

— *Você está indo bem, Adria.* — Baker se comunica pela escuta.

Rowsend chega mais perto, empurra o copo em minha direção, pego-o confiante, entornando seu conteúdo de uma vez. Segurando a careta que sinto despontar em meu rosto devido a queimação que o líquido causa em minha garganta.

— Você é atrevida, gosta de colaborar conosco. — Os dedos dele tocam minha pele, indo para o decote, enfiando a mão, tocando meu seio, apertando de maneira grosseira enquanto exhibi um sorriso satisfeito no rosto.

— Até que você é bem gostosinha, já passou na mão de algum deles? Acho difícil não ter passado, aqueles filhos da puta pegam as melhores para si. — Diz dando outro apertão em meu seio. Fazendo meu estômago se contorcer.

Dou uma olhada pelo salão, ignorando as dicas que o agente Calin passava para a Carla.

Rowsend me encarava.

— Sou esperta, uma boa garota se mantém inteira naquele lugar. — Digo.

— Vocês têm sorte do Lobo ainda se preocupar com vadias como vocês.

— É difícil se manter como uma das melhores com tantas vadias criando problema.

Rowsend enche seu copo novamente, entregando-o para mim. Bebo um grande gole, devolvendo o copo.

Ele se levanta, abrindo minhas pernas ao ficar no meio delas, suas mãos se infiltrando por minhas coxas. — Eu gostaria muito de dar uma pequena lição em alguns de meus colegas.

Encaro seu rosto, engolindo a bile que sobe por minha garganta. As mãos ásperas por meu corpo, minha vontade era de fechar as pernas com tudo e acertar um soco no meio de seu rosto, mas isso colocaria tudo a perder.

O coldre.

Se ele passasse a mão pela perna direita iria sentir o coldre. Empurro seu peitoral para longe o que faz Rowsend me encarar desconfiado, acrescento um sorriso no rosto, enquanto faço-o se sentar novamente, tocando seu corpo do mesmo modo bruto que ele fez no meio. Apertando sua coxa e indo com mais vontade ainda de esmagar aquelas bolas.

— Vejo que gosta de algo mais bruto, essa é das minhas. — diz tentando beijar minha boca.

— Podemos nos divertir, o que acha?

Seu telefone começa a tocar. — Não atenda, agora que tudo estava ficando bom? — questiono jogando meu corpo para ele, praticamente sentando em sua coxa.

Sua mão esmaga minhas nádegas, seu pau duro literalmente sarra em minha cintura. — Você tem uma bocetinha deliciosa, aposto, mas se não informar que tudo está correndo como combinado. Meu chefe não vai receber a grana desses

patifes e eu vou provavelmente tomar uma surra do Lobo.

Sorrio saindo de perto, — Vou no banheiro então.

Ele não diz nada, atende à ligação, ignorando meus passos lentos até o banheiro. Apuro meus ouvidos para prestar atenção exclusivamente em sua conversa. — Tudo sobre controle, os clientes estão como queríamos. — Rowsend fez uma pequena pausa. — Não toquei em nenhuma, pode ficar tranquilo. Avise ao Lobo que não sou um pau mandando dele. Eu falei que estava tudo sobre controle, porque enviou as novatas?

Merda! Entro apressada, verificando os espaços vendo se estava realmente vazio.

— Baker, na escuta? — pergunto apertando a escuta no ouvido.

— Agente Hamer.

— Temos que agir, é nossa chance de capturar Rowsend, ele vai descobrir que não foram enviadas novas garotas.

— Agente Clayton, continue com o senador. Agente Hamer precisamos de mais informação antes de invadir.

— Desculpe senhor, mas teremos as informações com Rowsend sob nossa custódia. Toda essa operação terá sido em vão se não tiver ele e essas mulheres nas nossas mãos.

— Você acredita que elas não sejam vítimas?

— Sim, senhor. Tirando três que realmente estavam com expressões de total pânico.

— Estamos subindo, mantenha Rowsend dentro da suíte.

Olho pelo espelho ajeitando o cabelo. Como eu desconfiei Rowsend estava apoiado na porta do banheiro feminino.

— Eu soube que você era diferente, seu olhar dizia o quanto era esperta

demaís para uma prostituta qualquer.

— Olha cara, eu só queria informações.

Ele dá um passo para frente encurtando nossa distância. — Informações?

— Cara, você sabe como é ficar trancada junto com várias mulheres surtadas?

Ele estreita os olhos me encarando. Por um instante eu pensei ter encontrado com uma pequena brecha.

— Boa, você é muito boa. — Ele avança mais um passo, me fazendo recuar. — Eu quase acreditei, mas você esqueceu uma coisa. Você acreditou mesmo que nós não temos controle nas vagabundas que colocamos dentro com cada homem dessa sala?

— Olha, eu só queria participar. Desculpa se segui vocês e...

— *Estamos nas escadas.* — A voz de Clain chega pela escuta.

Desvio do primeiro golpe de Rowsend, ele avança e é o suficiente para meu chute atingi-lo. Esperava que ele se curvasse se protegendo, mas ele aproveita da chance para me atacar. Conseguindo acertar um soco em meu estômago me fazendo dobrar o corpo.

Ele parecia uma máquina de combate, mas o segredo sempre é prever o próximo passo. Espero ainda segurando o estômago pelo soco que ele me daria desviando para esquerda, conseguindo atingi-lo, sua cabeça bate contra a parede oposta, minha mão voa para o alto da coxa em busca da minha faca, porém Rowsend é mais rápido, seu cotovelo me acerta em cheio no nariz, minha faca voa longe com o chute que ele me acerta.

— Você luta bem, para uma policial.

— Você fala demais. — Digo entre os dentes, acertando um chute em seu joelho fazendo ele se curvar e sua arma voar para o outro lado do banheiro feminino, aproveito esse milésimo de oportunidade para dar uma sequência de três socos: um embaixo e dois em cima, finalizando com um golpe de gravata.

— Eu vou adorar acabar com você. — Aperto mais meu braço entorno do seu pescoço.

Rowsend joga o corpo para trás me fazendo atingir o espelho grande na parede atrás de mim, sinto a ponta do espelho quebrado me atingir na nuca e em outras partes já que ele nos arremessa diversas vezes contra os pedaços estilhaçados.

Os gritos na sala invadem o banheiro mesmo com a porta fechada. Firmo o aperto em seu pescoço, colando minha boca em seu ouvido. — Eu vou adorar você sendo uma menininha dentro do FBI.

Baker e o Agente Clain entraram no banheiro com as armas em punho.

— Agente Hamer, você está bem?

— Sim, foi divertido.

Baker algema Rowsend levando-o para fora do banheiro.

— Como está a Agente Clayton? — pergunto, tocando os cortes ensanguentados.

— Ela se perdeu um pouco na missão, mas conseguiu algumas informações importantes. Você realmente elevou o significado de peneira, vire-se.

— Não foi nada, eu cuido disso.

— Tá completamente maluca, você precisa de um médico.

— Tanto faz. — digo aceitando o casaco que ele me estende.

— Isso é seu.

— Obrigada. — Coloco minha faca no coldre.

Todos os homens que estavam nas duas salas estavam sendo escoltados pelos agentes, as garotas estavam algemadas e seguiam para outro lado.

— Agente Hamer.

Viro vendo o Diretor interno vindo em minha direção.

— Senhor.

— Foi um ótimo trabalho.

— Obrigada, senhor. Mas eu sinto que poderia ter sido melhor.

— Sabíamos que esse primeiro impacto não nos daria poucas pistas.

Concordo.

— Você terá toda a chance de acabar com essa organização quando estiver dentro. Mantenha o foco e a cabeça no prêmio.

— Claro, senhor.

— Finalmente uma palavra boa vindo dele. — Baker resmunga vendo o diretor falar com outros agentes.

— Preciso de uma bebida forte.

— Nada disso, no mínimo de uma boa dose de morfina e algumas horinhas no médico.

— Diz que não tem uma ambulância me aguardando lá embaixo?

Baker ri.

— Por Cristo.



6

Aqueles ferimentos em minhas costas e o pequeno corte em meu pescoço por incrível que pareça foram capazes de me dar uma excelente dor nos próximos dias.

— Já conseguiram arrancar algo dele? — pergunto vendo dois agentes rodearem Rowsend.

— Nada é como tentar filtrar água de uma pedra. — Agente Clain reclama.

— *Qual seu real envolvimento com a organização Rootns?*

Rowsend se curva na cadeira, rindo, ignorando nossos agentes. — *É assim que vocês os chamam? Pensei que dar nomes patéticos era coisa de filmes de ação.*

— *Você está sobre custódia, se não colaborar suas opções são muito ruins.* — diz o outro agente.

— *Cadê aquela agente gostosa? Ela está muito machucada?*

— *QUAL SEU REAL ENVOLVIMENTOS COM A ORGANIZAÇÃO? QUANTAS GAROTAS JÁ PASSARAM PELAS SUAS MÃOS?* — Grita.

Rowsend gargalha ainda mais alto e desaforado. — *Eu não vou falar nada, cara. Tudo isso, é uma grande perda de tempo.* — Gesticula para a sala.

— Eles estão quase perdendo a paciência, faz três dias que ele está aí, cortamos alimentação, deixamos de forma mais desconfortável possível e nada.

— Desligue as câmeras. — Digo.

Clain me olha, duvidando do que eu falo. — Sabe que não posso fazer isso.

— Sabe que muitos sob custódia, até mesmo possíveis terrorista já tiveram um pouco mais... de ação do FBI.

— Hamer eu posso me meter em encrenca.

— *Não está na hora de comer? Eu vou ter que gritar para vocês trazerem um pouco de conforto para seu colega?* — Rowsend tripudia.

— Que tal agora? — ordeno.

Clain passa as mãos pelo rosto, mas caminha até o painel de comando desligando tudo. As telas em nossa frente ficam pretas, o áudio é paralisado.

Abro a porta pegando os agentes de surpresa.

— Ouvi que estava perguntando de mim? — digo olhando para Rowsend.

Ele sorri como um lunático.

— Senhores. — Cumprimento, mostrando meu distintivo na cintura.

— Qual sua autorização? — um dos agentes questiona.

— Minha autorização é o mais perto do que vão ter de uma confissão dele ou vocês já conseguiram retirar algo desse verme? — pergunto.

— Uhul, vejo que não me decepcionei com você. É durona. — Rowsend diz.

Seguro uma mecha generosa de seu cabelo, batendo seu rosto contra a mesa de metal. — Que tal começar a contar alguns segredinhos sujos, amigão? — Bato novamente.

— Agente! — Repreende o agente.

— Se quiserem podem sair e aguardar na outra sala. Eu cansei de ver esse verme rindo da cara de vocês.

Eles trocam uma pequena olhada entre si, se afastam da mesa, mas não deixam a sala. Preferindo ficar no canto, observando a cena.

— Me diga, Rowsend. Esse é seu nome verdadeiro?

— Achei que seria mais original, gostosa. — Ele diz sorrindo. — Já me perguntaram isso.

Seguro novamente sua cabeça batendo com mais força na mesa.

— Filha da puta. — Urra.

— Sinto muito. Você precisa de ajuda? — pergunto pressionando seu crânio na mesa.

— Você vai se arrepender disso, sua vadia.

— Se tivesse medo de ameaças, não sairia da cama.

Solto sua cabeça, sentando na cadeira vazia. — Pronto para falar?

Ele limpa o sangue com a barra da camisa. — Se você acha que sou delator, não sabe com quem está mexendo. Você não tem nada apenas migalhas, acha que não sabemos como agem? Acha que não temos a polícia e até mesmo o FBI nas mãos?

— Acho que está planando por um terreno muito lamacento.

Ele sorri.

— E eu acho você uma vadia dos infernos.

Saio da cadeira, dando um soco em seu nariz, no mesmo instante o sangue começa a escorrer, o nariz dele incha, ficando vermelho. — Qual seu real envolvimento com a organização? — dou outro soco — Como capturam as mulheres? — seguro sua cabeça batendo contra a mesa. — Diga agora ou juro que acabo com você.

— Agente Hamer!

— Solte-o, agora.

Controlo minha respiração, tentando me manter calma, mesmo que meu coração esteja acelerado.

— Isso foi longe, largue-o.

— Você teve sorte. — Sussurro perto do ouvido de Rowsend.

Ele cuspe sangue, me encarando pronto para me matar.

— Terei que religar as câmeras e inventar uma desculpa para isso. Porra, Hamer!

— Ele caiu, avançou contra... qual é o seu nome, agente? — pergunto para o mais alto.

— Agente Oliver.

— Certo, Oliver. O acusado avançou sobre você e seu colega, desequilibrando da cadeira. É triste, mas acontece quando os acusados querem bancar os espertinhos. — Digo com os olhos fixos em Rowsend.

Como sempre sigo para academia, admito que sorrio ao ver Kiran correndo em uma das esteiras. Deixo minha garrafa d'água e a toalha de rosto no suporte iniciando minha caminhada.

— Bom dia, Adria.

Aquela voz rouca. Não consegui controlar meus olhos. Eles automaticamente desceram pelo corpo esculpido de Kiran, seu abdômen malhado exposto, o suor escorrendo por dentre os gominhos.

Era uma bela visão as seis da manhã.

— Bom dia. — Respondo passando meu ritmo de caminhada para corrida curta.

— Disposta. — Analisou.

— Tenho que estar. Não esperava você aqui tão cedo.

A academia estava praticamente vazia, tinha ao todo dez alunos, esse horário não era muito frequentado o que era ótimo para mim que aproveitava essa calmaria para colocar os pensamentos em ordem.

— Não sou muito de dormir. — Kiran ainda me analisava, os olhos indo de minha calça de ginástica até o top.

Ele com certeza era atleta, não tinha nenhum vestígio de gordura naquele corpo, era até um pecado.

— Jantar, hoje à noite.

Olho para seu rosto, seus olhos azuis me fitavam como o mar do caribe, intrigantemente sensual.

Sorrio concordando. — Tudo bem, você tem meu telefone. Só dizer o local e horário.

— Eu posso buscá-la.

Paro minha corrida passando a toalha pelo rosto, saindo da esteira. — Local e horário?

— Tudo bem. — Pela primeira vez eu escuto uma risada vindo dele e óbvio que ela seria como tudo nele. Sensual e crua.

— Adria.

Viro olhando para Kiran novamente.

— Você tem um machucado feio nas costas.

Coloco um sorriso simpático no rosto. — Acidente doméstico.

Ele concorda mantendo o ritmo frenético de sua corrida. – Até mais tarde.

— Até.

No escritório todos trabalhavam de forma intensa, os Agentes buscavam

informações de todos os lados para nos ajudar a alcançar o melhor resultado.

— Agente Hamer, venha até minha sala.

Sigo o vice-diretor, sua mesa estava abarrotada de pastas e papéis espalhados.

— Senhor.

— Fecha a porta e sente-se.

Faço o que pede e aguardo.

— Foram encontrados dois corpos, duas mulheres em torno de vinte a vinte quatro anos.

— Onde?

— Rota 55, é mais uma peça do quebra-cabeça. Naquela região desértica seria incrível se conseguirmos concluir algo.

— Tem a identificações delas?

— Dayana Simon e Regina Regis.

— Causa da morte?

O vice-diretor estende uma pasta para mim, as fotos dos peritos estavam ali. Ambas usavam poucas roupas, seus tornozelos e pulsos tinham marcas de cordas. Provavelmente da contenção que os criminosos faziam enquanto as transportavam.

— Asfixia?

— Reli o relatório da autópsia. Elas morreram por volta das três da madrugada, havia lesões de quedas, alguns arranhados pelo corpo como se tivessem sido arremessadas.

— No meio de um transporte? Tem alguma coisa que não está encaixando.

— Dayana Simon tentou escapar, os peritos encontraram evidência de pele

debaixo de suas unhas, assim como agressões no corpo. — O vice-diretor pega a pasta de minhas mãos mostrando uma foto mais detalhada das mulheres. — Por mais incrível que pareça, as evidências deram em um caminho sem saída, havia muita terra e os resquícios de pele encontrado eram da outra vítima.

— Elas brigaram entre si? — questiono.

— Tudo indica que sim ou tenha sido uma forma de se protegerem do que ocorreu.

— As câmeras de segurança?

— Nenhuma perto do local ou acessível captou algo.

Suspiro frustrada. — Não temos prova, não temos pegadas ou indícios deles, não temos nada.

Vice-diretor se senta na beirada de sua mesa, mostrando a mesma frustração que existia em minha expressão.

— Netlen Curt, sua informante. Por que não passou isso para nós, que seu ativo era uma mulher?

— Desculpe, senhor. Mas como disse é minha ativa.

— O que precisamos saber é porque sua informante brigou com essas mulheres e elas acabaram mortas.

— Eu conseguirei essa informação.

— No momento deixe isso passar, você não pode ser vista com sua ativa no momento, eles estão armados e prontos para matar qualquer um que se arrisque a cruzar o caminho deles. Quando estiver dentro você terá tempo para isso.

— Sim, senhor.

— Estamos mantendo Rowsend sob controle, ontem durante a madrugada ele foi socorrido por um dos agentes, estava tentando arrancar a própria língua.

— Filho da... desculpe, senhor. — Digo rapidamente.

— Ele foi contido e medicado, mas não fala nada, passa metade do tempo cantando sobre destruição e sangue, creio que não será de valia alguma para nossos planos. Os poderosos que foram presos aquele dia como uma batida policial comum estão com seus advogados em nosso pescoço, sempre dizendo a mesma coisa, eles contrataram uma pequena empresa para satisfazer a depravação que eles escondem.

— As garotas? — questiono com os olhos fixos nas fotos em cima da mesa.

— Como você tinha passado para o Baker, duas tinham sido capturadas, pouco tem a informar de como foi isso e o psicológico tão afetado que basta um dos agentes fazer um pequeno movimento em sua direção começam a chorar e implorar pela vida. Estão em acompanhamento. — O vice-diretor, faz uma pausa, caminha até a janela. — A terceira, tem algo muito semelhante com essas garotas mortas.

— Dayana Simon e Regina Regis eram de Ohio. Estavam desaparecidas há sete meses. Tudo indica que elas saíram de Ohio com a promessa de se tornarem modelos conhecidas, assim como a terceira vítima em custódia. Segundo ela, seu sonho era se tornar modelo internacional, quando chegou aqui seu passaporte e pertences foram arrancados e ela obrigada a fazer tudo que eles mandassem.

— O convite mais tentador para essas moças.

— Hamer, você está ciente que o FBI não poderá ajudá-la quando tiver infiltrada e que nenhum contato será feito? — questiona.

— Sim, senhor.

— Todas as informações deverão ser passadas semanalmente para o agente Wenth.

— Compreendo, senhor.

O silêncio tomou conta da sala.

— Agente, você está mesmo preparada? Essa operação é de suma importância.

— Sim, senhor.

— Estamos apostando em você, agente Hamer.

— Não vou decepcioná-lo, senhor.

— Essa daqui é sua nova identidade.

Pego a pasta preta que ele me estendia. Pam Gomez, vinte oito anos, filha de pais mexicanos que trabalhava em uma boate em Nova York.

Adria Hamer tinha sido excluída dos registros, em todos os sentidos. A partir do momento que iniciasse minha missão eu não seria mais uma Agente especial do FBI, filha de Antônio Hamer, codinome Welber Jim. Agente infiltrado pelo FBI.

— Todos os seus dados serão apagados do sistema, será como se você nunca tivesse existido. Você está ciente que a partir do momento que pisar na Penlin não será mais considerada pelo FBI se algo errado ocorrer estará por conta própria? Que nós só poderemos ajudar se a operação não estiver em risco?

— Sim, senhor.

— Prepare-se, dentro de poucos dias estará na missão. Seu apartamento, assim como do agente Wenth serão limpos e livres de qualquer evidência que levem vocês a nós, para o caso deles investigarem a fundo.

— Sim, senhor.

— Confiamos em vocês.

— Não se preocupe, senhor.

— Isso está se tornando arriscado demais.

Estralo os dedos, vendo-a se sentar ao meu lado. — Aqui é bem tranquilo, gosto desse bar pela vista do Parque memorial.

— É legal, muito legal, mas não posso ficar me dando ao luxo de passeios.

— Pode dar ao luxo de surrar duas garotas, minutos antes delas serem

mortas?

Netlen arregala os olhos. — Eu não surrei ninguém.

— Não é isso que a autópsia diz. Aquelas garotas foram espancadas pouco antes de serem jogadas para fora de um carro em movimento.

— Você não sabe de nada. Eu tentei fazê-las parar. Eu tentei tirar a ideia absurda delas fugirem, ninguém conseguiu fugir dali. A merda foi que um dos caras me denunciou, disse que eu estava encobrindo as garotas.

Analiso seu rosto, testando a veracidade do que dizia.

— Vem.

— O que? — pergunto surpresa.

— Vem comigo.

Netlen me guia para o banheiro, verifica se estamos completamente sozinhas e tranca a porta do banheiro.

— Netlen?

— Você acredita mesmo que eu estou matando aquelas garotas?

Respiro fundo. — Netlen, seu DNA estava sob as unhas daquelas garotas. — Abaixo o tom da voz. — Aquelas garotas foram jogadas para fora do carro, tem marcas de luta pelo corpo, sabe como é embaraçoso seu chefe falar que o DNA da sua ativa estava nas mãos daquelas mulheres?

— Isso daqui é suficiente para você? — retruca.

Netlen levanta a camisa e mostra suas costas, é um verdadeiro cenário de horror. Suas costas não tem um único espaço livre de marcas, algumas ainda em processo de cicatrização.

— Quem fez isso com você? — questiono horrorizada.

Dou um passo em sua direção, não queria tocá-la, mas... Era horrível ver sua pele marcada daquele jeito. Não tinha uma sequência ou qualquer padrão,

era puramente maldade.

— Isso importa mesmo? Eles foram cuidadosos, deixaram um lembrete onde eu não poderia esquecer e nem mesmo que os outros se assustassem com a beleza dos cortes. — diz de maneira sarcástica. — Você me chamou aqui pronta para me enterrar viva porque acreditou que eu tinha encostado naquelas garotas. — Netlen arruma a roupa. — Eu vou continuar ajudando com essa loucura toda, mas vamos manter isso exatamente como sempre foi. Quando tiver algo eu entro em contato e não o contrário.



7

Sorrio de volta para a hostess do restaurante. Kiran mandou mensagem um pouco depois do final da tarde, avisando que tínhamos reservas no Enzy's às nove da noite.

— Boa noite, bem-vinda ao Enzy's.

— Boa noite, tenho reserva em nome de Kiran.

Percebo a ironia daquilo, eu não sabia o sobrenome de Kiran. Na verdade, sabíamos pouco um do outro, além da constante atração sexual que nos circulava quando estávamos no mesmo ambiente.

Óbvio que ele não saberia um terço da verdade sobre mim. Ali eu era Adria, a assistente do senador Lincoln.

— Sua mesa está pronta, por favor, venha comigo.

Passamos por metade do salão, chegando em uma mesa para duas pessoas reservada perto da janela.

— Aqui estamos. Deseja já pedir sua bebida?

— Uma água. — Digo sentando na cadeira oposta que ela tinha indicado, eu preferia ter uma visão ampla de onde estava. Chame isso de vício de profissão, do lugar onde estava eu poderia observar a entrada, os dois ambientes do restaurante, assim como a porta da cozinha.

Enzy's era um restaurante lindo e sofisticado. Kiran parecia apreciar ambientes como esses, boa comida, boa bebida. Sofisticação.

Sorrio para mim mesma, tomando um gole da água que o garçom despejou na taça em minha frente. Como dizem você pode tirar a mulher da Agente, mas não pode tirar a Agente da mulher. Eu sempre estaria analisando cada mínimo acontecimento em minha frente. Acredito que seja isso que me torne uma excelente Agente especial, afinal coincidências não existiam, eram produzidas por nós.

Eu o vejo assim que ele passa pela porta, vestido todo de preto. Uma camisa social aberta no colarinho, a calça social descendo com perfeição naquelas pernas torneadas que eu sempre via desfilando na academia.

— Adria.

— Kiran. – Digo me levantando.

O vestido creme que escolhi para essa noite é ao mesmo tempo sensual e discreto. Sem decote e na altura do joelho, por outro lado justo em todo meu corpo.

— Você está linda.

— Obrigada.

Kiran dá à volta puxando minha cadeira, quando me sento ele contorna a pequena mesa, sentando-se em minha frente, dobra as mangas da camisa até o cotovelo.

— Você me acompanha na cerveja? – acrescenta com um simpático sorriso.
— Percebi que você estava tomando uma Pilsen aquele dia no bar.

— Sim, fora de dias de trabalho.

— Entendo.

Kiran faz um sinal chamando o garçom. — Posso fazer nossos pedidos? Ou você deseja algo especial?

— Não, fique à vontade.

Tomo outro gole observando Kiran, mesmo com toda a experiência que eu adquiri em todos esses anos estudando e aprimorando meus conhecimentos, principalmente sobre o comportamento humano. Kiran era como um enorme ponto de interrogação.

— Com que você disse que trabalha mesmo? — Pergunto.

Ele dá uma risada baixa. — Eu não disse.

Encaro seu rosto, hoje ele está muito mais sorridente que o costume, mas o sorriso não é natural, parece que o fato de sorrir não combine muito com ele. — Exportação, não é nada luxuoso como assistente do senador.

Sorriso. — Não é nada como pensa, garanto.

Kiran passa o dedo indicador pelo lábio, mas consigo sentir o tom de ironia no sorriso.

— Interessante, eu arriscaria uma profissão mais ousada para você.

— Nem sempre temos a profissão dos nossos sonhos. Vai dizer que viver no meio de senadores é seu sonho de carreira perfeita?

— Não, você está certo. — Digo rindo.

Kiran olha para baixo, vejo que lê algo em seu celular.

— Algum problema?

— Nada demais.

— Me diga, como conseguiu um machucado tão feio nas costas? — questiona.

— Digamos que sou desastrada. — Minto.

— Acho isso meio impossível. — Kiran comenta.

— É? E posso saber por que?

Ele dá de ombros, chegando mais perto da mesa, as mãos apoiadas de forma tranquila, deixando os músculos de seus braços bastante visíveis na camisa. — Você não parece ser aquelas pessoas que confundem as coisas ou esquecem de tomar seus remédios nos horários certos, muito menos tropeçam atoa por aí.

Rio. — Você tem tido muitos encontros frustrados no momento?

— Alguns. — Diz voltando a se encostar na cadeira.

O garçom retorna colocando uma Pilsen na frente de Kiran assim como outra garrafa de água gaseificada na minha. Várias porções estão a nossa volta, desde salmão grelhado com legumes até pequenos anéis de cebola empanada.

Enquanto vou comendo as entradas, observo Kiran, esse encontro não está com cara de sucesso. Ele está preocupado, algo está tirando sua atenção, ele franze o cenho com frequência e seu olhar endurece.

Ele está discutindo com alguém.

— Namorada? — Pergunto fazendo-o erguer o olhar para mim. — Sabe você é bem legal, mas eu não vou perder meu tempo com alguém que tenha vida dupla.

— Eu não tenho namorada, Adria.

Como mais um pedaço do salmão.

— E você tem namorado?

— Não sou do tipo romântica, desculpe quebrar suas expectativas.

— Toda mulher é romântica. Me dê seu motivo para não ser?

— Expectativas excessivas fazendo você cometer erros, elas nublam sua visão do que realmente importa.

— O que realmente importa para você? — Kiran continua dando atenção para mim, enquanto seu celular vibra sobre a mesa.

Mesmo eu desviando minimamente a vista para tentar espiar quem é no identificador de chamadas.

Ponto 1: Kiran não é de confiar muito nas pessoas.

Já estava pensando que algo estava errado comigo, mas de trinta minutos com ele e não tinha conseguido fazer uma lista comportamental.

— Vamos dizer que trabalho seja o que mais importa. — Digo retomando o assunto.

Ele toma um gole de sua cerveja, seus olhos perfuravam os meus, tamanha a força que me encaravam.

O telefone volta a vibrar, fazendo Kiran quebrar nosso contato visual, olhando para o telefone e por fim decidindo atender quem quer que estava insistindo nas ligações.

Ele apenas escuta o que falavam, seu rosto era como uma pintura, indecifrável.

— Tudo bem, estou a caminho. — Diz fechando o aparelho e guardando-o no bolso. — Sinto muito, problemas no trabalho.

— Sem problemas, eu sei como é ter um chefe exigente. — Digo sorrindo.

Ele levanta deixando o guardanapo de pano ao lado do prato, ajeita a camisa e parando perto de mim sussurra: — Podemos nos encontrar uma próxima vez. Para que possa recompensar por essa noite?

— Claro.

Ele sorri, abaixa ficando mais perto fazendo eu erguer o rosto para encará-lo. Seus lábios desceram sobre os meus, por apenas um segundo. Mas o suficiente para eu sentir a maciez de sua boca e o cheiro de sua colônia. Uma pitada de algo doce, mas totalmente mascarado.

— Desculpe mais uma vez por isso, aproveite o jantar. Está em meu nome.

Concordo como uma idiota, ainda mexida pelo cheiro e a excitação que

senti quando sua boca tomou a minha ou quando ele mordiscou meu lábio superior de leve. Imagine isso dedicado em outra parte de meu corpo?

Se você pudesse escolher um tipo de demônio, qual seria? O mentiroso, o malvado ou o galanteador, quem você escolheria? Qualquer um deles iria te levar para o mesmo caminho.

A perdição.



KIRAN

Alguns anos se passaram desde a primeira vez que fiz isso. Cinco anos ou sete para sermos mais exatos.

Era para essas lindas jovens passarem despercebidas por mim ou por ele. Era para esse fim de tarde sentado em um parque qualquer da cidade ser apenas isso. Uma miséria distração.

Mas não era.

Quando você cresce em apenas um lado da versão e pega gosto pela coisa, se torna difícil eliminar toda a sujeira encrustada em sua pele. Não importa quantos banhos você tomasse.

Um ciclo vicioso.

Olho novamente para foto em minhas mãos. A garçonete novata era a grande escolhida por ele. Eu deveria voltar e dizer que ela tinha pedido demissão, ninguém iria cogitar ou duvidar de uma palavra minha. Eu era o “Lobo” e eles tinham medo de mim. Mas sempre que eu concluía cada missão dada, sentia a necessidade de mais, querendo encontrar de uma maneira inútil aquela que um dia me faria parar.

E ali estava eu, bebericando minha água com gás, vendo a garçonete transitar pelo bar, pela enorme parede de vidro. Enquanto olhava sua ficha e pensava em uma certa mulher, uma certa mulher que tinha o nome tão ácido

como seus próprios olhos, afiados e pronto para atacar. Adria.



9

O frio arrepiou os pelos de meu braço, como se tivesse ouvido o arranhar de uma lousa, mas disse a mim mesma que isso era apenas o frio intenso, resultado da grande massa de ar frio que tinha se alojado pela cidade. Puxo o casaco para cobrir mais o pescoço, aumentando o compasso da caminhada em direção a minha casa. Agora não parecia mais uma boa ideia ter ido jantar fora, ainda mais por ter decidido caminhar em vez de estar protegida dentro de meu carro.

Viro o rosto, para observar a rua ao meu redor. Como disse, isso foi uma ideia estúpida, mesmo o bairro sendo conhecido como tranquilo e familiar, a rua estava deserta, as travessas escuras e pareciam pouco iluminadas o que me fez acelerar ainda mais o passo.

Suspiro frustrada comigo mesma, estou ficando paranoica. Essa sensação de estar sendo observada nada mais era que obra de meu subconsciente tentando me boicotar.

Baker tinha falado algo sobre isso... Algo sobre a pressão da nova missão, deveria ser isso mesmo, o fato de saber que em poucos dias não seria mais Adria Hamer, seria Pam Gomez, indicada para fazer parte do esquema maluco dos aliciadores e ser inserida no meio da organização Rootns.

Minha nuca formigava de maneira desconfortável. Droga, recomponha-se Adria. A sensação de estar sendo observada ou seguida permanecia em meu corpo, arrepiando meus pelos, dando uma pressão na base do crânio, espalhando-se rapidamente pelo corpo. Meus dedos esbarram levemente pela arma debaixo de meu braço, protegida pelo coldre, não seria difícil virar e confrontar quem quer que fosse.

Mas em anos morando naquele bairro ninguém sabia meu real trabalho e quanto menos pessoas souberem, menor seria o risco de ser delatada ou até mesmo colocar uma operação em risco por encontrar um vizinho em algum lugar. Baker também vivia dizendo que era solitário demais, que mesmo eu sendo uma agente deveria ter uma vida fora do escritório e eu tinha. Mas ninguém que entrasse em minhas calcinhas também precisaria saber o calibre de minha arma.

Inspiro profundamente avistando a pequena entrada do meu prédio. *Continue em frente, isso é obra da sua cabeça maluca.* Meus dedos se atrapalharam para encaixar a chave na fechadura, ao mesmo tempo em que olhava sobre o ombro em todas as direções da pequena rua em busca daquilo que me incomodava, mas a rua deserta nada revela, nem mesmo uma sombra fora do normal, já que os postes da rua forneciam ampla luminosidade. A única pessoa parada era eu, ninguém estava me observando.



KIRAN

O sangue fluía rapidamente pelo meu corpo, os batimentos cardíacos fortes retumbando em meu ouvido. Não estava conseguindo me concentrar essa noite. Nem mesmo com a tarefa de fazer esse traidor sofrer, não estava conseguindo aliviar a tensão ou a leve tremedeira em minhas mãos.

— Eu não tenho nada com isso, já falei, porra! — PJ diz cuspiendo sangue e um de seus dentes.

— Sabe que isso não importa mais.

Pego barra de ferro, segurando com as duas mãos, batendo com força no lado direito de suas costelas. O estalo do osso trincando me faria sorrir, se eu não tivesse achado até imprudente punir um dos nossos por achismos. O grito dele ecoou pelo galpão.

— Você sabe como isso funciona, vou bater em alguns lugares, vai lhe causar dor, mas não vai morrer ou desmaiar.

— Lobo, por favor, eu não delatei. PORQUE EU FARIA ISSO? — gritou em desespero, se sacudindo.

Seus braços estavam contidos acima da cabeça e suas pernas separadas enquanto eu surrava seu corpo, não demonstrava compaixão, muito pelo contrário, me sentia satisfeito e excitado por deixar que meu monstro saísse para brincar.

Solto o homem no chão, limpando minhas mãos na toalha branca de rosto, deixando rosada pelo sangue. Para ser honesto, eu não curtia isso como os outros ao meu redor, mas para meu pai, traidor bom é traidor torturado e morto. E desde a queda de Rowsend, meu pai tem sido incrivelmente cruel com os que estavam por dentro do esquema. A única pista intrigante que tínhamos era que duas novatas apareceram aquele dia, ninguém enviou, ninguém mal sabia quem eram. Meu pai por outro lado acreditou que as traidoras foram Daiana e Regina, Netlen tinha discutido com elas pouco antes da operação e o fato de Deany ter relatado isso, não só causou a morte de duas garotas como a tortura em Netlen, segundo Deany ela poderia ter facilitado para as garotas, contado o esquema.

Dou uma olhada para PJ estendido no chão, de vez em quando ele uivava, quando os cortes, socos e até mesmo as queimaduras doíam demais. Tinha que agradecer que eu ainda não tinha furado cada centímetro do seu corpo imundo. Até que não estava com tanto remorso sobre isso, ele vinha me causando grandes problemas, sempre acreditei que não é porque fazemos o que fazemos que temos que ser os próprios demônios para essas garotas, algumas mal tinham ido para cama com alguém. E eu cansei de ver esses caras imundo deflorando-as como se fosse um porco morto e estendido sobre a mesa para comerem.

Agacho, olhando para o rosto do homem traidor e vejo medo em seus olhos, vejo-o implorar em silêncio para que acabe logo com isso.

Sem qualquer troca de palavras volto para o homem ainda me seguia com o olhar, com minha faca extremamente afiada nas mãos, agacho novamente perto de seu rosto, colocando a ponta da lâmina sobre a veia grossa em seu pescoço, vendo que a mínima pressão faz uma gota grossa e vermelha sair e escorrer lentamente pela pele.

— Você não devia ter traído o chefe. — Digo ao fincar a faca em seu pescoço, arrastando-a até o meio de sua garganta.

— O que houve? Parece desanimado, não tomou sua dose diária de ânimo?
— Meu pai sorri, chutando para longe o corpo de seu capanga, principalmente longe dos seus sapatos italianos.

— Não se preocupe comigo.

Czar sorri. — Nunca precisei me preocupar com você, meu garoto. E espero que continue assim. — Ele encara com desprezo o homem caído no chão e para os outros parados a poucos metros de nós, que assistiam o pequeno espetáculo. — Você! — acrescenta apontando para o outro capanga no fundo. — Cuide disso, tire esse *der* ‘mô³’ daqui.

— Sim, senhor.

— E quanto a você, meu garoto. Lembre-se que conheço bem o que passa em sua cabeça, antes mesmo de se tornar homem, antes mesmo de eu resgatá-lo como aquele garotinho franzino.

Esboço um sorriso. Ele tinha razão, ele estava certo.

— Como anda aquele pequeno obstáculo com nossa linda menininha?

— Tudo indo conforme deseja.

Czar estava na casa dos setenta anos, tinha cabelos grisalhos, mas ainda mantinha a aparência de terror que tinha quando mais novo. Ele não era meu pai verdadeiro, como disse, quando me encontrou eu era apenas um moleque franzino e fraco perambulando pelas ruas, foi Czar que me ensinou tudo que sei, me salvou do frio extremo da Irlanda, me deu abrigo e me ensinou a ser homem. Meus verdadeiros pais? Morreram, não sei como ou quando, me recordo de pouca coisa da infância.

— Quero que vá junto com Deany verificar as garotas que irão embarcar está noite. Como sempre, preparem um belo acervo de fotos e podem até se divertirem um pouco. — Czar aperta meu ombro como um pequeno aviso que não estava aberto à discussão.

— Me avise caso ocorra algum imprevisto como da última vez.

Concordo com um gesto.

Czar se vira, torcendo o nariz para a pequena poça de sangue no chão saindo do galpão fétido.

— E aí, Lobo... dessa vez consegue uma linda garotinha para mim?

Estreito os olhos encarando Deany. Se havia um homem sujo e cruel, muito mais do que todos reunidos ali, esse era Deany. Ele mataria e comeria o fígado da própria mãe se Czar mandasse ou mesmo que não mandasse faria por pura diversão.

Deany, mesmo nenhuma das garotas denunciando, era responsável por metade dos abusos, se não bastava já capturar essas mulheres de suas vidas e famílias, ainda tinha esse animal que arrancava o último fio de alma que o corpo delas poderiam ter. E incitava muito dos outros homens a seguirem seus passos.

— Acredito que não descarreguei toda minha carga de energia, quer um joguinho, Deany? — dou alguns socos na palma de minha mão, como se me aquecesse.

— Não quero deixá-lo estirado no chão. — Diz rindo, mas eu sei que sua provocação não passa disso: Uma provocação inútil para aparecer para seus companheiros.

Balanço a cabeça com um sorriso. — Excelente escolha.

A enorme árvore no meio da calçada dava uma excelente visão da rua e um bom abrigo, eu era excelente nisso, um verdadeiro fantasma quando tinha alguém em minha mira.

Ela aumentou os passos olhando de maneira inquieta para as travessas escuras, assim como apertou mais o casaco ao redor do pescoço, a noite estava fria, não era uma noite para se caminhar. Mas lá estava ela, Adria inspira profundamente e um sorriso lhe escapa, acredito que ver a entrada de sua casa a tenha deixado mais calma, mesmo que ela ainda olhasse de um lado para o outro procurando algo. Escondo-me mais na árvore, na escuridão que os galhos e folhas produziam ela não conseguiria me ver. Não sei bem do porquê parei aqui, eu deveria estar tomando conta das garotas, fazendo a ronda mais uma vez.

Mas não, ela tinha se tornado minha pequena obsessão.

Volto a olhar, Adria entra no pequeno prédio, o bairro além de familiar era considerado bastante seguro, daqueles que os moradores se conhecem e sabem bem a rotina um dos outros. Eu sabia a dela, era a única que me interessava.

Adria era como um relógio, previsível como a maioria das pessoas, sabia, principalmente por já ter observado ela outros dias que morava no terceiro andar, que suas janelas eram viradas para a rua, sabia que era como um costume ela se sentar perto de uma das janelas por algum tempo e então pouco depois da meia noite o apartamento inteiro se apagava, a luz do quarto acendia por poucos minutos e tudo ficava escuro e silencioso. Logo ela estaria dormindo em sua cama.

Sua rotina não era diferente dos outros milhares de seres humanos, ela levantava geralmente às cinco e meia da madrugada, ajeitava suas coisas e às seis e dez estava saindo da garagem em seu carro. Todos os dias, como um pequeno relóginho programado. A parte incógnita era seu trabalho, mesmo pesquisando a fundo, não tinham registros ou algo detalhado sobre isso.

Olho em direção a janela que seria de seu quarto, perguntando em silêncio o que a doce Adria fazia, que segredos guardava e como eu estava maluco por descobrir mais sobre ela, descobrir sobre seus medos, o que tirava seu sono e o que fazia sorrir...senti-la de qualquer maneira, fazer valer minha vontade. A parte mais suja de mim queria degradá-la e uma coisa eu sabia, Adria jamais saberia o que a atingiu se isso acontecesse.

Havia uma porta de emergência no fundo do prédio, o que era comum, menos o fato dela ficar destrancada para que qualquer um entrasse ou talvez tenha sido questão de sorte para mim. Atravesso a rua e todo o espaço caminhando com tranquilidade.

Assim que chego ao andar, viro à esquerda, para a porta de Adria. Havia mais dois outros apartamentos neste andar, um estava vazio e o outro morava uma senhora. Não correria o risco de ser pego, como disse, eu era bom no que fazia... muito bom. Tiro minhas ferramentas para abrir a porta, pela primeira vez prendo a respiração quando escuto o clique baixo e giro a maçaneta.

Momentos assim faziam meu coração bater mais forte, não importa quantas vezes fizesse isso, não por medo, mas pela descarga de adrenalina por fazer algo que não deveria.

Ela era minha...



11

Em meu sono atordoado, estava vagamente consciente das mãos de alguém, em mim. Os dedos se arrastavam tão sedutoramente sobre meu corpo, que eu não conseguia segurar os gemidos. Parecia um sonho, mas o sonho era muito real.

Estou sonhando? Essas mãos estão sobre mim, de verdade? Eu não sabia. Minha cabeça parecia não querer saber. Tudo o que meu corpo queria era sentir e eu queria aproveitar cada toque. Principalmente por cada toque vir regado com o cheiro dele, e a constante imagem dos olhos azuis me perseguindo no escuro.

Pulando da cama, percebo que já era de manhã. Procuro pelo quarto, mas não havia nada. Foi um sonho? Parecia muito real.

Por outro lado, eu estava sob forte ansiedade, os dias passavam e logo eu estaria longe de minha cama confortável e minha vida estável, logo eu não seria mais eu... E talvez, tudo isso esteja mexendo com minha cabeça, pois eu não só estava vendo coisas, como estava sentindo coisas agora.

Estava no meu terceiro dia de observação, tinha tomado duas garrafas térmicas de café apenas essa noite. Espreguiço tentando expulsar a tensão dos músculos do pescoço.

— Você seria uma péssima agente de espionagem. — Baker comenta mudando o zoom de uma das câmeras da van de comando.

— Tenho dormido pouco, mas confesso que ficar analisando tudo por trás das câmeras instaladas nesse idiota não me ajudam em nada.

— Bom você não escuta esse velho aqui. — disse.

— Lógico que escuto, é apenas a pressão de tudo isso. A vida dessas garotas está em minhas mãos.

Baker retira os olhos das pequenas telas, me encarando.

— Adria, por isso mesmo você deveria ter passado em seu terapeuta, isso não é brincadeira.

— Eu sei que não. — Digo cortando-o. — Sei onde estou me metendo.

— Sabe mesmo? Aqueles caras não brincam em serviço, eles não se importam nenhum pouco com as vidas daquelas garotas, não gosto nem de imagina ao que você estará sujeita quando estiver dentro.

— Ei, velhinho, relaxe. Eu vou saber me comportar.

— Tente domar seu gênio, não abuse da sorte. — Alerta.

— Quantos sacos posso chutar? — brinco.

Baker riu, me fazendo sorrir para ele.

— Você tem noção que esse idiota estará daqui poucos dias em uma missão importante com você?

Coço a nuca tentando tirar a sensação ruim, quando entramos em uma missão disfarçada temos que confiar plenamente em nosso parceiro. Ele seria a única coisa confiável dentro da missão, seria a pessoa que estaria ali para qualquer coisa, em teoria seria não somente a pessoa que eu confiaria para levar todas as informações para a agência, como para cuidar de mim caso alguma coisa ocorresse, eu não teria mais meus contatos naquele mundo. Seria apenas uma dançarina de boate em busca de dinheiro fácil, e Luigi seria como uma espécie de cafetão, ou seja, em outras palavras minha vida estava nas mãos dele.

Eu poderia facilmente confiar se Baker fosse meu parceiro ou até mesmo o

agente dentuço que entrou agora. Mas em Luigi? Eu não confiava nem mesmo para buscar meu café expresso.

Sempre trabalhei sozinha, nunca fui designada para um disfarce com alguém em minha cola. Ainda mais designada a trabalhar com alguém que eu não tinha a menor afinidade e que apostaria que faria de tudo para salvar a própria pele.

Luigi Wenth era um porco chauvinista.

— Ainda não sei por que ele foi designado a minha missão, ele pode colocar tudo a perder. Eu estou estudando e analisando cada passo dos Rootns há dois anos.

— O diretor deve ter seus motivos.

Suspiro tirando o casaco do FBI, estava quase na hora de participar do show.

— Eu daria minha bunda para o chefe se ele trocasse Wenth.

Baker balançou a cabeça rindo. — Para seu azar nosso chefe é muito bem casado com Henrique.

— Seria uma boa tática. — Comento rindo.

— Hora do show, preciso ligar os microfones senão ele vai estranhar. Estaremos de olho, ligue sua escuta.

Bato dois dedos sobre a testa como uma continência, ligando a escuta em meu ouvido.

Coloco a pequena escuta, escondendo-a com o cabelo.

— Agente Hamer, pronta.

— *Venha para festa.* — A voz de Luigi soou abafada em meu ouvido.

Aponto para a escuta, torcendo os lábios. — Está vendo o que disse?

Baker segura o riso.

— Me sinto desconfortável entrar desarmada.

— Lara Croft, fique tranquila. Estou de olho.

— Ridículo.

Meus saltos entram direto no meio dos paralelepípedos da rua assim que saio da van. Na entrada da boate Penlin, passo pelo segurança mostrando minha identidade falsa. Seria minha primeira aparição como Pam Gomez.

O bar tomava quase toda a parede direita, a parede atrás bar tinha espelhos e garrafas de bebidas, Luigi conversava com um homem do outro lado da boate, duas mulheres dançavam em volta deles somente de lingerie.

— O que uma mulher como você está fazendo num lugar como esse?

Netlen. Ela seria como meu cartão de entrada para a organização.

— Que tal uma cerveja?

Ela sorri fazendo um sinal para o barman. — Duas cervejas, Matt.

— Hoje?

Balanço a cabeça negando. — Dando uma olhada.

— Aquele cara é um dos seus? — pergunta.

Net se virou cruzando as pernas de forma sensual, fazendo sua saia mostrar a barra da cinta-liga que ela usava.

— Suas cervejas, docinhos.

— Obrigada, Matt.

— Ele entrará comigo. — Comento assim que o barman se afasta.

— Ele chegou falando com um dos caras do Joe. — Ela olha disfarçadamente para os lados. — Conseguiu atenção deles.

Minha atenção foi capturada para ponta oposta do bar, a iluminação estava

péssima, mas eu conseguia ver um homem alto e provavelmente forte com uma jaqueta de couro e uma touca na cabeça. Não conseguia ver seu rosto, por mais que mudasse de posição no banco giratório.

Jogo o cabelo de lado chegando mais perto de Netlen. — Quem é aquele?

Ela disfarça entornando sua cerveja. Seu rosto encara por um segundo o homem que apontei.

Netlen fica de costas para ele.

— Lobo.

— Será difícil reconhecer já que não tenho nenhuma descrição de seu rosto.

— Ele é gentil. — diz, como se engolisse em seco.

— Como assim?

— A pequena invasão que teve no cassino, Deany relatou que eu discuti com duas novatas, as coisas se complicaram para mim. — Sussurra.

— Eles... o que houve com você?

— Estou legal, tá. Se preocupe em acabar logo com isso e nada de contatos excessivos quando me ver.

Bebo um gole da cerveja.

— O que seria um contador? — pergunto num sussurro, evitando que qualquer pessoa presente naquela boate desconfiasse de nossa conversa. Eu não deveria fazer esse tipo de questionamento aqui, mas minha curiosidade estava me corroendo.

— Cuidado, tem homens espalhados por todo lugar. Você quer nossa morte?

— Desculpe.

— Eu conto as baixas, quantas mercadorias saíram dos Estados Unidos e quantas entraram no esquema.

Pior do que eu imaginei. Olhei de novo para o tal de Lobo, ele conversava com dois homens tatuados, até que abriu uma porta secreta afastando um dos espelhos e sumiu da minha vista.

— Conseguimos gravar, Agente Hamer. — Baker diz pela escuta. — Pode sair, o Agente Went está se preparando para ir embora.

Um dos homens que conversava com o tal “lobo” fez um pequeno aceno com a cabeça, Net ficou rígida no mesmo instante. Tomou o resto de sua cerveja em apenas um gole.

— Nos falamos depois.

Concordo, ficando no balcão do bar para ninguém desconfiar. Sempre fui do seguinte esquema, entrar invisível e sair mais invisível ainda.

— Você é nova por aqui.

O cheiro forte de álcool foi a primeira coisa que chegou até mim.

— Eu saberia se uma mulher como você frequentasse aqui. Isso eu tenho certeza, gostosa. — O atrevido teve coragem de apertar minha cintura, invadindo meu espaço pessoal.

— Você deveria aprender a manter seus dedos gordos e nojentos longe, principalmente se o corpo for o meu.

O bafo de sua risada tocou minha nuca aumentando minha repulsa.

— Precisa de ajuda, Agente Hamer? — Baker pergunta.

Não, eu não precisava de ajuda, a ponta de minha faca pinicava minha coxa, seria fácil enfiá-la no meio de uma das bolas desse pervertido. Mas eu não poderia chamar atenção, infelizmente, mesmo que eu fosse adorar furar esse pinto nojento.

Viro no banco, abandonando minha cerveja, vendo que o cara era tão asqueroso quanto eu imaginei que seria.

— Ainda mais deliciosa.

Seguro os dedos gordos dele, torcendo-os para trás, vendo os primeiros indícios de dor aparecerem naqueles olhos esbugalhados dele.

— Você devia ter escutado quando eu falei para não me tocar.

— Olha... eu apenas achei que você era daqui, ok? Sinto muito. — Diz praticamente gemendo.

— Agora você entende o quanto é desagradável?

— Sim... sim.

— Você se importaria de olhar nos meus olhos quando eu estou falando?

— Já pedi desculpas, foi mal. — Responde.

— Agente Hamer, tem dois homens indo em sua direção.

Solto a mão do homem sorrindo ao vê-lo apertar os dedos que foram torcidos, suas bochechas começaram a suavizar o tom de vermelho que tinham assumido.

— Podemos ajudar?

Jogo o cabelo sorrindo amplamente para os dois capangas que surgiram em minha frente. Um deles estava conversando com o ridículo do meu parceiro.

— Ah, que cavalheiros, muito obrigada pela atenção. Mas eu e o senhor machão aqui já resolvemos nosso pequeno probleminha. — Respondo colocando um enorme sorriso no rosto.

— Steve? — Um dos brutamontes questiona.

— Desculpe, Try. Eu confundi ela com uma das garotas, já nos entendemos.

— E eu estou de saída, obviamente tomei um enorme bolo do meu acompanhante. — Levanto da banquetta, descendo o vestido curto como uma adolescente faria, levemente desajeitada ou tentando ser sensual.

Ando calmamente pela boate lotada, ciente que eu levava a atenção dos homens sobre minhas costas, pouco antes de sair meu olhar cruzou com Netlen

conversando com o homem encapuzado. E algo naquele homem, o lobo, me dava a sensação de *déjà vu*.

Sensação que eu já tinha visto esse homem em algum lugar. Mesmo não tendo a oportunidade de ver o rosto do “lobo”, o jeito como ele se movimentava... O tal de “lobo” toca o rosto de Netlen, fazendo seu olhar e atenção abandonar meu rosto e voltar para ele.

Eu precisava descobrir quem era esse homem, isso era o que eu precisava me focar em fazer.



12

Com Kiran lambendo meu mamilo e por vezes intercalando ao sugar suavemente. Esfregando meu clitóris com tanta delicadeza e ternura, que meu corpo inteiro vibrava. Ao mesmo tempo, que ele mudava de tática, chupando com força e rapidez. Ele batia em minha boceta com os dedos, mantendo-me em delírio. A gentileza, combinada com a brutalidade, fez meu orgasmo chegar com força. Ele o soprou, e ouvi sons de fogos de artifício em minha cabeça. As cores brilhantes parecendo dançar diante dos meus olhos, enquanto eu gritava e me contorcia a cada toque.

Foi o mais intenso e erótico sonho que já tive.

— Não foi você que disse não beber durante dias semanais?

Essa voz, sussurrado ao meu ouvido fez meu sonho retornar, lembrando bem dos detalhes.

Viro colocando um sorriso no rosto. — Menos nas folgas.

Kiran se senta ao meu lado, analisando-me. — Então temos algo comum.

— Um brinde as folgas. — Digo levantando me copo.

Encaro, e ele me fita em silêncio.

— Pode parecer uma cantata inútil, mas você vem sempre aqui? Já que é a

segunda vez que nos encontramos? — questiona.

Um sorriso se infiltra em meu rosto. — Algumas vezes.

— Então mora por perto?

— Razoável e você?

— Na verdade vim encontrar um amigo, mas vejo que ele encontrou algo melhor do que um cara barbado. — diz. — Desculpe por deixá-la aquela noite.

— Bom, me fez questionar se você era apenas alguém que eu perderia meu tempo.

Viro a bebida deixando uma nota de vinte dólares debaixo do copo.

— Acho que o destino está agindo ao nosso favor. — Kiran brinca.

— Não acredito muito, estou mais para a questão de perseguição.

Ele chega mais perto, evitando que o rapaz tentando passar pelas pessoas esbarre nele. — Confesso que perseguiria você com muito prazer, aliás, você está belíssima.

A maneira como Kiran me olha, diz exatamente o que queremos, muitos precisam verbalizar constantemente que desejam a mulher em sua cama, Kiran não diz nada, ele apenas olha...

— Saia comigo, amanhã à noite?

— Não.

— Não? — questiona surpreso.

— Tenho uma viagem de negócios, sabe como é, chata e frustrante.

— Entendo. Podemos marcar para quando voltar. — Seu maxilar está rígido. — Eu levo-a em casa.

— Isso não é necessário. — Digo levantando.

— Você não deveria andar sozinha a esta hora da noite, Adria.

Franzo a testa.

— A noite não é tão segura quanto pensa, mesmo parecendo uma rua calma nunca é uma rua calma. Existem pessoas ruins por aí, Adria.

— Acredito que consigo me defender sozinha.

— Venha, eu te levo. — diz, ignorando completamente o que havia acabado de dizer.

Kiran passa o braço por minha cintura, trazendo meu corpo para perto do seu, fazendo-me caminhar junto com ele.

Sigo Kiran até a frente do bar, ele caminha em silêncio até uma moto, de motos eu entendo tanto quanto a NASA entendia processos, ou seja, nada.

— Me explique porque caras como você sempre tem um moto?

Ele para de ajeitar a moto, me encarando. — Caras como eu? O que quer dizer?

— Vamos dizer que você não aparenta ser do tipo inofensivo, é misterioso e controlador, mas não de um jeito forçado como os caras tentam ser. Você realmente é assim, prefere deixar tudo sobre Kiran... Tá vendo, nem seu sobrenome eu sei.

— Você é observadora.

— Ossos do ofício.

— Deixe que eu cuido disso.

Kiran me puxa pela mão, ele me tocava com posse ou era apenas minha imaginação fértil se divertindo a minhas custas novamente. Ele me ajuda a subir na moto, dizendo algo sobre envolver sua cintura e segurá-lo com força. Encosto em suas costas, sentindo os pelos de meu braço se arrepiarem com o ronco do motor. Ele segue minhas orientações e como moro perto, não demora muito para que encoste rente à calçada.

— Obrigada pela carona, foi gentil de sua parte.

Entrego o capacete para ele. Era como se um ímã me atraísse para ele.

— Quer entrar?

Seus olhos encontram os meus, novamente me analisando.

— Melhor não.

Quero revirar os olhos, sério mesmo que eu em pleno século vinte e um estava bancando a vadia e ele o moço recatado? Que pecado tinha isso afinal, se amanhã estaria sendo outra pessoa, se ele, o carinha da academia não me veria tão cedo ou nunca mais?

— Às vezes é bom quebrar as regras.

Aquilo soou como um desafio, vejo pelos seus olhos que ele estava analisando bem tudo que dizia.

— Eu mais que ninguém sei é como quebrar as regras. — diz com a voz grave e sensual.

Tiro o molho de chaves de dentro da bolsa e em seguida abro a porta da entrada. — Vou entender como um sim.

Kiran entrou, fechou a porta e a trancou. Era como se tivesse intimidade com o lugar, seus olhos variam o pequeno apartamento aceso. Caminhando lentamente até a mesa de jantar entre a sala e a cozinha conjugada.

— Você tem um belo apartamento.

— Presente do meu pai. — Digo, retiro os sapatos e o casaco, deixando sobre o sofá.

— É uma bela de uma faca, o que uma garota como você faz com isso? Corta legumes? — Escuto o tom de brincadeira em sua voz sensual, mas tenho vontade de me socar por isso.

Merda, havia deixado a faca sobre a lareira.

Viro sorrindo amplamente. — Seria a única coisa que saberia fazer.

Kiran me analisa, franzindo um pouco a testa.

— Outro presente do meu pai, ele tinha uma enorme coleção de facas de caça.

Outro murro mental. Facas de caça? Só faltou mentir sobre ter cortado um cervo.

Kiran coloca a faca dentro do coldre novamente, deixando-a no mesmo lugar. — Você deveria tomar cuidado, ela pode fazer um grande estrago.

Murmuro algo desconexo. Ele caminha até mim, segurando minha nuca, puxando-me para um beijo áspero, a outra mão firme sobre minha cintura, puxando-me cada vez mais para si. Me acendendo por dentro como um fósforo.

Engancho seus dedos sobre sua camisa, puxando-o para mim, caminhando a cegas até meu quarto e mesmo com apenas a claridade da lua pela janela o sorriso de caçador que Kiran esboça ao me jogar na cama, basta para eu sentir minhas pernas moles e uma promessa de um sexo incrível.



KIRAN

Todas as coisas haviam desaparecido, não existia mais nada fora daquele quarto. Ela era minha única prioridade naquele instante, pouco me importava com meu celular vibrando pelo chão perto de minha calça jeans. Quando minha boca tocou sua pele um arrepio subiu pela minha coluna, como o mais delicioso banquete tivesse exposto para mim, ela era uma delícia, uma delícia misteriosa.

Quando Adria abriu as pernas um pouco, senti-a se abaixar para acariciar minhas bolas. Eu reagi rapidamente, segurando-a no lugar em cima do meu pau. Ela gemeu em frustração, mas rapidamente eu tinha a sua rendição enquanto acariciava seu clitóris e seus seios. Ela tentou mover-se novamente, mas a parei.

Eu precisava ser o único a dominar. Continuando a minha fricção, senti Adria gritar enquanto seu orgasmo estava se aproximando. Sem tempo a perder, agarro seus quadris e forçando-os para cima e para baixo em meu pau. Faço ela me montar rápido, sua respiração ofegante e os gemidos tornando-se fora de controle. Aperto seu seio com uma das mãos, mantendo a outra em seu quadril, o ato de apertar o bico de seu seio a fez jogar a cabeça para trás e eu aumentar o ritmo.

— Kiran — gritou gemendo e se contorcendo embaixo de mim. — Me morda, chupe a droga do meu seio — disse ela.

Seu pedido quase me chocou, mas este era o lado selvagem saindo. O lado que desejava ser fodida implacavelmente e confesso que adorei ver esse lado.

Firmei-a com uma mão e puxei seu cabelo para trás com a outra. Ela gritou, quando a puxei de volta para mim.

— Quer que eu te marque? — sussurro em seu ouvido. Ela gemeu de novo assim que agarro seu cabelo. — O que você diz? — Agarro seu cabelo com mais força, fazendo-a tremer e gemer ainda mais alto.

— Apenas faça. — Ela implorou, e eu quase gozei dentro dela naquele momento.

Levando minha mão até seu peito, continuei seguindo até chegar em seu queixo. Puxo sua cabeça para trás agarrando seu pescoço com firmeza. Chupo e ela geme, desesperada para se mover mais rápido, mas também para sentir minha boca sobre ela, desço para seu seio, mordendo a parte de baixo, para que não ficasse visível. Ninguém precisava ver, isso não era para os outros. Era para ela, quando ela se olhasse no espelho saberia a quem pertenceu.

Adria gritou e senti seu aperto em meu pau. Fecho os olhos, chupando mais forte em seu seio, sabendo que estava prestes a gozar.

Seguro-a com mais força, mergulhando meu pau dentro dela. Ela me deixa estabelecer o ritmo novamente, quando o prazer pulsante da sua vagina aperta meu pau pude sentir a pressão crescente em minhas bolas.

Permiti o prazer se formar enquanto eu a guiava para cima e para baixo, grunhindo. Gemendo, sentindo o orgasmo dominar tudo, turvando minha visão.

Meu pau bombeou a minha libertação sem parar. Ela geme novamente, enquanto empurro mais uma vez contra ela. Deixando minhas mãos de lado, Adria cai sobre mim, descansando com meu pau ainda dentro dela.

Fecho os olhos, respirando fundo e desfrutando do orgasmo inesquecível. Não sabia como, mas ela me deixava louco.

Levantando-se, ela fez uma careta, me fazendo querer perguntar se ela estava bem, se eu tinha ido longe demais com ela e do por que diabos ela estava saindo como uma fugitiva. Por que diabos eu deveria me importar se ela estava bem?

Adria caminha até o banheiro deixando a porta aberta, escuto o chuveiro ser ligado e o barulho do box fechando. Isso não é bem um convite para um banho coletivo, mas me sinto tentado a ir até ela. Assim como fico tentado em zanzar pelo seu apartamento e descobrir mais sobre essa mulher. Quando vi a faca sobre

a lareira não acreditei muito nessa história de presente, mas nos dias de hoje, eu sendo um caçador de mulheres era até entendível uma mulher ter algum tipo e proteção em casa. Se algumas delas tivessem pensado nisso, hoje não estaria aqui...

Respiro fundo, sentando na cama e abandonando esses pensamentos. Adria está de costa e mal percebe quando entro no box com ela.

— Eu esfrego suas costas.

Ela sorri, entregando uma esponja laranja de banho e o sabonete líquido. Gosto do fato dela permitir ser cuidada, eu queria cuidar dela.

Deslizo a esponja por sua coluna, nossos corpos colados pelo pouco espaço, meu pau roçava em sua bunda pronto para mais uma, deslizo a esponja pelo seu quadril, deixando uma camada de espuma sobre sua pele, ajoelho ensaboando suas pernas.

— Fale mais sobre você. — Escuto Adria dizer.

Fico de pé, trocando de lugar com ela, deixando que a água caísse sobre meu corpo. — Não tem nada especial a contar.

— Você é encrenca. — Adria diz sorrindo.

— Você não tem ideia. — Sussurro.

— Adoro sua tatuagem.

Seus dedos deslizam pelo lobo em minhas costas, trazendo os arrepios em minha pele.

— Você poderia ficar um pouco mais — ela sussurra.

Não foi difícil distraí-la no chuveiro para que esquecesse qualquer tipo de questionamento sobre mim. E as contáveis ligações, me traziam de volta para a porra da vida.

— Você poderia ficar um pouco mais se quisesse. — diz dando uma

visão do contorno perfeito do seu corpo, seu cabelo se espalhando ao redor dos ombros, deixando seus seios maiores e tão apetitosos como eu sabia bem que eram. A curva do seu corpo pedindo, implorando para ser agarrada e judiada novamente.

Deixei escapar uma risada áspera.

— Você é a provocação em pessoa, Adria.

Estava prestes a amanhecer.

Uma coisa tive certeza assim que deixei o corpo quente de Adria deitada em sua cama: Nada seria da mesma forma, não sabia explicar o que ela havia feito comigo. A única certeza é que não poderia deixar a parte mais podre de mim chegar perto dela, por outro lado, meu demônio interior ria dessa possível fraqueza, avisando que isso seria minha ruína.

Adria seria minha nova e única protegida.

Mesmo sendo mais silencioso possível, meus passos causavam barulho no piso de mármore.

— Onde você esteve?

Respiro fundo caminhando de forma decidida para sala de jantar.

— Bom dia, pai. — Provoco.

Czar não se importou, serviu-se de café e voltou sua atenção para o jornal do dia. Dispensando a assustada governanta para cozinha.

— Não respondeu minha pergunta. — Murmura enquanto passava os olhos pelas notícias em suas mãos.

— Um compromisso. — Digo sentando na cadeira vaga ao seu lado.

Czar abaixou o jornal, olhando para meu rosto por alguns segundos.

Sorrindo de leve ao imaginar que eu estava me aproveitando de alguma das garotas do depósito.

— Pelo seu semblante vejo que a *devushka*⁴ lhe satisfez.

Não respondi, prefiri tomar meu café em silêncio e que meu pai ficasse longe até mesmo do cheiro que Adria tinha, quanto mais longe ela ficasse da realidade obscura e nojenta que eu vivia, melhor.

Try entra pedindo licença, surrussa algo no ouvido de meu pai, o sorriso zombeteiro que lhe fazia graça nos lábios some trazendo o impiedoso Czar de volta.

— Prepare o carro. E você, tire o cheiro de diversão do seu corpo, temos trabalho. — Ordena para mim e seu capanga.

Do lado de fora, os seguranças aguardavam as próximas ordens de meu pai como bons cachorros, fui ter ciência de onde estávamos indo apenas quando chegamos. Seguimos para uma especie de escritório improvisado, os capangas mais confiáveis de meu pai já estavam esperando, inclusive Deany. Não compreendia como ele tinha conseguido subir nas graças dele, mas também não questionaria seus atos. A última vez que questionei um ato de Czar, fiquei trancado e amarrado num galpão fedorento sem comida ou bebida, passando frio por uma semana.

— Try, traga-o. — Czar ordena, sentando-se.

Try acena com a cabeça, saindo rapidamente do ambiente.

— Posso saber o que estamos aguardando? — pergunto.

— Logo. — é a única coisa que diz.

Não demorou muito para que Try entrasse carregando pelo colarinho um homem, a cabeça tampada por um saco de tecido, olhando para a aparência do homem, parecia mais um dos muitos cafetões espalhados pela cidade.

— Aqui está, chefe.

— Tire o saco. — Ordenou.

E assim fez o segurança.

Demorou um segundo para que o homem se familiarizasse com a cena a sua frente, suas feições endurecidas, mostrando todo o desagrado ao ser tratado como um nada.

— Creio que saiba porque está aqui.

— Oh, chefe... creio que sim. — Balbuciou, olhando ao redor, para cada um dos homens parados na pequena sala.

Czar nunca levava traidores ou contatos para seus reais lugares de trabalho, sempre para galpões abandonados ou depósitos esquecidos por Deus.

— Você esteve em uma de meus estabelecimentos, falando alto e se vangloriando, vangloriando-se demais *ublyudok*⁵.

— Ubly... o quê? — perguntou encarando o resto de nós.

— Bastardo. — Digo num murmuro.

— Não chefe, eu quero muito fazer parte disso e também se conseguir me livrar da garota que vem tomando meu dinheiro é muito bom. — disse o homem.

— Se você perde dinheiro como será um bom negócio para mim? — Czar pergunta rindo, assim como seus capangas o acompanham.

— Eu sou bom, tenho muitos contatos. — O homem rapidamente diz, evitando ser uma carta descartável.

— Chefe. — Try chama atenção. — Estamos precisando de alguns aliados no Leste.

Czar cruza os dedos sobre os lábios, olhando, analisando o cafetão como uma presa.

— Você... qual seu nome? — pergunta.

— Sebastian.

— Traga sua garota, Sebastian. E aí poderemos dizer se você está dentro ou

fora. — Czar diz.

— Obrigado, chefe. Eu voltarei.

Try acompanha o tal de Sebastian para fora, enquanto meu pai ri.

— Tivemos problemas com o último cafetão. — Digo.

Czar me encara, trincou os dentes que era possível ver o músculo saltar em sua mandíbula. — Você precisa se habituar com os negócios, esses vermes fazem parte do negócio e você tem que se habituar. — diz dando um murro na mesa.

Desvio os olhos para o chão, e escuto a respiração funda de meu pai.

— Você é meu filho e gostando ou não terá que assumir os negócios quando eu morrer.

— Você tem capangas fiéis. — Retruco.

Não sei como surgir e nem como se moveu tão rápido, mas em segundo estava encarando a porta, devido ao tapa que levei. Czar segura meu rosto pelo queixo, trazendo meus olhos para ele. Podia sentir meus ossos tremendo de raiva, o lado mais irracional se inflando, quase louco pelo tapa que recebi.

— Não me venha com desrespeito.

— Chefe?

Czar me encarou por mais um segundo antes de soltar meu rosto com brutalidade. — Vamos ao segundo compromisso do dia.

Sua saída do cubículo foi suficiente para que eu respirasse fundo, controlando-me. Não seria bom para meu respeito diante aqueles imundos se eu tomasse uma surra de Czar, isso tiraria minha reputação.

— Ela ficou vendada? — escuto.

— Sim, desde que chegou.

O soluço alto chama minha atenção, viro encarando uma garota nua

amarrada por cordas sujas e ensanguentadas, seu cabelo loiro estava opaco e sujo, ela parecia amedrontada e seus tremores eram capazes de sacudir todo seu corpo.

Não fico satisfeito como os restante dos homens naquele galpão ao presenciar o medo exalado em cada soluço ou tremor incontrollado que saía dela.

Deany passeia com as mãos pelo corpo da garota sem nenhum pudor.

— Senhor, por favor... acabe com isso, por favor não me machuque mais...

Ela falava virando o rosto como se tivesse tentando identificar onde estávamos, ao mesmo tempo que tentava fugir das mãos de Deany.

Merda! Essa garota não devia ter mais que quinze anos.

— Por favor, tire as mãos de mim, você já levou tudo. — disse chamando mais uma vez minha atenção.

Czar conversava um pouco afastado com Try, olhando por vezes para a pobre garota.

— Fale mais doceira, adoro escutar os gritos de apelo, não sabe como isso deixa meu pau duro. — Deany murmura para ela. — Você teve o prazer de conhecê-lo, quer mais uma chupadinha?

— FIQUE LONGE. — Grito, caminhando a passos largos até a garota.

— Uhul, vamos ter mais uma misericórdia do anjo Lobo? — Deany provoca.

— Quem é essa garota? Quem? — pergunto enfurecido encarando meu pai.

— Essa é filha de Otávio, ele estava dando algumas dores de cabeça. Tirou algo que era meu, eu tirei algo dela. *Eta krasivaya devushka!*⁶

Compaixão.

Isso que me esmagava o peito, indo contra tudo que fui ensinado, indo contra minha origem, indo contra tudo. Compaixão era o que eu sentia ao retirar

uma das garotas das garras desses vermes imundos, e agora vendo essa garota exposta, ferida em minha frente, algo perto de uma humanidade que eu não tinha me deixava furioso.

— Quantos anos tem? — Czar pergunta firme e frio.

— Quatorze, senhor.

Czar me olha com toda a maldade enrustida nos olhos. — Pode desposar se quiser, já que anda com tamanha dó de nossos inimigos.

Ergo o queixo encarando meu pai.

— Desposar? A menina foi abusada em todos os sentidos, seria uma maluca a quem casasse. — Digo de maneira fria, mas sentindo meu estômago contorcer com isso.

— Ótimo, voltou a pensar com clareza.

Pela visão periférica vejo Deany contendo o riso.

— Posso cuidar dela, senhor? — Deany pergunta, lambendo os lábios com ansiedade.

— Retire a venda. — Czar ordena.

O medo se multiplica no olhar da garota, esse medo era a gasolina que alimentava aqueles homens e o demônio dentro de mim, ele farejava o medo, se deliciava com isso e o Lobo dentro de mim estava sedento para começar a festa.

Tinha um motivo para meu apelido ser Lobo, tinha um motivo para os homens de meu pai me respeitarem e temerem por mim, eu era imprevisível, assim como o lobo, eu farejava sangue e me deliciava com ele, principalmente se fossem dos inimigos.

— *Ubit'yeye, Volk.*

Aquela ordem sussurrada ao meu ouvido, faz o demônio sorrir: “*Acabe com ela, Lobo*”

Queria tanto que ela não estivesse em minhas mãos, assim como a parte animal dentro de mim sorria por isso. Meus pensamentos fraturados deram-lhe uma pausa. Não poderia ter esperanças em tudo. Tinha ordens e minhas próprias escolhas. Simples, era simples.

Moral não tinha lugar quando se tratava de meu mundo, não importe quantas vezes eu lute para não ser o monstro que fui criado a ser, um dia a podridão tomaria conta.

— Os quero fora. — Digo olhando para Try, um dos melhores executores de meu pai, que estava inclinado contra uma parede com os braços cruzados. Deany estava perto da garota, com seus olhos de gavião em cima da pobre.

— Vai nos tirar da diversão?

Não sei quem disse isso, mas fez com que eu encarasse um por um com sangue nos olhos.

— Apenas tragam minhas coisas.

Um dos capangas sai rapidamente em busca de minha maleta, colocando perto da garota.

— Saiam todos. — Ordena Czar.

Vejo um por um saindo do galpão sujo, deixando-me a sós com a garota, que continuava choramingando baixinho ajoelhava e amarrada no chão.

— Quero isso feito.

— Será.

Czar dá um breve aceno de cabeça, sem nem mesmo abrandar. Batendo a porta de metal com força ao sair do galpão.

A garota fez um pequeno som angustiado chamando minha atenção, já lamentando por toda essa cena e lamentando mais ainda pelo que viria. Lágrimas sempre foram algo incompreensível para mim. Caminho em sua direção, ela tenta fugir, arrastando-se pelo chão.

— Ei. Pare! — ordeno.

Ela congela no lugar, seus olhos encarando os meus. Seguro seus braços ao mesmo tempo que pego uma de minhas facas na maleta.

— Por favor, por favor... — dizia voltando a soluçar com força.

— Cale a boca. — Retruco.

Corto as cordas que amarram seus punhos. — Eu vou soltar suas mãos, se tentar uma gracinha eu faço o que eles tanto esperam.

— Que diferença fará? Vai acabar fazendo de qualquer jeito. — Resmunga de forma valente.

Solto suas mãos e seus pés, analisando se vou ter que correr atrás dessa garota. Mas ela apenas massageia os membros, permanecendo sentada.

— Qual seu nome?

— Isso importa?

Franzo o cenho encarando seu rosto. — Gosto de saber o nome das pessoas que mato.

— Lize. — diz finalmente.

Ela me analisava, se movia devagar, com cuidado, como se pensasse que eu poderia ataca-la se movesse muito rápido. — Você não vai me estuprar e me torturar?

Eu quase ri. Isso é o que todos esperavam. Me viro para ela, meu olhar traçando seu rosto, notando a beleza oculta por traz de toda a sujeira e manchas de sangue.

— Você acha que faria isso? — pergunto em uma voz surpreendentemente calma.

— O homem que trabalha para você fez, diversas vezes. — diz com raiva e uma expressão enojada.

— Aí está a diferença, não sou aquele verme.

As sobrancelhas dela se enrugaram.

— Porém, você irá morrer de qualquer forma.

Procuo na maleta meu kit, retirando uma das agulhas que continha ali.

— Isso não irá doer, o máximo que sentirá é uma pequena pontada e logo cairá no sono.

— Porque está sendo gentil? — ela perguntou com a voz trêmula.

Fiz uma careta para ela por cima do meu ombro, eu escutava muito isso com as garotas.

— Não sou gentil, acredite. Poderia deixá-la tão fodida quanto Deany fez ou dez vezes pior.

Vejo seu corpo estremecer e o medo voltou a brilhar em seu rosto, isso é um bom sinal, sinal esse que não perdeu seu instinto de proteção.

Suspiro pesadamente e fecho a maleta.

— Isso se alongou demais, logo eles irão entrar e ver você viva não será um bom sinal.

— Não sei avaliar o que é pior, passar tudo que passei nas mãos dos seus capangas ou ter um toque de gentileza minutos antes de morrer.

— Você não consegue controlar sua boca não é mesmo? — murmuro.

Ela volta a se calar.

— Deite-se. — Ordeno, e assim ela faz.

Não me sinto gentil como ela mesmo disse poucos minutos atrás se farei exatamente o que um dos capangas de meu pai faria, lógico que não abusaria e nem torturaria antes da morte, mas isso não me tornava mais limpo ou mais homem. Quase podia sentir o demônio dentro de mim rodeando e salivando para que escolhesse a segunda opção.

— Isso será rápido.

Lize concorda fechando os olhos com força. Insiro a ponta da agulha em sua veia jugular, deixando o veneno invadir sua veia. Não era muito diferente da injeção letal que os Estados Unidos usam em seus criminosos, o veneno primeiramente paralisa a pessoa, diminuindo seus sistemas nervosos e respiratórios. Lize não sentiria nada, não sentiria dor, medo, não sentiria a falta de ar tomando-lhe os pulmões, muito mesmo seu coração batendo com força dentro do peito, como se buscasse uma forma de escapar. Se fechasse meus olhos e apurasse meus ouvidos poderia escutar o coração batendo de maneira descompassada, para então diminuir o ritmo até não se ouvir mais nada.

— Compaixão. Esse é um dos sentimentos que não tenho a muitos anos.

Levanto assim que escuto a voz de meu pai se aproximar.

— Você tem algo a me dizer?

Encaro seus olhos, negando em silêncio.

— Espero que tenha sido apenas um ato isolado de humanidade, até que passageira por você. Não tolero covardes no mesmo nível que não tolero traidores. — Czar ameaça.



14

— Se prepare, o chefe quer nos ver. — Luigi diz batendo sua pasta em minha mesa.

Baker e eu trocamos um olhar.

— O que é aquela camisa florida? — pergunto olhando Luigi sumir pelo corredor.

— Ele saiu em missão.

— Ele já entrou em contato com os Rootns? — pergunto surpresa.

— Pelo que Clain estava dizendo durante o café sim.

Recolho minhas coisas com pressa, deixando Baker plantado em minha mesa, enquanto caminhava seguindo para sala.

— Com licença, senhor. — Digo ao bater uma única vez na porta.

— Entre, Hamer.

Sento do outro lado da mesa, encarando Luigi com seu sorrisinho fácil e nosso chefe encarando um relatório.

— Estava falando para o diretor, que estávamos errados.

— Como assim, errados?

Luigi dá de ombros, o sorrisinho cínico ampliando-se no rosto.

— O agente Wenth esteve com os Rootns hoje pela madrugada, segundo seu relato e o relatório em minhas mãos. Joe Taranto não é o líder dessa organização.

— Mas senhor, temos fotos, testemunhas datadas até mesmo pela experiencia do agente Parker.

— Eu sei, agente Hamer. Mas temos prova vindas do agente Wenth que o chefe da organização não é Joe Taranto. — Ele vira-se para Luigi, ignorando minha presença. — Wenth relate o que você presenciou.

— Primeiro eles são espertos, nosso encontro não foi no Penlin.

Sério isso? Posso ter um AVC, o cara está a mais de dois anos estudando o caso sobre eles e somente agora percebe que eles são astutos? — penso suspirando.

— Fui colocado em uma van, eles deram várias voltas antes de encostarmos realmente no local do encontro. Eu não tive ciência até que tiraram o capuz de minha cabeça, meus pulsos também foram contidos. — Luigi continuou relatando. — Tinham dez homens ao meu redor, fui levado para um pequeno escritório montado, pelo que pude observar enquanto estava fazendo meu papel. Eles não trocam nomes, isso o informante da agente Hamer não mentiu.

Ele esboça um sorriso para mim, fazendo-me franzir o cenho.

— Já passei para o setor de inteligência e tecnologia os traços físicos.

— Seja breve, Wenth. — O diretor resmunga.

— Certo, eles são suscintos, não perdem tempo analisando, creio que assim como as garotas que sequestram eles preferem o famoso olho por olho. Pelos poucos minutos que fiquei ali, o chefe tem dois capangas que confia ou tem costume de escutar mais, um deles se chamava Try, não sei se é o nome verdadeiro ou uma maneira de se retratarem. O outro muito mais observou do que se meteu em seus assuntos.

— Precisamos colocar o plano em pratica. Eles não permitiram que

cheguemos perto demais se não tivermos dentro dos negócios. — Digo, visivelmente cansada dessa lenga-lenga que Luigi está apresentando.

— Nisso concordo com você, eles querem que leve minha prostituta. — Diz sorrindo. — Eles estão esperando meu contato, por isso, temos que separar a roupa mais curta e sensual que você tem e colocar esse plano em ação.

Nosso chefe dá a volta na mesa, deixando a pasta de lado. — Mesmo que eu queira esperar e termos um pequeno indício sobre quem seria o mandante dessa organização, receio que teremos que agir primeiro e depois nos preocuparmos com as papeladas oficiais.

— Estou pronto, chefe. — Luigi diz. — E você, Hamer?

— Estou pronta.

— Nada de atirar em mim, hein. — Luigi ri. — Sabe, as coisas dentro de missões desse porte são frenéticas, não há espaço para erro, estamos entrando no jardim desses traficantes, temos que conquistar o passe para a casa. Não quero que ferre meu trabalho.

— Ferrar seu trabalho? — pergunto enfurecida. — Eu salvei sua bunda quando a missão foi comprometida. Quer que tudo ocorra tão bem quando você, não é só meu futuro profissional que está em xeque, mas minha vida. Afinal quem vai ficar na mão deles vinte e quatro horas por dia, serei eu, agente.

— Não estou dizendo que não tem capacidade, mas não aceitarei erros.

— Espero que seu ego e sua ambição não subam a sua cabeça e lembre-se que sou agente federal assim como você. Estaremos no mesmo barco, remando na mesma direção. Ou seja, eu caio, você cai. — Ameaço.

— Agentes. — Baker repreende.

— Acho melhor se organizarem, estão dispensados. — Diretor ordena.

Luigi concorda, olhando para mim e Baker pela última vez, e depois caminhou para porta.



KIRAN

— Lobo?

Saiu da sombra olhando para Netlen. Seu rosto estava novamente marcado, seu olho esquerdo tinha uma forte mancha arroxeadada ao redor, assim como sua boca estava inchada.

— Quando isso aconteceu? — pergunto.

Ela passa a mão trazendo uma mexa do cabelo para o rosto tentando tampar minha visão de seus machucados.

— Estavam te procurando. — diz fugindo do assunto.

— Quando? — pergunto novamente.

— Não é nada demais, ok?

Sento, voltando a me esgueirar na sombra.

— Try estava te procurando, segundo eles tem novo carregamento chegando.

— Tanto faz.

Netlen estava indo embora quando digo: — Se perguntarem, você não me viu.

— Pode deixar. — Responde por cima do ombro.

IRLANDA, 1989

— Menino, não faça isso, sabe como ele detesta risos pela casa.

Paro de correr, sentando na banquetta alta da cozinha, Ginger derrapa parando ao meu lado me fazendo sorrir.

— Já é um milagre que ele não tenha descoberto que você abrigou um cão de rua. — Madeleine diz.

— *Papa zanyatoy chelovek.*⁷ — Digo eufórico.

Madeleine continua me encarando em seu processo de esfregar duramente a panela em suas mãos.

— Desculpe, Made, eu disse que papai é um homem muito ocupado para ver que temos um cachorro.

Ela suspira deixando a panela respirar aliviada por ter fugido da breve tortura, enxágua as mãos e vem em minha direção. — Seu pai matará esse cachorro, livre-se dele.

— *Bogom zhenshchina!*⁸ — Exclamo.

— Mocinho trate de me xingar na minha língua. E trate de não me olhar assim.

Respiro fundo, tirando a expressão mal-humorada do rosto.

— Papa não faria isso.

Ela sorri de maneira dúbia. — Eu colocaria esse pulguinto para fora...

Na manhã seguinte levante cedo, papa odiava atrasos para as refeições e eu aprendi isso das piores maneiras, como tinha avisado durante o jantar ele estaria em casa no período da tarde e eu teria um curto tempo para brincar com Ginger pelo jardim sem que ele nos pegasse no flagra.

Depois de um banho e do completo despertar meu estômago estava dando claros sinais de vida, paro no corredor olhando em direção a porta do escritório de meu papa, ele ainda estava conversando com seus homens, sorrio para um deles parado como uma estátua em frente a porta, mas é claro que ele continua parado, pouco se importando com meu cumprimento. Eram todos uns *sviney*⁹, como meu papa dizia.

Made estava limpando a bancada quando entro na cozinha, passo direto por ela, pegando algumas coisas para Ginger comer.

— Oh, menino, esqueceu a educação no meio do seu calção? — Madeleine questiona.

— Bom dia, Made, abusada! — Brinco e fujo do golpe de pano molhado que ela ameaça me dar. — Você viu Ginger por aí?

— Eu deveria ter dado umas surras quando ainda usava fraldas. E não, não vi seu cachorro pulguento pela casa, não me diz que o perdeu de vista.

Sento em uma das banquetas, comendo a maçã em minhas mãos.

— Ele deve estar escondido debaixo de minha cama, papa está em casa.

— Isso que me assusta. — diz colocando um prato em minha frente, evitando que eu sujasse sua bancada.

— Agora nossa refeição será feita na cozinha? Pendurados nessa bancada como macacos?

Madeleine arregala minimamente os olhos o que me faz sorrir.

— Não, senhor.

— Porque meu café não está fumegando enfrente minha cadeira, Madeleine? — Czar pergunta com um sorriso no rosto ao vê-la se atrapalhar.

Por vezes, acho que a brincadeira secreta de meu pai é ver Madeleine completamente desconcertada.

— Kiran? Em meu escritório. — diz sério.

O sorriso de poucos segundos atrás é engolido assim como o último pedaço de maçã em meu prato, Madeleine troca um rápido olhar comigo, mas sai em direção a sala de jantar.

Sigo meu pai pelas escadas, pensando em que transcrição eu poderia ter feito. Passo pelos homens de meu pai e entro no escritório, fechando a porta atrás de mim.

— Sente-se. — Ordena e assim faço.

Saber que ele ronda minha costa não me deixa mais calmo, muito pelo contrário. Papa nunca foi um homem amoroso como eu via com os outros meninos, ele sempre foi no sistema de portas fechadas e quando fazia algo que tirava sua paciência era castigado por isso, muitas vezes depois do castigo aprendi que lamentar ou chorar não eram coisas de homem, como papa dizia. E muito menos me atreveria a chorar em sua frente, papa não suportava choros, nem se fossem de bebês.

— Você tem algo a dizer, Kiran?

Engulo em seco. — Não, papa.

Ele dá a volta sentando-se em sua cadeira. Abre a primeira gaveta da mesa jogando em minha frente um osso comido. Ginger.

— Se não estamos com um problema de ratazanas no porão, creio que isso não é seu, certo?

Balanço a cabeça negativamente.

— Não compreendo.

— Não, papa. Isso não é meu.

— Então você poderia me dizer porque um de meus homens encontrou isso em seu quarto na noite de ontem?

Os batimentos aceleram, eu posso sentir meu coração batendo forte e descompassado dentro do peito.

— Papa...

— Estou esperando uma resposta.

Sabia que nada, nenhuma mentira iria me safar daquilo, encarar os olhos de meu pai sempre foi meu pior pesadelo, como disse, ele não era um homem amoroso, seu olhar não era de extremo encantamento por mim e quando fazia algo punível era totalmente cruel.

— Quantas vezes disse que não aceito mentirosos? Quer voltar para a rua? Não aprendeu nada do que lhe ensinei?

— Desculpe, papa, desculpe.

— Aquele cachorro servirá de comida para nós essa noite. — Sua voz rugia pela sala como um trovão.

— Não, papa. Não, por favor, eu vou mandá-lo embora.

Czar soltou uma gargalhada, fazendo-me calar.

— Você não deveria nem o trazer para minha casa. Mikhal. — gritou.

Em um segundo a porta se abriu, Mikhal entrou olhando diretamente para meu pai, ignorando minha presença, enquanto eu mal respirava ou poderia chorar.

Pobre Ginger. Madeleine estava certa, eu levei o pobre para a força.

— Leve Kiran para o galpão e o faça aprender uma lição.

— Sim, senhor.

Encaro meu pai com olhos esbugalhados pelo medo. Minha mão tremia ao lado de meu corpo quando seu homem me ergueu da cadeira como uma folha de *abeto*¹⁰.

— Papa? — imploro.

Ele me encara, um vinco está formado em sua testa e nos olhos o toque de crueldade. — Fique tranquilo, meu Kiran. Quando Mikhal acabar com você, será

o homem que eu preciso ao meu lado.

Gritos ecoavam pelas paredes sujas daquele galpão, não sabia se estava perto ou longe de casa. Mas sabia que ao ser jogado ali por um dos homens de meu pai eu não estava sendo bem visto.

Mais um grito e, meu corpo tremeu. Queria dizer a mim mesmo que era pelo frio, as fortes correntes de ar que entravam pelas grades lá no alto da parede. Eu tinha que ser corajoso, meu papa esperava por isso. Ele era um homem corajoso, temido pelos homens que trabalha com ele.

Mikhal e um outro homem entraram no galpão fumando e rindo, Mikhal ficou parado encostado na parede, enquanto o outro veio em minha direção. Mal vi sua mão se erguendo, mas o soco foi certo em meu olho, fazendo minha cabeça latejar na mesma hora.

Eu já tinha sido agredido quando morei nas ruas, eu me lembrava da sensação da dor e do latejar que ficava instalado na pele depois.

— Você vai aprender o que precisa esse tempo que vamos passar juntos.

Encaro o homem, mesmo que piscando por vezes para enxergá-lo melhor.

— Não sei porque o chefe perde tempo com um menino de rua. — Mikhal resmunga apagando o cigarro na palma de minha mão. A dor é tão forte que mordo os lábios para não gritar. Não quero dar esse pequeno triunfo para eles.

Conforme os dias foram passando e as agressões aumentando, um pouco de mim sumia a cada dia, algo se mantinha batendo mais forte que meu coração dentro do peito. Naquele dia eu percebi meu real legado na vida.

Papa chegou cedo no outro dia, os ferimentos do meu rosto não passavam de manchas roxeadas e meio verdes. Ele sorriu abertamente quando Mikhal relatou tudo com os mais diversos detalhes, entregou um terno do meu tamanho e me mandou me limpar.

Fomos a um café no centro da cidade, um verdadeiro banquete foi servido, assim como no dia que Czar me avistou pedindo esmola em uma das ruas da

Irlanda.

— Agora que você está pronto, vamos nos mudar.

Olho para seu rosto esperando que continuasse.

— Sempre soube que não me decepcionaria com você. — Czar diz sorrindo.

Quando o carro de papa estaciona em frente a nossa casa, eu não sentia mais aquele alívio por estar ali, não sentia vontade nenhuma de sair do carro. Madeleine abriu a porta, deixando meu papa passar, abrindo um seu belo sorriso para mim. Se fosse em outros tempos eu correria para seus braços, abraçando sua cintura e sentindo seu cheiro doce de lar, Made sempre foi assim para mim, ela cheirava a lar, a casa de mãe.

Mas os gritos das mulheres, os socos e tapas que recebi naqueles dias ou os homens brincando com as facas perto de mim, me fez retorcer e desviar de Madeleine.

Eu quis dizer que sentia muito, mas as coisas não eram mais as mesmas.

— Venha, Kiran. Temos trabalho a fazer. — Czar diz, chamando minha atenção.

Fecho os olhos, apertando os cantos. Deixando essas poucas lembranças guardadas dentro do baú, esquecido. Ali nas sombras eu tinha somente uma necessidade, um desejo consumia cada fibra do meu ser. Adria. Eu precisava vê-la novamente, nem mesmo que de maneira furtiva no meio da noite.

Quando cheguei ao apartamento de Adria e a vi desmaiada sobre a cama, é que comecei a pensar com mais clareza, aquele sentimento que me acompanhou até aqui me abandonou. Não a toquei. Na verdade, puxei uma sobre ela, para que ela não sentisse frio. Que coisa doentia era essa?

Paro no meio de sua sala, meu olhar se perde em cima da lareira, vendo o coldre da faca. Caminho silenciosamente até lá, tiro a faca do coldre, admirando o brilho que a lâmina contém.

“É um presente do meu pai” — escuto sua voz em minha mente.

— Adria, você mentiu... Sinto isso, mas o que você esconde de mim? — sussurro sentando no sofá.

Eu poderia revirar sua casa, caçar o que tanto atiçava minha curiosidade... Devolvo a faca para o coldre, colocando no mesmo lugar, como se nunca tivesse sido mexida. Suspirando, acendendo o abajur perto do sofá analisando a sala. Escuto Adria resmungar durante o sono no quarto, mas sei que isso não foi um alerta que irá acordar. Pela aparência de seu apartamento nada indicava, era um apartamento normal, elegante e extremamente limpo, poderia até dizer que Adria tinha algum tipo de toque por limpeza.

As almofadas do sofá eram simetricamente colocadas, assim como o tapete felpudo combinada com toda a decoração. Vou até sua cozinha abrindo e fechando armários, Adria tinha uma alimentação horrível. Uma enorme quantidade de salgadinhos em um dos armários e na geladeira comidas congeladas. Abro uma das gavetas me deparando com uma arma, uma Colt 1911. Pego-a vendo que estava destravada, o pior erro que um ser humano pode cometer. Uma arma destravada poderia causar tantos acidentes que seria inumerável até mesmo em pensamento.

Coloca-a no lugar, fechando a gaveta. Eu iria descobrir mais sobre Adria. Sua aparência e tudo que deixou transparecer não explicava porque tem uma arma na cozinha, em vez de ter garfos e facas, coisas comuns que uma mulher teria e essa história de ter ganhado uma faca de seu pai...

Agora eu teria que descobrir seus segredos, e vou adorar descobrir até seus desejos mais obscuros.



16

Aquela sensação. A mesma sensação de estar sendo observada, a mesma sensação de que alguém esteve aqui.

Saio da cama analisando cada canto de meu apartamento, o tempo lá fora está frio, as janelas estavam embasadas pelo choque de temperatura. Respiro fundo, inalando o cheiro de *vanilla* que o meu vaporizador espalha pelo ambiente, nenhum cheiro fora do comum, assim como tudo está exatamente igual, as almofadas do sofá estão do mesmo modo que deixei a última vez, caminho até a cozinha ligando a cafeteira. Por instinto abro a primeira gaveta, respirando aliviada por encontrar minha arma no mesmo lugar.

— Bom dia, tem alguém aí?

Pulo com o susto pegando instintivamente a arma e apontando para Baker.

— Ei! Sou eu! — Baker levanta as mãos, ao mesmo tempo em que devolvo a arma para a gaveta.

— Quantas vezes disse que não é nada legal entrar na casa de outra pessoa assim?

— Vim tomar café. — diz colocando um pacote pardo sobre a bancada.

Tiro o café da máquina, distribuindo em duas xicaras que pego no armário.

— O dia está chegando. — Baker diz torcendo seu bigode.

Encaro o velho amigo de meu pai.

— Quero que pense por trás de toda essa loucura, Adria, quero que mantenha em mente modos de sair se as coisas ficarem feias.

Coloco a xícara novamente na bancada. — Você quer que eu saia quando as coisas ficarem pretas demais?

Vejo o bigode de Baker tremer de leve, sei que isso significa que discorda de mim.

— Quero que seu instinto de autopreservação não fique no escuro. Adria não podemos controlar todas as coisas, por isso, se ficar pesado demais saia, abandone. Foda-se o que todos falaram, sua vida importa.

— Baker, eu respeito muito você, confio em você como meu pai. Mas não me diga que é para fugir quando as coisas ficarem feias, aquelas garotas dependem de nós, dependem que essa maluquice toda dê certo.

— Só quero que volte viva e bem, fiz uma promessa para seu pai e eu espero não quebrar por ele ter uma filha cabeça dura.

Reviro os olhos, tomando um gole do café. — Encontraram alguma coisa do retrato que Luigi passou para a agência?

— Nada, não há registro. É como se ele não existisse, pelo menos em nossos registros.

— Estranho, nem mesmo certidão de nascimento?

— Não. Estamos no escuro quanto a isso. Se Joe Taranto não é o grande chefe dessa organização como Wenth passou, estamos novamente no escuro.

Abro a boca para responder, mas sou interrompida por nossos celulares. — Dever nos chama.

— Adria. — Digo assim que atendo.

— *Agente precisamos de você no escritório.*

— Sim, senhor. — Digo desligando.

Baker encerrou a ligação me encarando, — Algo aconteceu.

O escritório estava uma loucura, agentes andavam apressados com papeladas nas mãos, troco um olhar com Baker indo direto para sala do diretor. Todos os envolvidos na operação Rootns estavam naquela sala.

— Agentes.

— Diretor. — Baker e eu dissemos juntos.

— Sentem-se, temos algo a discutir.

Meus olhos foram instantaneamente para Luigi, balançando-se em sua cadeira, um sorriso se infiltrava em seu rosto. Ridículo, sento na cadeira vaga ao seu lado, esperando que o diretor iniciasse a bendita reunião.

— E aí, tá pronta para ação?

Encaro Luigi pelo canto dos olhos, evitando entrar na onda que ele cria.

— Acho que será empolgante. — Sussurra novamente.

— Agente, chamei vocês porque temos um problema em vista. A CIA está em nosso pé.

— CIA? — Baker questiona.

— Eles retiram Rowsend de nossas mãos na noite de ontem.

— Como assim, Rowsend era nosso, parte importante para nos aprofundarmos na organização.

— O problema de ter os cretinos da CIA nos meus fundilhos é que eles não deixam as coisas como estão. Segundo o diretor da CIA, pelo fato de descobrirem que a organização está levando e trazendo mulher para dentro e fora de nosso país, foi o suficiente para eles se meterem em nossa operação.

— Anos depois de mulheres desaparecendo e outras sendo descartadas de forma nada discreta eles colocam as mãos na única prova concreta que temos do caso. — Digo.

— Sim, o diretor da CIA disse que os casos decorrentes disso passaram como um problema do FBI, mas quando Rowsend foi exposto por nós eles ficaram realmente interessados no que anda ocorrendo.

— O que faremos? — Luigi questiona. — Estamos a ponto de nos meter nisso. Desculpe, chefe, mas não quero correr o risco de a CIA invadir e eu tomar um tiro.

Vejo o diretor conter o iria falar.

— Vamos adiar, vamos nos infiltrar hoje. — Digo.

O diretor me encara, assim como o resto dos agentes.

— Não temos mais motivos para adiar, isso uma hora iria acabar acontecendo. Ou seja, tomamos a frente da operação deixando os cachorros grandes da CIA longe ou entregamos tudo de bandeja.

— Agente Hamer está certa.

— Diretor, não é melhor analisarmos? — Baker questiona.

— Agente Wenth você consegue contato com eles? Consegui coloca-los em ação?

— Sim, posso conseguir isso.

— Faça. — Ordena o diretor.

Luigi sai da sala, pegando o telefone, a sala permanece em silêncio enquanto vemos Luigi gesticular ao falar no celular.

— Me diz que ele está ligando de um telefone não rastreável. — Digo.

Baker me encara do outro lado da mesa, mas não responde.

A porta se abre brutaemente. — Tudo feito, chefe. Aventura começa hoje.

— As câmeras térmicas mostram três indivíduos. — Clain diz.

— Mesmo que eu quisesse, preciso que entregue seu distintivo e suas armas. — Baker resmunga, ele não está tendo nenhum trabalho em esconder ou ao menos não mostrar o quanto está insatisfeito.

Retiro minha *Glock*, entregando-a para um dos agentes que me aguardam com uma cesta estendia. Faço a mesma coisa com a *Black Sable*, retirando o coldre amarrado em minha panturrilha e a pequena, mas potente faca de meu pai. Colocando tudo na cesta.

— Cristo, agora entendo o porquê que os agentes dizem que não é para te levar na brincadeira. — O agente diz surpreso.

Dou de ombros rindo. — Sou uma mulher protegida.

— Essa princesa não precisa de príncipe. É assim que minha filha retrata a agente Hamer. — Baker comenta.

Sorrio, sentirei falta dos seus cafés matinais e de suas aparições sem convite em minha casa.

— Tem mais alguma coisa escondida por aí? — Clain brinca.

— Ei, tire os olhos daí campeão. — Digo. — Não tenho mais nada, agora sou apenas eu.

Eles concordam, voltando a seriedade da coisa.

— Agente, seu nome é Pam Gomez, você veio para os Estados Unidos em busca de dinheiro, os caminhos que te trouxeram para o momento até agora foram estudados por você, correto?

— Sim.

— Adria Hamer, não existe mais, todos os seus passos serão apagados, assim como sua casa será devidamente limpa. Teria algo que deseja guardar?

— O agente Stone, sabe do que preciso. — Respondo.

— Pode deixar, eu pego.

— Rapaziada... Adria, e aí podemos ir ou deseja tomar mais um café? — Luigi pergunta.

— Estamos prontos. — Digo.

— Agentes vocês estão por conta própria agora, boa sorte. — Clain diz.

Pulamos para fora da van, vendo eles partirem e é inevitável que sinta um receio tomar a boca de meu estômago.

— Vê se consegue se comportar como uma puta. — Luigi diz ao caminhar ao meu lado.

Chega! Jogo seu corpo contra a parede, apertando sua jugular, até que gostando de vê-lo vermelho em busca de ar. — Olha, não sei o que fez para o diretor colocá-lo junto comigo nesta operação. Mas você está nessa, portanto, faça a porra do seu trabalho.

Vejo seus olhos me fuzilando, solto sua garganta, indo para longe desse verme. Não poderia me contaminar com uma rixa qualquer que esse maluco faria.

— Você é astuta, Adria e os astutos senão tomarem muito cuidado, morrem cedo. — diz com raiva.

— Vocês demoraram.

— Essa puta quis me enrolar. — Luigi diz entrando no Penlin. — Esperava encontrar o chefe.

Já tinha visto esse homem... Ele coça o queixo sorrindo como um tubarão pronto para o jantar.

— Ele é muito ocupado para lidar com merdas como essas.

— Eu trouxe o que pediram, uma puta pela entrada na organização.

— Sua entrada não é apenas entregar uma puta e pronto. — diz outro surgindo das sombras. — Você terá que provar isso.

Um deles me encarava, de cima a baixo, como se buscasse algo.

— Qual é seu nome lindinha? — pergunta o que saiu das sombras, ele tinha uma enorme tatuagem no lado direito do rosto, uma caveira ou metade dele, deixando-o sinistro.

— Vá a merda. — Resmungo.

— Pam Gomez, aqui está tudo que tenho guardado dela, é só uma puta interesseira, veio em busca de dinheiro fácil e topou comigo.

— Ela já esteve aqui.

Encaro o homem parado na frente de Luigi. — Foi você... você arrumou a confusão com um dos clientes, não esqueceria tão fácil alguém que colocou meu melhor cliente com as bolas na garganta.

Luigi se vira me encarando, o olhar feroz.

— Então teremos diversão vindo por aí. — diz o caveira.

— O cara é escroto e se encostar em mim, eu vou arrancar definitivamente suas bolas. — Digo.

Eu não deveria ter me concentrado no sorriso de tubarão que os capangas me lançaram, se eu não tivesse prestado atenção teria visto e poderia ter desviado. O soco veio tão forte que me lançou para trás, esbarrando nas mesas e cadeiras, meus dentes cortaram minha bochecha e o gosto de cobre encheu minha boca.

— Você vai fazer o que esses caras mandam, porque agora é a putinha deles. — Luigi rosna, olhando-me vitorioso.

— Se eu não obedecer?

Eu queria na realidade perguntar que porra era aquela, porque Luigi tinha feito o que fez, mas eu sabia bem, vingança e pelo fato de querer aparecer para esses lunáticos.

— Acho que nos enganamos com você, Sebastian. Você pode ser valioso.

Luigi ou Sebastian para esses caras, abaixou sua mão, deixando de lado o tapa que estava pronto para me dar.

— Deany, jogue essa daí em uma das salas, mas não com as outras, deixe que ela aprenda como as coisas funcionam conosco. E você, Sebastian, venha comigo. O chefe pode recebê-lo.



KIRAN

— Kiran quero que vá buscar Orrel no aeroporto.

Paro na entrada da sala de jantar, encarando meu pai tomando seu café de maneira despreocupada.

— Orrel? O que está fazendo na cidade? — questiono arqueando a sobrancelha.

Orrel, sobrinho de meu pai, não era só tóxico e encenqueiro demais. Ele sequer poderia ser chamado de humano, já que toda a humanidade presente naquele garoto foi arrancada após a morte de seu pai. Então, por qual motivo ele estaria se refugiando nos Estados Unidos?

— Sim, vai ficar questionando meus atos? — Czar desvia os olhos do jornal, lançando um olhar feroz.

Desde daquela manhã no galpão, Czar tinha se mantido afastado e eu sabia bem o que isso significava, minha compaixão por aquela menina inocente tinha colocado dúvidas na mente perversa de meu pai, e Deus sabe que Czar não era de ficar em dúvidas por muito tempo.

— Não, senhor, vou tomar um rápido café e logo estarei a caminho.

Czar sorriu amplamente, tirando a expressão suicida que me encarava. — Perfeito filho, sente-se.

IRLANDA, 1999

— Tire essa cara emburrada, temos que resolver negócios na Irlanda. — Czar diz, sentando-se noutro lado do jatinho.

A fachada da casa de pedra da qual fui criado continuava a mesma, só um fator tinha mudado, tinha neve por todos os cantos, a pequena fonte que tínhamos no jardim da frente estava congelada, a água que antes caía como cascata agora estava como uma imensa cortina de gelo.

Saio do carro amaldiçoando meu pai em pensamento, meus pés afundando na neve sumindo naquele mar branco.

Czar atrai minha atenção ao gargalhar. — Kiran, se um dia pensasse que você odiaria tanto estar de volta em casa, eu teria trazido você mais cedo.

— Mal sabia que mantinha essa velharia. — Resmungo.

— Mantenho e sempre mantereí, aqui sempre será nosso lar e um bom refúgio. — Czar resmunga atravessando o gelo.

Der'mo!

— Senhor, chegou cedo.

Ultrapasso o jardim chegando a pequena escadaria, tirando aquela camada de gelo grudada em minhas calças, contendo o frio que subia pelas minhas pernas molhadas. Madeleine nos aguardava na entrada com a porta aberta.

— Madeleine, quanto tempo, espero que tudo esteja bem. — Czar cumprimenta calorosamente.

— Sim, senhor. Tudo está preparado.

— Ótimo!

— Senhor, Kiran. — diz de maneira formal.

Encaro por alguns segundos seus olhos e entro em casa, jogando o casaco pesado, cachecol e luvas na pequena poltrona da saleta.

O calor aconchegante que vinha da lareira deixava menos evidente meus tremores causados pelo frio.

— Vamos nos aquecer e logo descemos para o almoço. — Czar comunica Madeleine.

— Sim, senhor.

Noto que os olhos de minha mãe, pois Madeleine foi o mais perto que cheguei a ter uma figura feminina e amorosa cuidando de mim quando menino, me encaravam com frequência. Buscando uma brecha ou que encarasse seus olhos novamente. Mas eu não era mais aquele garoto estúpido que brincava de se esconder no meio de suas pernas, não existia nenhuma fagulha daquele menino. Portanto, ela não encontraria isso em meu olhar.

Continuo parado vendo meu pai trocar algumas informações com Mikhal, algo sobre nossa segurança e o que ele teria que fazer nos poucos dias que ficaríamos na Irlanda.

— Orrel está aqui? — Czar questiona.

— Sim, senhor.

— Ótimo, por enquanto é só, Madeleine.

— Com licença, senhores.

— Precisa de algo, meu pai? — pergunto desviando meus olhos de Madeleine.

— Não, vá se preparar para o almoço. — Czar me dispensa.

Subo a larga escadaria de bronze revivendo meus anos aqui, algumas lembranças são até doces demais, tão doces que me deixam enjoado. Olhando tudo, depois desses anos, sei que Czar não me adotou por ser auto piedoso e ter amor ao próximo, ele me quis por saber que existia algo ruim entranhado em meu ser. Era um soldado valioso para ele, fazia coisas que ninguém mais faria, nem com a mesma habilidade.

As risadas altas chegaram até mim quando abri a porta de meu quarto, depois do banho quente foi fácil acabar adormecendo.

— Estou ansioso para encontrá-lo. Ainda recordo bem daquele moleque franzino. — Orrel tinha um sotaque forte que ficava ainda mais evidente em sua voz grossa, marcada pela puberdade.

— Lembro bem de tudo que vocês apontaram no último verão. — Czar diz.

Suspiro lembrando também. Orrel perdeu o pai muito cedo, sendo criado basicamente por Czar, mesmo que a mãe lutasse contra isso veementemente. Assim que o verão se iniciou na Irlanda, Orrel veio para nossa casa, Czar nos acordava às cinco da madrugada, nos obrigando a tomar um rápido café e seguir para um dos galpões, lá aprendíamos tudo que tínhamos direito, desde defesa pessoal ou degolar uma pessoa. Em uma das pequenas lutas armadas por Czar, meu primo levava certa vantagem o que não era bom para minha imagem como filho e soldado leal ao meu pai. Mas Orrel naquele dia viu uma pequena brecha em minha defesa e se aproveitou dela, foi instinto de autopreservação, consegui buscar com o pé uma das facas e juntando o restante de respiração que tinha dentro de mim talhei o rosto de Orrel. Ele rapidamente soltou meu pescoço para tentar conter o sangue e os gritos de menininha que estava ecoando pelo galpão.

O sorriso de Czar para mim, foi o que meu deixou mais animado, era orgulho tatuado bem no meio daqueles lábios.

— Você deveria não ser tão obtuso, meu primo. — Digo sorrindo ao encontra-los sentados em volta da mesa farta.

— Aí está meu *ublyudok* ^u! — Orrel, levanta-se rindo.

Nós abraçamos como dois brutamontes, trocando alguns insultos em russo.

— Acalmem-se, garotos.

— Me diga, priminho, o que anda fazendo de produtivo na américa?

— Coisas comuns.

Madeleine entra na sala, depositando um prato imenso de sopa em minha frente, saindo quase no mesmo instante.

— Um dia, eu juro, me mudo para a América. Dizem que as inglesinhas têm um... você sabe. — Diz brincando.

— Continua tosco. Americanas são uma coisa, inglesas são outra, completamente diferentes.

— Tanto faz, desde que tenham uma boceta receptiva, para mim está perfeito.

Czar sorri. — Acredito que posso oferecer mais do que apenas mulheres animadas para você, meu garoto.

Orrel lança um olhar astuto, o que faz uma fagulha de raiva se acender dentro de mim. Meu pai sempre soube deixar o instinto de competição bem acesso quando Orrel e eu estávamos em sua presença. Será que esse é um dos motivos porque estamos ilhados nessa cidade de gelo? Mais um de seus testes malucos? Já não bastava as cabeças que eram arrancadas na américa?

— Topa um velho programa com seu primo? — Orrel pergunta animado.

Dou de ombros. — Por que não? Algo que me aqueça.

Naquela mesma noite fomos ao lugar mais sujo e perverso da Irlanda, um clube para cavalheiros onde a atração principal eram as mulheres nuas, se fosse apenas uma pequena casa de stripper no centro da cidade não teria mexido tanto com meu estômago, mas naquele lugar não apenas cultuavam um sexo nojento como se alegravam pelo banho de sangue que os homens faziam. As mulheres paradas em uma fila, cada homem escolhia a sua para fazer o que bem entendesse, desde abusá-las, maltratá-las, acorrentar ou chicotear e até matar. Ali o cardápio era farto e os monstros saiam para brincar com imensos sorrisos no rosto.

Um suspiro sai dos meus lábios, e obrigo minha mente a voltar ao presente. Por toda a vida fomos ensinados e doutrinados a sermos monstros, cruéis, frios e calculistas...

— Um rosto amigo.

— Orrel.

— Anime-se, primo. Assim vou acreditar que não está contente em me ver.

— Estar contente em reencontrar alguém que degolou uma antiga namorada e que agora está metendo seu nariz em meu território é difícil. — Digo amargo.

— Que isso, rapaz! — Orrel diz jogando sua mala no banco traseiro. — Ainda remoendo coisas do passado?

— Porque está aqui? — questiono, olhando para a pequena multidão que saía do aeroporto, passando por nos apressadas.

— Negócios, dinheiro... não é para isso que os homens trabalham?

Eu não caía nesses sorrisos frouxos e falso de Orrel, tinha algo sujo por trás, sujo e fétido.

— Foi ele?

Que tal entrarmos no carro, você começa a dirigir e quem sabe eu conto? — Orrel questiona ficando centímetros longe de mim, podia sentir seu hálito quente e embriagado batendo em meu rosto. Os sorrisos frouxos tinham finalmente desaparecidos.

Dou a volta, assumindo o banco do motorista e assim que Orrel sentou-se ao meu lado dei partida, encaixando-me no trânsito para fora do aeroporto.

— Que cidadezinha brilhante que escolheram morar. — Orrel exclamou quando atravessávamos o centro.

Suspiro em silêncio evitando dizer qualquer coisa. Sinto os olhos de meu primo sobre mim.

— Ok, vamos deixar as coisas bem claras. Estou aqui porque tem um carregamento em potencial que me interessa, na verdade apenas uma das belas moças que seu pai tem. Ela vale grande quantia para mim.

Desvio os olhos da rodovia, encarando seu rosto.

— Você nunca se meteu ou fez negócios com Czar. — Pergunto estreitando os olhos.

— Mas o chefe do meu chefe sim, e é por isso que estou aqui. — Diz. — Ou você acreditou que estava aqui para roubar seu lugar de cão fiel ao lado de Czar Baryshnikov?

Como não respondo, Orrel se torce todo no banco para me encarar. — Você, o Lobo feroz deixou de ser o queridinho nas barbas cruéis de meu tio?

— Cale a boca.

Ao contrário do que mando, Orrel se entrega a grandes gargalhadas, fazendo meu cérebro recorrer a imagem de minha faca cortando sua garganta, de seu sangue banhando meu carro enquanto eu apenas encosto em uma dessas paisagens desérticas e atiro seu corpo para fora, dando mais um corpo para a polícia e quem sabe o FBI tentar resolver o caso.

— Ei, retire esse olhar assassino do rosto. — Orrel acusa sério, encerrando a bendita gargalhada.

O silêncio toma conta do carro por alguns minutos. Mas é óbvio que ele não dura muito.

— O que você aprontou? Sério, meu tio beija o chão que você pisa.

— Talvez tenha me libertado da venda que cobria meus olhos. — Retruco.

Orrel me encara surpreso, abre a boca para dizer algo, mas decide deixar o silêncio dominar nosso redor novamente, assim ficando até quando entro na propriedade de meu pai.



18

— Coloque isso na cabeça. — O capanga empurra um gorro sujo em minha direção. — Eu posso agir como um cara bonzinho para não te assustar tanto ou posso ser o cara malvado. Você escolhe.

Pego o capuz contra vontade colocando em minha cabeça, tampando minha visão, pequenos flashes de luz ultrapassam o tecido do gorro mostrando de forma embasada para onde estamos indo.

Era um corredor largo, isso eu tinha certeza, assim como a luz era fraca, mentalmente fui contando a quantidade de passos que dava, 10, 11, 12... 20... E então paramos. Uma porta metálica foi aberta, o ruído era forte demais para ser uma simples porta de madeira.

O capanga me empurra fazendo-me tropeçar.

Será que o ato de vender meus olhos era apenas para aumentar a sensação de terror que eles cultivavam ou por tentativa de desorientação?

— Pode tirar essa merda da cara.

Arranco o gorro deixando meus olhos se acostumarem com a falta de luz, pisco algumas vezes para que minha visão se adaptem as novas condições.

— Espero que goste de suas novas instalações. — Debocha.

Recuo em direção oposta, querendo manter uma distância segura, sei que não posso demonstrar força ou noção de qualquer tipo de autodefesa, isso iria me

denunciar. Eu tinha que demonstrar fraqueza, assim como aquelas garotas demonstravam.

— Eu vou ficar aqui? — questiono dando uma olhada ao meu redor, as paredes eram de um azul envelhecido e descascado, havia um colchão do outro lado da pequena sala, sujo, sua tonalidade variava em grandes níveis de marrom. Não tinha banheiro, o que logo deduzi que era uma maneira de manter aquelas garotas ainda mais reféns de seu poder.

— Você não consegue ficar de boca fechada, né?

Sua mão toca meu rosto me fazendo pular para trás.

Ele sorri zombeteiro, divertindo-se. — Muitas chegaram como você, mas logo perderam as forças, entenderam finalmente que ao cruzar aquela porta, vocês não são nada. Apenas pequenas baratinhas da qual nós nos divertimos ao brincar.

— Vá a merda.

Ele ri, balançando a cabeça.

— Preciso ir ao banheiro.

— Sinto muito, nada de água, banheiro ou comida para você.

Minha respiração acelera com a raiva que circula minhas veias, eu poderia voar em cima desse idiota e estourar seus miolos.

— Aproveite a estadia. — Diz ao sair, batendo a porta com força, escuto uma série de clichês metálicos e o som de uma corrente.

Eles são espertos, não deixariam as portas apenas fechadas por um método de segurança. Engulo em seco olhando ao meu redor, chego perto da cama, se é que poderia chamar aquele colchão podre jogado no chão disso. As condições são de extremo maus tratos, não me surpreenderia se ao levantar esse colchão tivesse um rato morto. Não existia nenhuma espécie de janela, nada o que facilitasse a fuga, aos poucos vou memorizando cada mínimo detalhe para enviar aos meus superiores. Sento no chão, abraçando as pernas. Mantendo o controle, fazendo minha respiração voltar ao normal.

Uma corrente de ar frio entrava pelos dutos de ventilação no teto, assim como escuto vozes ao longe, mesmo que não consiga identificar o que eles estão dizendo, consigo identificar vozes femininas e algumas masculinas. A fina blusa de frio não estava sendo suficiente para aquecer minha pele muito menos a calça jeans. Levanto indo até a porta, batendo e gritando para chamar atenção. Mas de nada adianta, ninguém aparece, o que me faz sentar novamente esperando que alguém apareça.

Não sei quantas horas se passam, meus olhos estão começando a ficar pesados e meus membros rígidos e doloridos por ficar muito tempo sentada no chão sujo e duro. A porta abre devagar, evito encarar quem entra, prefiro esperar até que entre em meu campo de visão.

— Tome, isso deve manter você aquecida.

Me surpreendo ao ver Netlen.

— Esconda quando não tiver mais usando, eles não vão querer que a novata tenha privilégios.

O sorriso sarcástico brinca em meus lábios. — Privilégios? Tá de brincadeira?

— Bom comportamento gera recompensas aqui.

— Preciso ir ao banheiro. — Retruco.

Netlen me encara. — Não posso aliviar seu lado, Ad...

— Pam. Meu nome é Pam e se você não tem nada de bom para fazer, pode sair.

— Olha o que puder fazer para ajudar, eu tentarei, mas não vou arriscar minha cabeça por você.

Olho para seu rosto, mostrando o tamanho da raiva que me consumia. — Porque não me colocaram com as outras garotas?

— Você é como uma égua selvagens, eles vão adestrá-la. Não colocam nenhuma novata com as outras, olha. — Ela respira fundo, antes de continuar. — Não sei com o que você está acostumada no mundo lá fora, mas aqui é um verdadeiro inferno, tente não ser valentona.

— Acredito que você já falou tudo, obrigada pela coberta, mas pode sair.

Ela continua parada me encarando, mas não diz nada e sai.

Puxo a velha coberta enrolando-me nela, tentando aumentar a temperatura corporal. Fomos treinados para isso, eu mais que ninguém me dediquei aos treinos, eduquei meu corpo para que sobrevivesse a tempo de sede, a dor aguda que o corpo dava aos primeiros sinais de fome. Aprendi a controlar sentimentos, administrar as sensações mundanas e levar a mente e o corpo para mais longe disso.

Vai ficar mais difícil daqui para frente. — Digo a mim mesma.

Naquele lugar não existia noções de tempo, me rendi ao sono que aquele colchão sujo pode me permitir, mas alguma parte pessimista dentro de mim latejava de dor.

Acorde.

Outra dor aguda no estômago fez meus olhos se arregalarem e meu corpo se curvar, protegendo-se.

— Estava na hora de acordar.

Enquanto ele me olhava rindo, sua mão tampava minha boca e nariz, cortando meu oxigênio e fazendo meus dentes cortarem meus lábios. Meus pulmões buscavam incansáveis maneiras de fazer o ar voltar, apertando meu peito, como se tivesse tomado um soco no diafragma.

O soco na mandíbula dele foi o primeiro golpe que me ocorreu, ele soltou meu rosto, dando dois passos para trás, massageando a boca, os olhos perversos brilhavam de prazer quando ele voltou agarrando novamente minha garganta.

— Adoro putinhas duronas, aumentam minha vontade de fodê-las, mostrando o quanto você não é nada.

— Deany.

O tal de Deany continua com os olhos cravados em mim, afrouxando aos poucos o aperto em minha garganta.

— Quem te trouxe essa coberta?

Viro meu rosto para o capanga parado na porta, a mandíbula quadrada e os olhos negros, assim como o farto cabelo puxado para trás, preso em um coque.

— Eu te fiz uma pergunta. — Repete.

Limpo o sangue de minha boca com o dorso de minha mão, continuando em silêncio.

— Ele te fez uma pergunta. — Deany grita em meu ouvido, desferindo um generoso tapa em meu rosto, fazendo meus olhos lacrimejarem com a ardência em minha pele.

— Eu encontrei debaixo do colchão. — Resmungo, cuspidando o sangue da boca, quase atingindo o sapato de um deles.

— Corajosa, essa tem fibra.

Eles trocam um olhar, rindo, como se tivesse acabado de ganhar um prêmio.

— Preciso ir ao banheiro.

A gargalhada de Deany preenche o ar fazendo minha pele se arrepiar. — Faça nas calças doçura, ou melhor, tire suas roupas.

Encaro os dois.

— Vamos, eu dei uma ordem.

— Vá a merda. — Digo rastejando pelo colchão encostando meu corpo contra a parede.

O sorriso que ele me lança acende a luz vermelha no meu bom senso, esse cara não era de brincadeira, ele não tinha nada a perder naquele momento. Deany sobe no colchão me encurralando contra a parede, enquanto rasgava

minhas roupas sua língua encostou em minha pele me fazendo querer vomitar, o enjoo retorcia meu estômago a cada beijo ou lambida suja que ele me dava, do hálito bêbado também não contribui para que minha bile ficasse no devido lugar.

— Não! — Grito — Seu bastardo, me deixe em paz!

Ele sussurra algo no meu ouvido que eu não entendi, seus dedos apertaram meus seios se infiltrando para dentro do sutiã, torcendo meus mamilos. O limite foi sentir sua boca ali, foi sentir a mordida cruel e firme que ele aplicou em meu seio, a dor me fez contorcer, chutá-lo e socá-lo esperando que isso fizesse aquele verme se afastar. Minha blusa rasgada e presa em minha cintura e a calça ia para o mesmo caminho. Sua mão nojenta passava por todo meu corpo, subindo pelas minhas coxas e ao alcançar minha intimidade meu corpo tremeu, de nojo, de medo.

Quando ele retirou a boca de meu seio as lágrimas brilharam em meus olhos, envolta de meu seio direito tinha impresso quase senão todos os seus dentes, pequenas gotas de sangue brilhavam em alguns pontos onde a mordida tinha se intensificado.

— Ei, Glen, a putinha se mijou. — Deany riu alto. — Você não é tão valente quanto aparenta, não é mesmo? — pergunta esfregando a mão molhada pelo meu rosto, dando dois tapas em minha bochecha.

— Chega Deany. Não quero problemas com o chefe. — O tal de Glen reclama, olhando para os dois lados do corredor. Mal entrando na sala para deixar uma espécie de pote fechado perto do colchão, voltando para fora. — Coma. Se for uma boa menina pode ir se limpar.

— Senão, Deany aqui vem te pegar. — Cantarolou antes de se juntar ao outro na porta.



KIRAN

— Orrel. — Czar chamou, cumprimentando meu primo com um grande abraço.

Acompanhei os homens pelo corredor enorme de casa, o chão branco com pequenos detalhes prateados combinava com a decoração em tons de preto.

— Deve ser uma merda lidar com todo o trabalho sujo que o negócio de armas lhe dá, não é mesmo.

— Ah, tio, adoro ver aqueles homens se borrando. Assumo que tenho prazer nisso.

Czar sorri entregando um copo de uísque para meu primo, convidando-o a se sentar em nossa sala de estar. — Fico contente que você não tenha desapontado o nome de sua família. — diz bebendo sua bebida.

— Fico contente que tenha aceitado esse pequeno encontro. — Orrel diz sentando-se de forma relaxada. — Os negócios podem ser interessantes se você aceitar a proposta.

Czar mata sua bebida em seu copo, pousando o copo em cima da mesa. — Não sei no que seu tipo de negócio pode ser interessante para mim.

Orrel sorri, deixando sua bebida de lado. — Vincenzo aprecia algumas de suas garotas, isso seria de grande avalia, já que andei me encrocando com o pessoal do lado dele.

— Então limparei sua bunda como *ublyudok*¹² que é.

— Diferente do que pensa, querido tio, meu negócio com Vincenzo anda muito bem. E como bom ouvinte sei que anúncios três damas no submundo, elas são interessantes para ele e isso torna o negócio entre nós aceitável.

— Está disposto finalmente a encarar os negócios da família? — O sorriso que meu pai dava poderia fazer qualquer homem recuar pedindo desculpas, por se quer ousar trocar algumas palavras com ele. Mas Orrel nem humano era, aquele era sangue do sangue de meu pai e só por isso já eriçava os pelos de qualquer pessoa que soubesse o que o sobrenome Baryshnikov significava.

— O que acha, Kiran? Está se mantendo calado.

— Seus negócios, meu pai. — Meu tom não foi tão educado.

— Meu filho anda colocando algumas asinhas de fora, Orrel, acredito que o tempo que passará aqui pelos negócios pode ser bem aproveitado. — Desdenhou.

Czar tornou encher seu copo, colocando-se de pé. — Mandarei um de meus homens entrar em contato com você, Kiran pode levá-lo para escolher as garotas.

Ele coloca o terno, nos deixando sozinhos na sala.

— O que anda acontecendo entre vocês?

Suspiro de forma audível, encarando meu primo nos olhos, pela primeira vez desde que entramos na sala. — Punição.

— Punição? O que você andou aprontando?

— Czar acredita que minha compaixão pelas garotas possa estar estragando seu brinquedo favorito.

Orrel me encarou surpreso. — Compaixão? Estamos falando da mesma pessoa com quem eu passei metade dos meus verões?

Cerro os dentes. — Se quiser manter sua fachada de bobo da corte, acredito que os capangas de meu pai aprovariam...

— Ei, calma aí. Só fiquei surpreso. Não precisa me morder, lobinho.

Levanto, não me importando com as pequenas suplicas de curiosidade que Orrel disparava da sala para mim. Eu tinha algo mais importante para fazer.

— Lobo, me chamou?

— Entre e feche a porta.

Lutter concordou, obedecendo instantaneamente minha ordem.

— Preciso de um de seus serviços, mas que fique entre nós, se isso vazar de qualquer forma, principalmente para seu chefe, eu mesmo terei o prazer em sujar minhas mãos ao arrancar suas tripas para fora de seu corpo.

Lutter concordou novamente.

— Preciso que encontre uma pessoa, quero saber até sua preferência ao tomar café. Quero que me traga essas informações o quanto antes, entendido?

— Sim, senhor.

— Dentro desta pasta contém as informações para iniciar sua pesquisa, assim como o que eu desejo descobrir.

— Pode deixar, Lobo, trarei isso o mais rápido possível.

— Ótimo, pode ir. — Digo dispensando-o.

— O que faz você quase marcar seus passos no piso, primo?

Olho para trás vendo Orrel sentado na beirada de minha cama, bastardo, estava tão absorto em meus pensamentos que mal o ouvi entrar.

— Nada do seu interesse.

— Não desconverse, estou aqui a bons minutos te observando, algo está

mexendo com você. — O tom dele era de diversão, uma diversão muito perigosa. — Está ressentido por Czar?

— Não. — Encaro meu reflexo no amplo espelho do quarto.

— Não vá dizer então que é por uma boceta?

— Vou ter que lhe ensinar algum respeito novamente, primo? — ameaço voltando a encarar seus olhos. — Acreditei que apreciava seu pescoço a onde ele está e não pendurado em um espeto.

Orrel passa a ponta da língua felina pelos dentes, se divertindo as minhas custas.

— Proposta atraente, mas prefiro ver as bocetas que seu pai tanto esbanja.

— Eu deveria me importar com isso porque...

— Ah, quem sabe por uma pequena noite de diversão em família.

— Dispensio, tenho negócios, mas se quiser posso te largar na sarjeta da boate.

Ele sorri ficando de pé. — Estou esperando.

Depois de quase meia hora e estrada, ouvindo apenas os barulhos que os cascalhos faziam pelo asfalto com o carro em alta velocidade, encarei Orrel e seu enorme ego sentado ao meu lado. Não me interessava a vida que levava em Munique, mas a curiosidade bateu.

— Vale a pena entrar em dívida com Czar?

Orrel sorriu, olhando rapidamente para mim. — Apesar de não me meter nos negócios da família, eu tenho direito a isso, mesmo que o rabugento do meu tio diga algo contra. Mas os negócios em Munique são arriscados, mais do que mexer com garotas traficadas, meu amigo. E não é legal quando você é pego deflorando a filha do seu chefe, aquela vadiazinha me ferrou.

Ele ergue a barra da camisa mostrando o grande corte na direção do baço.

— O filho da puta me pegou em cheio. Só não terminou o serviço porque soltei que poderia arranjar as tais garotas.

— Moeda de troca. — Digo contragosto.

— Hoje em dia meu querido primo, trafico é melhor e mais rentável do que arma de fogo. Porque um cidadão iria querer ter uma arma se pode entrar no submundo e adquirir algumas putas e pronto, é ganho de dinheiro vitalício.

— Isso me enoja.

Orrel me encara, realmente me encara enquanto estaciono no fundo da boate.

— Agora entendi o que está acontecendo, você encontrou alguém, uma delas mexeu com você, não foi? Porque o Kiran que eu conheço é impiedoso, treinado e criado para matar, mais veloz que um lobo a procura de sua presa. Não é à toa que esse apelido foi lhe dado.

— Não é porque eu gosto de caçar que devo torturar a presa até perder a sanidade, o que meu pai aprova, o que os homens dele fazem é ainda mais cruel do que passar a faca pelo pescoço de uma delas e se sentir excitado pelo sangue jorrando, Orrel. É arrancar a alma dessas garotas na tortura.

Encaro a janela. — Homens como nós, não merecer se quer sentir algo como compaixão. Mas sinto, não sei porque, não sei qual ruptura isso conseguiu penetrar e Czar viu.

— Você sabe que as proteger, agir em nome disso, não te leva a nada, hoje você as protege em seu território e quando são vendidas por meros acordos cordiais ou grandes malas de dinheiro? Quem vai proteger essas mulheres, primo? Czar não é um homem piedoso e sequer posso chamá-lo de homem. Ele matou a própria mulher por traição e não se esqueça do meu pai.

Viro meu rosto para Orrel, vendo raiva pintar seus traços. — Isso nunca foi provado.

— Porque minha mãe foi taxada como louca e colocada longe de tudo e todos. Como você disse, não temos mais cinco anos e foi o próprio Czar que nos iniciou nessa vida.

— Vou levá-lo para Netlen, ela está hoje aqui e pode mostrar todo esquema para você, eu tenho algo a fazer.

— Ok. Cuide-se.

Orrel estava certo em somente uma coisa. Ter sentimento, qualquer tipo de sentimento era perigoso e destrutivo, fosse para o lado bom ou ruim, entrar na linha tênue entre a razão e a sensibilidade era o mesmo que deixar as desgraças sorrirem satisfeitas por sua escolha, as coisas eram fadadas a acontecer.

Eu estava à espreita, nas sombras, assim como sempre havia estado. Observando a entrada do prédio, aguardando até mesmo pelo pequeno vislumbre que ela poderia me dar ao parecer perto da janela como sempre costumava a fazer, mas nesta noite, isso não aconteceu. Não importe de quanto em quanto tempo eu olhava em direção a sua casa ou observava seu prédio. Adria não apareceu.

Eu estava irritado, querendo saber onde ela esteve nos últimos quatro dias. Estive parado nos arredores por tempo demais, me perguntando o havia acontecido. Atravesso a rua, sorrindo para senhora que cuidava das plantas.

— Boa tarde. — Diz me cumprimentando.

— Boa tarde, desculpe incomodá-la, eu sou novo morador... — enrolo, colocando um sorriso no rosto.

— Já sei, esqueceu o código de acesso. — A senhora sorri abertamente, largando as luvas de jardinagem de lado. — Isso é normal, muitas vezes até os antigos moradores esquecem, mas qual andar está morando?

— 3d. — respondo lembrando do apartamento desocupado que ficava ao lado do de Adria.

— Nossa, isso é muito bom, rapaz, agora que a mocinha saiu aquele andar ficaria basicamente vazio.

Forço mais um sorriso, entrando assim que ela destrava a porta. — Muito

obrigado pela ajuda.

— Imagine, meu rapaz.

No andar de Adria tudo está vazio, assim como a sensação de algo errado brilham de maneira incansável em minha mente. Certifico-me que ninguém vá aparecer antes de forçar a entrada no apartamento. Fecho a porta de maneira silenciosa atrás de mim, segurando firmemente minha faca em uma das mãos.

A sala está exatamente como eu me recordava, as almofadas perfeitamente alinhadas, o porta chaves vazio, assim como não havia nenhum casaco ou sapato no armário da entrada. Caminho como um fantasma pelo cômodo, analisando cada pedaço de espaço possível.

Meus olhos vão direto para a lareira antiga no meio da sala de estar, uma pequena camada de pó também cobre a superfície, assim como notei na mesa de jantar. Esse lugar foi limpo, extremamente limpo e abandonado.

Parte de mim não acreditava que Adria era o tipo de mulher que corre e se esconde. Ela é daquelas que enfrenta tudo de frente, então porque seu apartamento continha essa aparência de esquecimento? Vou até a cozinha vendo que o armário que continha mantimentos hoje não tem mais nada, estão vazios, abro a primeira gaveta, vendo que a arma que existia ali também havia sumido...

Pense, Kiran, o que você está deixando de lado, o que sua obsessão por essa mulher não está permitindo ver?

Guardo minha faca, indo até o quarto e não é uma surpresa notar que está igual aos outros cômodos, nenhum sinal de arrombamento, nenhum sinal de luta. E pouco acredito que se jogasse luminol com peróxido de hidrogênio em todo o ambiente não detectaria nenhuma gota de sangue. Assim como digitais, foi um serviço limpo, coisa de profissional.

Sinto meu telefone vibrar, fico satisfeito com o que mostra na tela.

— Sim.

— *Desculpe incomodá-lo, Lobo.*

— Encontrou algo?

— *Sim, acho melhor você ver com seus próprios olhos.*

Respiro fundo me sentindo como um bicho acuado, se minhas suspeitas tivessem certas, alguém tinha pego Adria e isso não era bom para a pessoa corajosa desse ato, eu iria caçá-lo e quando terminasse nem precisaria me preocupar em contar para Czar que tínhamos um outro aliciador pela cidade. O certo seria parar com tudo, deixar essa maldita obsessão de lado, talvez, apenas talvez, ela tivesse ido embora, recebido uma promoção no emprego e se mudado, mas porque isso parecia errado quando passava por minha mente?

— Estou indo, nos encontramos no local de sempre.

— *Ok.* — Lutter diz encerrando a ligação.



20

— Não demore. — diz abrindo a porta do banheiro.

Arranco o gorro fedorento quando a porta do banheiro se fecha, meu reflexo no pequeno espelho pendurado não ameniza minha raiva, meu rosto está marcado pelas constantes agressões, olheiras cobrem meus olhos pelas noites mal dormidas e as que não dormi. É complicado render-se ao sono quando você sabe que aqueles vermes poderiam entrar a qualquer hora...

Respiro fundo jogando uma grande quantidade de água em meu rosto, braços e nuca, mal sei quantos dias se passaram desde que cheguei, mas pelo fedor de minhas roupas e o cheiro de suor sei que fazem alguns dias. Preciso encontrar uma maneira de me comunicar com Luigi, passar tudo que tenho observado para os outros agentes, principalmente para o diretor, para que ele elabore algum plano de explodir isso daqui.

— Seu tempo acabou. — Anuncia do outro lado da porta. Essa voz é diferente, ele não é o mesmo que vem me acompanhando nos últimos dias, não que eu realmente veja os rostos deles, já que estou com o rosto sempre enfiado nesse gorro.

— Estou terminando. — Grito.

Ao me limpar e subir a calça rasgada vejo um pequeno plano se formando em minha mente. Volto para frente do espelho, forçando-o contra meu abdômen até escutá-lo quebrando, coloco um generoso pedaço por dentro da calça, mesmo sentindo as pontas perfurarem aos poucos meu quadril conforme ando. Isso serviria para defesa se aquele imundo do Deany voltasse a me visitar.

Coloco rapidamente o gorro, ficando de frente da porta, tampando a visão para o resto do banheiro, para que esse imbecil não note os pequenos cacos espalhados atrás da pia.

— Pronto. — Grito novamente.

A porta se abre quase no mesmo instante que fecho a boca, sinto o aperto firme em meu bíceps, assim como a sacudida que ele me dá.

— Eu disse cinco minutos.

— Desculpe, dor de barriga. — Retruco.

— Você acha que cairei na sua armadilha, já me alertaram sobre você, boneca. Eu corto sua garganta antes que consiga gritar.

O homem me empurra pelo caminho, fazendo-me tropeçar diversas vezes por não saber a direção que estamos seguindo, outra coisa que pude observar, eles sempre mudavam as rotas, por isso me leva acreditar que eu não estava mais no fundo daquela boate, estava em um verdadeiro cativeiro, mesmo que as paredes continuassem com o mesmo azul desbotado e sujo, assim como os dutos de ventilação no teto eram os mesmos, algo tinha mudado.

— Assim que possível trago sua comida. — Diz jogando-me contra o colchão imundo.

Espero para que a porta se feche para respirar aliviada e também soltar o pequeno gemido pelo corte que o pedaço do espelho quebrado fez em meu corpo. Merda. Termino de rasgar um pedaço de minha blusa, estancando o sangue, fazendo a pequena ferida arder ainda mais em contato com o pano.

Eu gemi, por que queria que ele continuasse tocando meu corpo, gostava do cheiro másculo de sua pele sobre a minha, assim como o sorriso que Kiran me dava ao terminar de beijar minha boca, eu não queria que ele sumisse na escuridão, muito menos que meus olhos entreabrissem ao ser chocalhada e perceber que o sorriso não eram de dentes brancos e hálito de hortelã como de Kiran, eram amarelados pelo excesso de bebida e cigarro.

— Aposto que você é uma foda quente. — Ele sussurrou em meu ouvido, trazendo minha consciência para o prumo. Sua mão apertando meus ombros contra o colchão, depois indo para meu pescoço enquanto a outra atingia meu seio em cheio.

Minha respiração se abalou e minha boca ficou seca. Eu queria gritar, mas ele enfiou um pedaço de tecido em minha boca, impossibilitando até mesmo que eu respirasse de verdade.

Ele agarrou meus seios novamente, rosnando baixo em meu ouvido: — Eles não sabem foder uma mulher como você, mas eu quero tanto, prometo que farei você gritar enquanto meto.

Ele estendeu a mão brincando com o botão de minha calça. Meu pulso batia em meus ouvidos e quando mais eu me debatia embaixo dele, mas me via amarrada e controlada por seus braços e pernas sobre mim. Inalei uma respiração profunda, expirando lentamente e de forma constante, me acalmando.

— Se você se manter quietinha deixo você curtir tanto quanto eu, ou posso apenas tomar o que quero. Que tal? — ele me encarava como um maníaco.

Concordo com um pequeno gesto, sentindo imediatamente o peso ceder sobre meus braços e pernas. Eu só precisava que ele continuasse acreditando nisso, para colocar minhas mãos no pequeno caco de espelho entre o colchão e a parede.

Mas então sua mão segurou meu cabelo, me fazendo gritar. — Não tente bancar a espertinha, já me alertaram sobre você. — Suas mãos apertaram meu pescoço, sufocando minha respiração. — Você pode chorar se quiser, muitas adoram, é só abrir as malditas pernas.

Me encolho, tateando o espaço em busca do caco de espelho, aproveitando enquanto ele se preocupava em abaixar minha calcinha, respiro aliviada quando meus dedos se fecham envolta do objeto, agradecendo até mesmo por sentir a dor ao furar a palma de minha mão.

Deixei um pequeno grito irromper de meu peito ao sentir o pau dele se esfregar contra mim. A onda de raiva encheu meus músculos e eu ataquei. Firmei minhas costas puxando seu corpo para o lado, vendo-o despencar sobre o colchão, dois golpes, foram apenas dois golpes que consegui dar antes que ele

voasse sobre mim. O primeiro foi um corte no lado direito do seu rosto, arrancando sua pele, rasgando uma linha direto de sua orelha até seu queixo e o outro um golpe torto em seu pescoço, vendo o líquido vinho derramando sob a pele dele.

— Sua puta. — gritou, acertando um tapa forte em meu rosto, o caco voou longe quando cai para trás, sangue escorria de meu nariz por meu rosto e pescoço. — VOCÊ CORTOU MINHA CARA!

— Seu doente, filho da puta. — Reclamo tentando conter a torrente de sangue que saía de meu nariz.

O punho bateu contra meu rosto, me deixando tonta, turvando minha visão. O resto foi um misto de dor e confusão, em minha mente vi Netlen e mais alguém pegando os dois braços, puxando o verme imundo para longe de mim, perdendo-o contra a parede. Mas também senti alguém me agarrando, levando-me dali.



KIRAN

— Não irá jantar, filho?

Czar estava com uma taça de vinho na mão, caminhando para fora da sala de jantar.

— Tenho um compromisso. — Digo.

Orrel aparece ao lado de meu pai, segurando um envelope entre os dedos, pelo visto tinham assinado o bendito acordo.

— Orrel trouxe notícias inquietantes hoje.

Mesmo os olhos de Czar colados em mim, desvio encarando meu primo. Se esse *sukin syn*¹³, tiver dito algo, eu juro que minha Randall¹⁴ ficaria feliz em ser alimentada com o sangue dele.

— Que tipo de notícias?

— Como sabe fechamos um acordo com aquele imbecil do Sebastian, ele trouxe sua garota para nós. Pelo relato de Try, ela é uma verdadeira obra prima.

— Ainda não vejo problema nisso, se for por aquele verme, posso dar um jeito nisso, se assim deseja. — Retruco.

Czar sorri, mostrando o sorriso afiado de um comandante cruel do submundo. — Ele está sendo bem utilizado, o problema está sendo com a garota.

Aguardo que ele tome seu gole de vinho e retome com o assunto.

— Ela tem dado trabalho para nossos homens, sabe que eu sempre quis o melhor para nossa família, ainda mais para quem nos serve com tanta fidelidade.

— Darei um jeito na garota. — Respondo friamente.

Czar dá a volta na sala, sentando-se confortavelmente em sua poltrona, erguendo o queixo ao olhar para mim. — Espero mesmo que você cuide dela, tenho um homem nesse instante remendando o rosto e pescoço porque a *suka*¹⁵ decidiu retalhar meu homem com um caco de vidro.

Aquilo me surpreende, em todos esses anos, vi mulheres fortes enfrentando aqueles homens, mas nenhuma acabou chegando aos ouvidos de meu pai, quase todas desistiram depois de alguns dias aprisionada.

— Espero que seu último ato de compaixão com a filha daquele bastardo não seja um problema entranhado em suas veias, meu filho.

— O que você deseja? Se quer a morte dela, eu trago sua cabeça numa bandeja. É só pedir. — Resmungo armando a postura.

Czar sorri satisfeito, pelo visto estava gostando de minha raiva contida, mesmo que essa raiva não tivesse nada com seus negócios, isso era coisa daquela erva venenosa que se embrenhou para dentro de minha mente, me fazendo questionar tudo...

— Matar não é necessário, por enquanto. Apenas faça entender como lidamos com mulheres como ela.

— Sim, senhor. — Digo virando em direção a porta.

— Antes de ir, filho. Quero que você vá com Orrel, estamos ajeitando as coisas para a operação de entrega das garotas, ficaria mais tranquilo se você acompanhasse seu primo.

Viro encarando os dois. — Onde será a entrega? Não acredito que seja um bom negócio nós arriscarmos atravessar o oceano com três garotas marcadas pela Interpol.

— Concorde com você, mas faremos a troca aqui mesmo, em nosso território. Por mais que o negócio tenha sido feito em família não vou arriscar perder meu melhor soldado.

— Isso poderia me ofender, titio. — Orrel retruca bebendo sua bebida, com os olhos cravados em Czar.

— As novas identidades e modificações já estão sendo realizadas por Martin, ele irá com você para verificar o pagamento.

— E meu chefe também mexeu alguns pequenos favores para que eu viaje tranquilamente de volta para casa.

Concorde com um pequeno gesto.

— Pode ir, vejo que está ansioso para sair. Aguardo você amanhã, pronto para os negócios.

Sabia que as probabilidades de encontrá-la ali seriam escassas, mas sabia do apreço que tinha por esse bar. Por isso escolho a mesa fora do foco das luzes, isso sempre foi meu rito, não chamar atenção era o primeiro passo se você deseja observar e não ser observado. Enquanto aquelas pessoas bebiam, rindo e totalmente descontraída, mal tinham noção que um cara qualquer estava sentado na pequena mesa alta no canto do bar, ganhando uma ampla visão de tudo que acontecia. Ali tinha a visão da porta principal, assim como o salão adjacente onde o barulho era maior.

Agora era aguardar.

Por um lado, a pequena espera de uma hora foi frustrante, ver tantos rostos femininos entrarem e saírem de meu campo de visão me deixava irritado. Por outro, analisar cada rosto me trouxe o dela... Não conseguia recordar o nome, mas eu já tinha sido apresentado a ela pela Adria, era a mulher de sorrisos fáceis, ela era solitária, do tipo que vinha para o bar em busca de alguém que fizesse suas pernas se abrirem, o que hoje não seria tão complicado pela gana que ela tomava sua bebida.

Saio do meu pequeno esconderijo atravessando a massa de corpos lentos,

preferindo agir antes que a bebida faça isso primeiro. Puxo o homem que está prestes a sentar ao lado dela, tirando-o do meu caminho, tudo que precisei foi manter a cara séria para que ele desistisse rapidamente.

— Acho que te conheço. — Digo sorrindo, usando a cantada mais furadas dos homens.

Ela me encara, buscando algo na mente.

— Kiran. — Respondo sua pergunta não pronunciada estendendo a mão para ela.

— Oh, claro. Amigo da Adria. — Diz sorridente.

— Isso mesmo, mas acho que sua amiga anda me evitando.

Ela toma um generoso gole sorrindo. — Adria é uma mulher durona.

— E tem que ser, pelo que aconteceu com o pai... é uma coisa horrível... Meu Deus, desculpe, estou sendo indelicado. — Digo com falso remorso.

Os olhos dela se arregalam minimamente, mas tiro minha confirmação dali. Lutter não estava mentindo, Adria era mesmo filha de um agente do FBI. O que mais aquela mulher me escondia.

— Ela contou? — Era um misto de pergunta com afirmação.

— Gosto muito dela, mas sinto que ao citar compromisso ela escapa por entre meus dedos. — Brinco.

— Mas ela vale apenas. Posso ver em seus olhos.

— Desculpe, isso irá soar muito indelicado. Mas você sabe quando ela retorna para cidade? Pelo visto não foi hoje.

— Ah, eu não posso te ajudar, não sabia que ela tinha se afastado da cidade.

Analiso seus olhos, notando o tom de surpresa, ela realmente deveria estar no escuro quanto ao paradeiro de Adria e, se ela não contou para sua companheira de bar, significava que não eram tão amigas assim.

Adria mantém mais segredos do que Lutter conseguiu descobrir.

— Realmente ser assistente do senador deve ser esgotante. — Comento, pelo canto dos olhos vejo o sorriso sem graça que ela me lança. Talvez aí estaria mais uma das mentiras. Será mesmo que ela era assistente do senador? — Mesmo assim, obrigado.

— Não quer beber algo comigo? Poderíamos ser companhia uma para o outro.

Esboço meu melhor sorriso, agradeço e vou embora. Ali não me traria as informações que eu precisava.

Novamente invado o apartamento dela, por incrível que pareça seu cheiro ainda está presente no ar, como se ela tivesse passado neste exato segundo. Porém, sei que isso não ocorreu, o apartamento continua do mesmo jeito, nada fora do lugar e nada para me dizer. Mas isto não impede que adentre o quarto, que mexa em gavetas ou que procure os segredos e o motivo do sumiço dela por todos os cantos.

Dirigir geralmente era uma pequena válvula de escape quando precisava aliviar as pressões do dia, mas hoje isso não me ajudaria, não importa o quão fundo pisasse no acelerador e quão rápido o carro me correspondesse. Hoje não funcionária.

Onde ela estava? Essa porra não saía de minha mente. Por que diabos seu apartamento foi limpo? E quem era Adria Hamer de verdade? Essas perguntas também não deveriam orbitar meus pensamentos, eu estava ali por um propósito, vivia simplesmente para executar o que fui criado e ensinado para fazer melhor que qualquer outro. Eu era basicamente o culpado de declarar muitas pessoas para o inferno. Então porque, depois de todos esses miseráveis anos eu estava pela primeira vez questionando tudo isso? Por causa de uma porra de uma foda?



22

— É bom que se comporte.

Caio sentada, encarando meu agressor com repulsa e ódio nos olhos, mas ele não se abala, manda um beijo em minha direção antes de trancar a porta. Ao escutar todas as trancas se fechando e os passos dele para longe respiro aliviada, olho pela primeira vez ao meu redor e rostos, diversos rostos é o que eu encontro.

— Você é de onde?

Viro encarando uma mulata, sentada do outro lado do quarto encostada contra parede.

— Nova York. — Minto.

— Sou do Brasil. — comento.

Olho para o restante da sala, vendo todos os tipos de mulheres, devia ter umas dez garotas ali, algumas tinham grandes hematomas no rosto, outras tinham os punhos e tornozelos marcados, até mesmo o pescoço de algumas garotas estavam marcados.

— Quanto tempo vocês estão aqui? — questiono.

— Isso importa, já nem sei meu nome. — Outra menina responde, por sua aparência eu não daria mais que dezessete anos para ela, mas suas feições eram duras, seus olhos demonstravam que apesar de sua aparência nova tinha visto e sofrido demais.

— Meu nome é Andreia. — Responde a mulata.

— Pam. — Retribuo.

— Eles foram cruéis com você. — Uma garota morena chega mais perto de mim, analisando meus ferimentos. — Isso significa que você testou os limites, garota estúpida.

— Kim, não fale assim. — Andreia repreende. — Não ligue, algumas de nós já se desligaram da humanidade faz um bom tempo.

— Imagino como vocês devem ter sofrido, temos que arranjar um jeito de fugir.

A tal da Kim gargalha, — Você ainda tem esperanças? Deixe-os te levarem para os clientes então.

— Clientes?

— De dia ficamos trancadas aqui, tem outras meninas espalhadas em algum lugar desse inferno. De noite, alguns deles vem nos buscar.

— E onde nos levam? — questiono.

— Não sabemos, eles tampam nossas visões, trocam de turnos quase todos os dias...

— E os caminhos também. — Responde outra garota.

— A verdade é que somos jogadas em um buraco menor que esse, nos trocamos e somos a sobremesa desses idiotas, porcos de uma figa.

Vejo a olhada feia que Andreia dá para as mais esquentadinhas, como se tentasse alertar para não falar demais, como se monitorasse as outras de perto. Uma observação que sempre esteve presente durante as investigações é do porque não havia nenhuma mulher comandando essas garotas, porque só homens? E agora, sentada ali, rodeada de mulheres, eu percebia que eles não precisavam ter uma mulher fora do cativeiro, eles poderiam muito bem ter uma dentro, uma que controlasse as outras, que fosse astuta o suficiente para aproveitar os dias ruins e fazer um acordo com o diabo.

— Quantos anos você tem? — uma loirinha, miúda e magra sai do fundo do cômodo vindo até mim. Seus olhos azuis estão apagados, seu rosto sujo, assim como suas roupas.

— Trinta e dois.

Vejo um pequeno brilho surgir em seus olhos. — Sorte sua, as mais novas sempre somem, não sabemos o que acontece com elas, mas já percebemos que as mais velhas sempre ficam como escravas deles.

— Quem aqui tem menos de vinte e cinco anos? — pergunto.

Assombrada com o número de meninas que ergue timidamente as mãos.

— A questão, Pam, é que os clientes podem fazer o que quiser conosco. Como Tasha disse, as mais velhas viram prostitutas e escravas aqui dentro, já que as mais novas sempre somem primeiro. — A tal de Kim vira-se mostrando as costas, mesmo com a luz fraca do ambiente vejo vários cortes em suas costas, alguns tão grosseiros e profundos que deixariam cicatrizes horríveis.

— Você terá sorte se continuar inteira depois de poucas semanas.

— Chega meninas, logo eles estarão aqui e não queremos sofrer por contar demais para a novata. — Andreia diz, fazendo as outras recuarem para seus lugares.

O som das travas faz minha pele se arrepiar, eu já não tinha boas lembranças da porta se abrindo. Mas suspiro contente por ser Netlen quem surge na entrada.

— Vim trazer a comida de vocês.

Ela me olha por um instante antes de retomar o trabalho, quando abre mais a porta vejo que não está sozinha um capanga acompanha seus passos, ficando de guarda na porta. Aos poucos ela vai entregando para todas as garotas, mas quando se agacha em minha frente é repreendida pelo capanga.

— Essa daí ficará com fome.

— Desculpe. — Escuto Netlen dizer baixinho, voltando para o pequeno carrinho, devolvendo o pote de alumínio.

Aquelas garotas eram tratadas como animais, eram agredidas, torturadas e ainda não tinham direito nem um par de talheres para se alimentarem. Apesar que eles estavam certos, eu poderia planejar alguma coisa com um garfo, assim como fiz com o caco do espelho.

— Ei.

— Novata... — escuto baixinho, viro o rosto, vendo uma ruiva acenar rapidamente para mim. Saio de minha posição no canto oposto, sentando ao seu lado. — Posso dividir com você, parece faminta.

Acho que o primeiro sorriso sincero se mostra em meus lábios.

— Obrigada, mas coma. Eu fiquei bons dias sem comer, já sei como é o modo operandi deles.

— Você não é como nós... — sussurra colocando um punhado generoso de comida na boca e lambendo os dedos.

— Como assim? — questiono arqueando a sobrancelha.

Ela dá de ombros.

Permito que ela continue comendo e que sua observação sobre ser diferente delas, acabe no esquecimento.

— Sabe... — diz mastigando. — Fique esperta com algumas garotas.

Encaro seus olhos, vendo o toque de verdade espelhados ali.

— Algumas sabem bem como tirar proveito deles, principalmente do chefão. — Quando ela diz isso encara diretamente Andreia, comendo mais afastadas das outras garotas.

— E o Lobo? — questiono, vendo seus olhos se arregalarem.

Ela suspira, abandonando a comida. — Faz tempo que ele não aparece,

pelo menos aqui. E isso dá espaço para os caras lá fora fazerem o que quiserem conosco. Não que eles não façam mesmo com ele vindo, mas eles têm medo, ficam mais contidos.

— Quantos anos você tem? — pergunto admirando as pequenas sardas em seu rosto, o cabelo alaranjado com cachos emaranhados.

— Vinte.

— E...

— Como vim parar aqui? — advinha minha pergunta, concordo esperando que responda. — Oportunidade de vida melhor, fiz um intercambio para Nova York, estava procurando empregos em agência de modelos. Um dia um homem me parou, fez algumas perguntas e me convidou para tomar um café.

Posso até imaginar a cena em minha mente, uma garota nova, numa cidade desconhecida...

— Eu fui burra, meu pai sempre falou para não dar atenção a estranhos, mas lá estava eu, indo com esse cara para tomar um café, ele soube me enrolar, deve ter visto minhas pastas ou devia estar me seguindo, não sei, o que me lembro é que virando uma rua, outro rapaz me segurou por trás tampando meu rosto com um pano úmido. O que recordo no final é de estar sendo jogada numa sala imunda e depois me juntar a elas.

— Quanto tempo faz isso?

Ela me encara, um sorriso desanimado no rosto. — Acho que alguns meses ou ano... perdi a conta.

Com os dias vieram a regularidade e a rotina, eles permitiam que fôssemos aos poucos no banheiro, sempre sozinhas e acompanhadas de dois capangas. Comigo a única diferença pelo visto era a alegria que eles tinham em me aterrorizar, desde mostrar que usavam armas ou quando o tal de Deany era um dos caras, ele sentia prazer em me encurralar contra a parede passando a faca sob meu rosto numa ameaça velada.

De noite as meninas mais velhas eram levadas encapuzadas para fora, como desconfie, Andreia era a única que não sofria tantas ameaças como as outras, ela era privilegiada, todos sabiam, mas ninguém sequer questionava ou parecia se importar com isso. As garotas que ficavam naquele cômodo eram as mais novas, durante algumas noites elas saiam, demoravam para retornar, mas quando voltavam estão limpas e posso dizer que tinham até um pequeno toque de maquiagem pelo rosto.

— Tudo bem? — questiono assim que um dos capangas empurrou Erika em minha direção, seus cabelos ruivos estavam penteados e limpos.

— Eles nos fizeram tomar banho e não banho na torneira do banheiro, banho mesmo.

— Não veria isso como um bom sinal. —Digo quebrando o sorriso que aparece em seu rosto.

— Sou tola. — diz de maneira tristonha.

— Não pense assim, só que eles não dariam um privilegio por nada.

Eu mesma mal sabia quantos dias tinham se passado, senão semanas sem que eu pudesse entrar realmente debaixo de um chuveiro. Os banhos com água aquecida e meus produtos de higiene pareciam remotamente um sonho.

— Eles estavam nos catalogando.

Encaro Kim, sentar perto de nós.

— Tráfico. — Digo mais para mim mesma do que para elas.

— Exato. Escutei um deles dizer que três garotas foram escolhidas e vendidas para um cara grande.

— Por Deus. — Erika exclama com olhos arregalados.



KIRAN

Saio do banho com a toalha enrolada na cintura, passando a mão pelo cabelo úmido. Jogo a toalha sobre a cama, colocando a calça e o coldre da faca, dando a volta no quarto para pegar minha faca sob o travesseiro, assim como a arma.

— Vejo que já está de pé.

Encaixo a arma no coldre embaixo do meu braço, colocando a jaqueta preta por cima. — Mesmo de costas eu poderia atingir sua orelha daqui.

— Meu Deus, quanto mal humor, primo.

Viro para encarar Orrel. — Estamos atrasados.

— A boceta me manteve aquecida por um longo tempo. — diz rindo. — Três buracos em uma noite só, verdadeiramente uma boceta de luxo. Melhor maneira para me despedir dos Estados Unidos.

— Sairemos em quinze minutos. — Digo saindo do quarto. — Eles estarão esperando em um dos armazéns de Czar.

Caminho pela casa, até a entrada, precisava de homens que confiava comigo, não iria de peito aberto encontrar com traficantes de armas do mercado negro com apenas o bocó do Orrel e Martins.

— Quem foi escalado para hoje? — pergunto para o pequeno grupo de homens de Czar.

— Try, Martin e eu, senhor. — Lutter responde.

— Ótimo, temos tudo que precisamos para constatar o pagamento?

— Sim, senhor. — Martin responde imediatamente.

— Preparem o carro, em cinco minutos estaremos saindo, onde estão as garotas? — questiono.

— Try está no galpão sul aguardando por nós.

— Perfeito. Tem mais algum relato dos problemas que a tal novata está causando?

— Ela é difícil, além de fatiar Kyhun, chamou atenção de Deany. — Um dos homens disse.

— Vou resolver isso quando retornarmos, temos que evitar as rotas mais comuns, depois que Deany e Ron fizeram aquela merda com as duas garotas, a polícia ficou alerta nas interestaduais e perto da fronteira.

— Sim, senhor.

Volto para dentro de casa, parando na porta do escritório de meu pai, bato duas vezes e aguardo esperando sua permissão.

— Entre.

— Estamos saindo. — Comunico ignorando a mulata sentada sobre seu colo. Andreia era uma cobra venenosa, inflava o medo nas garotas por ordens de meu pai, assim como foi bastante ardilosa conquistando um lugar na cadeira para não ser vendida quando houve oportunidade.

— Aqui contém os documentos necessários. — diz estendendo a pasta preta em minha direção. — Quero que verifique e tome cuidado, ao menor sinal de traição vindo de Orrel, mate-o.

— Sim, senhor.

Eu executava o trabalho sujo, limpava as merdas que os outros deixavam para trás, arrancava dedos ou as línguas dos traidores, matava se necessário, entrava como um fantasma na vida dessas garotas e lhe arrancava a alma. Era bom, muito bom no que fazia, sentia o frenesi que o sangue jorrando do corpo dos inimigos me dava, e mesmo dado a ter um pouco de compaixão com essas garotas, o lobo dentro de mim gostava das pequenas caças. Mesmo que acabassem tão rapidamente, era eletrizante sentir o medo delas correr por minhas veias. Por isso, já não me importava com minha própria alma, pois sabia que ser o que sou, fazer o que faço, não me deixaria ileso. Muito menos sem um lugar no inferno.

Inclino-me para trás, indiferente, colocando as mãos nos bolsos de minha calça. Orrel estava certo, não tinha mais nada que poderia fazer por essas garotas, era como pequenas partículas de areia esvaindo-se por meus dedos e o demônio dentro de mim sorria por eu não ser um fracote. Sorria por minha postura indiferente e pelo olhar decepcionado que elas me lançavam. Expectativas, esse era o maior problema. Elas acreditavam que por eu mantê-las com um resto de sanidade e decência que eu as deixaria fugir. Hoje eu não estava ali para livrá-las dos homens maus, eu era um deles.

A partir do momento que Orrel partisse com elas, seus futuros eram tão ou mais incertos do que no dia que elas vieram para mim.

— Porra, seu pai não estava brincando quando falou que tinha um belo arsenal de carne de primeira. Depois de um trato até que elas ficaram realmente prestáveis.

— Contenha-se.

Orrel me lança um sorriso arrogante.

— Estamos prontos. — Try anuncia colocando sua arma no cós da calça.

— Iremos nestes carros? — Orrel reclama.

— Bons pneus, iremos precisar ao sair da estrada.

Try tira as abraçadeiras de nylon dos punhos, encarando sério as meninas. Ninguém ali estava disposto a ganhar um tiro de Czar por deixar essas meninas sumirem.

— Vocês não tentaram nada, irão conosco sem nos causar problemas.

Elas concordam rapidamente, seus olhos arregalados, assustadas.

— Lutter irá com vocês, Martin e eu levaremos a encomenda no outro carro. — Try diz.

Meia hora depois, estávamos enfrentando os trechos irregulares do deserto a caminho de um dos armazéns de Czar, usávamos pouco esse local, por isso o risco de enfrentarmos qualquer problema seria quase nulo. Lutter acelerou fazendo terra subir ao nosso redor e o frouxo do Orrel agarrar a porta como se tivesse sendo ameaçado a pular do veículo em movimento.

— Pelo visto não está reclamando do carro agora. — Digo sorrindo.

— *Syn Shlyukhi!*¹⁶ — Rosnou em minha direção.

Saiu do carro acompanhado de Orrel e Lutter, um dos homens de meu pai sai de dentro do armazém nos cumprimentando em silêncio.

— Tudo certo, senhor.

— Ótimo.

Todos nós sentamos ao redor de uma mesa retangular no meio do armazém. Ocupo a cabeceira da mesa com Orrel sentado ao meu lado. Os dois traficantes estavam sentados do outro lado, com olhares presunçosos em seus rostos. Os capangas ocuparam seus lugares, dois atrás de mim e outro perto das garotas, que estavam sentadas um pouco mais longe com os punhos amarrados, assim como alguns homens do lado dos traficantes estavam observando da porta.

— *Frank, mein guter Gefährte*¹⁷. — Orrel exclama sorrindo.

— Detesto quando acha que pode falar em alemão comigo. — Reclama o gordão alto, mostrando a arma no coldre embaixo de seu braço.

Por um segundo fiquei calculando quantos tiros ele tomaria até que conseguisse retirar a arma debaixo de tanta gordura.

— Estou bem também, muito obrigada por perguntar. — Orrel diz.

— Você deveria estar com suas bolas presas na garganta, tem sorte de seu tio ter salvo sua pele. — Retruca nos encarando. — Não é como se você e sua laia merecesse boas-vindas.

— Acredito que deveria manter a língua dentro da boca, se não quiser que a lâmina de minha faca arranque um pedaço dela. — Digo encarando-os.

Ele descansa a mão sobre a arma no coldre, mas não a puxa.

— Não queremos que isso acabe mal, não é? — Orrel pergunta, em voz baixa. — Nosso chefe não iria gostar que a mercadoria que ele tanto esperou não chegasse até ele.

O gordão assente, relaxando a postura, acenando para que os outros fizessem o mesmo. Mas o cara em nossa frente não estava se importando das consequências de nos atacar. Por vários segundos nenhum de nós se moveu, até que todos os homens tivessem recuado com suas armas nos coldres.

— Podemos começar a tratar do que realmente interessa? — questiono.

— São elas? — O tal Frank pergunta olhando com cobiça para as garotas.

Não precisava olhá-las para saber que estavam tremendo de medo, que seus olhos estavam arregalados.

Um dos homens sai de sua posição, colocando no meio da mesa uma imensa caixa.

— Aqui estão as armas combinadas.

— Verifique. — Ordeno olhando para Lutter.

— Quanto a outra parte do combinado, aqui está uma conta da Deep Web, não é rastreável e totalmente segura. — Deslizo a pasta na direção deles. Frank examina o conteúdo, encarando Orrel por cima da pasta.

— Isso não foi o combinado.

Orrel se mexe impaciente na cadeira.

— Estamos entregando as três peças que seu chefe tanto se interessou, abrindo mão de uma venda mais significativa em nome da família. Tudo que vocês têm que fazer é pagar o valor que está na pasta, juntamente com os rifles. Ou podem enfiar essas armas no cu e explicar para seu chefe como você atravessaram o oceano para se tornarem incompetentes, acredito que dessa vez, serão vocês que terão as bolas enfiadas no meio da garganta com a boca costurada. — Digo. — É simples. Vocês irão pagar o que meu chefe combinou com o seu ou irá voltar sem nada?

Frank limpou a garganta, olhando para os outros. — Certo, ninguém precisa sair prejudicado.

— Terei que verificá-las.

Faço um gesto, permitindo que ele olhe as meninas. — Se tiver um toque abusivo, atire nele. Try.

Try confirma tirando a arma do coldre, deixando em frente aí seu corpo.

— Como você desafia esses caras? — Orrel sussurra.

Bufo. — Pelo visto o Orrel sanguinário que eu conhecia virou um grande patife.

— Tá falando o quê? O Sr. Compaixão quer discutir comigo sobre ter prudência? Esses caras não são um dos capangas de seu pai que você controla, eles nem ousariam em arrancar nossas tripas pelo nariz.

— Então que sorte tivemos. — Retruco sem desviar os olhos.

Martin confirma que o pagamento foi feito corretamente, mostrando o saldo total. Ele fecha o pequeno computador, levando junto de si a caixa com o armamento. Frank se levanta, abotoando o paletó, faço o mesmo.

— Foi um prazer fazer negócio.

Concordo, me mantendo em silêncio. Assistindo quando Try entrega as garotas para os outros capangas, eu os assisto saírem sem darem um segundo olhar para trás.

— Foi muito agradável esse tempo por aqui. — Orrel diz em despedida.

— Veja se mantenha as bolas dentro de suas cuecas. — Brinco.

Ele sorri como o sacana que é.

— Nos vemos pelo mundo, primo.

Assento, vendo-o seguir os capangas entrando nos carros e sumirem de vista erguendo uma parede de poeira lá fora.

Estados Unidos, 2002

Aperto meus olhos, em completa confusão para aqueles doentes fodidos em minha frente.

— Você entendeu seu trabalho? — meu pai perguntou para seu capanga.

Nunca tinha visto um homem aguentar tomar tanta porrada, não tinha uma parte do seu corpo sem alguma marca de corte, soco ou agressão que sofreu. Por que ele estava passando por isso, não sei dizer, mas segundo Czar era importante eu ver o que aconteciam com aqueles que nos traíam.

— Eu vou repetir quantas vezes mais, não tive nada com isso. Se elas fugiram não foi culpa minha. — Ele literalmente rosnava em direção ao meu pai.

Czar sorriu de maneira assassina, ele caminhou até uma maleta vermelha disposta na mesa. — Eu admiro homem como você, Remy. — Czar tirou uma furadeira elétrica de dentro da maleta de metal.

Os olhos do homem se arregalaram ao ver meu pai testando seu instrumento.

— Eu prefiro mortes rápidas, limpas. Mas quando preciso ensinar não só os homens que me traem assim como meu rebanho é necessário deixar o trabalho sujo. A tortura é uma arte.

Czar enfia a ponta da furadeira no meio da coxa do capanga, ele literalmente se morde para não gritar. O sangue se espalha no terno impecável de

meu pai, assim como no abdômen do capanga.

— Existem pessoas que conseguem evitar que o grito saia de maneira rasgante da garganta, mas isso é um bravo sinal de força. — Czar tira a furadeira, enfiando-a na outra coxa, só que mais perto do joelho. Aquele sangue todo jorrando me fazia querer vomitar, minha bile azedava minha boca. — Uma hora ou outra, todos acabam falando.

Czar retirou a furadeira, a broca girando no ar enquanto ele mantinha o dedo apertando o gatilho, fez o sangue espirrar no rosto do seu capanga. — Você está com sorte, estou me sentindo completamente bondoso hoje.

O tom frio de Czar não deixou Remy confortável com suas palavras.

Foi um piscar. Eu simplesmente pisquei o tiro foi disparado, acertando diretamente na testa de Remy, espirrando os miolos pela parte de trás de sua cabeça, respingando para todos os lados. Sangue e morte pairavam no ar, um cheiro que era conhecido para mim, mas que sempre me assombrariam. O corpo do capanga ficou dependurado na cadeira, o resto de sua cabeça jogada para trás, assim como o pequeno gotejar do sangue soava alto pelo galpão. Czar atirou, sem olhar, uma execução sem hesitação, sem aviso e qualquer tipo de remorso

Czar vem em minha direção, arregaçando as mangas da camisa social manchadas de sangue. Aceita a toalha de mão que um de seus capangas lhe entrega, limpando do rosto os vestígios de sangue do seu homem.

— Não sabia que ainda se colocava em ação. — Retruco.

— Quando necessário. Tem coisas que só saem do jeito que planejamos se nos arriscamos.

— Tráfico de mulheres?

Czar me encara.

— Estamos vendendo mulheres agora? Acreditei que estava mais interessado nas armas.

— A quem diga que sou perverso por isso, afinal todos tem uma mãe ou uma criança. Como não tenho ambas, não posso dizer que sinto tal apego. E é

exatamente por isso que lhe chamei aqui.

— Pensei que era para assistir o espetáculo de agora a pouco.

— Você anda um rapazola insolente.

Olho em seus olhos, frios e como sempre assustadores e sem qualquer tipo de emoção. — Desculpe.



— Com a morte de Mikhal, preciso de alguém de confiança no lugar. Abra a pasta.

Volto em direção a mesa, pegando a pequena pasta, abrindo-a. No interior tinha todo tipo de informações, informações essas de uma jovem, estudante de jornalismo. Em resumo ela estava sendo investigativa demais, estava enfiando seu nariz onde nunca deveria sequer ter sonhado: no rabo de meu pai.

— O que deseja? — pergunto, tornando a olhá-lo.

— De um susto nela. Você mais que ninguém sabe como ser um Lobo feroz, mostre o quanto o silêncio dela pode ser apreciado.

— Você quer a língua dela? — questiono de maneira sarcástica.

Czar me olha sorrindo. — Quero-a para mim, será um belo item para se ter.

— O que você faria com ela?

Czar arranca a camisa suja, jogando-a no pequeno cesto de lixo, retirando outra limpa e imaculada de sua pasta de couro. — Capture-a e logo saberá. Seu verdadeiro proposito começa hoje, Lobo.

Aperto os olhos, absorvendo suas palavras.



24

— Você precisa comer. — Erika comenta pela segunda vez.

— Estou bem. — Minto.

Eu já estava começando a perder certas percepções das coisas, uma delas era os dias. Já não conseguia perceber se estávamos no meio do dia ou meio da tarde. O fato de não comer era um grande motivo, meu estômago não reclamava mais, a dor tinha se instalado em meu abdômen, assim como a grande fraqueza que tomava conta do meu corpo.

Erika chegou mais perto, dividindo sua comida. — Coma, não quero que morra por fome, se dividirmos eu não fico com fome e você recupera um pouco das forças.

Encaro seu rosto cheio de sardas e os olhos acolhedores. Desviar o olhar para a comida faz minha boca salivar, aquilo parecia uma lavagem, mas até mesmo essa comida duvidosa era melhor que nada.

— Obrigada. — Digo pegando um punhado, colocando-o na boca. A primeira vez que engoli fez arder minha garganta, mas não parei, continuei mastigando de maneira rápida e esfomeada.

Erika encarou a porta fechada, voltando seu olhar para mim. — Vai com calma, vai morrer entalada. — diz rindo.

Sorrio, mastigando melhor a comida.

O som da porta se abrindo com violência faz com que pulássemos no lugar, óbvio que assim que o capanga entra naquele cômodo que chamávamos de quarto avista Erika dividindo sua comida comigo. Ele caminha como um búfalo enlouquecido para cima dela, agarrando seus cabelos, dando tapas em seu rosto cada vez que abria a boca para dizer algo. Ao contrário de mim, que largo tudo para voar em cima dele, atingindo-o onde era possível, nenhuma das outras sequer nos encaram e isso é errado. Elas não lutam pela vida das outras, evitam se colocar em evidência pela própria sobrevivência naquele inferno.

— Chega, agora você vai ter o que merece. — Diz agarrando em meu cabelo, fazendo com que eu não me livrasse de suas mãos nojentas. — E você, vadiazinha, vai aprender como é ruim ficar na solitária.

Erika chorava baixinho, negando com a cabeça. — Por favor, por favor.

— Cale a boca. — Diz acertando um tapa no meio do rosto dela com a mão livre.

Ele nos arrasta para fora dali, fazendo o restante de comida voar longe, rapidamente outro capanga vem ao seu encontro, segurando Erika com os braços para trás.

— Leve essa daí para um passeiozinho na solitária, enquanto eu vou dar um jeito de mostrar bons modos para essa vadia. Já está na hora de alguém ensiná-la algo.

O outro concorda sumindo de vistas pelos corredores, fazendo meu pedido de desculpas para Erika ficar entalado na garganta juntamente com o remorso.

— Deixe-a em paz, eu sou a culpada. — Digo enquanto ele me arrasta pelo lado contrário que o outro levou Erika.

— Que nobre de sua parte, mas aqui não funciona assim. Se ela dividiu sua comida é tão culpada como você.

Passamos por uma sala, a porta estava aberta e o barulho de uma possível TV saía dali alguns homens nos encararam sorrindo e no meio deles Luigi. Aquele verme deveria estar me ajudando a mandar informações para o FBI. E não estar sorrindo no meio daqueles homens.

Entramos em um pequeno espaço aberto, ali parecia mais um galpão acoplado com o que quer fosse aquele inferno, do que os fundos de uma boate do centro da cidade.

O capanga coloca uma algema em meus punhos, amarrando a uma corda sobre minha cabeça. Afasta minhas pernas com um chute em cada pé que me faz ranger os dentes de ódio.

— Vou pegar uns brinquedinhos para colocar você na linha. E não adianta gritar pelo Lobo, pois o *protetorzinho* de você não está aqui.

Quando ele volta, uma pequena barra de ferro está em suas mãos, assim como trouxe plateia. Um deles sendo Luigi.

— É bom aprender como as coisas funcionam por aqui.

Não sei foi mais um dos avisos para mim ou se ele estava falando com Luigi.

— Aproveitamos que Try e Lobo não estão aqui, não teremos nenhum delator para o chefe. O que nos garante diversão. — Ele se vira encarando os comparsas, que sorriem concordando. — Porque se um falar, todos caem.

Ele se voltou para mim com a barra nas mãos e com força bateu em minha coxa direita. O estalo em meu osso foi audível para todos, o grito irrompeu minha garganta, correndo pelo espaço, fazendo aqueles homens sorrirem. — Se eu bater nos lugares certos vai causar bastante dor, mas não será suficiente para que morra, posso te deixar aqui durante os próximos dias, e nos revezarmos para surrar de novo.

Ele parou de falar, entregando a barra para Luigi e sorriu.

— Quer tentar?

Os olhos de Luigi encontram com os meus e mesmo que disfarce tenho receio do tamanho de rivalidade que ainda exista dentro dele por causa de nossa última operação. Ele dá alguns passos em minha direção, batendo a barra em uma das mãos, como uma mãe faz com o chinelo antes de castigar o filho.

— Não leve para o lado pessoal, colega. — Sussurra em meu ouvido, de

forma que ninguém escute.

Viro o rosto, encarando-o com ódio.

Escuto o barulho da barra no ar antes mesmo de tocar meu braço, a dor é tão forte, que me faz remexer agoniada nas correntes. Luigi segura meu rosto, dando um beijo em minha bochecha.

— Você precisa avisá-los. — Sussurro quase engasgando de dor.

Seus olhos encontram os meus, ele confirma rapidamente antes de dar outro golpe em minha barriga.

Meu grito enche o local fazendo os homens ali presentes sorrirem, satisfeitos excitados por torturarem alguém.



BAKER

Três meses, esse era o tempo que Adria estava infiltrada na organização. E nenhum momento houve qualquer interação ou mensagem dela ou do agente Wenth.

— Atolado em papelada Stone?

— Pois é. — respondo com um sorriso.

Clain se senta na ponta da mesa me encarando. — Você também está achando estranho, posso ver em seu rosto.

Encosto na cadeira, deixando de lado o caso em minha frente.

— Nenhum recado?

— Não.

— Wenth também sumiu do mapa, ficamos esperando no ponto combinado, mas não apareceu. Informamos ao diretor.

— Alguma posição dele?

Pela simples desviada de olhar, sei que não. Se nosso diretor não estava vendo um erro ali, obviamente sabia de algo que não estava passando para nós.

— Posso esperar você aniquilar isso e quem sabe tomar uma cerveja, o que acha?

— Acho que deve ir para casa, quem sabe outro dia.

— Até mais, cara.

Faço um gesto com a mão vendo meu amigo sair do escritório. Olho em direção ao escritório do diretor, fecho o caso em minha frente, enfiando na gaveta.

Bato na porta e aguardo.

— Stone, pensei que todos tinham ido para o happy hour.

— Desculpe incomodá-lo, senhor.

— Entre, entre. Quer uma bebida? — diz dando a volta na mesa.

— Obrigado.

— Desembucha, agente. Posso ver fumaça saindo de sua cabeça. — diz entregando um copo.

— Temos algum relatório dos agentes, senhor?

Menfys coça o queixo e esse gesto não é algo bom.

— Até o momento o agente Wenth não compareceu aos dois últimos encontros, como sabe a agente Hamer não pode entrar em contato conosco, o que implica tudo para seu parceiro.

— Que no caso está fugindo de seu compromisso conosco? — retruco.

— Infelizmente sim. Enviei um agente para aguardá-lo em casa, de alguma maneira iremos encontrá-lo.

— Adria tinha suspeitas sobre o agente Wenth, tinha suspeitas que ele não levasse seu trabalho a sério.

— Stone, sei o caminho que está querendo ir, mas somos agentes, enfrentamos riscos, Wenth não seria diferente.

— Senhor...

— Está ficando tarde, porque não descansamos e retomamos o trabalho amanhã?

Concordo. — Sinto muito.

Entro no departamento, deixando minhas coisas sobre a mesa.

— Agente, Menfys está procurando você.

Como a porta do escritório está aberta, apenas bato antes de entrar. — Senhor.

Quando entrei, ele estava sentado atrás de sua mesa, seus braços estabelecidos na frente dele, a cabeça inclinada levemente para o lado.

— Entre e feche a porta, agente.

Faço como pede e ao me virar dou de cara com Wenth.

Me aproximo e me sento em uma das cadeiras na frente de sua mesa. Olhando nos olhos de Wenth.

— O agente Wenth explicou sobre os motivos de nós deixar aguardando uma posição dele.

— Estava em uma festa? Curtindo umas férias? — retruco.

— Stone.

— Queria ver você aturar toda aquela merda.

— Agente Hamer, como ela está? Você deveria ter passado informações.

— Stone. — O diretor adverte.

Engulo em seco. Eu queria socar a cara desse imbecil, hoje consigo compactuar com todos os sentimentos de repulsa que Adria tinha por Luigi.

— Está tudo sob controle, ali não é uma colônia de férias, é preciso dançar

conforme a música para não levantar suspeitas. A Penlin é apenas algo de fachada, eles se revezam entre galpões, tenho apenas consciência de um.

— Só isso? Foram três meses para dizer apenas essas merdas?

— Stone ou se acalme ou mandarei sair.

Inclino para trás em minha cadeira, cruzando os braços sobre o peito, e não recuando.

— Vamos lá. Dê seu relato, agente. — Rebato, encarando Wenth.

Wenth retribui meu olhar. E sei que por dentro ele quer realmente me mandar a merda.

— Os Rootns estão mais cautelosos depois que capturamos Rowsend, eles trocam diariamente de turnos, fazem o mesmo com as garotas, poucas pessoas têm acesso livre a elas.

— Agente Hamer está entre elas?

— Sim, só tivemos contato na semana passada, estava esperando eles saírem do meu pé para vir aqui. Ela tem sido um pé no saco deles, não tem facilitado em nada, o que faz com que tome correções deles.

Merda, Adria! Foi a primeira coisa que alertei para não fazer, ela é tão bocuda quanto seu pai.

O diretor suspira. — Algum indício que eles desconfiam de algo?

— Não, senhor. Está caminhando tudo perfeitamente.

— Hamer mandou algum relatório? — torna a questionar.

— A agente está bem, mas como disse, eles são cautelosos e um cara que a entregou para eles não tem muitos acessos logo de cara.

— Existe alguma forma de você se comunicar com a informante da agente Hamer? — pergunto.

— Posso ver.

— Tudo bem, agente. Marcarei o ponto de encontro e deixaremos no lugar de sempre.

— Perfeito. — diz se levantando. — Até, Stone.

Travo minha mandíbula encarando o diretor.

— Desembuche. — diz assim que a porta se fecha.

— Menfys, por Deus. O que esse palerma nos trouxe? Nada, não passou uma informação válida do caso, não passou onde estão localizados, como operam. Por Deus! — Digo levantando da cadeira. — Até um cão farejador seria mais eficaz.

— Acalme-se, Stone. Sei que o fato da filha do antigo parceiro estar no meio do furacão te deixe assim. Mas eles estão fazendo seus trabalhos. Não quero você metendo o nariz onde não é chamado e acabar colocando toda uma operação em risco.

— Não faria... — travo novamente a mandíbula.

— Agente Hamer é uma das melhores, se algo estivesse errado acredita mesmo que ela já não estaria aqui em pessoa?

Aceno com a cabeça.

— Mantenha o foco em sua missão. Sei que pegou o caso dos Olivaras, posso confiar que continuará fazendo seu trabalho?

— Sim, senhor.

Ele balança a cabeça. — Dispensado.



26

— Me solte.

O pedido é baixo e minha cabeça doía.

— Por favor. — A voz era de uma menina.

— Shiuu, Shiuu. Fique calma, vai ser bem rapidinho, prometo que não vai sentir nada. Apenas abra as pernas.

Forço meus olhos abrirem, mas minha cabeça lateja tanto que torna isso difícil. Eles ardem, me fazendo piscar diversas vezes. Ergo a cabeça olhando para meus punhos, ambos vermelhos e cortados pela força que fiz contra as correntes. O frio também não é nada agradável, como o ato de me mexer é tão doloroso que preferia cair de novo naquele torpor que me encontrava, mas aquele choro mínimo chama minha atenção, faz com que meus olhos o cacem pelo galpão.

A menina me olhava, implorando por uma ajuda que eu não poderia. Seu rosto estava banhado em lágrimas, seus punhos amarrados acima da cabeça e seu corpo nu.

— Ainda vou comer essa bocetinha apertada, estou louco de tesão desde que chegou. Olha meu pau, sente desejo por ele? Quer ele na sua boca? Podemos ser muito felizes aqui, sabia?

Não consigo ver o rosto do verme sob a menina, mas o fato de ficar encarando-o molestar essa garota me dá náuseas, ele coloca seu pau entre as

pernas, roçando seu corpo contra o dela.

— Bocetinha gostosa.

Me remexo nas correntes, atraindo atenção dele para mim.

— Você ficará quietinha, senão eu corto sua língua, sua vadia. — Rosna para mim. Ele volta sua atenção para a garota, passando a mão em seu rosto enxugando as lágrimas que correm por suas bochechas. — Calma, eu serei bonzinho com você, você será uma boa garota, não vai? Não quer acabar como sua amiga, arrombada por dois homens maus, quer?

Ela chora mais alto, negando com a cabeça. — Por favor, por favor.

— Shiuu, quietinha. Quer que alguém nos escute? Quer tomar uma surra por isso.

— Não — choramingou novamente.

Eu poderia gritar, chamar atenção para o que ele estava fazendo, mesmo sabendo que isso não resolveria nada, aquela garota, como tantas outras lá dentro estavam perdidas. Se eu fosse imprudente agora só traria mais dor para ela.

Me remexo novamente nas correntes, sentindo as pontas de dor espalhadas pelo meu corpo, aqueles filhos da puta se divertiram me surrando.

A agonia, desespero e o medo faziam parte da minha alma naquele momento. Os olhos da menina cravados em mim me passavam todas suas emoções, fazendo-as percorrer minha corrente sanguínea, me corroendo por dentro, corroendo tudo...

Ele penetrou ela com força, tampando sua boca para não gritar, ele estocava com toda sua força, seu corpo esmagando o dela para evitar qualquer movimento. A cada saída e entrada que ele fazia naquela garota eu me sentia mais suja, mais nauseada e com mais vontade de matar todos eles.

— Caralho, caralho! — ele exclamou jogando a cabeça para trás.

Selou a boca dela com a sua, saindo finalmente de cima dela, guardou seu pau sem cerimônia alguma, recompôs sua postura. Deixando-a estirada no chão.

— Vou cortar as cordas, vista-se e não tente nada, amanhã vou lhe entregar uma pequena recompensa por ter sido tão amável. — diz cortando a corda em torno do pulso dela.

A garota ficou ali, deitada no chão em posição fetal, engolindo o choro.

— Levante-se. — Sussurro.

Ela vira, me encarando.

— Não deixe que ele encontre você assim, tem um banheiro ali. — Me remexo nas cordas tentando mostrar o lugar exato.

Ela chora ainda mais. — Eu... eu era virgem.

Respiro fundo, sentindo minhas próprias lágrimas escorrerem. — Qual é seu nome?

— March.

— March, vá até o banheiro, com calma. Se limpe, sei que a sensação que está sentindo não vai passar, mas não deixe que ele retorne e encontro você assim.

Ela concorda, fazendo força para se levantar, indo até o pequeno lavado imundo que eu tinha indicado.

Quando retorna, recolhe suas roupas, vestindo uma por uma, com calma. Mas não conseguimos mais conversar, ele retorna para sala, levando-a dali. Deixando para mim apenas seu olhar perdido e o testemunho de sua alma arrancada do corpo.

Meu estômago se revirava só de lembrar a cena que presenciei, de sentir a dor, o medo daquela menina exalando até mim, além das outras mulheres sequestradas. Depois de meses dentro dessa organização não tinha visto uma única vez o líder disso tudo, o encarregado de organizar o esquema e de receber o dinheiro das vendas. Não tinha nem sequer visto o rosto do tal de Lobo. Tudo continuava numa imensa incógnita e secretamente, mesmo odiando esse fato,

desejei que Luigi tivesse conseguido ir mais longe do que eu tinha conseguido chegar.

Várias perguntas ainda passam pela minha mente, como e onde as pessoas eram sequestradas? Quem as comprava? Quantos eram os envolvidos? Sabia que o chefão tinha uma boa equipe de capangas, tão ampla que conseguiam fazer grandes revezamentos, durante os dias. E o pior pensamento circulava pelo meu cérebro. Porque que em todos esses anos investigando, invadindo possíveis esconderijos nunca conseguimos realmente acabar com eles, será que os traficantes tinham consentimento das autoridades?

“Vamos minha superagente. Mantenha-se firme”

Ergo a cabeça, olhando assustada para os lados. A voz do Baker foi tão real, poderia jurar que ele estaria aqui. Esboço um sorriso idiota, estava ficando esquizofrênica. Puxo os punhos gemendo devido a dormência e a dor constante que se instalou nos meus punhos.

— Ei, seus filhos da puta. — Grito.

Eles estavam sendo bons nos métodos de inutilizar uma pessoa, a privação de sono, além do fato de não comer estava fazendo-me perder a noção do tempo, assim como os espancamentos surpresas toda vez que eu tentar ao menos cochilar também ajudavam a intensificar o terror.

A vontade de gritar mais e me debater é grande, mas a dor que sinto espalhada por todos os meus membros me impede, quando olho para baixo vejo grandes hematomas espalhados, assim como sei que as pequenas fraturas em meus ossos vão me dar trabalho quando eu precisar realmente agir.

A porta do galpão é aberta, fazendo minha pele se arrepiar.

Um pequeno grupo de capangas entra rindo e comentando sobre suas conquistas quando o tal de Try para no meio me olhando.

— O que ela está fazendo aqui?

— Obra do Burn. — Comenta o mais baixo deles.

— Que porra, já avisei que aqui não é lugar. Logo o chefe estará aqui e

não irão gostar dele atirando no nosso cu, vão? — Try resmunga, apagando o cigarro com a ponta do sapato. — Eu vou dar uma coça no Burn.

— Vou leva-la para o dormitório.

— Espere. — Try diz colocando a mão sobre o peito do capanga que vinha em minha direção. — Pelo visto te deram uma excelente surra, hein?

Estreito os olhos, mantendo meus dentes cerrados, só Deus sabe o que eu poderia fazer se deixasse minha raiva tomar conta de minha boca.

Try chega mais perto, me remexo tentando afastar meu corpo do seu toque, mesmo que seja inútil. As pontas de seus dedos circulam meus hematomas, assim como ele se diverte em descer os dedos pelas minhas pernas nuas. Malditos.

— Acho que terá que ver nosso médico.

— Isso não foi nada, ela aguentou firme todas as porradas. — diz o maldito que me bateu com a barra de ferro, entrando no galpão.

— Porra, Burn. Não sabe que elas serão levadas esses dias? Você praticamente fodeu essa daqui. — Try resmunga.

— Ela estava merecendo.

— Chame o Doutor, depois coloque juntos com as outras.

Burn dá de ombros, ainda encarando meus olhos. — Como quiser.

Meu corpo treme, não me sinto fraca por admitir que o medo corre minhas veias cada vez que um deles chega perto de mim. Eu fui ensinada a me defender de homens como estes, mas quando você está com as mãos atadas e os pés, totalmente à mercê deles o medo e tudo que presenciei esses dias toma conta de mim, fazendo minha respiração acelerar, assim como meus batimentos cardíacos enlouquecerem.

— Parece que está com sorte. Se tentar alguma gracinha eu mato você aqui mesmo, entendeu? — Burn cospe em minha direção.

Confirmo com um gesto, me mantendo em silêncio.

Ele solta das correntes dos meus punhos, fazendo-me cair de quatro no chão. Sua mão se enrola em meu cabelo, me colocando novamente de pé, assim como a mão livre aperta minha nuca.

— Viu, alguns dias amarrada e a cadelinha ficou obediente. — Se vangloria para os outros.

Reviro os olhos respirando fundo, mas ao dar o primeiro passo meu corpo fraqueja, minhas pernas doem devido das porradas e a falta de comida, mas o verme ao meu lado não se importa, continua me arrastando de maneira cambaleante até um cômodo do lado. Trancando a porta assim que me empurra para dentro.

— E aí?

Abro os olhos sentindo o amargor tomar conta de minha boca.

— Ela tem um pequeno calo consolidado onde quebrou o osso, um processo automático do corpo em resposta a fratura. Creio que em duas semanas a fissura desapareça, mas tem que tomar cuidado. Evitem espancá-la nos próximos dias.

Burn esboça um sorriso sacana para o médico. — Vamos tentar.

O médico devolve um olhar incrédulo. — Se ela não tiver as condições mínimas para uma boa recuperação, seu chefe vai perder dinheiro. Eu não faço milagres, nem adianta vir com ameaças.

— Tudo bem, doutor, tudo bem. — Burn se vira para mim, notando que estava acordada. — Você ouviu, seja uma boa menina, senão pedirei para o doutor vir costurar sua boca.

— Por Deus! — exclama o médico.

Burn gargalha alto. — Ele não existe, doutor, não existe. Venha vou lhe dar seu pagamento.



KIRAN

Perversamente, havia uma parte dentro de mim que esperava que essas garotas possuísse um sexto sentido para detectar monstros em plena luz do dia. Mas assim como as outras ela estava alheia à minha presença.

Solto um suspiro, eu era um monstro que ninguém pensava em procurar na luz do dia. Um erro comum, um erro fatal, muitos acreditavam que ficavam mais seguros à luz do dia, mas apesar de ser contra natureza, meu lobo não saía para caçar apenas de noite. Segurança um muro falso que todos se apegam, por detrás, o mundo inteiro está mergulhado em trevas.

Czar sabia disso, apreciava esse falso senso de segurança que as pessoas levavam consigo. Exatamente como me ensinou, garotas de famílias pobres eram mais fáceis de desaparecerem, de serem ludibriadas, mesmo na América. Em especial quando a pessoa tinha idade suficiente para simplesmente fugir ou romper laços com a família, mudar de cidade. As desculpas eram infinitas. Garotas rebeldes fugindo era a desculpa típica dada pelas autoridades quando não tinham mais onde procura-las.

Do outro lado da rua a garota brincava com um pequeno enfeite da bolsa, totalmente distraída, sua cabeça balançava ligeiramente acompanhando o ritmo da música que devia estar escutando pelos fones de ouvido. Seus olhos encaravam friamente o chão, ela era bonita. Mas meu alvo hoje não era aquela garotinha.

Ela para, encarando o ponto onde estava escondido de seu olhar, mas logo sorri voltando sua atenção para a inútil tentativa de arrancar o pequeno enfeite.

— Discrição. — Digo sentindo Lutter se aproximar.

— Desculpe, Lobo.

— O que você tem para mim? — pergunto ainda de olho na cena em minha frente.

— Nada, sinto muito, Lobo. Mas essa mulher virou fumaça. Fomos até o senador que havia passado, mas ela nunca trabalhou com ele. Nos arredores do prédio onde mora nem sinal, literalmente sumiu.

— Impossível. Ela deve estar em algum lugar.

Vejo pelo canto dos olhos Lutter me encarando. — Por que está tão fixado nessa mulher?

— Não seria da sua conta, correto?

Ele concorda. — Mas sendo um pouco mais que seu capanga e sim, um amigo. Posso pelo menos saber porque estou correndo pela cidade em busca de um fantasma. É algo para o chefe?

Viro olhando em seus olhos. — Czar não deve saber sobre ela, nem mesmo sonhar que anda investigando algo sobre mim.

— Porque estamos aqui? — questiona analisando a cena que se desenrola a nossa frente.

— Ordens. — Resmungo. — Ao que parece desci ao seu nível. — Olho para Lutter, dando de ombro, algo como um pedido de desculpas.

— Pelo visto os rumores são verdadeiros.

— Não sabia que era fofoqueiro.

Lutter sorri. — Eles gostam de uma tragédia, ainda mais quando é com você. Sabe que não é amado por muitos dentro da organização.

Suspiro. — Não estou ali para isso, mas ao que parece cai em desgraça ao salvar uma inocente de Czar.

E depois de tanto esperar por meu alvo, ali está ele. O homem sai de dentro de casa, troca algumas palavras com a garota sentada na varanda, se enfiando dentro de um sedan.

— Guillermo Sant? — Lutter questiona.

—Czar quer ter uma conversinha com ele. — Comento.

Enfio minhas mãos nas luvas de couro, entrando no carro, uma olhada em direção a Lutter e ele pula para dentro, acomodando-se no banco do passageiro.

Sigo o sedan a uma pequena distancia, os vidros escuros do carro impossibilitam que ele nos reconheça, senão estaria correndo tanto que logo atravessaria a fronteira.

Esperei que ele rumasse para o lado pouco movimentado da cidade, quando entramos em uma rua totalmente deserta acelero o carro, ultrapassando o sedan de Guillermo, pisando no freio ao jogar o carro com tudo na pista.

— Com certeza ele se cagou. — Lutter diz sorrindo.

Sim, o pavor nos olhos dele era nítido quando descemos do carro. Não sabia porque Czar estar atrás de um traficante de drogas, mas não havia interesse nenhum em questionar.

— Guillermo. — Digo girando minha faca entre os dedos.

— Lo-bo. — Gaguejou erguendo as mãos.

— Que tal um passeio? — pergunto.

Lutter abre a porta do sedan jogando o homem para fora, fazendo-o rolar sob o asfalto.

— Eu não sei o que fiz, mas podemos negociar.

Dou de ombros abrindo o porta malas. — Isso já não é comigo.

— Lobo, não, me escute, eu tenho minha filha, não sai da linha.

— Não adianta implorar para mim, velho. Como disse não me importo. Agora senão entrar nessa porra de carro, eu não vou levar você inteiro, como meu pai pediu, quem sabe levo faltando alguns dedos.

Ele nega rapidamente, pulando para dentro do porta malas, dobrando o corpo o máximo que consegue para caber.

— Leve o carro dele. — ordeno para Lutter.

Estaciono o carro no meio do galpão, Czar já nos aguardava sentando de modo imponente na ampla mesa de mogno. Desço do carro, abrindo o porta malas, e jogando Guilherme para fora.

— Entregue.

— Ótimo, agora faça aquele outro pequeno favor.

Ad¹⁸! Virei moleque de recados agora.

— Lobo.

Retiro o casaco pesado colocando no balcão do bar. — Net.

— Quer tomar algo? — pergunta erguendo seu próprio copo.

— Não, quero as atualizações.

Netlen dá a volta no balcão, sentando-se ao meu lado.

— O chefe quer levar as garotas para aquele bendito leilão. Tirando o fato que sua ausência aqui deixou tudo uma bagunça. — diz dando de ombro.

Garota abusada. Nunca entendi porque Czar aceitou Netlen em seu esquema, ele tinha mostrado diversas vezes que não tinha tolerância alguma com mulheres. Segundo os boatos, Netlen tinha uma dívida com Rowsend, por isso foi levada para nós.

— Não brinque com meu humor. — retruco.

— Desculpe.

Olho para seu rosto, vendo que morde avidamente seu lábio interior. — O que eles estão aprontando?

— Tenho duas garotas novatas que mal conseguem abrir a boca, eles estão descontando a raiva de não conseguir aprontarem com a novata que Sebastian trouxe, então descontam nas mais novas. A garota problema está com fraturas pelo corpo devido a última porrada que eles deram.

— *Der'mo!*

— É. — Netlen retrucou. — Mas não se engane, ela é osso duro de roer, ficou mais de cinco dias sem comer, tomou algumas surras, mas seus atos também não passaram despercebidos.

— É verdade que ela conseguiu cortar um dos nossos?

— Sim, com um caco do espelho. Assim como deu um belo soco em Deany.

Encaro surpreso, realmente essa garota não era das mais fáceis.

— Eu vou para o armazém, quero ver o que andam fazendo.

Ela concorda, terminando sua bebida.

Uso a passagem secreta para ir aos fundos da boate, giro a pedra de ferro relevando a pequena passagem para o armazém. A falta de luz e a pequena camada de pó que levei comigo ao descer as escadas fizeram com que parasse por um segundo.

Aquele abrigo parecia mais uma cadeia escondida debaixo do solo, suja, escura, se isso já não era capaz de causar medo naquelas meninas ainda tinham que enfrentar aqueles homens sem almas, tomados e guiados pelos seus demônios e suas ambições.

A voz de Czar gritou em minha mente, trazendo lembranças ruins novamente.

— *Vamos, está se tornando um truslivvy!*

Covarde?

Olho para os quatro homens à minha frente. Meu pai acabava de me colocar numa luta injusta e mesmo mascarando minhas feições por dentro eu estava com receio. Os homens em minha frente giravam facas entre os dedos e eu estava totalmente desarmado.

O armazém era fétido, mal tinha luz naquele ambiente.

— *Vamos transformar isso daqui num abrigo para nossas meninas.*

— *Lute com eles. É uma ordem.* — *gritou novamente.*

Eles foram para cima de mim, dois tentando me imobilizar, mas acabo usando-os como apoio para acertar um chute no rosto do que estava mais atrás. Defiro um soco no homem que vem com tudo para cima de mim, terminando de me soltar ao dar uma cabeçada no nariz do capanga que me segurava por trás.

Socos, chutes e mais socos, quem nos olhasse de fora saberia que não havia técnica no que estava fazendo e sim apenas meu instinto de sobrevivência.

A mão batendo em minhas costas me trouxeram de volta a realidade, encarando Try parado ao meu lado no corredor.

— *Chefe.*

— *Não me venha com essa cara de assombro, sabe que viria.*

— *Sim, Lobo...*

— *Não quero ouvir um, “mas”, vamos comigo até elas.*

Try concorda, andando ao meu lado até o final do corredor, onde abre a porta de ferro saindo em direção ao armazém. Passamos pela sala com alguns dos homens de meu pai, todos nos encararam, mas não ousaram sair dali.

Try tirou todo aquele sistema de segurança e correntes da porta, permitindo que entrasse. As garotas se encolheram no mesmo instante, as mais

antigas pude sentir seu relaxamento ao constatar que era eu.

Meus olhos foram instantaneamente para uma criança. Pois era isso que aquela garota era, suas roupas estavam rasgadas e ela tremia tanto, mal ousando olhar em direção a porta.

— Quem é? — questiono ao Try.

— Chegou cinco dias atrás. — Ele coçou rapidamente a barbicha sobre o queixo.

Entro mais no cômodo que elas dividiam, indo até a garota. Cada passo em sua direção ela afundava mais contra a parede, literalmente como um bicho acuado.

— Ei, calma. — Digo me abaixando em sua altura.

Seus olhos se desviaram rapidamente para mim, mas logo encarando novamente a parede.

— Qual é seu nome?

— March. — responde no mesmo instante. Sua voz sai rouca, trêmula.

— Isso é culpa do Burn. Assim como quero saber o que houve com Pam.

Viro em direção a voz. Erika.

— Fique calada. — Try retruca.

— Quem é essa Pam? E o que Burn aprontou? — pergunto voltando minha atenção para Try.

Posso ver que ele se amaldiçoa em silêncio.

— Try? — ordeno.

— Burn foi além do limite com ela, chefe. E a tal de Pam é a novata trazida pelo Sebastian, ela está no outro alojamento.

— O que ele fez?

É nítido ver o quanto Try morde a língua por estar dedurando um dos seus companheiros, mas pelo estado de choque e medo que essa menina está, boa coisa é que não foi.

— Podemos conversar lá fora? — Try pergunta.

Viro novamente para a garota. — Quantos anos você tem?

— Quinze — Gagueja.

Levanto bruscamente saindo dali Try mal pode me seguir, ando feito um animal enfurecido pelo corredor voltando para onde os homens de Czar estavam, entro na sala, atravessando a nuvem de fumaça que tinha ali, torcendo o nariz para o cheiro de bebidas e cigarros baratos, agarrando Burn pelo pescoço.

— Lobo.

— Não dei permissão para que falasse. — Digo erguendo-o, tirando seu corpo nojento do chão.

Pelo canto do olho vejo Try entrar correndo na sala, estancando na porta ao ver a cena. Ninguém seria otário de me interromper.

— O que eu já disse sobre molestar aquelas garotas? O que eu disse sobre você capturarem crianças? — Pergunto apertando mais a garganta de Burn, vendo seu rosto adquirir tons de vermelho. Com a mão livre enchi o rosto débil de Burn com socos, vendo seu rosto estourar com pequenos jatos de sangue. Ali eu era uma máquina de morte.

— Chega, Lobo. Chega! — Try e outros dois homens grudaram em minhas costas, tentando fazer com que soltasse um Burn totalmente desorientado.

— Vamos, Lobo. Pare! — Martin segura meus braços, fazendo com que Burn caísse no chão e os outros fossem verificar como ele estava.

— Me solta. — Ordeno, jogando Martin para longe.



28

Me encolhi e abri os olhos. Mesmo com minha reação ele não recuou, apenas sorriu e terminou de atar meus punhos. Não sei se por seu rosto ser tatuado com uma enorme caveira fizesse com que eu ficasse dez mil vezes mais gelada quando ele sorria ou se era a promessa velada que tinha em seu rosto.

—



Você está com medo de mim, não está? — perguntou baixinho, ainda mantendo-me prisioneira entre suas pernas. — Posso sentir seu corpo tremer, finalmente sua fachada de forte se rompeu. — Acrescentou rindo.

Eu queria negar, queria lutar com todas as forças que me restavam, mas eu estava com medo e tremendo. — Por favor. — Pela primeira vez eu implorei, implorei para que o diabo tivesse misericórdia de mim.

Ele pegou uma corda terminando de amarrar meus punhos na barra de ferro da cama, fazendo o pânico se erguer sobre meu peito. O sangue fugiu do meu rosto.

Deany saiu de cima de mim me levando junto com ele, de modo que eu ficasse curvada sobre a cama, colocou na beirada da cama uma faca afiada, assim como sua camisa.

Com um puxão desceu minha calça e minha calcinha, expondo meu corpo da cintura para baixo.

— Nada de mijar dessa vez.

Fiquei imóvel, calculando todas as opções de me livrar daquilo, mas ele foi esperto, aproveitou a dosagem do remédio para me pegar desprevenida e com o organismo inundado de drogas para me tornar uma presa fácil.

— Me deixe em paz. — Grito.

Deany pega a faca colocando-a firme sobre meu pescoço, podia sentir a lâmina afiada perfurar minimamente minha jugular.

— Quietinha, senão, além de foder você, vou dar sua cabeça para os coiotes que moram aqui perto.

Meu instinto de autopreservação me ordenava a fazer algo, agir, mesmo que seja em vão. Não havia para onde fugir, ele me pegaria de qualquer forma, não seria por um grito que eu seria salva das mãos dele. Portanto, só fiquei parada, algumas lágrimas quentes escorreram pelo meu rosto.

— Não é uma punição, só um desejo. — Ele sussurrou ao meu ouvido.

Escuto-o abrir o zíper da calça, assim como o barulho dela caindo no chão. Suas mãos entre minhas pernas, o fato dele me acariciar foi me dando pequenas vertigens, assim como intensificando as lágrimas escorrerem por meu rosto. Sua mão áspera e nojenta esfregando meu clitóris, enquanto enfiava um dedo dentro de mim.

Detestei ter me tornado fraca, ter me rendido a ele. A cada investida bruta com os dedos a faca forçava mais em minha garganta. Gemi de dor, arqueando meu corpo para trás, na tentativa mais inútil de fazê-lo ir para longe.

O tapa veio certo, me fazendo virar o rosto tamanha força.

— Eu avisei, putinha. Você tem que ficar calada.

Ele me segurou pelos cabelos, forçando a ficar de pé direito, sua língua passou pelo meu pescoço, indo até o alto de minha bochecha. Me causando náuseas.

— Por favor, não. — Grito novamente.

— Shiuu, quietinha. — murmura, acariciando a curva de minhas nádegas. — Você não vai gostar, mas eu vou gozar como um louco. — diz rindo alto.

Senti algo forçando a entrada, fiquei tensa, contraindo todos os músculos, mas a pressão que ele fazia, somado ao da faca fincada em meu pescoço era demais para resistir e a coisa começou a me penetrar.

O grito alto rasgou minha garganta, assim como a lâmina da faca fincou um pouco mais. Por um instante ele parou de tentar me penetrar para socar meu rosto, me deixando tonta, meio caída no chão, se não fosse os punhos preso no ferro lateral da cama.

Eu não era uma pessoa violenta, mas lá estava, acredito que ao ser colocada diante de tantas coisas perversas, tinha me corrompido, mesmo tonta e com poucas forças restando, agarrei um punhado generoso de cabelo batendo a cabeça dele contra a barra de ferro, consegui fazer por duas vezes, antes dele se levantar contendo o sangue que saía da pequena ferida em seu crânio e me chutar.

— Sua vadia idiota! — gritou vindo novamente para cima.

Tateei o chão com os pés, tentando pegar a faca que tinha voado para baixo da cama durante nossa pequena luta, meu corpo tremia, estiquei o máximo que conseguia, arrastando a faca para perto.

Deany gargalhou quando percebeu o esforço que fazia, empurrando minhas pernas para longe, recuperando sua faca. Ele girava a lâmina entre os dedos, olhando de maneira diabólica para mim. — ERA ISSO QUE QUERIA? — Gritou.

Recuei até onde as malditas cordas em meus pulsos permitiam, com

lágrimas de dor e frustração queimando-me os olhos. Não sabia o que ele faria comigo e não queria descobrir.

Uma agente especial, indicada para ser da Swat. Como tinha acabado assim?

“Você se importa, o problema de não pensar em você me faz temer como será quando se infiltrar” — quase sorri ao escutar a voz de Baker em meus pensamentos.

Escuto a porta se abrir com violência, mas me sinto tão pesada, meu corpo está tão pesado que parece que todos estão em câmera lenta, vejo Deany ser arremessado para o lado, batendo contra a parede oposta.

— Que porra é essa? — a voz grave me faz tremer.

Ergo o olhar, encarando meu possível salvador, ele era inconfundível. Kiran... naquele momento de confusão total entre manter meus pensamentos confusos indo por uma só direção eu senti vontade de sorrir. Os olhos dele também se cravaram sobre mim, tempo o suficiente para que Deany se levantasse pronto para lutar. Eu queria gritar, avisá-lo para agir ou fugir, mas não encontrava minha voz.

O barulho do tiro vez com que eu abrisse meus olhos, procurando por sangue, em mim, em Kiran, mas ao ver com a arma nas mãos e Deany cair no chão, não sinto o mesmo alívio de antes.

Um dos homens tenta me erguer enquanto presto atenção ao que o outro dizia:

— Porra, Lobo!

Lobo?

“Ele é imperdoável, todos o temem, mas para nós, ele é uma espécie de protetor. Ele não deixa na maior parte do tempo que os outros nos inflijam mal” — a voz de uma das garotas vem com força em minha mente.

Imagens do dia que entrei na Penlin e vi pela primeira vez o tal de Lobo entrando por uma passagem entre os espelhos, aquela sensação de conhecer os

músculos que delineavam o casaco... Encaro meu suposto salvador, percebendo que ele na verdade era meu demônio, o demônio por que meu corpo sentia arrepios de prazer. Já não tinha mais motivações, nem que sejam mínimas para ter força, não existia uma maneira de sair dali, nem mesmo de salvar aquelas garotas.



KIRAN

Martin e Try pararam ao meu lado do outro lado do corredor, enquanto eu respirava fundo, contendo o ímpeto de voltar naquela sala e terminar o serviço.

— Porra, Lobo. O que aconteceu? — Martin questiona passando a mão pelo cabelo, a expressão assustada ainda estava presente em seu rosto.

— Parem de reclamar, me falem sobre a garota do Sebastian.

Martin e Try trocam um olhar entre eles, mas rapidamente despejam tudo que já tinham me falado.

— A garota esteve aqui uma noite, arranjou problema com um dos nossos clientes, é valentona. — Try diz.

— Não foi uma surpresa que continuasse firme nos primeiros dias, mas durante meses? Isso é a primeira vez que vejo. — Martin retruca.

— Ela ficou sem comida e água nos primeiros dias, Deany tentou... bem você sabe, ele aterrorizou a garota, tanto que fez a coitada se urinar.

— *Proklyatty!* — sussurro, chamando Deany de maldito. — O que mais ocorreu enquanto estava fora?

— Ela violou nossa permissão, Erika e ela foram pegas dividindo a comida, Erika foi mandada para três dias na solitária enquanto ela levou uma surra, inclusive do próprio Sebastian.

— Outro que não me cheira bem.

— Ele anda dentro da linha, mas não confio. — Try confessou.

“Me deixe em paz” — o grito ecoou fraco pelo corredor, chamando nossa atenção.

— Merda! — Try exclama tirando a arma do coldre.

— Guarda a porra da arma, Try, não quero cuidar mais de nenhuma merda. — Martin resmunga.

— Que porra está acontecendo aqui hoje? — digo enfurecido.

“Por favor, não!”

Algo naquela voz feminina fez os pelos de meu braço se arrepiarem. Minha respiração aumentar e eu andar a passos largos pelo corredor.

— Está vindo da sala médica. — Escuto Martin dizer.

— Puta que pariu.

Entre o andar apressado pelo corredor escuto barulhos de coisas caindo, mas isso não é tão atrativo e nem faz meu corpo inteiro entrar em alerta como aquela voz... aquela voz, o tom... Mal percebo que saio correndo em direção a porta, literalmente arrombando com o ombro.

Meu sangue gelou e a raiva tomou conta de todo meu corpo, me sentia desesperado para saber que não era tarde demais, para que ainda houvesse vida dentro de seu corpo. O monstro em meu peito estava enlouquecido, com sangue nos olhos.

Como ela havia chegado nesse ponto? Milhares de perguntar rondavam meu cérebro em busca de respostas, mas eu só podia pensar em sangue, eu queria sangue. O demônio dentro de mim sorriu aparecendo no foco de luz, afiando suas facas.

Jogo Deany para longe, fazendo-o bater contra parede, fixando meus olhos realmente em seu corpo jogado no chão, os punhos amarrados na barra

lateral da cama hospitalar, vejo um alívio anuviar sua visão e sei que é o pior sentimento que uma pessoa poderia sentir ao me encarar.

— Vejo que veio novamente estragar minha diversão. — Deany sorri como o verdadeiro psicopata que era, levanta-se olhando de mim para os dois homens parados na porta.

— Lobo, não. — Try fez um pequeno alerta, mas a parte racional do meu corpo estava longe de para ouvir qualquer coisa.

Não desvio os olhos do de Adria, saco a arma da cintura, miro e atiro no joelho de Deany, fazendo aquele verme cair no chão gritando e xingando.

— Porra, Lobo!

Vou até Deany agarrando-o pela gola da camisa, socando seu rosto repetidas vezes, a cada soco que dou sua cabeça se curva para trás, espero que ele erga novamente para socar novamente, sentindo prazer em fazer o sorriso sumir de sua boca, prazer em sentir o sangue assim como alguns de seus dentes pulando para fora.

Martin e Try voam sobre mim, tentando me arrancar de cima dele, e mesmo sendo dois dos homens mais fortes e cruéis de Czar, nenhum consegue me tirar de cima de Deany, quando a cena dele tentando abusar de Adria, da minha... está tão fresca em minha mente, não quando presenciei seu rosto repleto de ferimentos e seu corpo nu e exposto. Arrastando Deany para fora dali, jogando seu corpo no meio do galpão, os dois homens me seguem tentando impedir que o mate. Ele tenta lutar, mas isso só alimenta ainda mais a fera dentro de mim.

— Se alguém tentar me segurar eu juro que mato junto com ele. Cuidem dela, chamem a Netlen. — Digo ao ver que Martin e Try fazem menção de vir até mim.

Busco pelos bolsos de Deany, esse filho da puta sempre andava com um soco inglês, ele adorava aterrorizar as garotas com isso. — Vejamos quantos socos você aguenta. — Digo empunhando o soco inglês.

— Tudo isso por causa daquela puta? Não sabia que queria ser o primeiro, pelo tamanho daquela bunda, virgem não é mais.

Desço o braço socando pelo menos umas quatro vezes seu rosto. Minha mão se manchava com seu sangue, mas eu queria mais, enquanto o sorriso débil não sumisse daquele rosto eu não pararia. Deany iria aprender a não ser a porra de um psicopata, e nunca mais mexer com algo que era meu.

Seu rosto estava desfigurado quando parei, joguei o objeto fora, girando minha face entre os dedos. — Você gosta também de ameaçá-las com suas facas, não é mesmo?

— Defendendo putas? — vociferou.

Aquele filho da puta ainda tinha forças para me desafiar.

Finco minha faca no meio de sua mão, o grito ecoou pelo espaço. Retiro a faca, segurando sua mão esquerda no lugar, só para descer a lâmina afiada e faminta de minha faca pelas três falanges de sua mão, arrancando um naco dos seus dedos fora.

— Você é um verme, vou cortar sua cabeça e pendurá-la na parede.

Sinto várias mãos puxando meu corpo para trás, para sair de cima de Deany, escutava alguns deles tentando me acalmar ou tentar arrancar a faca de minhas mãos. Aquilo só me incentivou mais, eu queria fincar minha faca no olho, arrancando seu globo ocular fora, mas de uma maneira os outros homens de Czar conseguiram me puxar para longe, mas não tão rápido que eu não pudesse pisar com toda minha ira e fora em cima do seu pau. Deany tombou para trás gritando

Me deixando satisfeito ao ver sangue e outro tipo de líquido manchar sua calça de alfaiataria barata.

— Lobo?

Arregacei as mangas da camisa sujas de sangue, desviando o olhar do verme desmaiado em minha frente.

— Preciso de outra camisa.

Martin confirma, saindo por alguns minutos da cena, logo voltando com uma camisa de linho.

— Onde ela está?

Os homens ao meu redor estavam calados, muitos ainda olhavam para Deany deitado no chão, desmaiado devido a dor forte por seus escrotos terem rompido devido ao meu pisão. Nunca dei muita importância para Lei de Talião, mas hoje o “olho por olho” foi satisfatório.

— Netlen está com ela.

Concordo, saindo de lá, seguindo para sala que utilizávamos para cuidados médicos, ficando até receoso ao aparecer no vão da porta.

— Netlen. — Minha voz estava enganadoramente suave e meu rosto sem expressão. Mesmo que ainda sentisse as enormes ondas de fúria queimando silenciosamente dentro de mim. Podia sentir o lobo inquieto e sedento dando voltas a procura de mais, sentir o gosto amargo na boca e pela primeira vez o medo de ver Adria inserida em meu mundo.

O lobo dentro de mim se sentou, sob controle ou talvez rendido por sentimentos que eu não sabia descrevê-los.

— Netlen, nos deixe a sós.

Adria olhava fixamente para mim, faço o mesmo, não tirando meus olhos dela nem quando Netlen passa em minha frente tampando por alguns segundos minha visão, nem mesmo quando ela instintivamente recuou, tentando ter um espaço maior entre nós. Caminho de vagar, indo até um pequeno armário de medicamentos, retiro um kit de primeiros socorros, voltando para ela.

Seu pescoço tem um pequeno corte, o sangue ali já está seco. Sento na ponta da cama, tudo com muita cautela, mesmo sentindo sua recusa sei que ela não está em seu melhor momento. Estico o braço para passar o remédio na ferida, mas ela se afasta assustada.

— Calma, me deixa cuidar de você.

Seus olhos vão dos meus para minhas mãos. Passo levemente o algodão pela ferida, tirando o sangue, vendo que foi apenas um corte simples, nem precisaria de pontos. Faço o curativo, tudo com calma, deixando que ela veja cada pequeno movimento que faço. Me amaldiçoando por cada tremor que seu

corpo tenha ao meu toque.

— Adria, o que você está fazendo aqui?

Seus olhos se arregalam. — Sai de perto de mim, sai! — grita amedrontada.

— Acredito que merecia um obrigado por ter salvado sua pele. — Digo.

Ela faz menção de sair da cama, pronta para correr, mas sou mais ágil, seguro seu corpo apertando firmemente contra o meu, de maneira que sua pequena luta em vão não a machuque ainda mais. Ela grita e se contorce em meus braços. Quanto mais lutava, mas fechava meus braços ao seu redor.

— Pare com isso, Adria... sou eu. — Digo dando um pequeno tranco, juntando seu peito contra meu abdômen.

— Me solte, por favor. Me solte. — diz caindo no choro.

Limpo com a mão livre as lágrimas que correm por seu rosto, notando os leves hematomas esverdeados. — Acalme-se. — Digo baixo contra sua orelha.

Ela respira fundo, parando de lutar contra mim, aceitando ficar em meu braço.

— Eles te machucaram, a quanto tempo você está aqui?

Ela não diz nada, hoje não será o melhor momento para isso. Deito seu corpo novamente contra o travesseiro. — Você está segura, eu prometo. Ninguém encostará mais em você, você é minha.

Saio da cama, deixando Adria deitada sobre a pequena maca, Netlen me aguardava do lado de fora, assim como Try.

Fecho a porta. — Quero que tome conta dela, ninguém entra aqui sem minha permissão. Ouviram?

Eles concordam rapidamente, em silêncio.

— Netlen dê tudo que ela precise. E você, Try. Isso será um assunto

nosso, não quero Czar envolvido estamos entendidos?

— Lobo...

— Não me venha com essa, porra!

— Tudo bem, Lobo. Mas não sei quanto tempo conseguirá acobertar o que aconteceu hoje.

— Isso é um problema meu.



30

Quando acordei, Kiran se fora.

Eu não lembrava muito do que acontecerá depois que ele havia colocado na cama. Estava tudo nublado em minha lembrança. Era como se meu cérebro tivesse desligado, incapaz de processar a violência que sofri. Me recordava de Kiran e toda a confusão dele ser o tal de Lobo, lembrava de Netlen me dizendo que tudo ficaria bem e dele retornando, cuidando de meus ferimentos. Passo a mão pelo pescoço, estava envolto em gaze e doendo muito menos.

Quando não havia esperanças, não havia opções, tudo se tornava notavelmente claro. O fato era que Kiran era o Lobo, era o cara frio e assassino que tanto falavam, mas também era o cara que protegia de certa forma essas garotas de sofrerem mais, se isso era possível. Ele tinha as cartas na mão, agora eu era dele. Afinal deixou bem claro isso antes de sair, isso me lembro. A força magnética que tinha em seu olhar ao me encarar. Eu era dele. Não havia escapatórias para mim.

Depois que aceitei esse fato, os dias passaram de forma rápida. Netlen sempre vinha nos mesmos horários, deixava um farto prato em minha frente, assim como roupas limpas e me ajudava nos primeiros dias no banho, me ajudando quando não conseguia me manter em pé devido meus hematomas. Ela tinha se tornado a única fonte de interação humana. Uma verdadeira babá.

— Tire essas ideias da mente. — disse enquanto deixava meu jantar sob a cama.

— Que ideias? — pergunto deixando o garfo e a faca de lado.

— Se me esfaquear vai perder a única pessoa disposta a arriscar a bunda por você. Se tentar fugir me ameaçando com a faca só vai encontrar homens dispostos a te jogar junto com as outras garotas e Deus sabe o que farão.

Resmungo algo indecifrável, entre um suspiro.

— Lobo está arriscando não só a própria pele quanto a minha para manter você aqui. Devia estar agradecida.

— É mesmo? — satirizei.

Netlen revirou os olhos. — Se tivesse prestado realmente atenção nas informações que eu passei, teria pensado mil vezes antes de se infiltrar aqui. Isso não é um clube Adria. — disse baixando o tom de voz. — Isso é um beco sem saída com todos os piores tipos de pesadelos tomando forma e vindo para cima de você.

Dou uma garfada generosa na comida, observando Netlen se sentar perto da porta, na qual vivia trancada. — Você parece conhecê-lo bem.

— Talvez. — diz.

— Ele é o que aqui dentro, o chefe? É o responsável por jogar essas meninas aqui ou apenas por descartá-las como lixo?

Ela suspirou — Pare de bisbilhotar, Adria.

— Que diferença faz? Ao que posso ver sai de uma puta para uma sequestrada. — Olho para ela com frustração.

— Se ele quiser que conte algo.

— Você gosta dele, é leal a ele.

Ela estreita os olhos para mim. — Sim, tenho gratidão por ele ter salvo minha vida, mesmo que não tenha conseguido fazer o mesmo pela minha irmã. Então sim. Ele tem minha lealdade, pelo menos é por isso que estou aqui salvando seu traseiro.

Assenti voltando a comer.

Com o passar dos dias a frustração foi se tornando mais forte, mas presente e os sentimentos mais controversos. Eu sonhava com as malditas mãos de Kiran percorrendo meu corpo, me dando prazer, assim como fez aquela noite em meu apartamento. E a ideia era tão medonha que me fazia sentir vontade de vomitar. Ele era um assassino, frio e calculista. Será que haveria verdade nas palavras de Netlen? Que ele não era o que eu imaginava? Mesmo tudo mostrando o contrário?

Tentei pensar racionalmente no assunto por um momento, entender a confusão de sentimentos. Sim, uma pequena parte de mim se ressentia por ele ter desaparecido, ter salvado minha vida, ter me salvado do abuso que iria sofrer e ter me deixado naquele quarto trancada, tendo Netlen como companhia. Não que eu quisesse a atenção dele, mas eu queria respostas. Ao ver por onde meus pensamentos seguiam, notava o absurdo das minhas emoções contraditórias. Tão idiota que me xinguei mentalmente.

Eu estava exatamente constatando que tinha uma atração por um criminoso, eu uma agente especial, treinada e a melhor da minha turma, tinha virado uma daquelas mulheres que se apaixonam pelo inimigo. Eu me recusava a ser, sabia que estar ali, sendo bem tratada aos cuidados dele mexia com minha cabeça, me tirava do foco. Eu estava abandonando meu verdadeiro objetivo de estar ali, do por que tinha me infiltrado naquele inferno.

— Me deixe voltar para minha missão. — Reclamo.

Netlen ergue a vista, parando de juntar as coisas. — Esqueça. — diz pegando a pequena bandeja e sumindo dali, trancando a porta de ferro ao sair.

E finalmente ele estava ali.

Descobri quando ele me acordou de um cochilo. No início não achei que fosse real, mas diferente dos meus sonhos esse Kiran não sorria, tinha uma aura sombria sobre si.

— Você veio, enfim. — Constatando o óbvio.

— Sim.

Me ajeito na cama, sentando ereta.

— Fiquei sabendo de suas reclamações.

— Pelo visto Netlen é fofoqueira também. — Resmungo.

— Acredito que é o papel dela, afinal é sua informante.

Encaro seus olhos.

— Com quem estou falando? Adria ou Pam?

— Isso importa?

— Então não é apenas seu pai um agente. Você é policial.

— Alguém fez a lição de casa. — Retruco.

— Me diz, o que está fazendo aqui? — ele continuava despejando suas perguntas.

Cruzo os braços diante do peito, me mantendo calada.

Kiran aperta o ponto entre os olhos. — Podemos ficar nessa fase durante toda a noite ou você pode responder minhas perguntas?

— Que tal você responder algo? Como... você é o tal Lobo? Mas que destino filha da puta. — Digo rindo.

— Não é o que está pensando.

— Não é mesmo? Não estão traficando mulheres como se fosse objetos baratos? Não estão abusando daquelas menores de idade, além de tudo que fazem com todas as mulheres aqui? Então me diga, Kiran ou devo representar o mesmo fanatismo que elas fazem ao citar você, Lobo?

— Você é uma mulher inteligente. Mas está mexendo com coisas fora do seu alcance. E prefiro que me chame de Kiran, pelo menos entre nós.

Estreito os olhos. — Então é Kiran, a menos que esteja matando mulheres ou se divertindo com elas, é isso?

— Chega! — Explode. — Isso tudo está longe demais de suas mãos, não sei como entrou aqui, nem mesmo seus propósitos, mas isso não é brincadeira. O cara que estava a ponto de matá-la dias atrás não tem alma, nenhum de nós temos. Então sugiro que aceite minha ajuda, assim posso arrancá-la daqui.

— Quem é o responsável por tudo isso? Quem é você e porque está no meio disso?

Ele passa as mãos pelo cabelo, respirando fundo.

— Estou pensando se você é apenas um sociopata ou um psicopata, quem sabe não seria os dois?

Ele ergue o olhar, encarando-me.

— Porque não trocamos informações, pelo visto quer saber algumas coisas de mim e eu quero informações.

— Tente.

— Quem é o mandante? Quem é que sequestra essas garotas? O que você é para isso tudo?

— Nem nos seus piores pesadelos eu desejaria encontrar com Czar. E eu? Ao contrário de você que teve uma criação normal, não tive a mesma sorte. Esse mundo é meu e você não deveria estar nele. Mas não sou um sociopata ou psicopata como disse. — diz. — Minha vez. O que está fazendo aqui?

— Vim acabar com essa organização.

Kiran esboça um sorriso. — Só de ouvir, sua ideia parece tola e inútil.

— Sou agente do FBI, não que não tenha descoberto.

— Você pode ter o governo inteiro aos seus pés, isso tudo é muito maior que você, que sua luta. Adria.

— São pessoas inocentes, mulheres inocentes, crianças! — me exalto.

— Você acredita que cheguei aqui hoje? — diz ficando de pé. — Estou

nisso desde que me entendo por gente, matei mais que pudesse me recordar, infringi mais leis do que seu governo pensou em ditá-las.

Uma coisa dentro de mim pediu para que calasse a boca, mas não consegui. — Então vai me matar?

— Não, Adria. — Ele pareceu exasperado por um momento, por um momento pareceu o Kiran que me encarou nos olhos ao entrar em meu apartamento e tirar minha roupa de maneira gentil.

— Então serei sua refém, me machucará quando tiver vontade?

Ele não negou, se levantou, ainda olhando para mim. — Posso ser um monstro, e sou. Posso ter feito coisas horríveis, mas eu não machucaria você Adria, será que não entende que eu mataria se alguém encostasse em você? Eu procurei você por dois meses, tentando encontrar um paradeiro sequer seu. Netlen vai cuidar de você quando não puder estar por perto. Quando chegar a hora vou te tirar daqui. Mesmo que de tantas maneiras erradas, eu esteja feliz por finalmente encontrá-la. — Diz antes de sair, fechando a porta atrás de si.

O demônio tinha uma bela face.



KIRAN

— Seus hematomas estão melhores. — Ergo a mão e acaricio seu maxilar com os dedos. — Logo nem existiram mais.

Adria fecha os olhos, afastando seu rosto lentamente de minha mão.

— Você está calada. Se arrependeu das últimas investigações contra mim? — sussurro.

O silêncio que ela impõe entre nós me irrita, me faz desejar os dias amenos que ela não sabia quem eu era de verdade. Dou alguns passos para trás, colocando uma distância entre nós, ela me encara ainda em silêncio, porém não forço. Saio do quarto fechando a porta atrás de mim.

— Pelo visto nada mudou. — Netlen diz saindo das sombras.

— Fique de olho nela, como estão as coisas por aqui?

— Try anda fazendo um bom trabalho em manter todos na linha, acho que seu pequeno surto com Burn e Deany fez algum efeito.

— Tenho que tirá-la antes do leilão, não posso deixá-la chegar tão longe.

— Não entendo porque ela se tornou especial para você. — Netlen retruca, fazendo eu encarar seu rosto.

— E não te devo explicações, acredito que deixei isso claro.

— Desculpe, Lobo.

Assinto, saindo dali, me preparando para o pequeno encontro que teria com Czar.

Entro em seu escritório, Czar estava sentado atrás de sua mesa, fumando seu charuto importado. Seus olhos recaem sobre mim, balança a cabeça em direção à porta. Entendo seu gesto silencioso para fechá-la. O faço, permitindo bater um pouco, recebendo seu olhar superior.

— Vou perguntar porque tive que saber de um dos meus homens que você surrou não só um dos meus homens, como quase matou Deany?

— Vejo que temos maricas no meio de nossos homens.

— Eu sugiro que não trate nosso assunto com leviandade.

Contemplo meu próximo passo. Puxo a cadeira para trás, sentando e cruzando uma perna sobre a outra. — Não sabia que o fato de dar um corretivo naqueles vermes, era de total interesse seu? — rebato.

— Tudo que ocorre em meu território é de meu interesse. — diz sorrindo, batendo a ponta de seu charuto na pequena cristaleira ao seu lado.

— Eles causaram grandes problemas, perdemos uma virgem por que Burn quis satisfazer seus desejos imundos.

— *Sukin Syn!* ¹⁹ — Exclama batendo o punho contra a mesa de mogno.

— Já cuidei disso, ambos irão ficar espertos.

— Fico contente que você tenha retomado suas raízes.

— Então é por isso que tem me tratado como um de seus lacaios? — pergunto irritado.

— Confiança não é um presente é algo conquistado, Kiran. Você é meu legado. Se você se mostra fraco diante meus inimigos, qual será a imagem que eu terei para eles?

Levanto revoltado. — Ela era uma criança!

— Uma criança que era filha de um inimigo, que sua morte nos permitiu dobrar um homem que estava impedindo nosso trabalho. Sempre haverá uma criança ou uma mulher. Os homens se enfraquecem ao se apaixonar, apenas tolos deixam os sentimentos dominarem suas mentes. Homens como nós não tem coração, não tem sentimentos, sentimentos para pessoas como eu e você causam apenas morte. Imagine que tolo se eu me apaixonasse por uma puta como Andreia? Acredita mesmo que eu deixaria de ganhar meu dinheiro por que ela abre as pernas de maneira satisfatória?

— Não estou disposto a isso, judiar de crianças por causa do erro de seus pais?

— Não banque o inocente. Você já visitou esses terrenos, sabe como terminaremos. Você é exatamente como eu, é o espelho de seu pai.

Ranjo os dentes, travando a mandíbula, enquanto Czar fuma tranquilamente seu charuto, soltando a pesada fumaça pelo ar.

— Cometi um erro, Kiran. — diz quebrando o silêncio.

Recuo, em toda minha vida nunca ouvi nada, nem mesmo perto de arrependimento sair de sua boca.

— Lutter tem seguido minhas ordens, sendo meus olhos. E ele trouxe notícias preocupantes, temos um *vor* entre nós. Eu deixei que um *vor* se infiltrasse em meus negócios, relaxei minhas muralhas.

— Um ladrão?

— Sim, como vocês costumam dizer, um delator. — diz. — Lutter está quase certo de quem é.

— Como descobriu? — questiono.

Czar esboça um sorriso. — Estou nessa vida a tantos anos, que você mal tem ciência. De qualquer forma, amanhã eles estarão trazendo o traidor para mim.

— *O filho prodígio.* — Orrel zomba. — *Que porra quer, Kiran?*

Não hesito. — Preciso de um favor.

A gargalhada alta faz com que eu afaste o celular do ouvido.

— *Devo estar realmente bêbado, não é que aquele filho da puta alemão acertou quando me colocou para fora do bar.*

Olho no relógio em meu punho, lá deveria passar das quatro da madrugada. — Você vai me ouvir?

Ele riu. — *Diga, o que o incrível filho do satã quer com um mero mortal como eu, como anda nosso D'yavol²⁰?*

— Você tem bolas. — Rosno me arrependendo de ter ligado, mas no momento Orrel era a única via de sumir com Adria do mapa.

— *Do que precisa?*

— Quero que suma com uma pessoa.

Outra gargalhada.

— Se você não levar esse papo a sério eu juro que atravessarei o mundo para que a próxima coisa que vai olhar seja meu punho contra seu rosto e o teto de um maldito hospital.

— *Achei que tinha homens com culhões para fazer seu servicinho sujo.*

— Quero que me ajude a fazer uma pessoa desaparecer, não a matar.

— *Está querendo esconder uma pessoa de nosso querido satã, é isso mesmo?*

Respiro fundo, fechando os olhos estava impossível falar qualquer coisa com Orrel no momento.

— Estou tentando salvá-la do inferno. — Digo baixo.

— *Você é um lobo apaixonado? E por acaso sua protegida está encrencada com nosso querido Czar?*

— Preciso que me ajude tirá-la dos Estados Unidos, acha que consegue?

— *Não sei. Não quero me meter e perder minhas bolas por causa dos seus problemas. Sinto muito que tenha sido um otário, primo.*

— Orrel! — urro do outro lado da linha.

— *Porra, eu vou ver o que posso fazer. Vou ver!*

— Obrigado. Entrarei em contato. — Digo encerrando a ligação e jogando o celular longe.



BAKER

— Baker?

— O FBI encontrou provas que os Rootns estavam recriando um site de sexo, porém não é possível extrair nada, eles estão utilizando a Deep Web. — Menfys diz sem me olhar. — Kate está verificando todos os arquivos.

— Não estou gostando o rumo que as coisas estão levando, Menfys, o tal chefe da organização que o agente Wenth nos fez o retrato não foi encontrado em nenhum sistema.

— Temos que manter tudo como está, os agentes precisam de tempo para se adequar ao mundo que foram inseridos.

— Concordo, desde que a principal agente informante não suma por duas semanas deixando toda sua equipe totalmente no escuro. Estou dizendo, Menfys, tem coisa errada.

Menfys suspira, me olhando nos olhos. — Seu afeto pela agente Hamer está afetando seu julgamento.

— O único com julgamentos afetados é você, não percebe que temos que fazer a extração dos agentes? — questiono irritado.

— Extração? Isso poderia matar não só os agentes envolvidos como os que iriam para essa caça às bruxas, Stone. Não posso permitir uma extração, são anos de planejamento.

— São duas vidas, são dois agentes em perigo e se tiver correto, talvez um, já que Wenth deve ter se curvado a eles.

— Isso é uma acusação séria, Stone. — Menfys se levanta, encarando-me sério. — Nunca julguei ou me intrometi em uma de suas operações agente, não vou permitir que faça isso com as minhas.

— Me deixe pelo menos investigar Rowsend, me deixe tentar extrair algo dele, algo que nos leve para algo mais concreto.

— Rowsend está em poder da CIA, a essa altura está confinado em um dos *Blacksets*²¹ dele, mal sabemos se está vivo.

— Não foi apenas Rowsend que foi preso naquela batida. Me deixe falar com o outro preso. — Digo.

Menfys fica em silêncio por um momento.

— Teremos que deixar essa visita em absoluto segredo. Posso cuidar da segurança.

— Tudo que preciso, me deixe lidar e tentar arrancar algo.

— Não cometa nenhuma besteira, Stone.

— Não se preocupe.

O sistema penitenciário da administração era ridículo. O governo do estado, muito menos o governo federal nada faziam para melhorar as milhares de denúncias que recebiam tanto dos presos como dos funcionários. Chegava a ser desumano.

Um policial cumprimenta com um movimento de queixo, levantando a mão que segurava as chaves grandes e pesadas.

— Por aqui. — O policial diz, guiando-me pelo corredor repleto de celas. — Tem dez minutos, depois te arranco de lá tenha terminado ou não. — diz nervoso.

— O preso?

— Está sem direito ao banho de sol, arranjou briga com outro preso.

Concordo.

— Vou precisar de sua arma.

Retiro o coldre passando para o policial. Ele abre a pequena cela, permitindo que entrasse, trancando-a assim que estava lá dentro.

— Que porra é essa? — questiona encarando surpreso.

— Tenho umas perguntinhas para você.

— Tem porra nenhuma, guarda! — gritou tentando olhar por cima de meu ombro.

— Quero informações de como encontrar sua organização.

Ele manteve seus olhos sobre mim, o rosto rígido e inexpressivo.

— O que você acha que aconteceria com um cara como eu se desse com a língua nos dentes? Aqueles filhos da puta tem uma estrutura dentro dos presídios, não dão ponto sem nó, eu acabaria sendo espancado até a morte num desses corredores.

— Se falar, posso aliviar sua pena ou protegê-lo de outra maneira.

Ele apertou os olhos, sua feição afiada, desconfiando do que falava.

— Me dê algo concreto e eu quebro sua pena ao meio.

— Me tirar daqui? Como?

— Podemos fazer um trato, preciso saber como encontrá-los, preciso saber quem é o mandante.

Ele gargalhou, jogando a cabeça para trás. — Vocês são tolos se acreditam que um dia colocarão as mãos em Czar, o cara mata todos vocês antes do amanhecer.

Arqueio a sobancelha.

— Cinco minutos. — O policial avisa.

— E as mulheres? Onde ficam e quem é responsável por pegá-las? Elas são dopadas?

Ele gargalha mais uma vez, sentando-se na cama. — Não vai arrancar nada de mim, fazer um acordo com o FBI é a mesma coisa que assinar minha sentença, no mesmo dia que sair ele me encontrará e levará minha cabeça numa bandeja. Afinal, eu não fiz nada de errado, era apenas um cafetão que transportava essas mulheres para eles. Não sabia nem qual a droga que cheiravam.

— Tempo acabou, para fora. — diz o policial abrindo a porta.

— Nos vemos por aí, meu velho. — Ele diz com um enorme sorriso.

— O que está te incomodando, querido?

Passo as mãos pelos olhos cansados, passei boa parte do jantar com o pensamento longe, mais revirando a comida no prato do que comendo-a.

— Um problema no trabalho.

Minha filha corre pela sala de estar, brincando com suas bonecas, Lilian segue meu olhar, sorrindo ao ver nossa filha tão entretida em seu pequeno mundo de fantasia.

— O que posso fazer para ajudá-lo?

— Infelizmente nem eu mesmo consigo, querida.

— É tão sério assim?

— Sabe que não posso comentar sobre isso, tenho restrições.

Talvez o problema não fosse deixar minha mulher mergulhar nas águas traiçoeiras do FBI, talvez o fato seria mesmo falar em voz alta que o problema

era realmente mais sério do que todos pensavam e que no final minhas suspeitas estivessem corretas, e fosse tarde para fazer algo.

— Lilian?

— Sim, querido.

— O que você faria se soubesse que seus instintos estivessem certos, mesmo que não tivesse nada para comprová-los?

Lilian não disse nada por um instante. Fitando meu rosto, mas então se curva sobre a mesa de jantar, segurando minhas mãos nas suas. Ela me fita com as mãos unidas, o calor tão amoroso espalhando, até mesmo relaxando-me, minha esposa sempre teve esse pequeno dom, ela era um verdadeiro sopro divino para mim, em todos esses anos de casados.

— Você deveria segui-los. Você é excelente no que faz, sabe disso. Siga seus instintos, talvez encontre a resposta que procura.

Aperto gentilmente suas mãos, levantando, dou um beijo casto em seu rosto, seguindo para sala dando outro em minha filha. Parando apenas para pegar os casacos no pequeno closet ao lado da porta e saindo.

Ficar de tocaia em frente a casa de Luigi era errado, mas algo me dizia que eu precisava confrontá-lo. Passava pouco mais das dez da noite, o vento frio tinha tomado conta das ruas, não tinha uma única alma penada que se atreveria passar por ali. Espero mais alguns minutos, me certificando que nada nem ninguém surja, estava pronto para abrir a porta do carro quando Luigi aparece na entrada de sua casa, caminha até seu carro, colocando uma garrafa térmica em cima da lataria. Teria que ser agora, senão eu perderia minha oportunidade. Abro a porta do carro, pronto para saltar e ir até ele quando escuto o barulho de pneus cantando pelo asfalto, luzes altas de faróis me cegam ao olhar para trás, leva um segundo para que minha vista volte ao normal, mas tempo o suficiente para que veja o furgão sem placa parar de qualquer jeito pela calçada, dois homens encapuzados saem de dentro dele partindo para cima de Luigi, que cai ao ser atingido por socos e pontapés, logo depois sendo arremessado para dentro do furgão.

Bato a porta, ligando o motor, pronto para segui-los, mantenho uma distância segura, mesmo acelerando atrás deles, alguns carros me cortam ao

entrar nas ruas do centro e o furgão segue em alta velocidade, rumando para fora da cidade. Mas como a porra de um passe de mágica, ao demorar alguns segundos a mais para virar na mesma esquina que eles, pronto, foi o bastante para desaparecerem de vista.

Caço o carro pelas ruas próximas, mas sumiu, como se nunca tivesse existido.

Naquela noite mal consegui dormir, vi todas as mudanças que o céu fez até o despertador tocar. Naquela manhã entrei como uma bala de canhão no escritório de Menfys, relatando tudo, desde a visita na penitenciária até o ocorrido com Luigi Wenth. Menfys ouviu tudo e só depois que eu tivesse repetido pela terceira vez que tanto a agente Hamer como o agente Wenth estavam em perigo, Menfys se levantou, pediu para que Clain fosse ao seu escritório e ordenou que reunisse os agentes envolvidos na operação Rootns.

— Vamos fazer a extração. Mas concordamos que no passo que estamos mal sabemos se os agentes ainda estão vivos. Segundo relatos a boate Penlin que funcionava como ponto de encontro está fechada, os agentes informaram que não há nenhuma movimentação no estabelecimento há dias. Se os agentes forem extraídos, toda nossa operação vai para o ralo e provavelmente esses caras sumam do mapa, segundo você, eles estavam dirigindo para fora da cidade. Será um milagre encontrarmos alguma pista deles, já que mal sabemos para onde eles realmente levam as garotas.

— Entendo, senhor.



KIRAN

— Espero que esse pequeno agrado lhe faça passear mais com sua família, Roach.

Entro no escritório improvisado, fechando a porta atrás de mim. Roach e Czar me encaram, mas voltam para sua pequena negociação. Se um dia procurasse pela definição do crime organizado, havia muito pouco que ele não operava. Políticos eram seus maiores clientes, policiais e assim como alguns bons agentes do FBI corruptos estavam em seu bolso, dançando em suas mãos.

Roach sorriu, ele suava, vestígios de suor escorriam por sua testa e pelo meio de suas costas na camisa social. Poderia dizer que ele estava ansioso para colocar as mãos na pasta preta em sua frente, ou poderia ser apenas nervosismo saindo de seus poros por estar de frente para Czar, até mesmo sabendo que estava no meio do nada, cercado de homens prontos para atirar em seus miolos.

— Mande lembranças para sua adorável esposa, Roach. — Czar diz inclinando-se na cadeira de couro.

Roach se levantou, pegou a maleta, esboçou um leve até logo e saiu da sala.

— Os humanos podem ser como uns bichinhos assustados. — Czar diz levantando-se. — Vamos, temos um evento interessante agora. — Acrescenta batendo em meu ombro ao sair da sala.

Acompanho-o para fora, vendo Lutter e Vernan entrar no galpão, pelo visto estavam fazendo algum trabalho sujo. Czar puxa uma cadeira de ferro para

o centro, joga o casaco pesado para trás, sentando-se confortavelmente.

— Senhor. — Vernan para perto de nós.

Czar cruzou os braços dando um leve aceno de cabeça. — Serviço feito?

Lutter inclinou a cabeça. — Sim, senhor.

Czar mostrou os dentes brancos, — Tragam-no.

Lutter e Vernan acenaram saindo do galpão.

— Posso saber o que está acontecendo? — questiono, olhando para o rosto de perfil de meu pai.

— Temos um *vor* entre nós, quero apenas amassá-lo como um lindo cordeiro para o jantar.

Antes que pudesse piscar, Lutter tinha jogado Sebastian no chão, enfiando um joelho em sua coluna. Sebastian se retorcia, lutando e amaldiçoando, mas Lutter era o dobro de seu tamanho, ele nunca sairia dali se o próprio Lutter não permitisse.

— Me solta, porra! Me solta!

— Solte o rapaz, pegue uma cadeira e ponham-no sentado. — Czar ordenou e assim foi feito, ou melhor, Sebastian foi arremessado para a cadeira, sentando-se frouxamente, de frente para meu pai.

— O que aconteceu, chefeão? — disse.

— Você poderia me dizer, poderia me explicar algumas coisas, Sebastian. — Czar brincou, apreciando a provocação.

Sebastian ficou vermelho. — Não tenho nada para contar. Seus brutamontes me surraram no meio da rua.

— Uma excelente casa para um laçao prostituto. — Vernan comenta.

— Então diga-me, Sebastian, seu nome é esse mesmo? — Czar questiona.

Vejo o rosto de Sebastian perder a cor e como seu pomo de Adão sobe e desce rápido enquanto engole a saliva.

— Lógico! Que pergunta tola.

O tapa ao pé do ouvido que Lutter lhe deu foi ligeiro, mas forte o suficiente para ele colocar a cabeça entre as pernas, protegendo o rosto.

— Obrigado, Lutter. Alguns homens realmente não sabem como tratar alguém superior ao seu nível de verme falante. — Czar brincou. — Vamos tentar novamente, qual é o seu nome?

— Sebastian. — diz abafado entre os joelhos.

Vejo Vernan concordar em silêncio, caminha até uma pequena mesa do lado oposto pegando um pequeno alicate prateado. Lutter segura Sebastian na cadeira, fazendo com que suas tentativas de fugir sejam nulas. E quando Czar faz um aceno de cabeça, Vernan pressiona o alicate no dedo mindinho de Sebastian, arrancando-o fora. Os gritos ecoaram pelo galpão, inundando meus ouvidos. O último grito que ele soltou era capaz de acordar os mortos antes dele virar o rosto vomitando, quase vomitando em cima de Lutter, que foi rápido o bastante para jogá-lo no chão.

— Seja homem. Pare de nadar no próprio vômito e volte para seu lugar.
— Czar assobiou, franzindo o cenho para toda bagunça em sua frente.

Sebastian voltou a se sentar na cadeira segurando o ferimento ainda sangrando, suas mãos, a camisa e as calças estavam cobertas de sangue e vômito.

— Vamos tentar mais uma vez, dessa vez Lutter amarre-o na cadeira. E você, quando fizer uma pergunta quero que me responda. Senão meus homens não terão receio em arrancar outro dedo.

Depois de preso a cadeira, Czar retomou suas perguntas:

— Já que não quer nos dizer seu nome, porque não nos conta o que você fazia entrando no prédio do FBI?

Sebastian nos encarou assustado, olhando para cada um presente naquele ambiente. — Vocês estão malucos, eu e o FBI? — disse rindo, mesmo que sua

careta parecesse mais de dor.

— Tem algum irmão gêmeo? — Czar questionou novamente.

Sebastian sacudiu a cabeça rapidamente, negando.

— Então devo perguntar de novo, o que você estava fazendo com aqueles porcos imundos do governo?

Sebastian mais uma vez se negou a dizer, dessa vez quem assentiu foi Lutter. Vernan passou o alicate para ele, forçando Sebastian abrir a boca, os gritos voltaram a preencher a sala.

— Apenas o segundo pré-molar. — Czar diz cruzando uma das pernas sob a outra.

Enquanto Vernan segurava o homem se debatendo, Lutter enfiava a mão dentro de sua boca, os gritos se intensificam, tornam-se desesperados até que param, viram apenas gemidos de uma boca ensanguentada. Lutter joga o dente pro lado, limpando sua mão do sangue de Sebastian.

— Vamos fazer assim, um dente por uma pergunta, cada pergunta que você responder fica com o dente, aquela que não responder perde. — Czar diz sorrindo. — De um pouco de água gelada, sinto que vai precisar.

O frio toma conta de minha espinha, se Sebastian foi o responsável por trazer Adria para dentro, e ao ser visto dentro do FBI... Ou eles trabalhavam juntos ou Sebastian era o informante de Adria com o mundo exterior. De qualquer jeito colocava ela na mira direta de Czar, e isso não era bom. Me afasto de forma lenta do grupo, tirando o celular do bolso, passo o dedo rápido pelos contatos, parando no de Netlen.

“Temos um problema. Ele sabe, esconda-a, quando puder irei até você. De qualquer forma, você nunca a viu. Entendeu? Eu farei contato.” — envio, sentindo a respiração pesada dentro do peito, até um pouco agoniado pela demora para que a mensagem seja enviada, rapidamente apago qualquer prova, enfiando o celular novamente no bolso.

— Se quiser fazer as honras, tenho certeza que ele não irá resistir a mais dois dentes sendo arrancados.

Viro dando de cara com Czar.

— Aposto em dois. — Digo, mantendo minha voz fria e impessoal.

Ele sorri, dá dois pequenos tapinhas em meu ombro e volta para o pequeno escritório improvisado. Dando um tempo para que Sebastian se acostume com as dores que correm por seu corpo.

— Vamos lá, acorde seu frouxo. — Vernan bate no rosto de Sebastian, fazendo-o se contorcer com dor.

— Porra! Eu não sei de nada, de nada. — diz de maneira enrolada.

— Hora de chamar o chefe, pelo visto o canário quer ou não cantar? — Lutter pergunta.

— Não fiz nada, eu juro.

— A maldita da minha mãe jurou melhor que você antes de morrer. — Um dos outros homens de Czar que assistiam ao show, diz rindo.

— Deite-o na maca.

Continuo parado no canto, um pouco afastado do círculo de carnificina que se formava.

Vernan arrasta Sebastian pelo galpão amarrando-o deitado sobre uma maca de alumínio, enquanto Lutter traz consigo um balde e um pequeno maçarico nas mãos.

— Que isso? O que vai fazer com isso? Porra, onde está indo? — Sebastian pergunta desesperado.

— Uma coisa que os americanos me ensinaram foram alguns truques a mais na hora de torturar um homem, Sebastian. Você sabia que os ratos são criaturinhas tão espertas e medrosas que sempre arranjam um lugar para escapar? Principalmente se sentirem dor ou medo. Fora o chiado que eles fazem quando estão sentindo um desses sentimentos é realmente magnífico.

Czar arregaça as mangas, tirando um rato gordo do balde, segurando-o pelo enorme rabo. — Isso além das doenças que transmitem e quando estão com fome, uma pequena gota de sangue pode fazê-los comer grandes pedaços de carne humana.

— Por favor, eu não trabalho para o FBI, eu trabalho para você, porra! — grita.

Czar ignora o que Sebastian grita, entregando o rato para Vernan, que rasga a camisa de Sebastian, colocando o rato e o balde de metal em cima, enquanto Lutter coloca uma luva especial segurando o balde e ligando o maçarico. Os guinchos do rato ficam altos, assim como os gritos de Sebastian. E mesmo que se debatesse na maca, ele estava amarrado, pouco conseguiria fazer.

— Primeiro ele vai arranhar, muito. Depois pode começar a morder e isso é ruim, pois quando morder ele vai ver que existe como fugir, teve casos que o rato comeu metade do estômago para sair pela lateral do corpo. Incrível, não? — Czar diz, voltando a se sentar na cadeira.

— Puta que pariu, me solte, por favor! — Diz em meio aos gritos de dor. — PORRA ELE MORDEU, ELE ME MORDEU.

Lutter continua com o maçarico por todo o balde, fazendo os guinchos aumentarem.

— Lutter, pare. — Czar ordena, poucos minutos depois. — Deixe nosso ratinho descansar. Os dois, amarre Sebastian de pé nas correntes.

Eles fazem exatamente como é mandado, todo o circulo onde o balde estava além de queimar um pouco a pele de Sebastian está marcado com as unhas do rato e com pequenas mordidas. Ele fica pendurado e amarrado no meio do foco de luz, a cabeça pendendo para frente, sua respiração irregular.

— Vamos deixá-lo pensando, amanhã voltaremos. — Czar anda até ele, dando tapas em seu rosto com a mão grande e pesada. — Espero que pense melhor e traga respostas para minhas perguntas.

Espero para que todos, inclusive Czar tenha saído para me trancar dentro do carro. Digito os números com a maior rapidez que consigo. Impaciente por Orrel demorar tanto para atender.

— *Kiran.*

— Preciso daquele favor.

— *Kiran, veja bem, você seria uma carta marcada, sabe que isso significa, não sabe? Não tenho poder para ir até os Estados Unidos e trazer uma garota foragida comigo.*

— Fale com seu chefe, não me importo. Um favor e mais nada, SÓ PRECISO QUE ELE TRAGA UM AVIÃO PARTICULAR E IRRASTREÁVEL ATÉ MIM. — Grito.

— *Calma, eu falarei com ele. Se tiver boas notícias retorno à ligação.* — Orrel diz.

— O quanto antes.

— *Ok.*

Encerro a ligação jogando o celular no banco do passageiro, dando alguns murros no volante. Merda! Esse filho da puta logo abrirá o bico. Preciso de outro plano, preciso tirar Adria daquele armazém, mas como? Iria chamar atenção demais se eu saísse com uma das garotas, ainda mais com Czar e seus homens em alerta.... *pense, Kiran, pense.*

— Você não é como eles, Lobo.

Eu era sim. Matei, vivi com o dinheiro repleto de sangue. Já derramei muito sangue em nome da família, tinha tanto sangue em minhas mãos como esses caras. Com o passar dos anos, sai da sombra de meu pai e criei a minha própria, mas e se o meu ser for tão sombrio quanto o dele?

— Fique esperta com os movimentos.

— Estou. Ela está segura.

O riso me escapa fácil, ninguém estava segura, nem mesmo ela e nem mesmo eu.

— O que você quer? Sabe que tem duas saídas para essa confusão toda que nos metemos.

— Você poderia ter contado, poderia ter falado que uma agente estava te apertando.

Foi um longo tempo antes dela falar. Eu sabia que Netlen vivia em posição difícil, sabia o quanto odiava a vida que vivia e o quanto se culpava pela morte de sua irmã. Até entendi porque não tinha contado sobre isso, ela queria justiça pela sua irmã, mesmo que de forma deturbada, e eu ainda era o filho do inimigo.

— Você se apaixonou. — disse baixo.

Continuo encarando a chuva bater com força contra o vidro do carro e os limpadores fazerem seu melhor para tirar o excesso de água.

— Homens como eu sequer são abençoados com mais um dia de vida. Não temos esses sentimentos.

— Você está errado, novamente. Você se apaixonou por ela, Lobo. Está tão desesperadamente apaixonado que está arriscando sua pele, podendo enfrenta-lo sem titubear.

— Vamos deixar esse papo maluco para outra hora, tenho que voltar para o galpão e você volte para seu posto.

— Eles adiaram o leilão. — Netlen diz o que eu já sabia.

Confirmo com um gesto.

— Se cuide. — diz antes de sair, abrigando-se em seu casaco e nas pequenas marquises das lojas do outro lado da rua.

“Você será meu estimado Ubiytsa, meu assassino mais eficaz.”

Fecho os olhos. E eu fui, me tornei um fantasma na noite, me tornei o próprio cheiro de morte. Desde o dia que Czar parou naquela esquina suja, encarando-me nos olhos com um sorriso falsamente amigável nos lábios.

— Que coisa, não... Sabe quanto custa esses sapatos? Que coisa sem classe, Sebastian.

Entro no galpão escutando meu pai reclamar e Martin se curvar limpando o sangue de seu sapato importado.

— Vai lá, vamos falar, quem sabe um de meus homens não desce você de maneira bem tranquila. Pode ser que alguém até faça um boquete para você antes de jogá-lo no meio do deserto.

Encosto em um dos pilhares, vendo a tortura de longe.

— Ah, meu menino, vejo que chegou. Não era você que desenvolvia aquelas drogas... como se chamavam? — Czar pergunta virando-se para mim.

— Drogas de obediência. — Digo.

— Isso mesmo, sabe Sebastian, nosso Lobo aqui, tem grande apreço pela humanidade, tanto que inventou uma pequena droga que limpa a memória das vítimas, os deixam mais suscetíveis a fazer o que mandamos... até mesmo atos desprezíveis.

— Porra, chefe. Eu não fiz nada. Esses cuzões me querem fora daqui. — Sebastian choramingou.

— Chefe, acho que podemos arrancar outro dente ou quem sabe mais um dedo?

— Acalmem-se rapazes, já tiramos muitos dentes, quantos foram mesmo, Lutter?

— Sete dentes, senhor.

— Uau, você é um homem corajoso, Sebastian. Tive homens que no primeiro já estavam soletrando até o alfabeto de minha terra natal.

— Eu não fiz nada! — Sebastian gritou se debatendo na corda.

— Esse instrumento tem muitos nomes. A primeira vez que senti o que esse pequeno bastão pode fazer foi incrível. Eu literalmente fritei os sacos de um

homem.

Czar se levanta pegando o bastão de choque. O som do bastão batendo nas mãos de meu pai soava alto, até o pequeno gotejar do sangue de Sebastian batendo no chão fazia o maior barulho.

— Começaremos de novo. Qual seu nome?

— Sebastian.

Czar enfia o bastão no meio do abdômen liberando a carga de choque pelo corpo de Sebastian. Ele se contorce inteiro, até mesmo depois que Czar quebra o contato do bastão ele continua se contorcendo.

— O que estava fazendo no FBI?

— Eu não estava na porra do FBI! — Sebastian diz de maneira pausada.

Czar confirma com um gesto, pressionando novamente o bastão contra o pescoço dele, liberando o choque. Deixando que dessa vez ele recebesse uma carga maior, se divertindo com o corpo de seu capanga tremendo enlouquecidamente.

— Diga a porra do seu nome.

— Este é meu nome. — respondeu com os lábios trêmulos.

Czar ficou tenso, e então sussurrou — Mentira, posso ver em seus olhos que está mentindo. — Czar segurou mais firmemente o bastão, podia ver a raiva saindo devagar por seus poros. — A tortura é algo medieval, os antigos tinham costume de dizer que para obter boas respostas levava-se tempo, e nós temos tempo. Podemos ficar dias surrando grandes ou pequenas partes do seu corpo, posso deixá-lo descansar como ontem, mas uma hora irei acertar tantos pontos miseráveis do seu corpo, que mal conseguirá falar.

Czar sai de perto dele, voltando para a pequena mesa, colocando o bastão novamente ao seu lugar. Analisando as armas dispostas em sua frente. Vernan foi ao seu encontro, parando perto dele.

— Senhor.

Czar alisou as facas em sua frente, em total silêncio.

— Ele está sendo mais forte do que pensávamos. O que devemos fazer?

— Surrem-no.

— Sim, senhor. — Vernan se afasta fazendo sinal para os outros, rapidamente um círculo foi feito envolta de Sebastian. Socos e chutes começaram a ser distribuídos por todo corpo dele, sangue começou a escorrer, assim como os homens de Czar intensificaram seus golpes.

— Tem certeza que ele é o *vor*? — pergunto chegando perto de meu pai.

Czar tira uma foto dobrada de dentro do casaco do blazer, entregando para mim. Não tinha como negar, estava nítido, Sebastian saindo de dentro do departamento do FBI, tentando até mesmo esconder parcialmente o rosto.

— É questão de tempo.

Czar volta sorrindo, parando de frente para Sebastian, seu rosto estava completamente vermelho, sangue manchava sua camisa e seu pescoço. Ele faz um movimento com a faca fazendo-a brilhar contra luz, estendendo para que Sebastian admirasse como ele. — Você tem certeza que não quer me dizer a verdade?

Sebastian permaneceu em silêncio, apenas olhando para Czar.

— Entendo. — Czar diz levemente. — Eu realmente gostaria de me divertir mais com você, porém isso está ficando até mesmo monótono demais. Peguem a mordaca.

Um de seus homens saiu de perto pegando a mordaca de couro, aquilo não só era usado da maneira errada como causava uma imensa dor. Retiro o celular do bolso, escrevendo uma mensagem rápida para Orrel, agora mais que nunca precisa de sua resposta.

“*Vai me ajudar ou não?*” — faço a mesma coisa que fiz com a mensagem de Netlen, apago qualquer vestígio, devolvendo o celular no modo silencioso para o bolso da calça jeans.

Os olhos de Sebastian se arregalaram, olhando para cada um de nós ali presente, voltando sempre para seu carrasco, Czar. Ele sabia que a única maneira de sair pelo menos vivo dali, seria abrir a boca, contar as informações que ele tinha. Por isso, não foi nada surpreendente quando começou a gritar que contaria o que Czar desejava, arrancando um sorriso de meu pai e um arrepio frio e medonho de minha espinha.

Czar voltou para onde estava sua cadeira, sentando-se. — Vamos do começo? Que tal saber o verdadeiro nome do verme que tentou se infiltrar em minha organização?

Sebastian engoliu em seco. — Luigi Wenth.

— O canário começou a cantar. — Vernan diz acertando um soco em cheio no rosto de Sebastian ou Luigi.

— Calma, Vernan, assim pode assustar nosso pequeno verme. — Czar repreende ainda sorrindo. — Conte mais, o que você é? Um policial corrupto ou apenas um agente fedelho que mal sabe como seu país comanda as coisas?

— Sou apenas um informante, não sei de nada, estou aqui por causa dela.

— Dela?

— Vejo que cheguei em boa hora.

Viro rapidamente dando de cara com Deany, apesar de estar mancando pelo tiro que dei em seu joelho ele se recuperou rapidamente, mesmo que as cicatrizes em seu rosto ainda sejam visíveis.

— O que ele está fazendo aqui? — pergunto irritado.

— Lobo. Ele faz parte disso, mesmo você tendo acabado com seus bagos.

— Seu filho da puta, você deveria agradecer por eu não ter metido uma bala no meio da sua cabeça. — Deany vem mancando em minha direção, fazendo minha mão se fechar no coldre de minha arma.

— Rapazes. — Czar alerta. Deany para me encarando como se um único

descuido fizesse ele voar sobre mim. — Deany já conversamos sobre isso, seu instrumento foi ajeitado e estamos no meio de uma missão.

— Sim, senhor. — Disse cuspiendo em minha direção.

— Voltamos ao que dizia, quem é ela?

Pego discretamente meu celular, respirando aliviado por Orrel ter respondido.

“Sim, mas saiba que tem um serviço com meu chefe. Estarei aí quando quiser”

“Esteja aqui o quanto antes, eu ligarei.” — respondo apagando ambas mensagens.

—...ela entrou em contato comigo depois que me viu batendo em uma puta, achou que seria um ponto forte para entrar na organização, ela quer colocar tudo no chão, quer a cabeça de cada um de vocês num espeto.

— Eu quero nomes! — Czar gritou.

— Adria, Adria Hamer.

Vejo a confusão tanto nos rostos dos homens de meu pai como no rosto de Czar. Ninguém ali conhecia ela por esse nome, por um instante achei que bastava isso para que Luigi fosse morto como tantos outros e que meu pai seguisse a mesma investigação que fiz. Desvio o rosto vendo Lutter me encarando seriamente, óbvio que ele tinha feito a associação ao nome, ele era o melhor investigador que tínhamos, nunca sequer poderia imaginar que quando dei o nome de Adria para ele que ocorreria algo parecido.

— Adria Hamer, interessante, mas não conheço nenhuma *suka* com esse nome. — Czar diz.

Lutter abaixa os olhos, mas se mantém em silêncio, se ele falasse algo, além de me jogar na fogueira também trairia foco para si.

— Ela entrou com o nome de Pam Gomez.

A gargalhada alta rompeu no meio do galpão atraindo atenção de todos para Deany que segurava o próprio abdômen enquanto ria como um lunático.

— Qual a graça, Deany?

Deany olhou bem para mim, antes de encarar Czar. — Pam Gomez foi a putinha que esse verme trouxe no dia que se aliou a nós, agora o mais engraçado, chefe. É que o Lobo quase me matou por ela. — Todos se viraram me encarando, Czar foi o último, mas seu olhar era o que importava, ele tinha feito a conexão que Deany estava apresentando, para ele eu estava defendendo um rato, uma policial.

— Vamos lá, Lobo, a quanto tempo está fodendo a policial? — Deany pergunta.

Avanço sobre ele, mas sou contido por dois homens de Czar que prendem meus braços para trás do corpo, virando de frente para Czar. Sinto o pequeno suspiro dele bater em meu rosto, assim como o soco no lado direito de minha mandíbula que me dá. O gosto de cobre pelos pequenos cortes em minha bochecha enche minha boca, fazendo eu cuspir o sangue.

— *Vy ne uvazhali svoyego ottsa.* — Czar diz, encarando o fundo de meus olhos. — Você não respeitou seu pai.

— Onde essa mulher está? — Czar se vira para seus homens, mas todos permanecem em silêncio. — Tragam-na para mim. E o amarrem junto com esse verme.

— Espera aí, eu te contei tudo, não mereço sair, contei tudo que sabia. — Luigi diz desesperado.

Czar se vira, sorri e volta para ele. — Claro, mas antes uma pequena lição sobre ser um vor. Vernan a boca. — Ordena.

Vernan segura Luigi, que se debate mais que um cordeiro prestes a entrar no forno, tendo sua boca aberta e sua língua exposta. Czar vai sem remorso, segura a língua do homem, passando a lâmina afiada da faca por ela, jogando o pequeno naco longe. O sangue escorre por todo seu braço, assim como pelo corpo de Luigi que tenta gritar, debilitado pela dor e pelo choque. E como se não bastasse, Czar ainda acende o pequeno maçarico, fazendo sua chama pequena

brilhar diante de seus olhos, queimando a ferida sangrenta, cauterizando-a.

— Agora, joguem-no no deserto, quem sabe o cheiro de sangue atraia alguns coiotes famintos. — Ordena largando o rosto desmaiado de Luigi.



Uma dor de cabeça muito ruim, além disso notei duas coisas ao mesmo tempo, estava escuro e eu não estava sozinha. Estávamos em movimento? Terceira percepção: Minha visão estava bloqueada por algum tipo de capuz, mesmo meus olhos rolando, quase por instinto, para tentar se orientar de alguma maneira. Eu estava em uma van, meu corpo estava espalhado desordenadamente pelo chão. Meus movimentos estavam lentos e ineficazes, minhas mãos tinham sido atadas atrás das costas, as pernas continuavam livres como constatei ao dobrar os joelhos. Algum buraco ou lombada na rua fez com que meu corpo saísse por um segundo do chão duro da van, voltando com tudo e ferindo minhas costas.

Meu cérebro trabalhava de maneira incansável tentando se lembrar o que havia acontecido. Me recordava de Netlen ter entrado, e até mesmo comentado que estávamos em perigo, mas depois a porta foi aberta com violência, o tal do Try entrou com outro homem jogando Netlen contra a parede, apertando sua garganta e ao defender fui contida. Sentindo imediatamente algo pontiagudo perfurar meu pescoço.

— Você está finalmente acordada, estava começando a pensar que meus homens tinham sido cruéis demais com você. Lamento estarmos nos encontrando de maneira tão...

O capuz é arrancado de minha cabeça levando alguns fios de cabelo com ele, fazendo com que eu de dê cara com um homem mais velho, mesmo sorrindo, eu não acreditei naquele rosto aparentemente amigável.

— O que eu estou fazendo aqui? — minha voz parecia estar com certo

atraso, lenta, como se tivesse abusado do álcool.

Meus olhos voam em direção a Kiran, suas mãos estavam atadas por correntes, encarando o chão friamente, o lado direito do seu rosto estava vermelho, marcado. Olho em volta vendo que estou em outro galpão, há marcas de sangue no chão, algumas poças brilhantes que me causam repulsa. Meu corpo estremece com medo, sentindo primeiramente o olhar dele, antes mesmo que o encare no meio daqueles homens. Deany, acredito que nem em meus melhores dias e pensamentos mais felizes irei esquecer de seu rosto ou da caveira que me encara sorrindo.

Ele sorri novamente, dando uma grande tragada em seu charuto. — Temos alguns probleminhas para resolver.

Minhas mãos estão amarradas no ferro da cadeira, assim como meus pés. Há uns quatro capangas mais no fundo com armas nas mãos.

— Querida, por acaso você conhece esse rapaz? — ele volta a falar comigo.

Luigi entra sendo carregado por dois homens, e jogado aos meus pés. Seu rosto tem vários hematomas e cortes, assim como seu corpo. Suas roupas tinham mais sangue que eu pudesse verificar, assim como vi que estava sem um dos dedos da mão esquerda. Ele olhou dentro de meus olhos e isso me faz trincar os dentes. O filho da puta deixou ser pego.

— Pelo visto vocês se conhecem.

Encaro novamente o velho. — Ele era meu cafetão e se apanhou é porque mereceu.

O sorriso pinta no rosto daquele homem, ele faz um pequeno sinal chamando atenção de um dos homens que assistiam.

Ele deixa um pequeno balde d'água com uma toalha ao lado. O velho se levanta apagando o charuto com o sapato.

— Por esses tempos tenho acompanhado os relatórios que meus homens dão de você. É uma mulher interessante eu confesso, veja só... — diz erguendo os braços, o homem que deixou o balde volta retirando o casaco do blazer alinhado e de corte fino que o velho lhe entrega. — Está fazendo este velho

voltar para velhas origens.

Ele pega uma espécie de vara, voltando-se para mim. — Essa belezinha foi um presente de um homem do governo. Até que os americanos têm bons métodos para realizar o trabalho, mas eles falham miseravelmente na execução. Assim que ele aproxima a vara de mim, passeando por minha clavícula, seios parando em meu esterno sinto uma imensa corrente elétrica passar por todo meu corpo, meus dentes batem uns contra os outros, o choque nubla minha visão, fazendo minha cabeça pender para trás. O som de correntes se debatendo me fazendo inclinar minha cabeça em direção a Kiran, que é vigiado de perto por dois homens, seu rosto está furioso, encarando o velho como se saísse dali só para arrancar sua cabeça.

— Vamos conversar, agente Adria? — o velho pergunta se abaixando ao nível de meus olhos. — Me diga, seu pessoal já está atrás de você? Quais eram seus planos?

Mesmo zozna, encaro ele nos olhos e então cuspo. Bem no meio de sua cara. Ele puxa um lenço do bolso passando por seu rosto.

O tapa é tão forte que me faz virar o rosto, quase como a menina do exorcista, fazendo minha cabeça girar ainda mais tonta. — Garota valente.

Ele puxou meu cabelo na parte de trás do meu couro cabeludo, e eu engasguei quando ele puxou meu pescoço para trás, segurando-me firmemente, ficando com o rosto perto do meu, perto o suficiente para que sentisse seu hálito contra meu rosto.

O homem que aguardava com o balde de água entrega um pano grosso para ele, ainda segurando meu cabelo, forçando minha cabeça pender para trás, coloca o pano em cima de meu rosto tampando minha visão. O jato frio da água caindo não só pelo rosto, mas pelo meu corpo faziam minha pele se arrepiar de frio. Minha respiração foi inundada de água, minha garganta ardia, assim como água descia pelo nariz a cada pequena respirava que tentada dar. Cuspo e engasgo.

O velho tira o pano de meu rosto, segurando firme em meu cabelo.

— Veja Kiran, como ela é forte, não se torna uma surpresa você te visto algo especial nela. É uma pena que você a verá morrer, assim como você.

Olho pelo canto dos olhos para o rosto de Kiran, ele se parecia bastante com um animal selvagem naquele momento, o rosto enrugado formando uma verdadeira marca de ódio por toda sua fase.

Naquele momento eu desejei muito estar no poder de uma arma, eu atiraria em cada um deles. Mas nem as mãos eu poderia usar. Deany mancou em minha direção, passando a mão por meu rosto, mesmo eu desviando ele segurou firme pelo queixo, sua mão livre passando pelos meus seios, apertando sem piedade, brincando com o botão de minha calça olhando diretamente para Kiran.

— Eu vou adorar destroçar cada pedacinho do seu corpo, sua vadia. — Disse dando o primeiro golpe em minhas costelas, me fazendo me contorcer mordendo os lábios para não gemer de dor.

— Seu filho da puta! Vou te matar! — Kiran se jogou para cima do cara que o vigiava de perto, lhe arrebatando o nariz com uma cotovelada.

— Olha bem, imbecil. Olha o que vou fazer com a sua putinha. — disse Deany.

Kiran se contorcia, puxando o máximo que poderia das correntes, mas era ineficaz. Deany vem com tudo para cima de mim, fincando a faca perto do osso ílio. Meu grito de dor transborda no ambiente.

Deany se afastou limpando a faca na coxa, indo até a pequena mesa exposta, pegando uma barra de ferro. — Dei um jeito de aquecer, quanto mais quente, melhor.

O capanga confirmou sumindo dali, enquanto Deany veio novamente até mim. — Fique tranquila, docinho. Eu não atingi nenhum vaso importante, nem mesmo um órgão. Mas nossa, como dói uma ferida assim.

O capanga retorna, trazendo a barra de ferro com uma luva revestindo sua mão. Ele para em minha frente erguendo minha camiseta, pressionando a barra aquecida e vermelha contra minha pele, queimando a ferida, por mais que tente os gritos escapam de minha garganta. Fazendo Deany sorrir.

— Vamos, garota. Qual é sua intenção ao entrar em meu território? — o velho voltou parando perto de mim.

Eu mantive minha boca fechada, segurando a resposta à sua pergunta. E a cada pequeno silêncio ele dava um jeito de agredir partes distintas de meu corpo, partes que eu não sabia que doíam tanto ao serem atingidas seja com as mãos ou a barra de ferro que por vezes solicitava aos seus homens.

— Então você é o mandante? — pergunto entre os dentes.

— Admiro sua força. — Ele faz um sinal e o capanga me acerta com um soco na costela. — Nem mesmo sei porque insisto, seu comparsa há essa hora está sendo jogado em qualquer parte do deserto, levaria dias senão semanas para que seu bando descobrisse o paradeiro. Acredito que nem mesmo uma ligação os ajudaria.

O velho foi calmamente até Kiran, olhando-o com desprezo. — Você, sangue do meu sangue. Traiu sua família por um rato embrenhado em nossos esgotos. Você é uma vergonha.

Kiran foi verdadeiramente surrado por aqueles homens, homens que o temiam, hoje se aproveitavam para descontar. Nem por um único suspiro ele reclamou, não reclamou quando socaram seu corpo, ou quando Deany o cortou com sua faca. Nada, ele muitas vezes fechava os olhos e assim ficava por minutos, outras vezes apenas me encarava e quando isso acontecia me aquecia, no meio de todo esse inferno onde eu só sairia dali morta. Kiran ou Lobo, me manteve firme, presa em seu olhar, aquecida pela raiva que brilhava em seu rosto.



KIRAN

Uma dor cegante atravessou minha cabeça, e meus músculos doíam. Revivi por um minuto as surras que Czar adorava me expor, a sensação de queimação nos braços por estarem muito tempo na mesma posição e da circulação ser menor. A luz fraca pendurada no teto parecia como uma chama escaldante em meus olhos. Minha boca estava seca, quando me concentro na imagem ao meu redor, noto que tudo está silencioso demais, vazio demais. Tirando os dois pequenos focos de luz, tudo estava em completa escuridão.

Inclino-me um pouco nas correntes querendo ver Adria, seu corpo está preso como o meu, sua cabeça pende para baixo, alguns fios de cabelo escuro colam em seu rosto no trajeto que seu sangue fazia até o chão. A raiva tomou conta de mim, mas de nada adiantaria esbravejar ou colocar Adria ainda mais em perigo. Quando ela desmaiou de dor, Czar veio pessoalmente me marcar, mesmo o processo sendo doloroso não abri a boca, aguentei tudo, exatamente como ele me ensinou a fazer, acredito que ele próprio sabia que levar meu corpo ao limite não iria me desmontar, como eu disse, fui ensinado pelo próprio diabo.

Mas ali estava a marca em meu peito, a pequena mais significativa tatuagem, a marca que para as pessoas do submundo quando visse reconhecessem na hora. Soubessem que eu traí.

— Adria. — Sussurro. — Adria!

Ela se mexe minimamente. — Adria, olhe para mim. — Ordeno.

Quando finalmente me encara só vejo dor e medo refletido em seus olhos.
— Fique calma, você é minha, eles não tocaram mais em você, mas preciso que

faça algo por mim. Está me ouvindo? — pergunto verificando que ninguém esteja escutando meu monólogo sussurrado.

— Eles vão nos tirar aqui, devem nos levar para qualquer lugar para terminar o trabalho.

Ela me encara com medo.

— Faça exatamente o que eu disser, não tente nenhuma gracinha, você está me entendendo?

Adria confirma olhando para frente, assustada.

Burn se aproximou, saindo das sombras, seus olhos escuros percorriam o corpo de Adria, doente como era estava analisando o que poderia tirar de proveito.

— Não banque o engraçadinho, Burn. Eu posso te matar ainda. — Digo com fúria.

Ele sorri, estendendo a mão para as algemas que prendíamos pulsos de Adria, soltando-as. Ela cai no chão, soltando um gemido baixo, maldito! Seu corpo estava fraco e dolorido, mesmo sendo uma agente duvido que tenha passando em suas missões algo do tipo, que tivesse sofrido tantas agressões como sofreu. Ele foi até os pés, repetindo a ação, quando a algema foi arrancada dos tornozelos Adria moveu as pernas, o grito escapou como um choro de sua boca, o sangue percorrendo os músculos cansados era a parte cruel da libertação.

Burn buscou uma corda no bolso da calça, amarrando os braços de Adria atrás do corpo, deixando-a jogada no chão. Os dedos nojentos e calejados passando pelos lábios dela, enquanto eu controlava minha respiração pesada e assassina dentro do peito, agora não era o momento, dizia isso com frequência para mim mesmo. Atacá-los em seu território não era bom, só nos traria mais surras.

— Prepare-os para o transporte, o chefe quer isso feito o mais rápido possível. — Deany vem em minha direção dando tapinhas em meu rosto. — Quem diria que um dia eu caçaria um lobo.

— Não se vanglorie até ter terminado o serviço. — Respondo com raiva.

— Não banque o valente, senão o último ato que verá será eu metendo o pau dentro de sua putinha, arrombando todos os buracos dela, que tal?

Sádico psicopata.

— Controle-se, Deany. O chefe não quer mais sujeiras aqui.

Lutter vem em minha direção desamarrando meus punhos das correntes penduradas no teto. Seu olhar me lança o aviso para não tentar nenhuma graça.

— Deany, veja se Try está com o carro pronto. — Lutter ordena.

Ele acompanha com os olhos Deany sair do galpão, virando-se para mim. — Seu filho da puta, você queria foder meu rabo?

Confuso com suas palavras me mantenho em silêncio.

— Escute bem, sei que vai dar um jeito de escapar, por isso não vou ser eu que ficarei no seu caminho. — Ele tira um coldre de faca da cintura, enfiando dentro de minha calça.

— Porque está me ajudando? — questiono, isso pode ser uma grande armadilha.

Lutter me encara fixamente nos olhos. — Porque sei que vai matar todos, assim que sairmos daqui. Em todo instante que eles bateram em você, você se manteve firme, apenas encarando essa mulher. Não sei o que ela é para você, mas conheço o Lobo. Sei do que ele é capaz.

— Já se despediu do seu Lobinho, Lutter? — Deany volta rindo.

— Vai se foder, seu maluco. Eu quero mesmo é acabar com isso e me afundar em alguma boceta quente.

— Os dias serão melhores sem você, Kiran. Open de boceta, todas ali, desprotegidas para nós. — Deany disse alto, abrindo os braços como se tivesse prestes a dar um abraço em alguém, gargalhando alto.

— Levante-se. — Try puxa a corda que amarrava os punhos de Adria, dando um tranco em seu corpo, ela se atrapalha em seus pés, Try termina

ajudando-a, segurando ao redor de seu bíceps, contendo um pouco de seu peso.

Sabia que as lesões gritariam, especialmente da costela quebrada, mas ela se manteve firme, acompanhando Try até o furgão, deixando-se arrastar pela corda. Ele a coloca para dentro, sentada contra um lado da lataria, Deany senta quase de frente para ela, onde fica encarando seu rosto, sorrindo ao puxar seu queixo para cima, fazendo com que ela olhasse em seus olhos.

Aguenta, não faça nada... — alerta em minha mente, sei que isso não serve apenas para Adria, mas principalmente para mim, minha vontade de voar em cima dele, arrebatando sua cara e finalizando o serviço que não conclui me sobe rapidamente como a bile por minha garganta.

Lutter me coloca ao lado dela, sentando-se ao lado de Deany, ambos de frente para nós.

O caminho é torturante, o que é bom, já que consigo agarrar uma das mãos de Adria, apertando minimamente seus dedos para que não me denuncie. A faca que Lutter colocou em minha cintura presente em minhas mãos, e conforme o carro balança e a proximidade com Adria consigo ir serrando aos poucos a corda que prende seus punhos.

— Quem tem medo do lobo mal, lobo mal, Lobinho frouxo. — Deany cantarola a velha canção de um livro infantil, rindo ao deturbar a letra.

Lutter se mantém em silêncio, encarando-me nos olhos. Ele sabe que logo irei avançar, sinto apenas por ter que matá-lo depois de me ajudar.

— Vamos, Kiran? Não tem mais o arsenal de ameaças que tinha antes? — Deany provoca novamente.

Mordo a ponta da língua evitando cair nas provocações que ele lança, continuando a serrar a corda ao poucos, agora tudo teria que ser rápido, eles já tinham se afastado do galpão e pelo aumento nas trepidações que o carro fazia, era óbvio que Try tinha deixado a estrada principal. Forço um pouco mais a faca, terminando de serrar a corda, mas o uso excessivo de força faz com que corte sem querer a palma da mão de Adria. Ela me olha por um segundo, segurando firme a faca.

— O problema de você se meter onde não conhece, é encontrar alguém com

mais sede de sangue que você. E se ele voltar, sempre será para te matar. — Digo.

Deany franzi o cenho para mim sem compreender minhas palavras, completamente distraído, principalmente do que ocorre ao seu redor. Vejo tudo em câmera lenta, Lutter se afasta minimamente de Deany ao mesmo tempo em que Adria salta para cima, ficando a ponta da lâmina no pescoço dele. O sangue espira em seu rosto e em sua blusa, mas ela não para o ódio que alimenta seu corpo é tamanho que dá mais quatro facas antes de puxá-la contra mim, fazendo-a cair sentada em minhas pernas. Respirando ofegante, seu rosto está repleto de sangue

O carro para bruscamente, e escuto Try dizer:

— Que porra tá rolando aí atrás?

A porta do motorista abre e se fecha. Encaro Lutter, — Vou precisar da sua arma.

Ele assente, passando a arma destravada para mim, seguro apontando diretamente para a porta do furgão e no momento exato que Try abre, escancarando as duas portas, aperto o gatilho sentindo o pequeno tranco e o barulho da munição cortando o ar, até o momento que ela entra no meio da testa de Try, fazendo-o cair para trás.

Sinto Adria trêmula ao meu lado, seguro seu rosto entre minhas mãos e a arma. — Está tudo bem, vou tirar você daqui. Acabou, ouviu?

Ela confirma olhando-me nos olhos, cedo a vontade quase insana, descendo lentamente meus lábios nos seus, mesmo que ela continue petrificada no lugar, a sensação de sentir sua boa morna na minha é delirante, sugo seu lábio inferior sentindo o animal dentro de mim ronronar, louco para vê-la realmente segura e longe disso tudo. E tê-la somente para mim.

— Termine o serviço, Kiran.

Saio do meu pequeno devaneio, afastando meu rosto de Adria, encarando Lutter.

— Vou precisar do seu celular e da arma. — Afirmo.

Ele tira um pequeno aparelho bloqueado e longe de se rastreável do bolso, e me entrega.

— Posso deixa-lo de volta a estrada ou leva-lo para algum lugar. — Digo.

Ele me olha surpreso. — Você não vai...

— Te matar? Não. — Suspiro levantando, ainda que de maneira curvada pelo pequeno espaço dentro daquele furgão. Puxo o corpo inerte de Deany para fora, jogando-o ao lado de Try. — Você pode ser um merda como eles, mas ainda tem uma chance de consertar tudo.

— Ele irá me matar.

— Verdade. Mas é por isso que terá que ser esperto e sumir daqui. Pegue sua família e suma, troquem de nomes, mudem para um bairro pacato onde todos acreditem na imagem que você venda. Saia do radar de Czar.

Lutter confirma, saindo do carro, parando de frente para mim. — E você?

— Sou um bom fantasma.

Ele confirma novamente.

Ajudo Adria sair do meio daquele caos de sangue. — Entre no carro, vamos trocá-lo assim que possível.

— O que fará comigo? — questiona encarando meu rosto.

— Vou levá-la para longe, se você aparecer no radar dele, Czar não terá misericórdia, vai mandar outros para te matar, outros que não terão a mesmo índole de Lutter, vão arrancar sua cabeça no momento que te encontrarem.

— Eu preciso voltar para o FBI, eles têm que saber o que aconteceu? Até mesmo pelo filho da puta de Luigi, mesmo que eu daria tudo para matá-lo.

— Você irá sair do país. E se ir contra minhas ordens eu vou dopá-la, mas você irá. — Retruco rangendo os dentes.

— Aquelas garotas precisam de mim. — Ela grita.

— Aquelas garotas foram condenadas no dia que entraram ali, você acredita mesmo que Czar irá deixar sua organização no mesmo lugar? Ele já deve ter um plano de contingência, se já não estão longe nesse exato momento. Acorde, Adria, seu momento de ser heroína, morreu assim que você foi pega por eles.

— O chefe já estava esvaziando o armazém, assim que o informante lhe acusou. — Lutter comunica, me ajudando. — Escute o Kiran, o melhor é todos saírem daqui.

Ela respira fundo, ainda me encarando com ódio. E de repente deu um soco em meu maxilar, quase me derrubando no chão. Coloco a mão no queixo, ainda olhando para ela, mesmo sem protestar.

— Foi a primeira e última vez que mentiu para mim. — Ela apontou com o dedo no meio de meu rosto, desafiadora e nervosa. — Se fizer isso de novo, eu prometo que acabarei com você.

Pelo canto do olho vejo Lutter esconder o riso, comprimindo os lábios.

— Eu ainda posso matá-lo, Lutter — Ameaço, volto meus olhos para Adria. — Vai me matar? — questiono arqueando a sobancelha.

— Não seria a primeira vez.

Ela sai raivosa, marchando até a lateral do carro, entrando pelo lado do passageiro, fechando a porta com agressividade.

— Boa sorte. — Lutter sussurra, caminhando para o lado oposto.

Sorte. Talvez precisássemos mesmo, já que poderíamos não sobreviver para contar a história, nem ela e nem eu.



BAKER

— Os agentes estão prontos, é só dar o sinal, chefe.

Confirmo com um gesto terminando de fechar o colete a provas de balas.

— Temos tudo sobre controle?

— Sim, senhor. Houve vigília nesse local e movimentação nos dias anteriores, algo está acontecendo e temos pistas para crer que é lá que eles se escondem. Naquela região é um enorme número de galpões e armazéns abandonados.

— Vamos logo então.

Clain vem correndo até mim, ofegante, para um segundo com as mãos no joelho, tentando recuperar o fôlego.

— Diga de uma vez, Clain, parece que irá explodir.

— Senhor, um homem...deu entrada no Hospital Regional, em nome de Luigi Wenth, seu caso ainda não foi publicado pelos médicos, mas o nome apitou em meu sistema.

— Vamos agora para lá.

— Baker porque não deixa que eu e outro agente vamos até o hospital, enquanto você lidera a operação nos galpões? — Fisher diz.

— Porque?

— Você está envolvido demais, sabemos que sua busca está com foco na agente Hamer.

— Está enganado, fique com o plano, agente.

— Chefe...

— Já dei minha ordem. — Digo saindo e arrastando Clain comigo.

Acelero o máximo até o hospital, caminho até a recepção pedindo informações e ao ver a relutância da recepcionista mostro meu distintivo.

— Vou levá-los direto ao médico responsável.

Atravessamos alguns corredores, parando em frente a porta de um dos quartos, assim que a porta se abre e o médico sai, vejo Luigi deixado na cama, entubado, o corpo repleto de ferimentos e queimaduras.

— Doutor. — Digo mostrando meu distintivo do FBI.

— Agentes.

— O que houve?

— Ele chegou ao hospital muito debilitado, um homem estava passando pela estrada e o viu cambaleando pelo acostamento. Tem feridas de queimadura por ter ficado exposto ao sol, assim como um grande nível de desidratação. Os outros machucados são consequência de alguma luta ou tipo de tortura, nunca tinha me deparado com algo do tipo antes.

— Ele pode se comunicar? — Clain questiona.

— Ele recobra a consciência por vezes, mas acredito que no momento não conseguirão nada dele. — o médico anda até nós, ficando um pouco afastado do leito. — Esse homem foi vítima de uma selvageria, ele não pode falar.

— Como assim, doutor?

O médico nos encara por um momento. — Ele teve a língua dilacerada, cortaram um pedaço da língua. Mas antes de desmaiar ele escreveu algo para se a polícia procurasse por eles. Pela intimação com seus distintivos ao entrarem sei que o recado é para vocês.

O médico vai até o pequeno sofá debaixo da janela, trazendo consigo uma folha de caderno. E nos entrega.

“Eles nos pegaram, Adria morta.”

Amaço aquela folha entre meus dedos, sentindo o ódio corroer minhas veias, filhos de uma puta.

— Doutor, tem alguma ideia de quando poderemos conversar com ele? — Clain pergunta tomando a frente.

— Acredito que ele ficará melhor quando acordar, mas não irá falar.

— Sim, eu entendo. Poderia nos fazer o favor de quando o agente Wenth recobrar a consciência entrar em contato conosco? — Clain estende um cartão preto com seus contatos para o médico que confirma com um gesto nos encarando e sai, seguindo para o lado oposto do corredor.

— Baker?

Soco a parede diversa vezes querendo que tivesse ali o rosto da pessoa que fez isso, o rosto da pessoa que arrancou a vida de Adria.

— Eles a mataram. — Anuncio após alguns segundos.



Meus olhos se abriram, mas continuei fingindo que estava dormindo. Kiran dirigia no meio da noite, a escuridão ao nosso redor dentro e fora do carro. Apenas o painel do carro e as luzes dos carros seguindo caminho contrário me davam pequenos flashes de seu rosto. Mordi o lábio respirando fundo, o beijo, o atrevido teve coragem de me beijar, aquele lábio quente e robusto encaixando-se no meu, sugando o meu para si...

Revirei os olhos e o rosto, mantendo-me escondida de sua visão. Quando saímos do meio do deserto, voltamos para cidade, Kiran parou em um pequeno posto de gasolina, trazendo alguns lanches do fast-foods para nós, comemos avidamente, estava com tanta fome que Kiran deu sua metade para mim, rindo do modo que devorava até mesmo as batatas murchas. Dali, trocamos de carro.

Lembro do olhar divertido que ele me lançou antes de ameaçar soca-lo outra vez.

— De uma agente especial, condecorada e indicada para fazer parte da SWAT, virei uma ladrazinha de carro. — Tinha retrucado enquanto Kiran fazia a ligação direta.

Me ajeito no banco, gemendo devido a dor dos meus ferimentos.

— Vejo que acordou. — Sua voz sussurrada no silêncio do carro continuava sedutora. Uma sedução errada, lembre-se Adria ele continuava sendo um criminoso.

Vejo encostar o carro na beirada da estrada, debruçando-se sobre mim.

— Quero dar uma olhada em suas costelas. Não me dê um soco. — diz sorrindo.

Ele empurrou minha camisa para cima, revelando centímetro por centímetro de minha pele, exibindo as contusões. Um grande hematoma e dois ligeiramente menores sobre minha caixa torácica. Seus dedos foram gentis, pressionando a contusão, mas me encolho mesmo assim. Indo para longe de seu toque, segurando um silvo entre os lábios.

— Porra.

Noto que ele cerra os dentes, desliza a mão para baixo, traçando levemente por minha costela. Estremeço. — O que está fazendo?

— Preciso ver se elas estão quebradas. — diz.

— Está aproveitando para me apalpar também? É logico que estão quebradas. — Minha tentativa de parecer durona foi destruída pela voz trêmula de dor.

Ele sorri. — Não preciso disso, quando te tocar novamente vai ser porque você desejou.

Estreito os olhos encarando seu rosto, abaixando a blusa. — Tenho pelo menos três costelas quebradas, ambas deve estar no processo de conserto.

Kiran se endireita. — Sabe que teremos que quebrá-las novamente, né?

— Sim.

— Vou procurar um hotel para passarmos a noite, e amanhã, seguiremos viagem.

— Para onde vamos?

— Como disse, tirarei você do país. — Ele retruca, voltando a dirigir, tirando o carro da beirada, voltando para a estrada.

— Tenho uma coisa para fazer antes de ir.

Ele me encara, dividindo a atenção entre mim e a estrada. — Impossível.

— Tenho que resolver uma coisa antes de ir. — Digo de maneira firme.

Sinto-o bufar.

Pego um jornal abrindo na parte de crimes da cidade, mostrando a notícia. Meu nome grande e em negrito no meio da manchete. Entrego para ele, que apoia a matéria sobre o volante, acendendo a luz interna para ler.

— Sei que terá uma cerimônia. Baker não deixaria a falta de um corpo atrapalhar.

— Como pode saber disso? Quem é Baker, seu namorado? — sinto a forma azeda com que ele pergunta, principalmente a última parte.

— Sei por que ele fez o mesmo com meu pai. Meu pai foi morto em uma operação, infelizmente nunca encontramos seu corpo, apenas vestígios, Baker era parceiro do meu pai na época. Sei que ele fará a mesma cerimônia para mim, porque é meu amigo, quase um pai. — Digo num suspiro, virando meu rosto para a janela, encarando a escuridão do outro lado, tão parecida com a escuridão que me corrompeu e se instalou dentro de mim.

— Adria, é muito arriscado, aparecermos assim é como colocar um alvo no meio de nossas costas.

— Eu preciso ir. Se não quiser ir, me deixe em qualquer lugar acessível que me viro.

— *Upryamaya zhenshchina!* — Diz socando o volante. — Mulher teimosa. — Acrescenta olhando em meus olhos, ao mesmo tempo que dá meia volta na estrada, retornando para a cidade.

Vinte minutos depois, eu e Kiran chegamos na entrada de um hotel barato, ele deixou o carro roubado estacionado, andando rapidamente para dentro da recepção do hotel. Fico impaciente aguardando seu retorno. Acabo respirando aliviada quando vejo-o sair balançando as chaves do quarto.

— Um quarto para não fumantes. — Kiran diz assim que chego perto dele.

As luzes sobre nossas cabeças piscavam e apagavam conforme andávamos pelo corredor, passando por portas e mais portas fechadas. A metade lógica do meu cérebro estava realmente pirando, tinham acontecidos coisas tão foddidamente piradas que o fato de me enfiar num quarto desse hotelzinho com Kiran, um possível assassino cruel, era até agradável.

Kiran me encara pelo canto dos olhos como se tivesse lido meus pensamentos, parando de frente para o quarto 305. Kiran fecha a porta atrás de nós, dando uma olhada cautelosa pela janela, assim como por toda a suíte. Retira o moletom jogando-o em uma das cadeiras, chacoalhando os cabelos úmidos pela chuva que tínhamos pego.

— Não é como seu apartamento, — diz dando de ombro. — Mas vai servir para o propósito.

— Nem consigo imaginar quantas bactérias tem debaixo desse coberto. — Sussurro.

— Já fiquei em lugares piores. — diz sumindo em direção ao banheiro. — Pelo menos tem sabonetes e toalhas. — Sua voz sai abafada de dentro do banheiro e logo o barulho do chuveiro ligado chega até mim.

Sento na ponta da cama, soltando um suspiro pesado. Kiran deixou a porta entreaberta e a luz se espalhava pelo chão, subindo pela parede oposta do quarto. Da onde estava poderia ver o pequeno e fraco reflexo dele dentro do banheiro, mesmo querendo fechar os olhos ou trocar de posição evitando quebrar suas privacidade, meus olhos não obedecem, fico hipnotizada pelo caminho que a água faz em seu corpo, descendo por seu abdômen, trilhando um caminho que muito tempo atrás tinha feito com minha boca.

Desvio os olhos quando água para, me remexo incomodada na cama, pouco tempo depois Kiran sai vestindo apenas seus jeans abaixo da cintura. Ele deixa a porta aberta, trazendo o vapor para dentro do quarto. Não precisava de outra olhada para confirmar o que eu sabia, Kiran não só tinha um ótimo físico de suas horas na academia como sabia usar cada parte do seu corpo para satisfazer uma mulher. Merda, Adria! Se minha mãe tivesse viva diria para que eu controlasse minha periquita.

— Qual lado da cama você quer? — perguntou.

Dou de ombros. — Vou tomar um banho.

Ele me encara por um pequeno instante se jogando onde segundos antes eu estava sentada. — Nervosa?

Viro arqueando a sobrancelha. — Não. — Digo tão confiante quanto pude diante das circunstâncias. E as circunstâncias era que eu estava mentindo através dos meus dentes.

— Você é uma péssima mentirosa. — diz sorrindo.

Kiran saiu da cama com olhos predadores, agora eu conseguia muito ver o tal Lobo incrustado em sua pele, não só na tatuagem que me encarava pelo espelho pendurado na parede atrás dele, mas sim dentro de si. Meu corpo inteiro ficou rígido. Minhas pernas não respondiam ao comando para se afastar.

Ele parou a dois passos de mim, estendendo a mãos lentamente entre nós, tocando o osso de minha clavícula, seguindo dolorosamente lenta até meu pescoço, as pontas de seus dedos faziam pequenas cócegas no tracejar. Subindo por minha bochecha, parando em meu queixo. Engulo em seco, com os olhos cravados nos de Kiran, ele próprio respirava lentamente, como se uma respiração mais profunda fosse me assustar. O que no caso não era uma completa mentira.

— É melhor você ir tomar seu banho.

Concordo rapidamente, rompendo o contato visual que fazíamos, correndo para dentro do banheiro, trancando-me ali.

Kiran estacionou o mais longe possível, desligou o carro e me encarou. — Tem certeza?

Respiro fundo. — Sim. Eu odiava cemitérios, odiava aquela aura sinistra que circulava por ali, mas eu precisava disso, precisava encerrar essa parte de minha vida, se as pessoas com que eu convivia estavam prontas para dizer adeus sem ao menos procurar uma única pista contra mim não me restava nada. Muito menos ficar ali, naquela cidade esperando um criminoso vir me apunhalar no

escuro.

Aquela Adria, morreu. Eu fiquei cara a cara com a maldade mais crua do ser humano, eu vi de perto o inferno, até mesmo me queimei em seu fogo, descobri que naquele mundo esperança é a última coisa que aquelas mulheres tinham, não tínhamos nomes, diferenças, nada... Éramos apenas peças no tabuleiro de milhões de dólares para eles.

Não houve distorção do mundo exterior, fui eu que abri meus olhos e vi por trás da cortina expeça entre o certo e o errado, eu que fui inserida a uma realidade tão presente e existente quanto ao meu dia a dia, eu que decidi ficar na área cinzenta.

Saio do carro com Kiran bem atrás de mim, seguindo meus passos por entre as lápides, subo uma pequena escadaria me escondendo ao lado de um mausoléu. Fazendo sinal para que Kiran parasse também.

Estávamos um pouco longe, mas as vozes chegavam com perfeição até nós.

— Nada mesmo, nem uma pista foi achada dela, apenas sangue em um dos armazéns que Baker mandou invadir.

— Isso é foda, não sei o que é pior, ela ter morrido e estar numa cerimônia sem corpo ou a hipocrisia de Wenth sorrindo ao receber aquelas medalhas estúpidas.

Kiran e eu ficamos escondidos no mausoléu esperando até que as vozes tivessem longe o bastante para que saíssemos do pequeno esconderijo afim de olhar o que acontecia mais a frente. Mal percebo que ao ouvir os agentes falando sobre mim tinha pego uma das mãos de Kiran e estava apertando seus dedos entre os meus.

— Obrigado. — Disse abrindo e fechando a mão.

— Desculpe, eu... venha. — Desisto de me explicar e ando mais um pouco, escondendo-me atrás de outra lápida, essa era abrigada por uma imensa árvore, seria difícil nos ver ali.

Baker estava de cabeça baixa, ao seu lado Lilian segurando sua mão, vê-lo deu certo conforto em meu peito, mesmo sabendo que dos muitos que ali

estavam ele e sua esposa eram os únicos que eu realmente sabia que estavam sofrendo. Baker basicamente me viu crescer, esteve junto de meu pai, mais que um irmão legítimo ficaria, assim como Lilian era muito amiga de minha mãe.

Meus olhos recaem sobre Luigi e o ódio toma meu corpo. — Não deveria estar com raiva por ele estar vivo, sabia que ele era um rato, pedi muitas vezes para que o diretor trocasse meu parceiro... — deixo minha voz morrer.

— Ele não foi leal a você, Adria. Em nenhum momento, mas não posso culpá-lo até os mais fortes já se acovardaram perto de Czar.

Encaro seu rosto. — Sabe que uma hora você vai ter que me contar tudo.

Ele confirma, evitando me olhar nos olhos.

Minha atenção é atraída novamente para o pequeno círculo envolta de um caixão vazio, Baker é o primeiro a colocar uma rosa branca em cima, Lilian vem logo em seguida e as pessoas os seguem, enchendo meu caixão com rosas brancas. Eu mesmo coloco uma mentalmente, dizendo que não tem como ser mais aquela Adria, não tem como seguir em frente com a antiga venda em meus olhos, porque hoje, eu aceitei que fico mais confortável na área cinzenta.

— Vamos, temos que ir.

Respiro fundo, deixando tudo lá, virando de costas para o estado falho, para a segurança tão medíocre que não protege as garotas de nosso país, muito menos tem poder perto de criminosos como Czar.

O restante do caminho é feito em completo silêncio, Kiran não me forçou a falar e eu agradei seguindo ao seu lado. Sabia que ele tinha dado um jeito de nós tirar daqui, por isso não me surpreendo ao entrar na pista de decolagem desativada, parando perto de um jato executivo. Shutterst estava escrito de maneira grande e brilhante na lateral, sua porta abriu assim que Kiran estacionou, saindo um homem de lá.

Kiran desce, indo de encontro ao rapaz, dando um aperto de mão, era palpável a distância que ambos colocavam entre si.

Saio do carro, caminhando até eles. Não entendo nada do que falavam, pelo visto eram russos, seu dialeto era rápido e enrolado fazendo minha cabeça dar voltar ao tentar adivinhar.

— Adria, este é Orrel, ele irá cuidar de você, tudo que precisar peça a ele.

— Prazer, Adria.

Esboço um sorriso, ainda encarando Kiran.

Ele se afasta do tal Orrel, vindo até mim, novamente deixo que sua mão percorra do meu pescoço até minha bochecha, onde seus dedos param, segurando meu rosto. — *My skoro budem vmeste, moya devochka.*

Fico olhando, esperando que ele traduza o que acabou de dizer, mas singelamente sela meus lábios com o dele e apenas sussurra antes de dizer. — Nós vemos em breve. Não ouse socá-lo se fizer algo e não se separe dessa bolsa. — diz entregando uma pequena mala de viagem.



KIRAN

. — *My skoro budem vmeste, moya devochka.* — Foi a última coisa que disse antes de vê-la entrar no avião. — Nós estaremos juntos em breve, minha garota.

— Tome conta dela. — Ameaço.

— Pode deixar, logo entrarei em contato, meu chefe já escolheu o serviço que deseja. Espero que goste de praia. — Orrel brinca, entregando uma pasta.

Claro, um traficante de armas iria querer o que além de matar um possível concorrente?

— México. — Afirmo.

— Beba umas tequilas está precisando. Está horrível.

— Orrel. — Alerto.

Ele se vira caminhando de volta para o avião rindo de minha falta de paciência. Ou de seu humor sádico para a quase morte.

Playa del Carmen. Coloco os óculos escuros no rosto, sentando no pequeno quiosque de palha, os coqueiros baixos, os quiosques de bebidas espalhados pela areia branca, além do mar, tão cristalino que você via os peixes nadando ao seu redor.

— *Buen día, señor Walsh, Un hermoso día para disfrutar de la playa.*

— Sim, Helga. Ontem fiz aquele pequeno passeio pelo centro. — Digo em inglês. Apesar de Helga manter seu espanhol com os fregueses compreende muito bem quando falamos em inglês.

— *Pero veo que volvió de nuevo solo, em todos estos días no encuentro ninguna mujer para calaentar sus sábanas?*

— Você é uma mulher abusada! — Digo.

Helga entra na brincadeira requebrando seu quadril em minha direção. — *¿ Lo mismo de siempre?*

— Sim, por favor.

Analiso a praia mais uma vez, vendo meu alvo, chegar acompanhado de uma loira escultural. Pelo visto esse sim tem muito acalento em seus lençóis. Guizar Valencia ou como é conhecido em seu trabalho “z43”, tem várias ordens de prisão por acusações de tráfico de drogas e armas, líder do cartel mexicano e ao que parece não está muito preocupado com o fato que a polícia está a sua caça, lógico que seriam poucos que se aventurariam para pegá-lo aqui, no quintal de sua casa, literalmente.

A questão é que Guizar, pisou na bola com Axel Bergstedt, chefe do Orrel. Com meu pedido de favor para tirar Adria dos Estados Unidos em segurança, virei uma espécie de carta marcada, um pequeno código que criminosos usavam para dizer que a pessoa devia favores. E lá estava eu, estudando meu alvo, analisando depois de quantas bebidas ele saia totalmente trôpego da praia, sempre acompanhado de uma mulher, seguindo para sua casa a beira mar.

Eu poderia achar que o fato dele estar sentado na praia tranquilo, admirando e aliciando as curvas de sua acompanhante que seria um alvo fácil, poderia colocar até mesmo uma pequena dose, nada mais que 0,04 nanograma da toxina botulínica em sua bebida para que ele começasse a sentir paralisia respiratória e por consequência a morte, já que esse veneno age diretamente no sistema neurológico da vítima. Como ele não saberia o que atingiu não poderia administrar com rapidez o antídoto a antitoxina trivalente equina.

Respiro profundamente, bebendo a bebida deixada sem que eu percebesse

pelo garçom de Helga.

Mas sei que tudo que é passado para Guizar, primeiramente passa por seus homens escondidos, no caso eu não envenenaria meu alvo e sim um de seus homens, causando alarde e ele fugindo para se esconder.

Entrar na casa seria um pouco mais difícil, como eu sabia, os homens de Guizar estavam escondidos entre as pessoas, discretamente vestidos de turistas, apenas de olhos no chefe. Percebi isso depois da terceira vez que ele esteve nesta praia, um simples movimento entre os pedestres chamou minha atenção, confirmando minhas suspeitas.

Mas como todo homem ganancioso e prepotente, Guizar tinha sua falha, ele amava as mulheres e não se contentava em ficar apenas com uma, indo ele mesmo a caça no pequeno centro da Playa del Carmen. Ali seria minha melhor chance, um pequeno esbarrão, suficiente para que injetasse minha droga em seu corpo e pronto, ele cairia duro, seus homens atestariam que foi apenas um derrame, ou um infarto pela quantidade de heroína e álcool que ele consumia.

Retiro o celular do bolso da bermuda florida de turista que vestia, atendendo no terceiro toque.

— *Serviço feito?*

— Agradável como sempre. — Digo ainda de olhos em meu alvo.

— *Entendo porque você se apaixonou por ela.* — Orrel retruca do outro lado da linha.

— Se você tocou nela, eu juro...

— *Guarde suas armas, primo, não fiz nada. Mas ela é como Baba Yagá²², pronta para me devorar.*

— Deixe de ser medroso. Tudo correndo conforme o plano? — pergunto.

— *Sim, ela está segura.*

— Ótimo, logo estarei retornando. — Digo encerrando a ligação quando meu alvo se levanta, puxando a loira para si, saindo da praia. Espero um

segundo, indo até o pequeno bar que Helga tem montado no meio da praia entregando o copo vazio.

— *Usted tiene el corazón ocupado.*

— Por que diz isso? — questiono ainda olhando meu alvo se afastar da praia.

— *Porque Helga se da cuenta, y nadie nunca le toco como esa muchacha.*

— Deixe de bobeira. — Digo com um sorriso no rosto.

— *¿ El hombre tonto, todavía volverá mañana?*

— Sim, venho me despedir de suas bebidas.

Saio do pequeno quiosque de palha, pegando minha toalha na cadeira, jogando-a sobre o ombro seguindo para o centro, atrás de meu alvo. Em meu bolso a seringa com a pequena quantidade de botulínica, ando pelo centro admirando as pequenas barracas com peças produzidas pelos moradores locais, exatamente como Guizar faz mais a frente, a loira está tão deslumbrada pela ideia do dinheiro fácil que o arrasta para ver todo tipo de quinquilharia que vendiam, brincando no meio de lenços e chapéus extravagantes. Noto dois homens do lado opostos prontos para agir caso algo aconteça com ele, mas para quem é menos observador, eles não passam de turista entediados.

— Preciso ir ao banheiro. — Escuto a voz fina e irritante da acompanhante dizer, ele sorri concordando, vejo um simples gesto que dá aos seus homens dispensando-os de segui-los. Essa é a chance perfeita, compro o bendito chapéu que o mexicano enfia praticamente em minha cara, entrando no restaurante que eles entraram, atravesso o espaço repleto de mesas, seguindo para os fundos. Guizar ainda se agarrava com a loira no corredor dos banheiros, retiro a tampa da seringa ainda em meus bolsos, escondendo-a em minha mão ao retirar.

— Ui, fomos pegos. — A loira ri ao me ver entrando no corredor.

Sorrio colocando a melhor cara de homem safado no rosto, compadecendo com Guizar.

— Posso disser que os banheiros estão ocupados. — Digo em meu espanhol

arrastado, mesmo sabendo que eles me entenderiam em inglês.

Guizar sorri apertando a bunda quase nua de sua acompanhante. Acertando um tapa, fazendo-a andar em direção ao banheiro masculino. Aproveito seu braço exposto para aplicar o veneno e quando ele reage a picada, me encarando ajoelhado aparentemente pegando algo do chão, peço desculpas dizendo que foi meu chapéu. Ele sorri acreditando, na verdade esse chapéu além de ser espalhafatoso tinha pequenas pontas de palha solta ao redor.

Quando ele dá o primeiro cambalear, colocando as mãos na cabeça sei que em poucos segundos estará agonizando.

A loira volta desesperada, sacudindo o peito gordo de Guizar, pedindo socorro, mesmo que seja inútil. Aproveito a comoção dentro do restaurante para usar a saída nos fundos, me livro do chapéu e da camisa, ficando apenas com a regata branca e também do short florido, aderindo o visual de sunga e regata, seguindo sentindo contrário a toda a confusão.

“Está feito.” — envio a mensagem para Orrel.



39

Meu coração estava batendo em minha garganta quando entrei no avião. Eu estava em uma lata a 12 mil quilômetros de altitude com um completo estranho ao meu lado. Mal ousei respirar enquanto estávamos no ar. Dispensei todo tipo de conversa que ele tentou comigo, olhando sempre para a pequena janela ao meu lado. Por um momento, ele desistiu, indo se sentar no fundo do avião, e eu pude respirar aliviada.

Eu mal consegui dormir nas sete horas que levou para o avião chegar ao solo. Mesmo não querendo me render, eu estava preocupada com o fato de Kiran ter ficado nos Estados Unidos, ele estava sendo tão caçado quanto eu a essa altura.

— Vamos, garota problema. Vou deixá-la em segurança. — O tal do Orrel diz sorrindo ao parar ao meu lado. — Bem-vinda a Dingle.

— Dingle? — questiono.

Orrel se vira sorrindo, — Sim, Irlanda. Talvez não a Irlanda que todos procuram para suas viagens, já que todos procuram por Dublin, mas esse mísero pedaço de terra esquecido por Deus.

Ele abre a porta de um carro estacionado do outro lado. — Quer um convite real?

— Você chama isso de carro? — pergunto olhando com descrença para o carro minúsculo, com todas as dúvidas se ele aguentaria nos levar para onde quer que seja.

— Confia em mim, pode parar um pouco nas subidas, mas chegaremos lá.

Dingle era verde e rochoso, a pequena estrada ao nosso redor era cercada de pedras. A vista era deslumbrante, as montanhas rochosas, a água ao fundo. Realmente a cidade parecia mais uma vila grande do que uma cidade, o centro era pequeno exatamente como imaginei que seria caso um filme fosse filmado aqui. Depois de passar por mais por mais um monte de rochas e estrada com pequenas poças d'água que espirravam lama no vidro do carro assim que passávamos, Orrel subiu uma pequena entrada, parando perto de uma casa à beira da água.

Uma senhora saiu de dentro da casa, com uma pequena cesta nas mãos. Orrel saiu do carro indo até ela, faço o mesmo, caminhando de devagar pelas pedras, sentindo cada pequeno passo em minhas costelas doloridas.

Eles se comunicavam em seu idioma, assim como Kiran tinha feito antes de se despedir de mim.

— Isso é arte sua? — a senhora dá um tapa na nuca de Orrel.

— Made, *ad*²³! Isso não é encrenca minha.

Ela encara ele por um segundo. — Qual seu nome? — pergunta se virando para mim.

— Adria.

— Entrem, logo começará a chover novamente, Deus sabe que esse tempo está maluco.

Ela me analisa, e sei o que ela vê, uma mulher com roupas esfarrapadas, até mesmo um pouco manchadas de sangue, assim como os hematomas espalhados pelo meu corpo.

Sua casa não era grande, mas quente e calorosa, uma enorme lareira aquecia a sala.

— Acho que tenho um quarto disponível para você.

— Ela precisa de um abrigo até seu queridinho parecer.

— Kiran? — A senhora pergunto surpresa, virando para mim.

— Sim, é a protegida dele. — Orrel diz me olhando com um sorrisinho torto. — Por que a cara de espanto? Kiran foi criado por Madeleine, seria meio óbvio se não mandasse você para cá, é o último lugar que aquele satã do Czar viria te procurar.

Madeleine coloca as mãos sobre a boca. — Vou acompanhar você até o quarto, a casa é modesta, mas estará segura aqui. Quanto a você seu gryaznaya *svin'ya*²⁴, suma daqui.

Orrel foi dançando tá a fruteira, pegou duas maçãs e saiu correndo como um menino travesso quando Madeleine correu em sua direção com a mão armada para esbofeteá-lo.

Segui a senhora para dentro da pequena casa, ela entrou no quarto dos fundos, ajeitando a cama e sorrindo. — Aqui ficará bem, tem um banheiro e se sentir muito frio uma lareira. Dingle pode ser cruel durante as noites.

— Obrigada.

— Pelo visto você não comeu nada e não tem roupas? Aquele merdinha esqueceu completamente a criação que lhe dei. — diz resmungando, ela sai do quarto, escuto barulho de portas se abrindo e fechando, e os passos pesados dela pela casa. — Aqui estão umas peças, são velhas e gastas, assim como eu. Mas servirão.

— Muito obrigada. Eu posso fazer uma pergunta?

— Claro, menina.

— Vocês conhecem bem o Kiran, eu vi...

Os olhos dela ficaram marejados.

— Kiran é meu menino, mas mudou muito quando Czar colocou as mãos nele, era tão inocente, mas cresceu e com isso veio o interesse do pai. Se é que podemos chamar aquele *d'yavol* de pai. Porém isso é assunto para depois, tome um banho tire essas roupas imundas e venha comer.

Confirmo com um gesto, sorrindo para ela.

Duas horas mais tarde, eu olhei para meu novo reflexo no espelho, tinha pego uma tesoura com Madeleine, meus cabelos que sempre estivera longo, agora estavam um pouco abaixo do ombro. É claro que isso não impediria as pessoas de me reconhecerem, a menos que passasse por algum método cirúrgico, mas iria camuflar durante um tempo. Também não tinha a intenção de me esconder para o resto da vida, muito menos ficar aqui esperando qualquer um aparecer. Poderia me virar com a quantia de dinheiro que Kiran entregou para mim e o celular descartável. Não poderia movimentar meu dinheiro, pois iria criar rastros de onde estou. Mas acima de tudo eu queria vingança, matar Deany não foi o suficiente para mim, aceitar o fato que eu tinha fugido, protegida por Kiran enquanto aquelas garotas sofriam não era o que eu gostaria de me lembrar a cada vez que deitasse minha cabeça no travesseiro. Mas eu sabia que essa parte nunca sairia de mim, os gritos, os socos, sempre que fechava meus olhos e respirava profundamente sentia a respiração daquele verme sobre mim, viva, presente, como se estivesse aqui. Suas mãos percorrendo meu corpo...

— *Você é minha. Ninguém encostará em você.* — Kiran tinha dito

— *Eu vou adorar destroçar cada pedacinho do seu corpo, sua vadia.*

A porta do quarto se abrindo, me fez pular de susto, tirando a arma que Kiran tinha dado da cintura, apontando no meio do rosto vermelho de Madeleine.

— Sabe menina. — A voz de Madeleine falhou pelo susto. — Acredito que devemos chamar um médico para ver esses hematomas.

— Não. Ele fará perguntas, e isso atrairá atenção, logo é tudo que não quero.

Visto o casaco pesado sobre a cama, escondendo meus ferimentos de seus olhos, os olhos azuis repletos de rugas pela idade eram questionadores, varriam meu rosto e meu corpo.

— Que eles queimem no mais profundo inferno.

— Eles queimarão. Muito em breve. — Sussurro minha ameaça velada.

Os dias se passam de maneira lenta por aqui, não que tenha alguma coisa extraordinária para fazer, todos os dias Madeleine seguia a mesma rotina, acordava bem antes do sol nascer, cuidava das galinhas e colhia algumas verduras no quintal. Depois as panelas começavam a chiar e assim ficavam até o jantar. Às vezes, quando eu acordava de manhã não tinha certeza de onde eu estava, às vezes eu até mesmo pensava que estava de volta aos Estados Unidos. E por vezes, os gritos em minha mente eram tão fortes, tão perturbadores e as mãos passando pelo meu corpo era tão ásperas e nojentas que mal conseguia respirar.

Muitas vezes eu acordava sem ar, suando frio, sentindo dor em meus ossos. Não tinha imposto uma rotina, ajudava Madeleine em casa com algumas tarefas, mas no restante do dia passava explorando a cidade, sempre olhando ao meu redor, parecia que o medo de ser seguida ou caçada nunca iria parar, o que fazia os pesadelos virem cruéis para cima de mim.

Entro em casa deixando sobre a mesa de jantar os legumes que tinha acabado de recolher antes da chuva cair como um pequeno dilúvio do lado de fora. A panela chiava com algo borbulhando dentro do caldeirão e a cozinha sinceramente fedia a galinha e a pimenta.

— Espero que você não seja vegetariana.

— Não.

— Logo o *solyanka*²⁵ estará pronto.

— Madeleine, eu vi uma fotografia, de um garoto. Você tem filho? — questionei meio sem graça. Não queria que ela pensasse que estava sendo abelhuda.

Ela sorriu. — Não de krov', sangue como vocês costumam a dizer. Mas sim, considero Kiran como meu filho, é ele que você viu nas fotografias, meu menino mirrado.

— Ele é filho de Czar?

Aquilo parecia tão surreal para mim, de todos os homens que nunca

imaginaria com compaixão para se ter um filho Czar com certeza não estava nem em último na lista.

— Kiran foi adotado pelo senhor quando ainda era muito novinho, foi encontrado com fome e frio na rua, um mendigo pobrezinho. Criei Kiran como filho, Czar, sempre estive solteiro depois que a senhora faleceu. Que Deus me perdoe, mas ela está bem melhor agora do que ao lado dele, a pobrezinha apanhava dia sim e outro também daquele satã.

— Kiran sempre... você sabe?

— Nunca, *devushka*.

— *Devushka*? — pergunto tentando reproduzir a pronuncia correta.

— Menina, perdão. É o costume. Meu menino Kiran era um amor de criança, mesmo novinho nunca deu um trabalho, mas quando foi se tornando um rapazola forte, senhor Czar fincou os olhos nele como uma águia faminta. O menino sumiu por dias e quando voltou não tinha mais nem uma sombra de alma em seu corpo, ele foi sugado, pouco tempo depois logo estava seguindo o pai como um de seus homens. E então eles se mudaram, foram para a américa.

— E o Orrel? — pergunto ainda mais curiosa.

— Aquela merdinha é sobrinho de Czar, seu pai foi morto quando ainda era um menino e basicamente corria atrás do tio, ansioso por aprender tudo que ele poderia ensinar.

— Aposto que não foram bons ensinamentos. — Afirmo baixinho.

— Até mesmo o satã é um bom professor, minha querida.

— Madeleine, você acreditaria em redenção? — faço minha última pergunta pensando especialmente em Kiran, no momento que passamos juntos as de toda essa loucura acontecer, antes de sermos brutalmente corrompidos, antes de me ferirem tão fundo que o único sentimento que floresce dentro de mim seja vingança.

— Kiran ama você, se é isso que está com dúvidas, se um dia meu menino arriscou a cabeça, contra até mesmo o pai e tudo que foi ensinado e punido para

fazer durante a vida... então garota você é especial para ele. Mas ele é especial para você? — ela questiona se levantando da mesa, dando atenção para suas panelas.



KIRAN

— Não seja um covarde. Acerte logo esse bicho no meio do crânio.

A fumaça de seu charuto me cegava e fazia tossir. Sempre odiei aquela fumaça, aquele gosto amargo que ficava no fundo da garganta quando inalava aquilo.

— Madeleine quer cervo para jantar, então você matará.

O cervo parou de comer, encarando-me com olhos assustados, mas não fugiu. Ele poderia ter fugido. A arma em minhas mãos tremia, o que fazia somatória ao seu peso e eu mal conseguia segurá-la.

— Papa, não quero machucá-lo. Made vai entender. — Contive o choro que esmagava minha garganta, homens não choram e meu pai me daria uma surra se visse uma lágrima saindo de meus olhos. Mas só de imaginar eu atirando na cabeça do pobre cervo e o sangue banhando sua pele já sentia meu estômago pronto para vomitar.

Os dedos de meu pai se fincaram com mais força em meu pescoço. — Vamos.

Fuja! Fuja! — dizia em minha mente, mas o cervo estúpido ficava ali, dando boas vinda para a morte.

A arma foi tomada de minhas mãos, papa engatilhou e o disparo foi feito. O

pobre cervo nem teve tempo de pular para longe, meu pai era bom naquilo, já tinha visto atirar em um homem, ele era bom.

*— Procure outro. Só sairemos daqui quando você matar seu próprio cervo.
— diz empurrando a arma para mim. — Seja homem, Kiran.*

Merda de recordações. Merda de lembranças.

Estava na hora de buscá-la.

Ando pelo centro de Dingle despreocupadamente, não preciso procurá-la, sinto em meu corpo, sinto espalhado em minhas veias quando Adria está perto. O tempo frio faz com que as pessoas apertem seus casacos em torno de si, protegendo-se do frio e do vento cortante que atravessa as ruas estreitas.

Já havia passado na casa de Madeleine e sabia que Adria estava pelo centro, mas mesmo sabendo que uma hora ou outra eu cruzaria com ela, não fui capaz de diminuir a vontade de tomá-la para mim, assim que a vi virando a esquina, a rua estava apenas iluminada pelas luzes do poste e ela torcia constantemente o pescoço olhando para trás, aquilo me colocou em alerta. Orrel não tinha dito nada sobre ela estar em perigo, muito pelo contrário, fiquei um tempo longe acreditando fielmente que ela estava bem.

Entro num pequeno beco entre as lojas ainda com os olhos colados em Adria, apesar do gorro na cabeça ela tinha cortado seus cabelos e algo no jeito como se movimentava ou como eu via seus punhos se fecharem dentro do bolso do casaco irradiava raiva, irradiava medo. Assim como eu, quanto tocados pela podridão do mundo, quando vislumbramos entre o famoso preto e branco, certo e errado, somos modificados, algo se perde no caminho. Eu só desejava que ela não tivesse se perdido.

Ela não me viu sair do beco, parando no meio da calçada, por isso seu corpo se chocou no meu, segurei firme em sua cintura, evitando que nos dois caíssemos. Mas aquilo a assustou, seu corpo tremia e se debatia em meus braços, Adria dá um pisão forte em meu pé fazendo com que eu a soltasse e ao olhar para cima estava dois passos para trás com a arma apontada para mim.

— Eu deveria matá-lo. Diz apontando a arma no meio de meu rosto.

— Sim, você deveria. — Sussurro.

Nossos olhares estavam fixos, cada pequeno gesto que ela fazia era captado por mim, a leve comprimida nos lábios que deu ou como engolia em seco, totalmente apreensiva, ou como por detrás de todo o ódio em seu olhar tinha um desejo, um fogo.

— Mas sabemos que não vai. — Digo caminhando lentamente até ela, parando tão perto que sentia o metal frio da arma tocando meu nariz.

Aquele pequeno segundo de excitação era tudo que eu precisava, arranquei a arma de suas mãos, guardando no cós de minha calça. Puxando Adria para mim, nos enfiando no pequeno beco escuro, prensando seu corpo na parede de tijolos. Reivindiquei sua boca em um beijo feroz que a fez ofegar, minha língua deslizou entre seus lábios e mesmo com a relutância dela, sua boca se abriu recebendo a minha. Suas mãos encontraram caminho até meu cabelo, puxando, juntando e querendo mais perto e até mesmo querendo me empurrar para longe. Adria enfrentava suas próprias batalhas, assim como eu, mas o Lobo sedento de saudade daquela boca, sedento de sentir seu corpo em minhas mãos pedia, exigia mais.

Agarro sua cintura, erguendo-a, suas pernas demoraram para se enrolar em minha cintura, meu corpo queimava em luxúria, meu pau reivindicava sua atenção, roçando na intimidade de Adria, fazendo-a derreter um pouco mais.

Por um momento, eu queria de forma tão ofuscante transar com ela, mostrar que ela pertencia a mim, queria fazer amor com ela, com tanto desejo que esqueceria todo resto. Mas a visão de vê-la amarrada quase sendo abusada por Deany vem com força em minha mente, agarro sua cintura, fazendo-a soltar as pernas, apoiando-a sobre os próprios pés. Meus dedos roçam sua pele macia, tocando seu rosto, feliz por não ter mais nenhuma marca do que sofreu.

Somente minha, de agora em diante. — Penso antes de interromper nosso beijo.

Ela ficou tensa, sinto. Não lutou ou questionou porque parei, não fez nada.

— Vamos para casa. — Digo calmamente, seu pulso acelera sob meus dedos, ao descer a mãos sobre a sua, juntando-as. Ela não retirou a mão como esperei, muito pelo contrário, continuou com nossos dedos entrelaçados ao

caminhar para longe do centro de Dingle.

Ainda lutava contra o sono, me revirando no pequeno sofá que Madeleine disponibilizou para que dormisse.

— É bom tê-lo aqui, menino.

Ergo a cabeça, segurando o riso ao ver Madeleine como me recordava na infância, os bobs no cabelo, o roupão apertado no meio da cintura e as meias altas nas panturrilhas.

— Por favor, Made, tente não tomar um tiro caso use aquela sua máscara de dormir.

Ela estreita os olhos me xingando em russo de nomes bem cabeludos a caminho de seu quarto. A porta do quarto onde Adria dormia estava entreaberta, se apurasse meus ouvidos poderia escutar ela se remexendo na cama, assim como sua respiração pesada.

Levanto do sofá, caminhando silenciosamente até a porta, espreitando por entre a fresta. Ela estava virada de costas para a porta, as cortinas abertas traziam a luz da lua até ela, assim como podíamos escutar o pequeno vai e vem da água batendo nas pedras.

Entro no quarto, amaldiçoando uma tábua que range ao meu peso, inferno de casa velha. E então, lá está, Adria me olhando diante da escuridão.

— Desculpe, só queria ver como estava.

— Não consigo dormir. Vem.

Seu pedido me petrifica, fico parado no lugar analisando se tinha ouvido direito.

— Vem. — Pede novamente.

Eu estava completamente e totalmente ferrado com essa mulher.

Entro debaixo das cobertas e as puxo até o queixo, a cama de solteiro não deixa muito espaço para mim, fazendo com que metade do meu corpo pendesse para fora. Ela se aninha de costas, respiro fundo sentindo o calor do seu corpo ondular até mim.

— Nem sequer pense isso. — diz calmamente, em advertência.

— Não tenho controle sobre isso. — Rio contra seu pescoço, pensando nas coisas mais broxantes que poderia nesse momento.

Ela mesmo ri, se aconchegando melhor na cama. Sua respiração lentamente se torna profunda e seu copo amolece contra o meu.

Estava tendo um sono sem sonhos, eram raros os momentos que eu tinha sonhos, nem mesmo pesadelos, mas algo mudou a impotência selou meus braços, um peso enorme se fez em cima do meu tórax, uma mão fina agarrava meu pescoço, fincando as unhas em minha carne, mas foi o primeiro soco que realmente me acordou.

Adria tentava me estrangular com uma das mãos enquanto a outra deferia socos para todos os lados, os gritos de medo preenchiam o quarto. Viro de posição com dificuldade, jogando-a no colchão ao meu lado, vendo que ela estava dormindo, era um pesadelo.

Seu corpo convulsionava, sofria espasmos e lutava contra algo ou alguém que lhe fazia mal. Na tentativa de acordá-la, balançando seu corpo enquanto chamava seu nome, balanço-a suavemente, mas ela firma ainda mais o aperto em minha garganta acertando um soco em meu nariz.

— Porra! — digo sentindo o líquido quente escorrer. — Adria! Pare! Pare!

A mulher tinha virado uma máquina de matar, estava realmente conseguindo me asfixiar e eu estava lutando em controlar minha força para que não a machucasse. Encaixo dois dedos atrás do osso de sua clavícula fazendo um pouco de força, o que faz com que ela recue e solte meu pescoço. Adria abre os olhos, desorientada e perdida. Dando uma olhada ao redor, percebendo que estava em cima de mim e o que tinha feito.

— Quanto tempo faz que realmente não dorme? — pergunto constatando o óbvio. Adria vinha tendo pesadelos, lógico que sua forma de os combater seria não dormir ou doutrinar seu corpo para que não entrasse no estágio mais profundo do sono, onde sua mente literalmente voava livre.

Deito seu corpo ao meu lado, firmando meu braço ao redor de sua cintura, sua cabeça descansa sobre meu ombro, assim como sua respiração vai aos poucos se acalmando.

— Me desculpas, Kiran. — Ela cochicha, envergonhada.

— Não peça. Há quanto tempo você não dorme? — pego-a pelo queixo fazendo uns carinhos ali.

Ela faz um sinal de negativo com a cabeça, saindo de meus braços. — Não muito.

— Quero voltar.

Sento na cama ainda encarando seus olhos. — Adria, sabe que isso é como colocar um imenso alvo nas costas, certo? Matamos homens dele, somos uma ameaça ao seu império sujo.

— Eu tenho assuntos a resolver.

— Aquelas garotas estão perdidas, já disse isso. Deixe de ser teimosa. — Retruco irritado.

— Mesmo que eu salve aquelas meninas, mesmo que eu tire todas do poder dele, isso nunca acabaria, ele sempre sequestraria novas garotas, sempre teria uma nova Adria sofrendo nas mãos deles. — Adria respira fundo, olhando em meus olhos. — Eu quero vingança, eu preciso de vingança. E isso só será capaz se eu arrancar a cabeça da cobra, não adianta matar apenas os filhotes.

Eu sabia o que ela estava querendo dizer, Adria queria a cabeça de Czar na bandeja, sinceramente seria um plano inútil, em todos esses anos nunca vi um inimigo chegar sequer perto dele. Eu não estava disposto a perdê-la por um plano maluco.

— Vingança é um caminho sem volta. — Digo sério. — A partir do

momento que você apertar o gatilho contra alguém, sua alma se perde, você não será mais a Adria, você não conseguiria viver com isso, conseguiria viver com sangue em suas mãos?

— Eu não sou a mesma e já tenho sangue em minhas mãos.

O silêncio domina por alguns segundos. Até que eu o quebro. — O que você planeja?

— Quero que o FBI saiba exatamente o que acontece ali, o que acontece com aquelas garotas, quero que cada galpão imundo seja invadido. Tenho uma pessoa de confiança e preciso da sua ajuda para isso.

— Você tem noção que e se eu aparecer, se deixar de ser um fantasma serei o primeiro a ser preso? Adria eu posso ser até humano com você, mas já fiz muitas coisas ruins, se você acha que tem sangue nas mãos. — Solto um pequeno riso irônico. — Eu tenho passado, nada bonito, nada limpo ou moralmente aceito como o seu. Fui criado pelo demônio e por muitos anos segui seus passos.

— Não quero que seja preso, só preciso que envie pistas, pistas exatas de como eles podem chegar até eles, Baker irá saber que sou eu, ele saberá interpretar as pistas.

Respiro fundo, deitando na cama, colocando o braço sobre os olhos. Aquele plano era insano e poderia dar tudo errado, inclusive eu perder Adria para sempre.

Sinto o colchão se mexer e o calor do seu corpo perto do meu, sinto que está chateada, provavelmente pensando que não aceitaria seu plano. O que essa *ved'ma*²⁶ não sabe é que eu voltaria para o inferno por ela.

— Eu vou com você. Por raios, vamos executar esse plano maluco. — Sussurro na escuridão segurando a mão de Adria debaixo do cobertor.

— Como você... — disse no escuro, fazendo-me abrir os olhos, abandonando o sono.

— Como eu vivo com tudo isso? É difícil ver as coisas extremamente como erradas e certas, sei tudo que fiz de errado e cada alma que mandei para o

inferno. Algumas mereciam estar ali, outras tenho marcas de arrependimento até hoje. No final você aceita que não é mais como as pessoas que vê nas ruas, no fim aceita que ultrapassou a linha tênue e sobrevive.

Ela se vira, de frente para mim no escuro. Eu podia ver o branco de seus olhos e o contorno de sua cabeça, mas não muito mais que isso. — Agora entendo porque todos te chamavam de Lobo.

— Ele é uma parte de mim, um monstro que habita meu ser, o mesmo imã que há em mim, puxando-a para a escuridão é o mesmo que há em você e me puxa para uma parte mais luminosa.

— Quantos anos você tinha?

Apoio a cabeça em meu braço, a ponta de meus dedos correndo livres por seu braço, gostando do arrepio que sua pele apresentava. — Perto dos onze anos, Czar descobriu que abriguei um cachorro de rua, poucos dias depois o cachorro apareceu sem cabeça no meio do quintal.

— Que coisa horrível.

Sinto meus pensamentos distante, passando por lugares e lembranças que muitos anos não venho visitando. — Nesse dia tomei uma surra tão grande que levei um bom tempo para me recuperar. Mas ele já fazia pequenos indícios do que queria para mim, durante a infância.

Sinto ela reprimir a respiração.

— No início eu queria provar para meu pai que não era um bastardo, queria que ele me visse como seu igual, não como um menino franzino que tirou das ruas, queria provar que era forte e uma vez que comecei a ser temido até mesmo por seus homens, homens mais velhos que eu, parecia um desperdício desistir.

—Deixe esse assunto para lá, *moya devushka*. — Sussurro perto do seu rosto.

— Garota, você me chamou de minha garota aquele dia e agora. — Ela diz.

Sorrio em meio a escuridão. — Made andou ensinando algo a você.

Dou um beijo demorado em seus lábios, sentindo vontade de agarrar seu corpo... e mesmo que as mãos de Adria tenham novamente se embrenhado em meu cabelo, eu interrompo. Respirando fundo e agradecendo pelo milagre do autocontrole.

— Durma bem, *moya devushka*.

Não sabia em que momento as coisas tinham se invertido, em que momento Adria veio sedenta para cima de mim, segurando meu pescoço e enfiando a língua dentro de minha boca, para de forma veemente, acariciar e roçar seu corpo no meu, como se quisesse fazer fogo com o atrito que causava. Minhas mãos foram para suas nádegas, puxando uma de suas pernas para cima de meu quadril, fazendo um pequeno círculo com o quadril, roçando em sua intimidade, apenas cueca e calcinha nos separavam de um contato direto, mas nos esfregávamos como se tivéssemos um dentro do outro. Parecia mentira vivenciar isso depois de sair de um tornado repleto de abusos e agressões. Empurro meu corpo contra o dela, beijando seu pescoço, sugando seu queixo e sua língua. Pressionando o quadril na intimidade de Adria.

— Tem certeza? — pergunto ofegante.

Horas antes ela estava imersa em pesadelos, não queria... porém, assim como cortou meus pensamentos Adria calou minha boca, puxando-me para ela, soltando sua feitiçaria sobre mim. Não me preocupei em tirar a calcinha dela, arranquei-a assim como fiz com minha cueca, passando meu pau por sua entrada úmida e sedenta, acomodando novamente uma de suas pernas em meu quadril fui penetrando Adria com calma, salivando para tê-la em minha boca, mas outro momento surgiria. Eu iria fazer amor com ela, mesmo que nada soubesse sobre isso. Adria gemeu baixinho mordendo meu ombro enquanto eu a penetrava, volte e meia encarava seu rosto, verificando se estava tudo bem. Controlando o Lobo dentro de mim sedento por mais, sedento por fodê-la.

Saboreie cada pequena investida que dei, aquela posição me dava acesso ilimitado de seu corpo, poderia apertar sua bunda conforme penetrava sua boceta ou chupar seus deliciosos seios, fazendo-a jogar a cabeça para trás de tesão.

Sentia seu órgão palpitar em torno de mim, fechando as paredes ao redor de meu pau. Adria abraçou meu corpo apertando a perna contra minhas nádegas,

incentivando-me a continuar, os choques de carne contra carne, do excitado contra o excitado preenchiam o pequeno quarto.

— Adria...

Ela crava seus olhos em mim, puxando meu pescoço para um beijo, enroscando sua língua na minha. Adria beijou a tatuagem em meu peito, meus ombros, passando a língua por meu pescoço, completamente entregue a mim. Assim como eu estava disposto a entregar meu corpo em seu nome, minha vida a ela.

Ambos lutavam pelo orgasmo, sentia o dela brotando em seu interior como um redemoinho que levava tudo que estivesse pela frente. E na última e poderosa metida levou ambos ao delírio, vê-la arquear a cabeça para trás fechando os olhos de prazer, foi o ponto máximo para me levar ao êxtase.

Sustentei seu corpo com força entre meus braços, fechando os olhos ao controlar a respiração. Talvez Adria pudesse se tornar minha última esperança de rendição.



41

Era estranho voltar, era como tentar juntar as peças erradas do quebra cabeça.

— Ficaremos bem aqui. — Kiran diz, dando um beijo casto em minha têmpora.

— Posso sentir cheiro de testosterona. — Brinco olhando para o pequeno apartamento totalmente masculino.

— Aqui foi por diversas vezes um grande refúgio, ninguém desconfiará que estamos aqui. Está segura.

— Meio estranho dizer isso, se tenho o plano de invadir a casa de seu pai. — Deixo minha voz morrer, sentindo que falei demais.

— Ei, não tem problema. Tudo bem. — Kiran diz, me abraçando por um momento. — Vou dar uma olhada pelo lugar e colocar essa mala em nosso quarto.

Confirmo sorrindo.

Nunca pensei que um dia eu me apaixonaria pelo Lobo mau.

— Precisamos repassar o plano. — Digo sentando na cama após o jantar.

Kiran confirma, colocando a faca e a arma debaixo do travesseiro, já tinha me acostumado com isso, era algo que o fazia dormir tranquilo.

— Aqui estão as mensagens para você enviar junto com as pistas para o FBI e aqui o endereço de Baker. — Entrego um envelope pardo para ele.

— Tem certeza que isso funcionará? — questiona descrente.

— Sim, Baker irá assustar no primeiro instante, mas ele sabe que eu sou a única que sabe sobre essas coisas e a única que se atreveria chamá-lo assim.

— Tudo bem.

Passo a mão pelo seu rosto atraindo seu olhar. Eu tinha planejado isso um milhão de vezes em minha mente, e em todas as respectivas falhas, sabia que não partiria apenas de Baker a decisão de seguir aquelas pistas, o FBI recebia milhares de pistas e ligações falsas, mas Baker daria um jeito para que isso se realizasse. Assim como sabia que seguindo meu plano Kiran não ficaria nem perto da linha de tiro.

— E quanto ao Czar?

— Eu vou com você, não me importo que o mate, mas de maneira nenhuma deixarei que fique sem segurança. Como disse, a última coisa que ele desconfiaria é que alguém entraria em sua casa para tentar matá-lo.

— Acho que temos tudo pronto. Prometa que não fará nada imprudente? — pergunto puxando seu corpo para o meu.

Kiran se deitou, me levando com ele, fazendo pequenos carinhos em minhas costas e nuca. — Estarei sempre aqui, pelo tempo que desejar.

Estremeço em seus braços, beijando seu peitoral. Não conseguia mais viver um dia sem a presença de Kiran, por mais doido que isso fosse.

— Descanse, amanhã será um longo dia. — Diz desligando a luz do abajur, então se inclinando para mim, beijando minha têmpora. — Durma.

Na manhã seguinte demos início ao plano, acordei com Kiran movendo-se pelo quarto, o barulho de água caindo e logo depois ele surgindo com a toalha presa no quadril e o corpo úmido do banho recente. Ele não percebeu que já

estava acordada, por isso deu um belo espetáculo mostrando sua bunda firme para mim ao se trocar.

O sorriso apareceu em seus lábios quando se virou e percebeu que o admirava. — Não deveríamos levantar?

— Acho que temos algum tempo.

Ele andou em direção à cama sem outra palavra, meus olhos seguindo cada passo que ele dava, o olhar de cima a baixo transparecia a fera incrustada em si, seu olhar tinha fome. Kiran me puxou para baixo e me beijou, suas mãos acariciando levemente minhas costas, fazendo a pressão entre minhas pernas aumentar gradativamente.

Sua boca se fechou ao redor de meu mamilo, a blusa que havia me emprestado na noite anterior estava enrolada entre meu pescoço e meus seios. Mordiscando e lambendo, antes de passar para o outro e esbanjar a mesma intensidade. Meu pulso estava acelerado, Kiran continuou sua pequena demonstração de um bom dia, lambendo uma trilha até meu umbigo. Sabia pelas pequenas paradas e as olhadas repentinas que ele me dava, que estava verificando como eu estava. Ele ainda me acalentava algumas noites quando os pesadelos tomavam minha mente, assim como me ensinava a doutrinar minha mente para evitá-los.

Agarro um punhado de cabelo, incentivando-o. Com um sorriso malicioso, Kiran move-se entre minhas pernas, empurrando suas mãos abaixo de minhas nádegas e então pressiona a boca em minha carne aquecida. Mordo os lábios gemendo baixinho, erguendo meu quadril contra sua boca. Ele mergulha ainda mais sua língua na minha abertura, desenhando círculos suaves com a ponta da língua, beijando meu clitóris de maneira gentil, enviando espasmos pelo meu corpo. Sua língua deslizou pela minha coxa, mordendo levemente. Os dedos de Kiran se moveram de dentro para fora em um ritmo deliciosamente lento, já não conseguia imaginar maneira de ficar mais excitada e molhada do que estava agora, meu quadril ia ao seu encontro, o que fazia ele ir mais fundo em mim.

— Você quer que eu pare? — ele lambeu minha coxa, sorrindo como um animal encontrando meu olhar.

— QUE PERGUNTA ESTÚPIDA. — gritei em meio ao gemido longo que escapou de mim.

A gargalhada rouca e quente contra minha intimidade me fez puxá-lo para cima, sentindo seu pênis escorregar entre os lábios vaginais, esfregando-se em meu clitóris. Seus olhos pareciam me perfurar, tentando revelar os seus mais profundos e sombrios segredos. Escorregando polegada por polegada para dentro de mim, sua boca reivindicou a minha, tomando posse quando finalmente se enterrou por completo dentro de mim. Seu pênis entrava de maneira dura e profunda, enquanto ele sussurrava coisas em russo em meu ouvido, me fazendo gemer. Nossos olhares se encontraram novamente e eu sabia que por mais insano e errado que isso poderia parecer, dificilmente conseguiria fugir do que estava sentindo, e isso até me apavorava, meu coração batia forte dentro do peito, assim como minha respiração estava irregular.

— Estou feliz que você seja minha. — Sussurrou beijando meu ombro.

O pesadelo vivido se tornou nossa casa, se tornou um lugar nosso, entrelaçando nossas realidades *fodidamente* instáveis.

Nós nos apaixonamos. No mais improvável dos momentos, nos amamos em meio ao caos.

— Adria?

Paro de encarar a pequena entrada, olhando para os olhos de Kiran no escuro do carro.

— Eu tenho certeza. — Digo confiante, sentindo a onde de raiva me inundar, sentindo a vingança cegar meus olhos.

Kiran confirma em silêncio, entregando-me minha faca e uma arma.

— Como conseguiu? — pergunto admirando confusa a faca de meu pai.

Ele dá de ombros. — Tenho meus métodos, o que você disse sobre aquele Baker estava correto, ele passou o dia comovendo o FBI a seguir a primeira pista.

— Eles invadiram? — pergunto virando-me no banco.

— Ainda não, mas colocaram alguns agentes no local.

— Vigilância.

— É.

— Kiran? — chamo-o, trazendo sua atenção para mim. — Você não precisa entrar... sei que ele é seu pai ou pelo menos criou você como se fosse...

Ele segura minha mão, levando até seus lábios, dando um beijo. — Sou órfão, *lyubov*²⁷. Czar tem apenas um homem com ele, como disse é presunçoso e sabe que ninguém o desafiaria no território dele. Conheço o capanga, ele dá voltas na propriedade a cada dez minuto, quando tiver no jardim da frente eu o pego. Assim teremos acesso livre a casa.

Concordo, voltando minha atenção para a entrada da casa.

Kiran travou sua arma colocando-a na cintura, segurando firmemente sua faca. Ao caminhar silenciosamente até a entrada da casa, nos escondendo e esperando o melhor momento eu pude notar que o homem em minha frente não era mais o Kiran amoroso que vinha convivendo, ele era seu *alter ego*, Lobo, frio e impiedoso, a expressão da própria morte.

Quando dei por mim a ação toda já tinha acontecido, como se eu tivesse numa espécie câmera lenta. O homem fez a pequena curva no jardim, dando de cara com Kiran, ele mal teve tempo de puxar a arma de seu coldre, Kiran jogou o homem maior que ele contra a parede, esmagando sua jugular cravando a lâmina abaixo de seu queixo, perfurando o cérebro. Engasgo, pressionando meu corpo contra a parede, meus olhos correndo da faca para o rosto do capanga. Kiran arrasta o corpo em direção ao chão, escondendo atrás de uma moita, deixando a faca ainda cravada no homem para que o sangue não jorrasse.

— Você está bem? — perguntou virando-se para mim.

— Sim. — Murmuro.

Ele conferiu as próprias mãos antes de puxar meu rosto em sua direção. — Se for pesado... merda, Adria eu avisei sobre isso.

— Eu estou bem, tá legal. Só foi rápido demais. Vamos em frente.

Ele confirma dando um leve selinho em minha boca.

Kiran andou em direção ao corpo, puxando lentamente a faca para fora, e então saiu do caminho antes que o sangue pudesse espirrar em si. O mesmo não poderia dizer do jardim e do capanga que logo ficaram encharcados de sangue.

— Fique escondida aqui, vou me certificar que não tem ninguém.

Kiran não espera pela minha confirmação desaparece dentro da casa, os segundos vão se passando e a preocupação pinta meus pensamentos. O que me faz respirar aliviada é vê-lo sair e vir até mim.

— Tudo limpo, ele está na sala de jantar, é nos fundos, apenas siga o corredor, tem certeza que não quer que eu faça?

— Sim.

Entro na casa, olhando tudo ao meu redor, Czar não poupava o dinheiro que ganhava de maneira suja, sua casa era devidamente decorada, móveis de aparência cara enfeitava a sala de estar, assim como quadros faziam o corredor parecer um pequeno vislumbre de um museu. Tiro a arma da cintura destravando-a, minhas mãos tremem ao segurá-las, respiro fundo antes de entrar na sala da qual Kiran tinha falado, a mesa estava exposta com um verdadeiro banquete, as cadeiras altas e luxuosas em volta e na cabeceira da mesa Czar.

— Nem tente pegar uma arma. — Digo de maneira fria, apontando a arma para seu rosto.

Ele sorri, abaixa o jornal que estava lendo, deixando ao lado do prato.

— Vejo que meu bichinho finalmente chegou. Você demorou, mas estava esperando que viesse com aquele traidor.

— Cala a boca. — Grito dando um passo em sua direção, olho pela sala vendo se está armado, mas como Kiran alertou ele era presunçoso demais e confiante demais que isso poderia acontecer.

— Me diz, como deseja que fique, quer uma pose especial para guardar na mente? Após que essa é sua primeira morte por vingança. — Ele gargalha alto fazendo os pelos de meu braço se arrepiarem. — Sim, você é tão tediosamente

certinha que nunca deve ter nem usado uma munição da arma do governo. Me diga, você já matou, bichinho?

— Eu disse para calar a boca!

Tento controlar o leve tremor que persiste em minha mão.

Ele se inclinou para trás, juntando as mãos sobre a mesa. — Suas mãos estão tremendo. Primeira regra, nunca deixe seus inimigos verem seu medo. E confesso Adria, seu medo fede, fede deliciosamente. É o combustível para seus inimigos.

Miro em sua coxa esquerda e atiro, sinto o tranco da arma e a respiração acelerar. — Eu disse para você calar a maldita boca. Você sabe o que irá acontecer, sabe que é eu maldito fim, vou libertar cada menina que você ousou abusar, vou estourar os miolos de cada maldito homem que tinha ao seu poder.

Ele não demonstra dor, mesmo que sua calça bege já tenha uma imensa mancha vermelha, assim como sua cadeira que junta o sangue que escorre de sua perna ou se importa com os pequenos pingos que caem em seu piso de mármore.

— Você não fará nada disso, você não é capaz. Pode até me matar, mas meu rosto irá perturbá-la durante a noite, minha voz dizendo o quanto é fraca assombrará seus ouvidos no meio da madrugada. Kiran não lhe contou como foi a primeira vez que o fiz cortar a garganta de um homem? — ele dá outra gargalhada. — Óbvio que não, passou mais de um mês choramingando durante as noites, gritando por perdão, aquele fraco. Ele já ensinou a doutrinar sua mente?

Engulo em seco.

— Pelo visto sim, anda tendo muitos pesadelos, Adria?

Caminho furiosa até ele, parando perto do seu rosto. O ódio me cegava, um apito soava constante em meus ouvidos, assim como sentia minha respiração falhar dentro do peito. — Realmente, eu poderia arrancar membro por membro para descontar o que você fez, mas não sou assim, não sou um monstro como você.

— Aí está enganada, vejo o monstro bem aí dentro de você. *Obman*²⁸! —

diz desviando os olhos e então atiro, o estampido me faz fechar os olhos, sinto seu sangue atingir meu rosto, meu corpo, espirrando sangue e parte de Czar na parede e chão.

Sinto uma movimentação atrás de mim, viro apontando a arma.

Kiran apara com os braços erguidos, dividindo sua atenção a mim e ao resto da sala. — Temos que parar com esse negócio de você apontar uma arma para mim.

— Desculpe. — Sussurro abaixando a arma, tremendo de maneira descontrolada.

— Calma, acabou. Venha, *lyubov'*. — Kiran me ampara encarando os restos de seu pai.

— Ele disse algo...

— Decepção, era para mim. Esqueça isso. Vamos embora daqui.



KIRAN

*Mama, just killed a man
Put a gun against his head
Pulled my trigger, now he's dead
- Bohemian Rhapsody*

Adria estava deitada em meus braços, meu corpo pressionado contra suas costas, acalentando seu sono, interrompendo os pesadelos antes deles começarem a ganhar força dentro de si.

— Um dia você conseguirá esquecer isso, estará num lugar tão distante em sua mente, que nada lhe trará, eu vou fazer isso sumir, nem mesmo que seja a missão pro resto dos meus dias. — Sussurro dando um beijo em sua cabeça.

Aperto meus braços ao seu redor. Giro uma mecha do seu cabelo em torno do dedo, vendo a noite cair. Quando tive certeza que ela estava dormindo tranquilamente, sai da cama me vestindo novamente. Eu ainda não tinha completado o que vim fazer aqui. Escrevo um bilhete simples, deixando ao seu lado na cama, dizendo que voltava em breve, pego meu antigo casaco com capuz e saio.

Foi fácil achar o endereço dele, era quase um insulto as minhas habilidades, o trabalho que o FBI fez para escondê-lo. Deixo o carro parado longe de sua casa, a rua ainda estava escura, não devia ser nem cinco da madrugada. Caminho lentamente com as mãos no bolso, subindo os degraus de entrada, terminando de colocar as luvas de couro.

A casa estava um completo caos, pratos espalhados por todos os lugares, assim como garrafas vazias de cerveja. Luigi dormia bêbado no sofá, era até ridículo querer matar um cara desses.

Vou até a sala de jantar, procurando naquela bagunça uma folha de papel e uma caneta, sento em uma das cadeiras escrevendo um bilhete, é fácil imitar a letra que vejo em alguns papeis espalhados, poderia facilmente alegar que pelo alto nível de álcool, ele não estava em seus plenos poderes.

Deixo o bilhete e uma das garrafas de cerveja sobre ele, vou até o quarto sentindo cheiro de podre, procuro no armário sua arma, acabando por encontrá-la debaixo da cama.

Meu Deus, estava quase desistindo, um dia o cara se mataria sozinho.

Sento em uma das cadeiras, ligando a TV no volume máximo, fazendo Luigi se erguer assustado no sofá, olhando em volta e então me vê. Seu primeiro instinto é fugir. É procurar a arma que balanço em minha mão. Seus olhos arregalados demonstram seu pânico.

— Não tente correr. Sabemos que eu iriar te pegar. Sente-se e escute o que tenho para falar.

Ele fica congelado no lugar, mas vem lentamente até a cadeira em minha frente, seus olhos recaem sobre o papel em sua frente.

— Pelo visto já deve ter uma ideia do que eu vim fazer aqui, agente Wenth.

Ele balança a cabeça, gesticula com as mãos.

— Ah, claro. Arrancaram sua língua. Na verdade, é um milagre ainda estar vivo, achei que eles iriam ser mais cruéis com você. Mas não tem problema, ainda tem dois ouvidos, eu falo e você escuta, que tal? — questiono.

Ele balança a cabeça, encarando meus olhos, sinto o pânico se esvaír em suas respirações.

— Durante minha vida já vi muitos ratos, Luigi, posso te chamar assim, né? Deixa as coisas mais informais. — Continuo meu monologo. — Mas devo confessar que nunca vi um tão traiçoeiro como você. Eu sou muito bom em

escrever cartas, sabia? — Luigi não esboça nada. — Sim, na época escolar ganhava boas notas. E neste, em particular, foi feita para você.

Luigi volta a encarar a carta, olhando assustado para mim, negando com a cabeça.

— Sim, apesar de ter conseguido se livrar, de ganhar medalhas e parabenizações que não deveriam ser suas, isso não é uma vida. Olhe para isso? É assim que irá passar o resto dos seus fodidos dias? — digo apontando para o ambiente. — Por isso, você escreveu essa carta, está tão desgostoso com sua vida, tão culpado por ter deixado sua parceira morrer, por ser um grande delator filho da puta. Que nada mais justo que se matar.

Ele fica inquieto na cadeira faz até menção de levantar, mas aponto sua arma para ele, fazendo permanecer sentado.

— Eu posso fazer isso, e farei se for um covarde, mas aí, não será algo limpo, posso até errar o tiro sem querer e você sentir mais dor. Seria péssimo. Portanto, você tem sua arma e uma munição.

Deslizo a arma pela mesa, com os olhos fixos nele. — Nem tente apontá-la para mim, nos dois sabemos que errará o tiro e vai me fazer amarrá-lo pelo pé do lado de fora do meu carro e arrastá-lo pela cidade.

Luigi pega a arma tremendo, vejo seu medo, seu receio e sua covardia.

— Luigi, meu camarada, eu tenho que ir, logo estará amanhecendo e tenho outra visitinha para fazer. — levanto indo até ele, enfiando o cano da arma em sua boca. — Pronto, agora atire.

Respiro fundo vendo que aquele merda nem para isso serve, puxo minha arma da cintura destravando-a. — Eu ou você? — pergunto.

A lágrima escorre dos olhos dele, e então o estampido seco do tiro ressoa em meus ouvidos, a cabeça dele cai para frente, manchando o papel com seu sangue, enquanto eu saio fechando a porta atrás de mim.

Seguindo os pedidos de Adria entrego a última pista na casa de Baker,

espero sentado no carro, a uma certa distância, vendo-o abrir a pequena caixa do correio e encontrar o último envelope, assim como Adria havia me pedido, ali estava a localização exata dos dois armazéns e de tudo para destruírem de vez com todo o império de Czar. E não fico surpreso quando duas horas depois eles estão onde as pistas levavam retirando as garotas dali, e prendendo os homens que ali estavam, foi uma missão limpa, assim como Adria disse que seria. Estava chegando a hora e encontrá-la, e eu não poderia dizer o quanto estava apreensivo com isso. Não sabia se ela seguiria comigo ou se voltaria para sua vida, agora que tudo que atormenta tinha acabado. Mesmo Adria me levando um pouco para sua luz, ali não era meu lugar, eu sempre ficaria na área cinzenta, poderia transitar na luz, mas não era como eles. Será que ela aceitaria ficar comigo?



43

Coloco uma rosa branca sobre a lápide de meus pais e outra sobre a minha. Era irônico ver sua lápide, com o dia de uma morte que não ocorreu, graças ao Kiran.

“A estrada é longa, nós seguimos adiantes, tente se divertir nesse meio tempo. – Adria Hamer, destemida e amada por todos”

— Algo me disse que senão colocasse isso, alguém me atormentaria após a morte.

Sorrio ao escutar sua voz, viro correndo para ele, abraçando seu corpo com força.

— A princesa que não precisa ser salva está te esperando. Sério mesmo? Você sabe que eu tenho idade, eu posso morrer. — Baker diz afastando-se por um instante, olhando meu rosto ao sorrir. — Nunca mais faça nada parecido na vida! — acrescenta me puxando novamente para seu abraço.

— Eu sinto muito.

— Prendemos todos, recuperamos as garotas, literalmente explodimos aqueles lugares.

— Eu sei, você foi fantástico, acredito que o FBI mereça um novo diretor.

— Também encobrimos o que aconteceu com Czar Baryshnikov, e não sei se soube... Luigi se matou, foi durante a madrugada, deixou um bilhete dizendo

que não estava aguentando a culpa, até os filhos da puta podem sentir algo, pelo visto.

— Achei que ele tinha sido morto pelos homens de Czar. — Comento surpresa.

— Não, ele foi encontrado na beira da estrada, quando chegamos no hospital estava em alto nível de desidratação e tinham cortado sua língua.

— Cristo!

— Enfim, que descanse em paz.

— Pare de me encarar como um presente de natal, velho. — Digo brincando.

Ele sorri me puxando novamente para seu abraço. — Quando deseja voltar? Eu posso colocar suas coisas hoje mesmo em seu apartamento, podemos destruir essa lápide, é mórbido olhá-la tendo você em minha frente viva e bem.

Sinto minha garganta se fechar, eu amava Baker como meu pai, mas isso não era mais para mim. — Eu não vou voltar.

Sua expressão de surpresa o faz se afastar. — Como assim, Adria? Acabou, você está segura... tem mais alguém te ameaçando?

— Não, não. Estou segura, mas aquela Adria não existe mais Baker, não posso voltar para essa sociedade fodida fingindo que por aí não tem outros como eles espalhados, outras garotas sofrendo, abri meus olhos para algo além de tudo que fomos treinados a ver. Aquela Adria não existe mais. — Digo apontando para a descrição em nossa frente.

— E o que fará? Como... — questiona surpreso.

— Vou seguir, em frente.

Ficamos apenas alguns segundos nos encarando em silêncio.

— Pelo menos manda notícias? — pergunta

— Sempre. — Digo, mas minha atenção está longe, basicamente algumas lápides de distância, vestido de preto da cabeça aos pés, me encarando com o olhar animal do qual eu aprendi a amar.

Baker se vira, notando que não estamos mais sozinhos. — Vou sentir saudades.

— Eu também. — Digo abafado em seu ombro. — Cuide-se.

— Você também, menina atrevida. — diz antes de se afastar, ao passar por Kiran eles se cumprimentam com um pequeno aceno.

Kiran mantém seus olhos colados nos meus, fazendo meu corpo tremer com a ansiedade de ter suas mãos em mim.

Havia um lado mau em Kiran, um lado que mataria num estralar de dedos, mas eu vim a perceber que havia em mim também. Talvez não tanto, mas estava lá, adormecido. Em todos nós. Tinha ficado por tempo demais com a venda sob meus olhos, mas ela foi arrancada, mostrando o quão cruel e imundo o mundo poderia ser.

Sim, eu amava o seu lado mau e seu lado bom. Nunca poderia sobrepor o passado de Kiran, como ele não poderia apagar tudo que passei, mas eu construiria um futuro. Mesmo se não pudesse estar feliz com todos os aspectos do mundo.

Eu era do Lobo e ele era meu.

— *Gotov vzyat' to, chto tvoye?* — digo em um russo enrolado. — Pronto para pegar o que é seu?

Kiran sorriu caminhando até mim. Me pegando em seus braços e beijando minha boca.

— Mais que pronto.

Notes

[[←1](#)]

Cuboide é um dos ossos do esqueleto humano, localizado no pé. De forma cúbica, é o mais lateral na fileira distal do tarso.

[↩2]

Trainee: Agente em Treinamento.

[←3]

Der'mo ou дерьмо: Merda em Russo.

[←4]

Devushka: garota em russo.

[←5]

Ubyudok: Bastardo em russo.

[←6]

Eta krasivaya devushka: “Essa linda garota” em russo.

[[←](#)7]

Papa zanyatoy chelovek : “Papai é um homem ocupado” – em russo

[←8]

Bogom zhenshchina: “Mulher de Deus” – em russo

[[←](#)9]

Sviney: porcos em russo

[[← 10](#)]

Abeto é uma árvore conífera.

[[← 11](#)]

Ublyudok: Bastardo em russo.

[[← 12](#)]

Ubyudok: Bastardo em russo.

[[← 13](#)]

Sukin syn: Filho da puta em russo.

[[← 14](#)]

Randall: modelo de faca, pelo seu cabo amadeirado e seu visual curvo torna essa faca uma das quinze mais cobiçadas.

[[← 15](#)]

Suka: Puta em russo.

[[← 16](#)]

“Syn Shlyukhi”: “Filho de uma prostituta” em russo.

[[← 17](#)]

“Frank, mein guter Gefährte”: “Frank, meu bom companheiro” – em alemão.

[[← 18](#)]

Ad ou ад: “Inferno” em russo.

[[← 19](#)]

“Sukin Syn”: “Filho da puta” em russo.

[[← 20](#)]

“D’yavol”: “Diabo” em russo.

[[← 21](#)]

Blacksets, são supostos esconderijos da CIA, onde ocorrem investigações e até torturas. Tais lugares não são divulgados, sendo somente de conhecimento do Diretor da CIA. Porém, especula-se que esses pequenos esconderijos estão espalhados por todo o mundo.

[[← 22](#)]

Baba Yagá é uma criatura do folclore russo, segundo a lenda ela era uma boa velhinha que ajudava a curar as doenças das crianças, mas acabou virando uma bruxa malvada que as comia.

[[← 23](#)]

“Ad”: “Inferno” em russo.

[[← 24](#)]

“Gryaznaya svin’ya”: “Porco sujo” em russo.

[[← 25](#)]

Solyanka: é uma comida

[[← 26](#)]

“Ved’ma”: “Feiticeira” em russo.

[[← 27](#)]

“Lyubov”: “Amor” em russo.

[[← 28](#)]

“Obman”: “Decepção” em russo.

Table of Contents

[NOTA DA AUTORA](#)

[AGRADECIMENTO](#)

[PRÓLOGO](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[KIRAN](#)

[9](#)

[KIRAN](#)

[11](#)

[12](#)

[KIRAN](#)

[14](#)

[KIRAN](#)

[16](#)

[KIRAN](#)

[18](#)

[KIRAN](#)

[20](#)

[KIRAN](#)

[22](#)

[KIRAN](#)

[24](#)

[BAKER](#)

[26](#)

[KIRAN](#)

[28](#)

[KIRAN](#)

[30](#)

[KIRAN](#)

[BAKER](#)

[KIRAN](#)

[34](#)

[KIRAN](#)

[BAKER](#)

[37](#)

[KIRAN](#)

[39](#)

[KIRAN](#)

[41](#)

[KIRAN](#)

[43](#)